

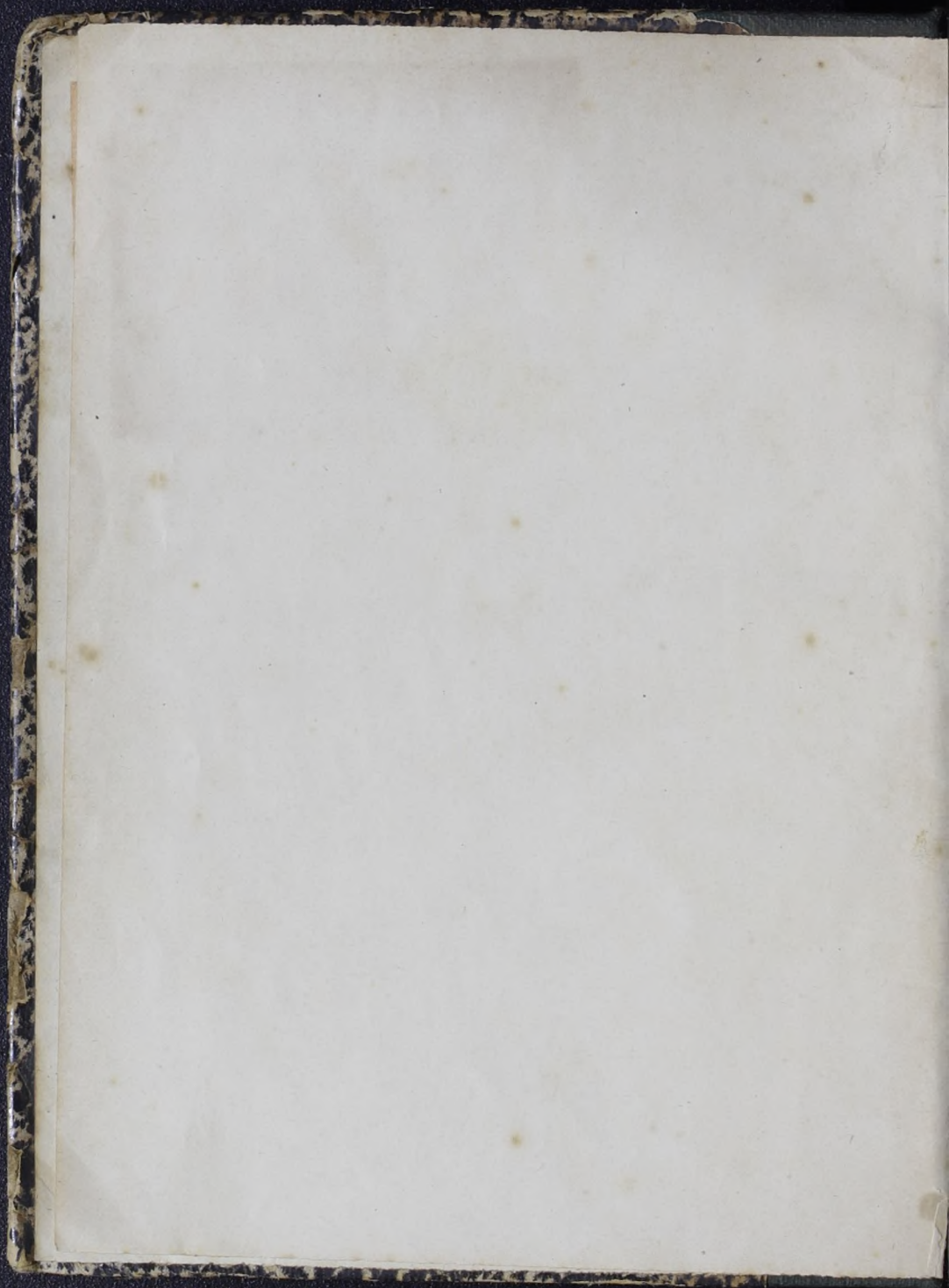
BIBLIOTHECA
DE
VICENTE THEMUDO

N.

VOL

DATA

4. III



VIDA DE JESUS

POR

MIGUEL G. TORRES

MINISTRO DO SANTO EVANGELHO

II EDIÇÃO

«The character of Jesus is wholly inexplicable on human principles.»

DR. W. E. CHANNING.

«Vous ne comprenez pas (général Bertrand) que Jesus Christ est Dieu! Eh bien! j'ai eu tort de vous faire général!!»

NAPOLÉON.

«A divindade de Christo acha-se provada nos evangelhos como a sua humanidade.»

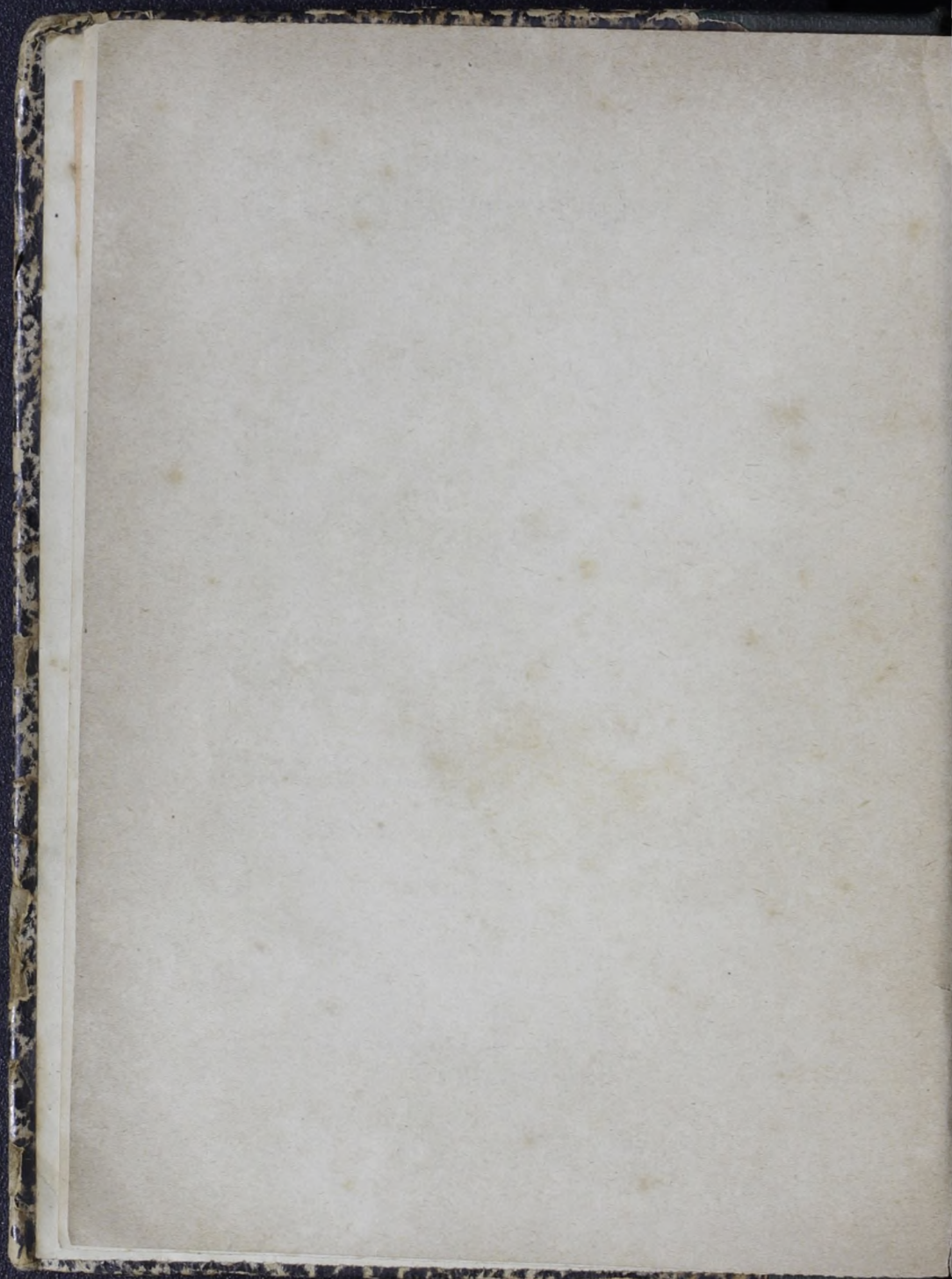
TORRES.

Miguel G. Torres

Propriedade reservada

LIVRARIA EVANGELICA
71, Rua Sete de Setembro, 71
RIO DE JANEIRO

ADOLPHO, MODESTO & C.^a — IMPRESSORES
Rua Nova do Loureiro, 25 a 39



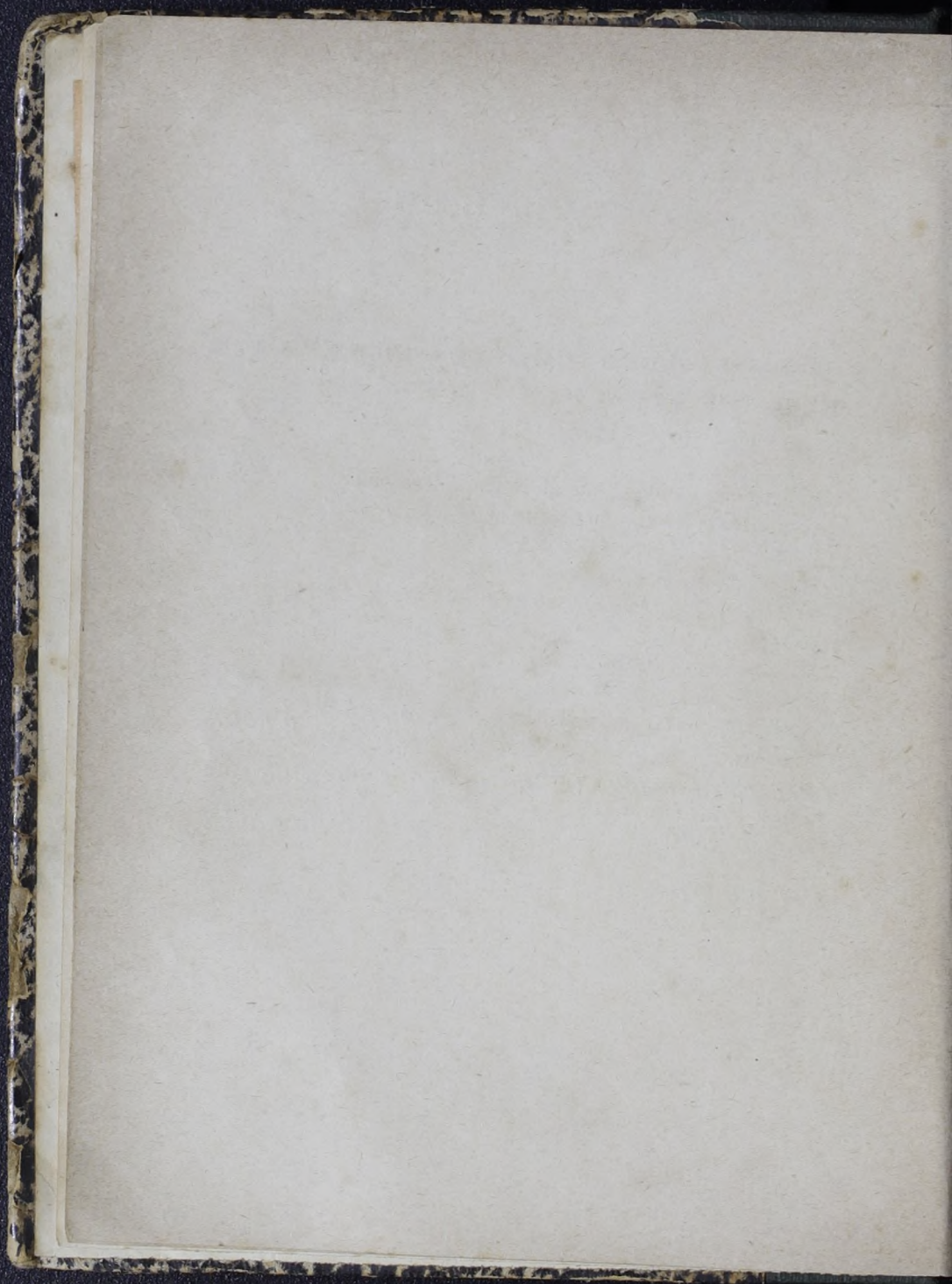
Φίλον σου μη εγκαταλίπης

Ill.^{mo} Sr.

Manuel Pinto de Andrade

*Dedicando-vos esta obra, rendo preito á nossa
mui cordeal e mui intima amizade que sinto-me
feliz, por ter occasião de memora-la n'esta minha
Vida do Amigo por excellencia.*

Caldas, 8 de Novembro de 1884.



Nomes de autores e de obras que consultei n'esta minha vida de Jesus, alem dos que vão citados:

M. Jalaguier, Authenticité du Nouveau Testament.

Cunningham Geikie, The Life and Words of Christ.

Library of Universal Knowledge.

Encyclopaedia Britannica.

Melanthon W. Jacobus, Notes on the Gospels, Critical and explanatory.

Thomas Scott's Bible.

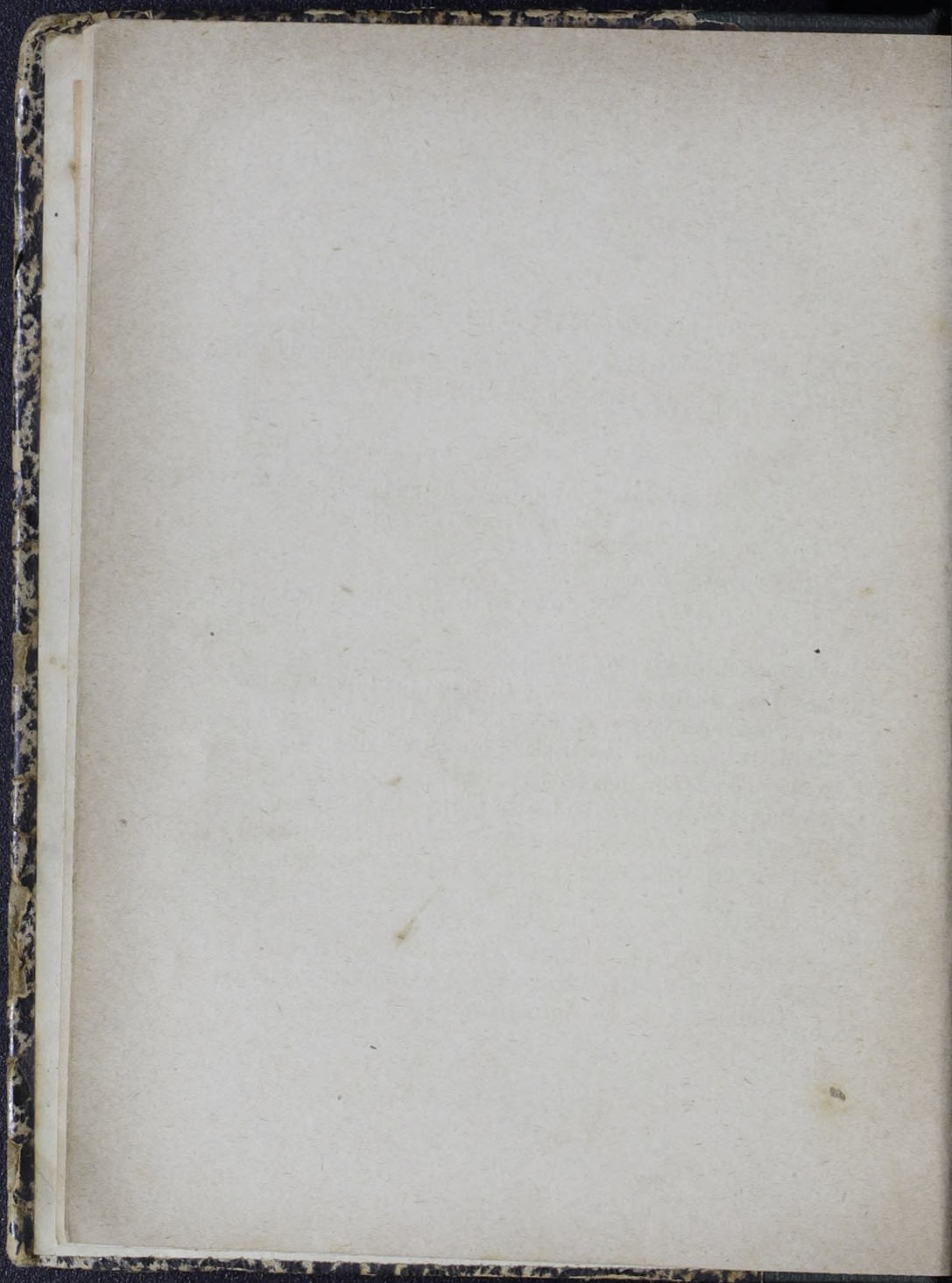
Edwin C. Bissel, The Historic Origin of the Bible.

Archibald Alexander, Evidences of the Authenticity . . .

Frederick Wright, The Logic of Christian Evidences.

Dictionary of the Holy Bible.

Frederic W. Farrar, The Life of Christ.



INTRODUCCÃO

Je tiens les evangiles, pour parfaitement authentiques ! (1)

GOETHE, ENTRETIENS AVEC ECKERMANN, vol. 3.º p. 371.

Possuimos quatro documentos biographicos da vida de Jesus: o evangelho de S. Matheus, o de S. Marcos, o de S. Lucas e o de S. João.

Matheus era um judeu e filho da Galilea. Seu pai chamava-se Alpheo. O apostolo evangelista tambem se denomina Levi. O judeu que naturalisava-se romano ou se misturava com os gregos e os romanos, tomava commumente um nome romano. Crê-se portanto ser Levi o nome que seus pais lhe deram, e Matheus o que assumira por occasião de entrar para o seu officio. Matheus era publicano e achava-se na barreira da estrada que ia de Capharnaum para Damasco, quando Jesus o chamou. Si os outros lhe dão o seu nome he-

(1) Tenho os evangelhos por perfeitamente authenticos.

braico, elle, com o fim de exalçar essa graça que de um publicano o tornou um apóstolo, chama-se de Matheus.

Foi pelo anno de 62 que publicou o seu evangelho. Emquanto á lingua em que o escreveu, Ireneo diz: «Agora Matheus, entre os hebreus, publicou um evangelho em sua propria lingua.» (1) Dos seus trabalhos apostolicos depois da ascensão do Senhor, pouco ou quasi nada se sabe. Matheus como alguns suppõem, morreu martyr na Persia.

O auctor do segundo evangelho é Marcos. Seu primeiro nome é João. Maria, sua mãe, era irmã do apóstolo Barnabê. A occasião em que Marcos converteu-se, ignoramos. Quasi todos, partindo do facto de Pedro dar-lhe o nome de *meu filho*, asseveram ter sido convertido pelo apóstolo da circumcisão.

O primeiro facto historico que possuímos d'elle, é a sua viagem de Jerusalem a Antiochia com Paulo e Barnabê. Não muito depois, com esses mesmos apóstolos, fez uma outra viagem que reprehenderam por direcção do Espirito Santo. Em Pergœ, na Pamphilia, porém. Marcos, sem razão plausivel, os deixou e voltou para Jerusalem. (2) Depois, quando Paulo e Barnabê determinaram visitar as igrejas, o ultimo propoz Marcos para companheiro; mas Paulo, por elle não os ter acom-

(1) Ha quem seja de opinião que S. Matheus escrevera o seu evangelho em grego e que, depois, por elle ou por consentimento d'elle, fora vertido para o hebraico ou syriaco; outros pensam vice-versa : sobre o que não resta a menor duvida é que o exemplar que possuímos como original, acha-se em grego e remonta aos tempos apostolicos.

(2) Actos, 13:13.

panhado na ultima viagem, objectou. (1) Deu isto lugar aos dois apóstolos separarem se sem com tudo o seu amor soffrer perda de quebra. Paulo em suas epistolas falla com sympathia de Marcos e, na sua prisão em Roma, um dos irmãos que estiveram com elle, foi o evangelista. (2)

Marcos acompanhou seu tio a Chypre. Foi depois d esta viagem que tornou-se companheiro de Pedro. O evangelho de Marcos é o evangelho de Pedro. A este respeito diz Ireneo: «Marcos, o discipulo e o interprete de Pedro, deu-nos tambem por escripto o que foi prégado por Pedro.» Crê-se que elle o escreveu em Roma, no anno de 62 a 64. Epiphano, Eusebio e Jeronymo informam nos que Marcos pregou a Christo no Egypto e os dois ultimos declaram que elle soffrera martyrio em Alexandria onde foi bispo.

Lucas nasceu em Antiochia, na Syria. Grego por nascimento, era um proselyto antes de abraçar o christianismo. Si sua instrucção não foi liberal, seu estylo nos suggere os historiadores classicos da Grecia. Oshausen dá a seu evangelho o anno de 64. Lucas, na expressão de S. Paulo, era um medico amado. Como Marcos foi o companheiro de Pedro, assim elle foi o amigo e o companheiro de Paulo. De uma passagem dos Actos infere-se que estava em Troas com S. Paulo na primeira viagem d'este a Macedonia. Em Philippos tiveram de separar-se, porém, no fim de alguns mezes, reuniu se de novo a S. Paulo a quem acompanhou a Jerusalem. Desde então continuou com o gran-

(1) Actos. 15:37.

(2) Col., 4:10

de apóstolo das gentes em suas viagens, trabalhos e sofrimentos até quasi á hora, em que, na cidade dos Cesares, o mais eminente dos apóstolos rendeu o espirito debaixo dos tratos do martyrio.

Coube ao filho de Zebedeo e de Salomé dar-nos o quarto evangelho. João era pescador e n'essa occupação achava-se no momento em que Jesus o chamou. Presume-se que fosse o mais moço de todos os membros do collegio apostolico. Tillemont é de parecer que contava 25 ou 26 annos quando deixou as redes e seu pai para seguir Jesus. João era o discipulo do peito do Mestre. Elle mesmo se chama o discipulo que Jesus amava. Acompanhou Christo até o Calvário e foi um dos poucos discipulos e quiçá o unico, que recebeu as derradeiras palavras do Senhor. Aos seus cuidados Jesus, do alto da cruz, recommendou sua mãe. Depois da Ascensão gozou de grande auctoridade na igreja. S. Paulo o compara a Pedro e a Tiago. ⁽¹⁾

A ultima parte de seus annos, João viveu em Epheso. Foi ali que, segundo Ireneu, escreveu o seu evangelho. Alguns são de opinião que foi escripto no anno de 70; outros, no anno de 85. Optamos pela ultima época. As igrejas de Smyrna, de Pergamo e outras foram fructo de seus trabalhos. Sob o reinado de Domiciano exilaram-no para a ilha de Patmos, onde, n'essa occasião, escreveu o seu Apocalypse. ⁽²⁾

A lei requeria duas testemunhas para que tudo ficasse confirmado; a vida de Jesus, porém, foi escripta por quatro testemunhas: duas oculares e duas que

⁽¹⁾ Gal. 2: 9

⁽²⁾ Apocal. 1: 9, 10.

depozeram o que ouviram d'aquelles que viram a Jesus e ouviram-no. Se só os dois apóstolos nos dessem as palavras e os factos do Mestre, poder-se hia perguntar: Seria d'esse modo que o mundo acreditava n'essas cousas? e, por outro lado, se só os dois evangelistas escrevessem a vida de Jesus, alguém poderia objectar: Esses homens foram fieis não que nos transmittiram? Os quatro evangelistas, pois, se completam e se apoiam mutuamente. Duas d'essas testemunhas: Matheus e João, *eram illitterarias demais para terem o engenho preciso de inventar uma vida de Jesus e as outras duas possuíam conhecimentos bastantes para não confundirem uma legenda com uma historia real.*

A inspiração não consiste em dois ou mais escriptores narrarem um facto com as mesmas palavras e com certas e determinadas circumstancias; mas em cada um, segundo o seu modo de ver e de escrever, dar-nos o mesmo facto. Sob este ponto de vista o Evangelho não receia o criticismo mais severo. Tão naturaes como naturaes são as diferenças entre as pessoas de Matheus, Marcos, Lucas e João, as diversidades que aqui e alli se notam nos evangelhos e as quaes não constituem contradicção, provam a independencia dos evangelistas e a isenção de animo com que escreveram. Se elles estivessem perfeitamente de accordo sobre todas as circumstancias, relativamente ás particularidades mais ligeiras e até na propria expressão, não haveria inimigo que não cresse ter sido isso o resultado de uma combinação preliminar e jámais o de uma sinceridade completa. As diferenças, por certo, bem insignificantes, que se notam n'esses escriptores, os põem precisamente ao abrigo de toda a sus-

peita e fazem sobresair, de um modo admiravel, a sua boa fé. . . Quanto aos milagres, si todos não dizem tudo, si um narra uma cousa e outro, outra não ha razão para nos incommodarmos: si por um lado, um d'elles tivesse dito tudo, seria inutil que houvesse quatro; si, por outro lado, cada um tivesse escripto cousa inteiramente differente, não haveria um meio de mostrarmos a sua unidade de fé. E' por isso que ha muitas cousas que elles todos não teem transmittido e que cada um nos tem conservado algum traço particular para que não houvesse nada (no Evangelho) que parecesse ser sem fim ou sem utilidade e para que a prova da verdade de suas palavras apparecesse com toda a clareza» (1)

As quatro biographias que possuímos da pessoa de Jesus constituem um Evangelho, um Evangelho *com quatro faces*, e por sua maravilhosa unidade, como por sua diversidade, possuem o segredo de interessar e de instruir todas as classes dos homens, todos os generos de caractéres em todos os tempos. S. Matheus, escrevendo para os judeus, não precisa demorar-se sobre os costumes judaicos nem sobre a topographia do paiz. O seu evangelho principia: «Livro da geração de Jesus Christo» Elle mais do que qualquer outro, exhibe como o Novo Testamento é o cumprimento do Velho. S. Marcos escreveu o seu evangelho para instrucção dos romanos convertidos. E' por isso que detem-se sobre os costumes judaicos. Os factos de Jesus em Marcos são mais frequentes do que os discursos. Sob este ponto de vista, fôrma um verdadeiro contras-

(1) Chrys Homil. I Math.

te com Matheus. Marcos é um escriptor pratico e não obstante o seu evangelho contar vinte e quatro versos que não se acham em Matheus nem em Lucas, o plano de sua obra é admiravelmente adaptado aos habitos energicos de concisão do povo ao qual se dirigiu. Lucas escreveu para os gentios em geral. O seu trabalho, por essa razão, distingue-se dos outros, por suas vistas universaes. Ao passo que o primeiro synopsis nos dá o facto da missão dos doze apóstolos commisionados ás ovelhas que pereceram da casa de Israel, o terceiro nos narra a missão dos setenta e dois enviados a todas as cidades e villas da terra. Os costumes judaicos e as indicações chronologicas são, em Lucas, narradas ao alcance da comprehensão dos estrangeiros, ao mesmo tempo que a abundancia na relação dos discursos de Jesus satisfaz a curiosidade do character grego.

Em fim no quarto evangelho temos um trabalho que corresponde ás tendencias especulativas mais elevadas do homem. Combatendo os systemas philosophicos do seu tempo, João apresenta, em toda a grandeza da linguagem, a divindade de Jesus. Ninguem como elle falla com tanta plenitude do character divino ou da vida intima e espiritual que decorre da união das duas naturezas.

A linguagem do primeiro evangelho é magestosa e rhythmica; a do segundo, pura e precisa; a do terceiro, calma e copiosa; a do quarto, natural e colloquial. Matheus, escrevendo para o povo da promessa, revela o reino messiano; Marcos, tendo em vista o povo romano revela o Deus-Homem: Lucas mostra o Redemptor, e João, o Filho unigenito de Deus. Considerados em seu todo, temos nos evangelhos, Jesus co-

mo o Messias, como mestre, como o Prototypo, como o Irmão e como Deus. (1)

Posto que o assumpto da inspiração seja importante; com tudo pouco proporcional seria ao nosso fim si agora nos occupassemos d'elle. Nas questões de authenticidade, assim como em todas as questões de facto, a verdadeira prova é a de facto, a prova externa ou testemunhal; todas as outras não são sinão secundarias.» Será bom. primeiro que tudo, traçarmos a nossa linha de conducta e nós a apresentamos n'estas palavras de St.º Agostinho. «Como sabe-se que as obras de Platão, de Aristoteles, de Cicero, de Varrão e de outros auctores d'este genero são d'elles sinão pelo testemunho não interrompido dos tempos que tem succedido? Assim, na litteratura ecclesiastica, muitos tem escripto bem cousas sem auctoridade canonica, mas com o desejo de serem uteis aos outros ou de instruirem-se a si mesmos. Como sabe-se, com certeza, de quem é tal livro, sinão porque quando o auctor o escreveu, o communicou e publicou tanto quanto lhe foi possivel, e seu conhecimento se tem transmittido de uns a outros, depois tem passado á posteridade, e é chegado até nós; de sorte que quando se nos pergunta: De quem é tal livro; não hesitamos sobre a resposta? Mas não precisamos remontar-nos tão ionge. Eis nas nossas mãos nossos escriptos; se algum tempo depois da nossa morte, alguem se atrever a negar que uns sejam de Fausto, e outros meus, como o con-

(1) Ellicot, *The Life of Christ*. p. p. 46, 47. Dr. J. Augus. *Manual of Bible*, p. p. 549 551 Veja se tambem Langé, *Leben Jesus*, 172. Vol. p p. 234-281.

vencerão si não por esta razão que aquelles que agora os conheceram, tem transmittido esse conhecimento, o qual perpetua-se até á posteridade a mais remota?» (1)

Como um laço entre a epocha apostolica e os seculos successivos, temos os *padres apostolicos*. Padres apostolicos são aquelles escriptores que conviveram com os apóstolos ou foram seus discipulos. Clemente, Polycarpo, Barnabé e Ignacio pertencem a essa categoria. Clemente morreu no anno de 100 ou de 102. S. Paulo, em uma das suas epistolas, falla d'elle. (2) Foi bispo da igreja na cidade de Roma. Em uma epistola que no anno de 97 escreveu aos corinthios, transmitiu seu nome á posteridade. O testemunho de Polycarpo, de Ilegesippo e de Denys, bispo da mesma igreja de Corinto, põem a authenticidade d'esse documento fóra de toda a duvida. Allude Clemente n'essa epistola aos evangelhos? Sim e com toda a clareza. No capitulo XIII escreve elle: «Lembrai-vos especialmente das palavras do Senhor Jesus, as quaes elle fallou, ensinando-nos a humildade e a longanimidade. Pois disse elle: Sede misericordiosos para que alcanceis misericordia; perdoai para que sejais perdoados; como vós fizerdes, assim vos será feito; com o juizo com que julgardes com esse sereis julgados; com a medida com que medirdes com essa sereis medidos.»

No capitulo XV d'essa mesma epistola, achamos a passagem de Marcos VII: 6. Mais adiante lemos: «Lembrai-vos das palavras de Nosso Senhor Jesus

(1) St.º Agost. contra Fausto, livro 33. cap. 6.º

(2) Philipp. 4: 3.

Christo : Ai ! d'esse homem ; melhor lhe fôra que nunca tivesse nascido do que escandalisar a um dos meus escolhidos ; melhor lhe fôra que se lhe pendurasse ao pescoço uma mó de atafona e que o precipitassem ao mar, antes do que escandalisar um dos meus pequeninos.»

Quem, lido nos evangelhos, poderá passar os olhos sobre essas passagens sem lembrar se de Mattheus, Marcos e Lucas ?

Pondo de parte Barnabé, deixemos depor a Ignacio. Discipulo de S. João, elle, em sua mocidade, foi intimo dos apóstolos Pedro e Paulo. Ignacio exerceu o episcopado em Antiochia desde o anno de 70 até o anno de 107 ou de 116. Na occasião em que Trajano appareceu em Antiochia, em sua marcha contra os parthas e os armenios, Ignacio foi citado perante o imperador e tendo confessado a sua fé, foi lançado na prisão e condemnado a ser devorado em Roma pelas feras. O veneravel homem recebeu com gozo essa sentença. No seu transporte de alegria, exclamou : « Graças te dou, oh Senhor ! que em tua condescendencia, me tens honrado com o teu amor e me tens julgado digno de ser, como o teu servo Paulo, ligado com cadeias.» (1) Tomando em seguida as suas cadeias, abraçou-as. Depois de ter recommendado, em uma oração fervorosa, a igreja ao cuidado do Salvador, embarcou para Roma. De Smyrna escreveu á igreja de Roma e de Philadelphia, e em seu caminho, a Polycarpo e á igreja de Smyrna. Na epistola aos romanos diz elle : « Agora principio a ser um discipulo de Christo. Nada

(1) Martyrol. de Ign. cap. II.

mover-me-ha, quer visível quer invisível para que possa ganhar a Jesus Christo. Que me importa a mim o fogo, a cruz e a companhia das feras; que me importa que os meus ossos sejam quebrados e os meus membros esquartejados; que me importa que todo o meu corpo seja dilacerado em pedaços e que todos os tormentos do diabo caiam sobre mim, comtanto que unicamente me deixem gozar de Jesus Christo! Todos os fins do mundo e os seus reinos de nada me aproveitam; antes quero morrer por Jesus do que governar até os fins da terra. Eu quero aquelle que morreu por nós; é aquelle que resuscitou por nós que desejo.»

Poucos mezes, depois de ter chegado a Roma, foi lançado ás feras que o devoraram instantaneamente.

Porém o Evangelho de Ignacio era igual ao nosso? Por certo! D'onde, por exemplo, tirou elle esta passagem: De que aproveita ao homem ganhar todo o mundo si vier a perder a sua alma»? Não foi do evangelho de S. Matheus? ⁽¹⁾ Na epistola aos de Smyrna declara que Jesus foi baptisado para que «toda a justiça fosse cumprida por elle,» passagem que se acha no verso 15 do capitulo III do evangelho de S. Matheus. Na epistola aos phyladelphios, cita uma passagem de Matheus, que é justamente igual á do evangelho que possuímos hoje d'esse apostolo. «Sêde perfeitos assim como tambem vosso Pai que está nos Ceus é perfeito. ⁽²⁾ Mais adiante, no capitulo VII, temos uma bella allusão ao verso oitavo do capitulo III de S. João. No capitulo IX

⁽¹⁾ Math. 16:26.

⁽²⁾ Math. 5:48.

lemos: «Porque aquellas cousas que os prophetas annunciaram... teem sido cumpridas no Evangelho: Ide e ensinai a todas as nações, baptisando-as em nome do Pai, do Filho e do Espirito Santo». (1) Na epistola aos de Smyrna deparamos com a passagem do verso 39 do capitulo XXIV do evangelho de S. Lucas. Para não nos cançarmos, citarei mais uma ou duas passagens. «Eu fujo», escreve elle aos de Philadelphia, «para o Evangelho, como para a carne de Jesus, e para os apóstolos, como para os presbyteros da igreja.» (2) Porém prestai todo o cuidado aos prophetas e *principalmente ao Evangelho*, no qual a paixão de Christo nos é revelada e a resurreição se acha plenamente provada.»

Estas passagens são terminantes.

Eusebio conta-nos que sob Trajano, anno de 1107, alguns discipulos, entre os quaes nomeia Quadratus, depois de terem, segundo o preceito do Salvador, distribuido seus bens aos pobres e abandonado a sua patria, desempenharam o cargo de evangelistas, pregando a Jesus Christo áquelles que ainda não tinham ouvido a palavra da fé e «*entregando-lhes os evangelhos.*»

Polycarpo merece tambem a nossa attenção. Elle pastoreou, por mais de oitenta annos, a igreja de Smyrna da qual S. João falla em seu Apocalypse. O facto de ter sido discipulo de S. João o torna uma testemunha poderosissima. Polycarpo morreu martyr no anno de 166. Arrebrandando uma perseguição religiosa na cidade, os fanaticos exigiram o seu sangue. Ao sabel-o,

(1) Math. 28:19.

(2) Phylad. C. 5.º

o veneravel ancião retirou-se para uma villa proxima, onde escondeu-se. Todo o tempo que esteve ahi, passou em oração, pedindo a Deus paz para a sua igreja. Depois de muitas pesquisas, afinal descobriram-no, tendo sido trahido por um servo. Podia ainda fugir por uma porta, mas cheio de coragem, levantou-se para receber os seus perseguidores, dizendo: «Seja feita a vontade de Deus.» A idade do discipulo de Christo e o seu semblante infundiram admiração aos soldados. Polycarpo immediatamente ordenou que lhes pozessem de comer e de beber; e, dirigindo-se depois aos policias, pediu-lhes uma hora para orar. Em vez de uma orou duas horas. Os soldados, tocados intimamente pela doçura e pelo fervor de Polycarpo, se arrependeram por terem preso um homem tão pio e veneravel.

Fizeram todo o possivel para elle voltar á religião de seus pais: mas em vão. No lugar da execução, depois de ter declarado ser Polycarpo, o proconsul começou a persuadil-o para negar a Christo — «Tem dó da tua velhice; jura pela fortuna do Cesar; arrepende-te e dize: Fôra com os atheistas.» — «Com os atheistas, respondeu Polycarpo, fôra!» — Então jura e eu te soltarei. Exprobra a Christo.» — «Ha oitenta e seis annos, respondeu Polycarpo, que o sirvo, e elle nunca me fez mal algum; como posso então blasphemar contra o meu Rei e o meu Salvador?»

Polycarpo nos legou uma epistola. O seu testemunho externo, assim como a sua evidencia intima, a põem a coberto de toda a suspeita. ⁽¹⁾

Sua epistola é curta, mas decisiva para o fim que

(1) Eus. Hist. 3:36; 5:20.

temos em vista. O bispo de Smyrna não só allude aos evangelhos; mas também cita-os. «Lembrai-vos, escreve elle, dos ensinamentos do Senhor que disse: Não queirais julgar para que não sejais julgados; perdoai e sereis perdoados; sede misericordiosos afim que alcanceis misericórdia: com a medida com que medirdes, vos medirão também a vós; e de novo: Bemaventurados os pobres e aquelles que são perseguidos por amor da justiça; porque d'elles é o Reino dos Ceus.» Em outro lugar exhorta: Pedindo em nossas supplicas ao todo omnisciente Deus que não nos deixe cair em tentação, porque, como o Senhor tem dito: O espirito na verdade está prompto, mas a carne é fraca.»

Antes de darmos a palavra a Justino, citaremos Papias. Foi bispo da igreja em Hierapolis, uma cidade da Phrygia. Soffreu martyrio no anno de 163. E', por consequente, um escriptor da primeira metade do segundo seculo. O que sabemos a seu respeito nos tem sido conservado por Ireneo e Eusebio. Renan faz o seguinte juizo d'elle: «Temos também a este respeito um testemunho capital da primeira metade do segundo seculo. Provem elle de Papias, homem serio, de tradição, que se applicou attentamente, toda a vida, a colleccionar o que lhe era possivel saber a respeito de Jesus.»

Papias escreveu em cinco volumes *Uma Exposição dos Oraculos do Senhor*. D'essa obra só existem alguns fragmentos em Eusebio que, com Ireneo, nos dá também alguma noticia d'esse homem. Pedro, diz Papias, narrando a vida de Jesus, a expunha segundo as necessidades da occasião, não pretendendo dar uma historia completa d'ella, em uma ordem chronologica; Marcos imitou n'isto ao apostolo: em sua vida de Jesus,

este não pretende narrar-nos tudo o que Jesus disse e fez, mas aquellas cousas que tinha ouvido contar, sem jamais observar a estricta ordem do tempo. Eis as suas proprias palavras como conservadas pelo bispo de Cesarêa: Marcos, tendo-se tornado o interprete de Pedro, escreveu accuradamente as cousas de que elle se lembrou. Não foi, porém, em uma ordem exacta que elle relatou os ditos ou feitos de Christo; porque elle não ouviu o Senhor nem o acompanhou. Porém, depois, como disse, acompanhou Pedro que accommodou as suas instrucções ás necessidades (dos seus ouvintes); mas sem intenção de dar uma narrativa dos ditos do Senhor. Portanto Marcos não commetteu nenhum engano em assim escrever as cousas como se lembrava d'ellas. De uma cousa porém elle tomou especial cuidado: não omittiu nada do que tinha ouvido e não introduziu na narrativa qualquer ficção.»

«E' isto o que Papias relata, observa Eusebio a respeito de Marcos; enquanto a Matheus, elle faz a seguinte declaração: Matheus escreveu os oraculos — τα λόγια — do Senhor na lingua hebraica, e cada um os *interpretava* como podia.» Papias tambem usa dos testemunhos da primeira epistola de S. João e da epistola de S. Pedro. (1)

M. Renan, allegando essa passagem, que é a unica em que se encastelou para lançar suas duvidas sobre os evangelhos, não foi fiel. E como podia sê-lo, escrevendo tão preocupado? «Cada um, diz elle, citando Papias, *traduziu* os logia como pôde;» quando Papias

(1) Euseb. Hist. Eccles. 3.º 39.

escreveu: «Cada um os *interpretava* como podia!» Não menos reprehensível é Renan, fazendo a palavra *λόγια* significar discursos: pois todos sabem que os ecclesiasticos empregam-na para significar discursos, orações e factos, quer naturaes. quer sobrenaturaes. S. Paulo chama ao Velho Testamento os oraculos, *τα λόγια* de Deus, (1) e assim tambem o apostolo Pedro. (2)

E' tempo de ouvirmos agora a Justino. O seu testemunho, que é importante, exprime não uma opinião individual, mas geral e constante. Justino foi um philosopho. Morreu martyr, sendo decapitado em Roma no anno de 165. Possuimos d'elle duas apologias: a primeira dirigida no anno de 138 ou de 139, a Antonio Pio; a segunda, que é menor, a offereceu no anno de 161 a Marcos Aurelio. Temos tambem d'elle um dialogo com o judeu Tryphon. Justino pois não escreveu ás igrejas, mas aos reis. Ouçamol-o: «No dia que se chama domingo. todos, quer habitem nas cidades ou nas villas. reünem-se; e as memorias dos apostolos e os escriptos dos prophetas são lidos tanto quanto o tempo permite. A leitura acabando, então o presidente em uma falla exhorta e excita a uma imitação d'aquelles exemplos excellentes. (3)

Seu testemunho é peremptorio. No anno de 139, trinta e nove annos depois da morte do ultimo apostolo, nos dias em que viviam ainda alguns discipulos dos apostolos, os evangelhos eram reconhecidos em uso e recebidos nas igrejas nas quaes liam-se.

(1) Rom. 3: 2

(2) 1ª Pedro, 4:11.

(3) Apol. Ant. Pio.

Mas essas *memorias* que se liam nas igrejas, eram iguaes ás que hoje se leem? Por certo, e as cento e vinte e tantas passagens e allusões que se deparam nos escriptos de Justino, ahi estão attestando-o bem alto.

Ireneo tem agora a palavra. «O seu testemunho projecta sua claridade sobre os tempos anteriores de que elle é o reflexo e a garantia.» Discipulo de Polycarpo, o bispo de Lyon prende-se ao templo apostolico por meio de seu mestre. «Eu podia indicar, escreve elle a Florino, o lugar em que Polycarpo se assentava para ensinar, a maneira com que entrava e saia, seus habitos, sua figura, as instrucções que dava ao povo, como elle tentava sua conversação com S. João e com os outros que tinham visto o Senhor, como elle recordava seus ensinios e aquillo que tinha ouvido da doutrina e dos milagres do Senhor e como elle tinha tido conhecimento da boca das testemunhas oculares d'essa Palavra da vida; e todas as suas narrações estavam de accordo com as Escripturas.» (1)

Já nos iamos esquecendo de dar a epocha em que elle viveu. Ireneo nasceu na Asia, no anno de 120, e foi bispo de Lyon desde 177 a 202, epocha da sua morte.

Pois bem, o discipulo de Polycarpo cita os evangelhos, os invoca, refere os leitores a elles com um desembaraço que força-nos a concluir que, em seu tempo, os oraculos do Senhor eram aceites por todo o mundo christão e que todos estavam perfeitamente familiares com seu conteúdo. Um critico competente, com toda a confiança, asseverou que só o evangelho de

(1) Iren. cont. as Her. 3.º 3, 4: Eus. Hist. Eccl. 5.º 20.

Matheus Ireneo cita directamente cento e noventa e tres vezes. (1)

Ultimaremos o seu depoimento com a seguinte declaração: «Tal é a certeza dos evangelhos que os proprios hereticos se apoiam n'elles para tentarem estabelecer as suas doutrinas. Assim, os ebeonitas, que não se servem senão do evangelho segundo S. Matheus, podem ser convencidos por esse mesmo evangelho que elles não teem uma noção verdadeira do Senhor. Marcion trunca o evangelho segundo S. Lucas, e aquillo que elle conserva demonstra ainda suas blasphemias contra o unico Deus existente. Aquelles que querem fazer duas pessoas de Jesus e do Christo, dizendo que o Christo ha permanecido impassivel, ao passo que Jesus tem soffrido, basta lerem com amor para verificarem seu erro. Quanto aos que seguem Valentim, elles empregam sobretudo o evangelho segundo S. João, que os condemna, como demonstramos no primeiro livro. Portanto, desde que aquelles mesmos que nos contradizem se servem dos nossos livros e nos dão testemunho, nosso argumento é verdadeiro e decisivo.» (2)

O testemunho de Tertulliano, para não fallar de outros, é tão simples, formal e confidente como o de Ireneo. Tertulliano nasceu no anno 160, ao nordeste da Africa, e morreu no anno 240, em Carthago, onde morou. Não ha em seus escriptos um capitulo dos evangelhos de Matheus, de Lucas e de João que não cite e de muitos d'elles as citações são numerosas. «As cita-

(1) Rev. W. Sanday.

(2) Ir. cont. as Heres. 3.º 11. 7.

ções do pequeno livro do Novo Testamento, diz Lardner, só por Tertulliano, são mais extensas e mais numerosas do que as de Cicero pelos escriptores de todas as idades e de todas as especies.»

Clemente de Alexandria, (165-220) escriptor de vastos conhecimentos e um dos mais familiares com os documentos originaes do christianismo, appella para os quatro evangelhos como as unicas *historias authenticas de Christo e que tem vindo até nós.* (1)

Ajuntemos a esses testemunhos um *catalogo* ou *canon*, geralmente designado sob o nome do sabio italiano que o tem descoberto, *Muratori*, e no qual se acham enumerados os livros do Novo Testamento, que eram tidos por canonicos desde o principio. Esse *canon* foi escripto, sem contestação alguma, em Roma, e muito pouco tempo depois do episcopado de Pio; isto é, entre o anno de 160 e 170. «O mesmo autor nos fornece esta prova. (2)

O testemunho, portanto, em prol da authenticidade dos evangelhos é completo. De pontos inteiramente diversos, as testemunhos se succedem umas ás outras sem interrupção. Clemente, em Roma, no fim do

(1) Sromat. liv. 4.º § 1.

(2) O professor Adolpho Harnack, um dos homens existentes de mais profundo conhecimento dos santos padres, acaba de estampar uma narração importante de um documento antiquissimo, achado pelo sabio bispo metropolitano de Nicomedia, Philotheos Bryennios, na livraria do *Mais Santo Sepulchro*, em Fanar, Constantinopla. Denomina-se *Διδαχη των αποστολων* e pertence, segundo o erudito Harnack, ao anno de 100 a 160. Deramando luz sobre uma epocha um tanto desconhecida da historia ecclesiastica, esse manuscrito vem por sua vez estabelecer a authenticidade do Novo Testamento.

primeiro seculo, Ignacio e Polycarpo, no começo do segundo, declaram a authenticidade tão plenamente como nos fins do segundo seculo, e no principio do terceiro, Justino, Ireneo. Tertulliano e Clemente Alexandrino.

Ao côro d'essa nuvem de testemunhas, mais duas, de um peso incontestavel, unem as suas vozes: referimo-nos ás duas traducções mais antigas do texto grego do Novo Testamento, tal qual o escreveram os apóstolos. Uma d'ellas, traduzida em lingua syriaca, se chama *Peschito*, e a outra, traduzida em latim, se nomeia *Itala*. Ambas trazem no principio os evangelhos. Porém a que epocha pertencem essas traducções? A *syriaca* suppõe-se ser do fim, pelo menos, do segundo seculo: a *latina*, porém, é mais antiga; pois que o traductor latino da obra grega de Ireneo *Contra as Heresias*, que viveu no fim d'esse seculo — Tertulliano, serve-se d'essa traducção nas citações que o bispo de Lyon faz. ⁽¹⁾

Os espirítos fortes não pôdem exigir mais. Onde,

⁽¹⁾ Constantin Tischendorf, *De la date de nos Evangiles*, p. p. 61, 62 A esse sabio devemos, no terreno da sciencia biblica, uma das mais notaveis descobertas do nosso seculo. Em 1859, esse incansavel orientalista achou n'um convento no Monte Sinai um manuscripto em grego de todo o Novo Testamento. Pertence ao quarto seculo, e por conseguinte conta 15 seculos! O seu descobridor o offertou ao imperador Alexandre da Russia. Acha-se em S. Petersburgo, e denomina-se *Codex Sinaiticus*. A livraria do Vaticano possui tambem um outro manuscripto do Novo Testamento. É do quarto seculo, e conhece-se sob o nome de *Codex Vaticanus*. Cyrillo Lucaris, patriarcha de Constantinopla, mimoseou a Carlos I, rei da Inglaterra, com um Novo Testamento que trouxe de Alexandria, no Egypto. Pertence ao Museu Britannico, Londres. Denomina-se *Codex Alexandrinus*, e é do seculo quinto. Na livraria Imperial de Paris acha-se outro-

entre os livros antigos de cuja authenticidade não se duvide, acharemos um rodeado de tantas provas e de tantas evidencias como o Evangelho?

Outros escriptores, seguindo caminho diverso do que ás pressas temos atravessado, em suas respostas aos legendarios e aos mythologistas, teem-nos apanhado no mesmo laço que armaram. Um exemplo poderoso offerece-nos o arcebispo anglicano Whately, que, manobrando a mesma arma de Hume contra o christianismo, provou que Napoleão Bonaparte jámais existiu! O dr. Wurm, apropriando-se da logica com que Strauss atacou a Jesus, demonstrou que Luthero nunca existiu! O professor Norton, em suas *Evidencias Internas dos Evangelhos*, tem virado a arma de Strauss contra o proprio Strauss, demonstrando, com toda a sabedoria, que Julio Cesar não foi assassinado! (1)

sim um Novo Testamento denominado *Codex Ephraemi*, o qual, segundo os manographos, pertence ao seculo quinto. Além d'estes, conta-se o *Codex Bezae*, pertencente ao seculo septimo, e que está depositado na Livraria Universal em Cambridge; o *Codex Dublinensis rescriptus*, que é o do seculo sexto, acha-se no Collegio Trindade, em Dublin, o *Codex Basilienis*, do seculo oitavo, e o *Codex Borceli*, em Utrecht. Esses manuscriptos contribuem poderosamente, pela comparação que se faz de uns com os outros, para conservar-se a pureza primitiva do texto sagrado, e são uma garantia quasi absoluta contra todos os ensaios de falsificação, de alteração ou de interpretação que alguém pudesse ser tentado a fazer.

(1) Renan, em seus *Apostolos*, admite a genuinidade do evangelho segundo S. João. Bretschneider, a principio, escreveu contra elle e depois repudiou o que tinha avançado. Strauss, subjugado pelas evidencias em prol da canonicidade do evangelho de S. João, determinou reconhecer a sua authenticidade; mas, vendo que essa confissão lançava aos quatro ventos o que tinha escripto, retractou-se de novo na quarta edição de sua obra!

A critica tem limites que não podem ser ultrapassados sem cair-se no mesmo fosso que se abre.

Apenas se publicaram, os evangelhos passaram immediatamente para o dominio publico. O legendario pois era impossivel, como impossivel teria sido o mytho. O zelo dos christãos pela integridade dos factos repellia tambem um e outro. Descendentes de um povo que trazia contados os capitulos, os versos e as letras de seus livros santos, elles conservaram para com o Novo Testamento esse mesmo zelo de seus pais, afim de que mão atrevida e impia não tocasse n essa arca santa que ia-se rodeando de defensores escrupulosos, á medida que afastava-se de seu principio. Esse zelo mostrava-se todas as vezes que apparecia algum verso ou allusão que não estivesse de conformidade com o espirito do texto original. Temos uma prova d'isso em Tertulliano, que, defendendo o evangelho de S. Lucas contra o exemplar mutilado por Marcion, diz: «Affirmo que não só nas igrejas apostolicas, mas tambem n'aquellas que se tem unido a ellas pelo laço da sociabilidade, o evangelho de Lucas, que nós firmemente sustentamos, tem sido valido desde sua primeira publicação: mas o evangelho de Marcion é desconhecido por muitos d'elles, e só conhecido para ser condemnado.» E o que fez Marcion? Negou a authenticidade do Evangelho dos crentes? Devia tel-o feito; mas não o fez, nem podia fazel o, mesmo sendo provocado.

Cousa admiravel, os inimigos que elevaram-se para obstar a marcha triumphal do Reino dos Ceus e os quaes, em seu odio, nada pouparam, respeitaram a authenticidade dos evangelhos. Attendendo-se ao tempo em que viveram, ninguem melhor do que elles es-

tava no caso de atacar por esse lado o christianismo; mas nem um só d'esses muitos inimigos, mesmo Valentin, de quem se falla no anno de 130, contestou ser de Matheus, de Marcos, de Lucas e de João os evangelhos que hoje possuímos. No terceiro seculo apresenta-se Celso na arena. Elle só valia por um esquadrao bem arregimentado. Seus escriptos *concentram em si os germens d'esses ataques que se tem inventado desde o odio de seu tempo até ás explicações legendarias dos nossos dias*. A Celso succede Porphyro, que como aquelle, em vez de inspirar duvida a respeito da authenticidade, a confirma. «Juliano, esse formidavel inimigo, diz Lardner, regeitou, e com toda a razão, as cousas que os confesores da fé, quer do seu tempo, quer dos tempos anteriores, introduziram na religião christã; mas nunca fez qualquer objecção importante contra o christianismo, tal qual se acha contido nos escriptos authenticos e primitivos do Novo Testamento.»

Vem de molde a seguinte observação do judicioso Guizot: «O poder d'esses livros (os evangelhos) e de suas narrações, taes quaes as possuímos, tem sido provado e comprovado. Elles tem vencido o paganismo; tem conquistado a Grecia, Roma e a Europa barbara. E estão em caminho de conquistar o mundo. E a sinceridade dos auctores não é menos certa que o poder dos livros. Póde-se contestar as luzes, a sagacidade critica dos primeiros historiadores de Jesus Christo; mas não se póde contestar a boa fé d'elles; ella brilha em suas palavras, elles tem crido aquillo que elles tem dito; elles tem sellado com o sangue as suas asserções». Portanto, como o poeta universal, Goethe, diremos ainda: «Eu tenho os evangelhos por perfeitamente authenticos; porque n'elles se sente o brilho de

uma grandeza que emana da pessoa do Christo, e são de um genero divino como o divino jámais tem apparecido sobre a terra.»

Vasei a minha vida de Jesus nos moldes originaes — os evangelhos —. Explorei todavia, tanto quanto me foi possível, o campo amigo e inimigo. Do exame d'este ultimo, cheguei ao seguinte resultado: Ha quasi um seculo, o philosophismo apresentou-se na arena religiosa, bradando: *Ecrason l'infame*; hoje porém os successores d'esses homens cujos ossos alvejam immoveis e frios ao redor da planta sacrosanta do christianismo, retiram-se da luta, exclamando com respeito e admiração: «Quaesquer que possam ser os phenomenos inexperados do futuro, Jesus não será ultrapassado. Seu culto rejuvenescerá sem cessar; sua legenda provocará lagrimas sem fim; seus soffrimentos convencerão os melhores corações, todos os seculos proclamarão que entre os filhos dos homens não tem nascido um maior do que Jesus.» ⁽¹⁾ Medi Jesus pela sombra que elle tem projectado sobre o mundo; perdão! eu me enganei: medi-o pela luz que em borboitões elle tem derramado. Haverá quem se atreva a dizer que um tal homem não tem jámais existido, e que a historia inteira é uma mentira? Admittamos que Plató e Newton nunca existiram. Mas quem tem operado suas maravilhas e quem tem pensado seus pensamentos? Para inventar-se um Newton é necessario ser-se um mesmo Newton. E qual é o homem que poderia ter inventado um Jesus? Ninguem senão um Jesus

(1) Renan, Vie de Jesus, pag 459.

seria capaz.» (1) «A humanidade, por conseguinte, pode tão pouco passar sem Jesus Christo como sem religião. Ser-se religioso sem Christo é tão insensato como querer ser-se poeta sem qualquer relação com Homero e Shakespeare.» (2)

Será isso o preludio d'esse dia em que veremos esses homens aos pés de Jesus, bradando: Tu és o Filho de Deus? Quem sabe!

Em lugar opportuno tratamos do milagre. A fé no sobrenatural, se não numera todas as intelligencias em seu favor, tem sido sustentada pelas mais robustas intelligencias e por aquelles que bem teem merecido da humanidade: S. Paulo, Tertulliano, Agostinho, Chrysostomo, Anselmo, Bacon, Luthero, Calvino, Boerhaave, Newton, Linneo, Leibnitz, Kepler, Pascal, Edwardo, Bushnell, Alexandre Herculano, Pasteur, Ritter, Muller, Owen e Liebig. (3)

Aquelles que hoje em dia continuam a impugnar o milagre, partem de uma hypothese *à priori*—que n'esta epocha goza *dos favores bizarros da moda*. Mas é assim que julgamos os factos historicos? Não, por certo. Porque então julgaremos d'esse modo o christianismo, que se apresenta como um facto historico?

(1) Theodoro Parker.

(2) Strauss. Deux Feuilles pacifiques, p. p. 130-132.

(3) Bacon, diz Freind, foi um milagre da idade em que viveu, e o maior genio, talvez, de contecimentos mechanicos que jámais appareceu no mundo desde Archimedes — Newton, o immortál, é um dos maiores philosophos que a humanidade conta — Kepler é um dos fundadores da astronomia — Linneo, eminente naturalista — Ritter, allemão, nominado em França de «createur de la geographie scientifique,» o creador da geogra-

Em materia de religião, o verdadeiro ponto da questão é este: «A religião que se nos propõe muda ou não o coração? une-nos a Deus ou não? conduz-nos ou não ao ceu? Si o christianismo tem produzido esses effeitos, deixemos a seus gratuitos inimigos revoltarem-se contra os seus mysterios, e mesmo taxal-os de absurdo. O Evangelho, lhe diremos, é em vossa opinião um absurdo. Mas, na verdade, que nova especie de absurdo esse que nos afeiçoa a todos os nossos deveres, que regula a vida melhor do que todas as doutrinas dos sabios, que restaura no interior do homem o equilibrio, a ordem e a paz, que lhe faz desempenhar gostosamente todos os officios da vida civil, o torna mais proprio para viver e melhor disposto para morrer e que, geralmente recebido, será o salvaguarda e o apoio da sociedade! Esta religião tem então feito o que toda a religião se propõe executar e o que nenhuma outra tem realisado. E com tudo, ella é falsa! E que mais faria ella se fosse verdadeira? Não vedes que uma religião que restaura em nós a imagem de Deus, que restabelece nossas relações primitivas com o Creador, e nos conduz á bemaventurança, é impossivel não manar de Deus, e que, se ha absurdo, esse consiste em

phia scientifica. A geographia scientifica que apoia-se quasi sobre todas as sciencias, parte dos resultados geraes da chimica, da phisica e da geologia — G. Cuvier, eminente naturalista — Muller de Berlim, eminente physiologista — R. Owen, um dos maiores naturalistas do nosso seculo. — O mundo scientifico tem seus olhos pregados nas descobertas de M. Pasteur, um dos medicos mais notaveis dos nossos dias. — Liebig, um dos primeiros chimicos de nossa epocha.

se crer que se possa ser regenerado por uma mentira? Onde, entre a *sabedoria* dos homens, uma só que tenha produzido semelhantes efeitos? — Mas, os *mythos*? Que-reis que separemos da moral os mysterios, os mila-gres? Porém o que foi que converteu o mundo? — O que foi que regenerou a sociedade? Seria o Evan-gelho segundo Strauss ou Renan? Não, por certo; mas o evangelho segundo S. Mattheus e segundo S. Lucas. E é ainda hoje em dia ao evangelho segundo S. João e segundo S. Marcos que a humanidade deve as suas conquistas gloriosas de liberdade, de igualdade e de fraternidade. Não, não podeis tocar nos *mythos* sem tocar tambem na moral. Os milagres e a doutrina es-tão de tal sorte unidos, de tal modo entrelaçados que não é possível dispensar-se uns sem regeitar os ou-tros, e cada um dos mysterios que tentarmos arrancar do christianismo levará comsigo algumas das verda-des que interessam directamente a nossa regeneração e a nossa salvação. ⁽¹⁾

Em nome, pois, da humanidade, que deve immensa-mente ao Evangelho e a qual muito tem de esperar do christianismo, não separemos o que o Pai celeste ajuntou. É da religião inteira de Christo como se acha no Novo Testamento que o genero humano, que vós, sabios, necessitaes.

Saudemos então, com todo o ardor, essa religião, só completa, que responde a todas as necessidades do ho-

(1) Assim a grande obra da expiação depende necessariamen-te da incarnação do Filho de Deus, as graças santificadoras da nova alliança, da effusão do Espirito Santo, e a divindade da re-ligião tem o seu sello e a sua garantia nos milagres »

mem, offerecendo a cada uma de suas faculdades um elemento perenne: religião de imaginação, á qual ella abre magnificas perspectivas; religião do coração, que ella internece pela manifestação de um amor acima de todo o amor; religião do pensamento, que ella eleva á contemplação do systema o mais vasto e o melhor governado; religião da consciencia, que ella torna ao mesmo tempo mais delicada e mais tranquilla: mas, acima de tudo, religião da graça e do amor de Deus; porque ella é necessariamente todas essas cousas conjunctamente. Saudemos com admiração essa religião que concilia todos os contrastes: religião de justiça e de graça, de temor e de amor, de obediencia e de liberdade, de actividade e de repouso, de fé e de razão. (1)

(1) A Vinet, *Discours sur quelques Sujets Religieux*, pp. 26 e 27.

CAPITULO I

A incarnação e o nascimento de Jesus Christo

Fides adsit et nulla questio remanebit. (1)

VIVEMOS em um mundo em que, a cada passo, nos achamos em face de mysterios. Como é que nasce, vive e cresce esse musgo microscopico que rasteja no limiar das nossas portas? A acção do pensamento e da vontade é um mysterio, nossa propria existencia é um mysterio; cada grão de areia é um mysterio. Ora, si na manifestação de Deus na natureza ha mysterios, será para admirar se os acharmos na revelação sobrenatural em que Deus apparece, alem do Creador e Conservador, como Reconciliador e Salvador? E se admittimos como verdades milhares de cousas naturaes que não comprehendemos, porque não admittiremos

(1) Exercei a fé e não haverá lugar para questão.

tambem os mysterios do Christianismo, que são menos em numero do que os da natureza ?

O ultimo passo da razão humana, diz Pascal, é conhecer que ha um sem numero de cousas que a excedem. Bem fraca é a razão que não chega até ahí.

«A fê diz o que os sentidos não sentem, mas nunca o contrario; é superior e não opposta.»

Em quanto a mim, não posso deixar de declarar que, logo que a religião christã mostra-me ser a natureza humana depravada e o homem estar alienado da vida de Deus, tudo me é claro, e sinto me habilitado a distinguir, por toda a parte, os caracteres de um mysterio tão divino. *O mysterio da incarnação exhibe ao homem a grandeza do seu perigo na grandeza d'aquelles meios de que necessitava para ser salvo.* (1)

De uma necessidade *á priori* e confirmada *á posteriori*, o factó da incarnação tem sido relatado por S. Mattheus e por S. Lucas; com especialidade pelo ultimo, o qual dá-nos uma narração que, se reverentemente meditada, será assaz sufficiente para satisfazer as exigencias de todo o espirito sincero. (2)

Na tribu de Zabulon, na baixa Galilea, demorava a cidade de Nazareth. Jerusalem ficava-lhe cento e trinta kilometros ao sul. Terra deliciosa, tinha arredores lindissimos. Estava situada sobre o flanco de uma montanha da planura da qual uma perspectiva esplendida

(1) Paschal. Pens. III.

(2) Seguindo a *Harmonia* do dr. Robinson, corrigida por Newcome, temo-nos esforçado para dar chronologicamente a nossa vida de Jesus. Nas citações o leitor achará, exceptuando-se uma ou outra omissão, a synopsis da harmonia dos evangelhos.

se desenrolava aos olhos do observador. Via-se de um lado, o pincaro arredondado do Thabor, do pequeno Hermon e Gelboe, e ao longe, por uma depressão entre o Sulen e o Thabor, lobrigava-se o valle do Jordão; do outro ladô, avistavam-se as planicies de Esdraelon e o Carmelo que, estendendo-se para o mar, mergulhava seus pés nas aguas scintillantes do Mediterraneo.

N'esta cidade, que bem pouco differente talvez fosse do que é hoje En-Nasirah, ⁽¹⁾ com os seus tres mil habitantes e suas casas de pedras, morava aquella a quem Deus altamente honrou, escolhendo-a para mãe do Redemptor do mundo.

Aquelle que tem seu lugar entre os mais elevados da hierarchia angelica, e cuja missão parece ser especialmente messiana, Gabriel, coube a gloriosa missão de annunciar á Virgem Maria essa escolha. A presença do mensageiro e a sua saudação a turbaram. Para aquietar seu espirito, afim de que podesse ouvir a nova da qual com summo gosto era portador, lhe diz: «Não temas, Maria, pois achaste graça diante de Deus;» e incontinenti accrescentou: «Eis conceberás em teu ventre, e parirás um filho e pôr-lhe ás o nome de Jesus.» Presuppondo a verdade da annunciação, Maria pergunta em fé como se faria isso. «O Espirito Santo, acudiu o anjo, descerá sobre ti e a virtude do Altissimo te cobrirá da sua sombra. E, por isso mesmo, o Santo que ha de nascer de ti será chamado Filho de Deus.»

Com a resposta do enviado celeste, tudo pareceu

(1) En-Nasirah eleva-se acima do nivel do mar 264 metros, e muitos de seus habitantes são christãos gregos e latinos.

claro a Maria, e ella, sabendo que a Deus nada era impossivel, respondeu: «Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra».

O Verbo, por tomar a carne, tornou-se Filho do homem, sem por isso cessar de ser Filho de Deus.

E' Jesus, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, que é o Salvador do mundo. Si elle não fosse homem, não poderia emprehender o officio de Redemptor: si não fosse Deus, não poderia executar-o. Si elle não fosse homem, não poderia obrigar-se por nós; si não fosse Deus, não era capaz de pagar nossa divida.

Sendo a lei quebrada pelo homem, era necessario que o homem soffresse, e, sendo a offensa infinita, era necessario que a satisfação fosse infinita. Ora, o homem podia soffrer, mas não satisfazer; por outro lado, Deus podia satisfazer, mas não soffrer: logo, para reconciliar Deus ao homem e o homem a Deus, era necessario que o Salvador fosse Deus e homem.

Levada pelas ultimas palavras de Gabriel relativamente a Isabel, n'aquelles dias, Maria apressuradamente encaminhou-se para as montanhas de Judá, onde morava sua parenta. O evangelista não nos dá o nome da cidade de Isabel, que pode ser Juttá ou Hebron, a antiga cidade sacerdotal. Inspirada por esse mesmo Espírito que já tinha descido sobre Isabel e que, no passado, dera a Debhora e a Barac canticos, Maria, em resposta á saudação da mãe do Precursor, exclama: «A minha alma engrandece ao Senhor; e o meu espirito se alegrou por extremo em Deus meu Salvador; por elle ter posto os olhos na baixeza de sua escrava: por que eis-ahi de hoje em diante me chamarão bemaventurada todas as gerações. Porque me fez grandes cousas o que é Poderoso, e Santo o seu Nome.

E a sua misericórdia se estende de geração a geração sobre os que o temem.

Elle manifestou o poder do seu braço; dissipou os que no fundo do seu coração formavam altivos pensamentos. Depoz do throno os poderosos, e elevou os humildes. Encheu de bens os que tinham fome, e despediu vazios os que eram ricos. Tomou debaixo da sua protecção a Israel seu servo, lembrado da sua misericórdia. Assim como o tinha promettido a nossos pais, a Abrahão e á sua posteridade para sempre.»

Sublime como é o encontro da mãe de Jesus com a do Baptista, vemos n'elle a realidade d'essas ordinarias leis psychologicas e, ao mesmo tempo, divisamos, na saudação de uma e no canto de outra, um assento de sinceridade e de convicção, que nos convence ao passo que nos encanta. ⁽¹⁾

Ficara Maria tres mezes com a sua parenta, depois dos quaes voltara para sua casa. Então, ou logo depois e talvez emquanto os parentes se congratulavam com Isabel por haver o Senhor assignalado com ella a sua misericórdia, dando-lhe um filho, para maior confirmação da fé dos que tinham de crêr, deu se o que S. Matheus nos relata nos ultimos versos do primeiro capitulo de seu evangelho. Julgando ser o gerado em Maria obra do homem, José determinou, para não infamar a, abandonar secretamente a sua esposa. O Senhor, porém, em um sonho, revelou ao justo, pelo ministerio do seu anjo, o mysterio da incarnação. ⁽²⁾

Nada ha, em tudo isso, de extraordinario, pois era

⁽¹⁾ Luc. 1:39 — 55.

⁽²⁾ Matth. 1:18 — 25.

o fiel cumprimento do que o Senhor pelos seus prophetas, seculos antes, havia annuciado n'estas palavras: «Eis uma Virgem conceberá e parirá um filho.»

As setenta semanas dadas por Daniel para manifestação do Christo tocavam ao seu fim. Era chegado o momento suspirado. O sceptro caia da cabeça de Judá. Sobre o throno de David assentava-se Herodes, idomita pelo lado de seu pai e ismaelita pelo de sua mãe. Entrava se no tempo previsto por Jacob. Vinte seculos antes do facto que estamos narrando, o patriarcha, rodeado de seus filhos, devassando pelos olhos da inspiração as regiões do futuro, exclamava: «Não se tirará o sceptro de Judá, nem general que proceda de sua coxa, menos que não venha aquelle que deve ser enviado. E elle será a expectação das gentes». (1)

Como na ordem physica, quando está para haver algum d'esses phenomenos extraordinarios, a natureza impregna se d'elle e o annuncia; assim o mundo pareceu presentir a vinda do Justo. Tacito e Josepho fallam de uma expectação, e Suetonio escreve: «Em todo o Oriente resoava a antiga e constante opinião: Os destinos determinavam que n'aquelle tempo saíssem da Judéa os senhores do mundo.» (2)

Era uma epocha de paz. Roma, que tornava se o imperiõ de quasi todo o mundo, tendo triumphado dos inimigos sem numero, que creara sua ambição insaciavel, fechara pela segunda vez, desde Numa, as portas

(1) Genesis, 49:10.

(2) Suet. Vid de Vesperas; Tacito, Hist. v. 13; Josepho, Bell. Jud. 7.º 5. 4.

do templo de Jano. Ao mesmo tempo que as insignias do imperio fluctuavam em paz desde uma extremidade da terra até outra, ella havia extinguido suas dissensões internas. A ultima esperanza do partido que ha tempo, no campo de batalha, disputara a palma, apagara-se ante Actium, e sobre o throno de Cesar assentava se Augusto.

Foi n'essa epocha que nascera Shiloé; o principe da paz.

Como estava decretada a época em que devia apparecer o Salvador, assim tambem estava designado o lugar de seu nascimento.

Na tribu de Judá, 11 kilometros de Jerusalem, acima do nivel do mar 89 metros, eleva-se Bethlehem, situada sobre uma encosta oblonga. A sua fertilidade deu-lhe o nome que significa *casa de pão*. Si não primava pela belleza de seus edificios, era bella a vista que de todos os lados se disfructava. Patria de David, a seus campos fertilissimos acha-se associada a tocante historia de Rutth e Boos. N'essa *casa de pão* devia nascer o *Pão* que desceu do Ceu, segundo este vaticinio do propheta Miqueas: «E tu, Bethlehem, terra de Judá, não és a de menos consideração entre as principaes de Judá, porque de ti sairá o Conductor que ha de commandar o meu povo de Israel.»

Por ordem de Augusto, sob a presidencia de Cyrenus, fôra ordenado que todos se arrolassem na cidade a que cada um originalmente pertencia. (1) Da casa e

(1) Sobre o censo examinar-se-ha com agrado Wieseler, *Sinops.* 1.º 2.º; p. 73-100 e Greswell, *Dissert.* N. XXIII. vol. 2 pag. 375.

linhagam de David, (1) em obediencia ás ordens de Cesar, José e Maria dirigiram-se a Bethelhem, a qual distava cento e quarenta e oito kilometros de Nazareth. Assim, por meio de um d'esses factos em que muitos sô veem a ostentação do orgulho dos poderosos, mas muito significativo para os que creem em *Deus na história*, cumpriu-se esse oraculo do Eterno.

Por causa do arrolamento, affluíra tanto povo a Bethelhem que José e Maria, não achando lugar na estalagem, foram hospedar-se na mangedoura. O mais estupendo de todos os nascimentos é relatado sem commentario, e com tanta ingenuidade que bem prova

(1) E' hoje em dia quasi certo que as genealogias de S. Mattheus e de S. Lucas são ambas de José, as quaes, se podemos crer nas tradições antigas de sua consaguinidade, *envolvem* tambem as genealogias de Maria. A descendencia *dauidica* de Maria acha-se implicada no livro dos Actos, 2:30; 13:23; Rom I: 3; Luc. 1:32; etc. S. Mattheus dá-nos a descendencia legal de José pela linha mais antiga e real, como herdeiro ao throno de David; S. Lucas traça a descendencia natural. Assim, o pai real de Salathiel era herdeiro da casa de Nathan, mas Joconias, que não teve filhos (Jer. 22 30), era a ultima linha representativa da linha real mais antiga. A omissão de alguns nomes obscuros e o arranjamto symetrico por pequenos quadros era um costume judaico. Depois dos trabalhos de Mil, *On the Mythical Interpretation of the Gospels*, pp. 147-217 e do Lord A. C. Harvey, *On the Genealogies of Our Lord*, cremos não haver quem atreva-se a fazer qualquer pergunta sobre as divergencias apparentes. E aqui, como em outros exemplos, essa discrepancia, que parecia irreconciliavel e mui prejudicial á exactidão historica dos quatro evangelhos, tem contribuido, depois da investigação accurada e paciente, para provar que os evangelistas são inteiramente independentes e mui dignos de todo o credito. Farrar, *The Life of Christ*. p. 7 n.º 1.

a sua verdade, ⁽¹⁾ Quem, a menos que não fosse inspirado, narraria d'este modo o nascimento de Jesus Christo? «E estando alli, aconteceu completarem-se os dias em que havia de dar á luz; e deu á luz seu filho primogenito, e o enfachou e o reclinou em uma mangedoura; porque não havia lugar para elles na estalagem.» ⁽²⁾

Na verdade que o «Evangelho tem caracteres de verdade tão grandes, tão tocantes, tão perfeitamente inimitaveis que o inventor seria mais admiravel que o heroe.» ⁽³⁾

(1) Um escriptor apocrypho descreve d'este modo a hora do nascimento de Jesus: «E eu, José, caminhava e todavia não caminhava; e eu olhava para o firmamento, e eu vi o firmamento em confusão, e olhei para o polo do Ceu, e vi o todavia permanente e os passaros do ar em tranquilla calma; e dirigi minha attenção sobre a terra, e vi uma taça semelhante a uma meza e homens trabalhando em torno d'ella, e suas mãos se conservavam na taça, e os que tinham comida em suas bocas não comiam, e os que pegavam no sustento não o elevavam e aquelles que o levavam ás suas bocas não o levavam; porém o semblante de todos estava dirigido para cima. E eu vi os carneiros no acto de serem tirados para fóra, e elles não se moviam; e os pastores elevavam as suas mãos para bater-lhes e seus braços permaneciam levantados.»

(2) Não se sabe ao certo o dia nem o mez em que Jesus nasceu. Alguns julgam que fóra em fevereiro, a 6 de janeiro e a 10 de janeiro; outros que foi a 25 de dezembro; a 20 de abril e até a 20 de maio. Emquanto ao anno, os melhores chronologistas sustentam hoje em dia que Jesus nasceu A. U. C. 750, isto é, quatro annos antes da era chamada Anno Domini, a qual era foi introduzida no anno de 516 por Dionisio Exiguus, ou em outras palavras. que na nossa era estamos atrazados quatro annos.

(3) «L'evangile a des caractères de vérité si grands, si frappants, si parfaitement inimitables que l'inventeur en serait plus attentant que le héros.» I. J. Rousseau. Emille ou l'Education, livre IV.

Que contraste! bem poucos metros de Bethlehem, sobre a planura do alcantilado monte «denominado hoje em dia *Jubel Fureidis*, elevava-se o palacio de Herodes, cujos fastos e alegrias voluptuosas bem podiam chamar a attenção dos viajantes,» e em uma mangedoura reclinava-se o Senhor da Gloria! E, com tudo, através de toda essa humildade fulgurava a mais pura e esplendida gloria que tem-se visto em todos os nascimentos.

Aquelles a quem o Eterno escolheu para serem os primeiros no Reino dos Ceus, harmonisam se com a doutrina que Jesus depois enunciou: «*Aos pobres annuncia-se-lhes o Evangelho.*» Em vez do anjo do Senhor dirigir-se aos grandes do mundo, para participar-lhes o nascimento do Filho do Altissimo, ou de ir bater á porta dos escribas e dos phariseus que assentavam se sobre a cadeira de Moysés, para avisal os que nascera aquelle de quem Moysés escrevera, é a homens rusticos que apresenta se. Lá, na mesma comarca de Bethlehem, havia uns pastores que, n'esses campos por onde o filho de Isai apascentava os rebanhos de seu pai, pastoreavam as suas greis. Vigiam e revesavam entre si as vigalias da noite para guardar os seus rebanhos, quando apresentou se junto d'elles um anjo do Senhor e a claridade de Deus os cercou de refulgente luz. Tomados d'esse medo que o peccador experimenta ao approximar se do Santo dos Santos, o anjo, com o coração transbordando d'essa alegria que lhes inunda o peito no dia em que os peccadores arrependem-se, cheio de doçura, clama: «Não temais, pois eis aqui vos venho annunciar um grande gozo, que será para todo o povo: e é que hoje vos nasceu na cidade de David o Salvador, que é o Christo Senhor.» E n'es-

sa hora em que as harmonias nos commovem docemente, no meio do silencio da noite, sob esse firmamento cujos astros inspiravam ao melodioso cantor de Israel alguns dos seus mais bellos psalmos, debaixo d'esse Ceu que testemunhara os mais grandiosos prodigios e as scenas as mais solemnes, ouviu-se, da milicia celeste que subitamente apparecera, este sempre memorando cantico: «*Gloria a Deus no mais alto dos Ceus e paz na terra aos homens, a quem elle quer bem.*» (1)

Apenas os anjos retiraram-se, os pastores, querendo verificar por si mesmos o que o Senhor annunciara-lhes, foram com grande pressa, a Bethlehem, conservando com todo o cuidado, para distinguirem o Salvador, este signal que o enviado celico lhes dera: «*Achareis um menino envolto em pannos e posto em uma mangedoura.*» O que viram corroborou-lhes a fè, e elles, os primeiros que tiveram a dita de contemplar o Salvador, foram tambem os primeiros mortaes que annunciaram o Evangelho; e todos aquelles que os ouviam se admiravam e tambem do que lhes haviam referido.

Os gregos e os romanos davam o nome a seus filhos no oitavo ou no nono dia; entre os hebreos era no dia da circumcisão. Sabemos ter havido demonstração de regosijo quando João foi circumcidado; porém Jesus foi circumcidado particularmente. N'esse dia elle recebeu solemnemente o nome que o Senhor entregara a José por meio do anjo, o qual já o havia dado á Virgem Maria; esse nome cuja grandeza e preciosida-

(1) Luc. 2:8 20

de S. Bernardo reunira n'estas palavras: *Nomen Jesu est mel in ore, melos in aure et jubilum in corde*; o nome de Jesus é mel ao paladar, melodia aos ouvidos e jubilo ao coração. Jesus, que é a forma grega do vocabulo hebraico Joshué, significa *aquelle que salvará*, e é o nome pessoal do Redemptor do mundo, e Christo, que equivale a Messias, em hebraico, significa unguido. Jesus, como Salvador, é o unguido Propheta, Sacerdote e Rei.

Em obediencia ao prescripto na Lei, no quadragésimo dia, José e Maria conduziram o *Senhor do templo ao templo do Senhor*. Estava escripto que pela purificação se offerecesse um cordeiro de um anno e um pombinho ou uma rola. Destituídos dos bens da fortuna, os pais de Jesus offereceram um par de pombinhos que a Lei, em sua equidade, tambem ordenava, em casos de pobreza. ⁽¹⁾

Quando entraram no templo, encontraram o velho Simeão, homem justo e timorato, e um dos poucos que esperavam a redempção de Israel, o qual, pelo Espirito Santo, tinha sido conduzido, n'aquelle dia, á casa do Senhor. Tomando a Jesus em seus braços, dos braços de seus pais, em transportes da mais viva alegria, prompou n'estas memoraveis palavras: Agora é, Senhor, que tu despedes ao teu servo em paz, segundo a tua palavra; porque já os meus olhos viram o Salvador que tu nos deste.» D'essa scena bella e commovente, em que vemos dois vultos no meio da vida, um entrando n'ella e o outro chegando ao fim, foi testemunha a piedosa Anna, filha de Fanuel, de mais de

(1) Levitico, 12:6-8.

cem annos de idade, a quem coube o privilegio de ser a primeira mulher que annunciara o Evangelho na cidade do grande rei. (1)

Reinava em Jerusalem o filho de Antipater, vil escravo de suas paixões, Herodes o grande e maior pelos seus crimes. Este homem, que fôra accommettido de uma doença em que todos viram um castigo do Ceu, conscio de que em sua morte haveria alegria, concebeu o mais horroroso projecto que jámais veio ao coração de um moribundo. Nas vespersas do seu fallecimento, ordenara que todos os grandes homens da Judea se reunissem, sob pena de morte, em Jerichó, onde elle achava se gravemente enfermo. Depois de havel-os encerrado no Hyppodromo, chamou a sua irmã Salomé e a Alexo esposo d'ella, aos quaes communicou o seu intento. D'aqui a poucos dias, disse elle, sei que morro. O que porém mais me afflige é que vou morrer sem ser lamentado, e que serei conduzido á sepultura sem aquelle luto que geralmente ha na morte dos reis. Está, Salomé e Alexo, em vossas mãos o alliviardes-me d'este sentimento doloroso. Escutai-me: No Hyppodromo encerrei todos os grandes da Judea. Logo que exalar o ullimo suspiro, mandai executal-os. E quando a nação chorar os seus grandes, então declarai a minha morte, e assim, posto que não seja por mim, haverá tristeza e lagrimas no dia do meu enterro. Espero que não me recusareis este favor. (2)

(1) Luc. 2:22-38.

(2) Josepho, Ant. dos judeus. 2.^a parte liv. 17. A ordem não foi executada, e por occasião da morte de Herodes houve publicas demonstrações de regosijo.

O povo de Israel, representado pelos pastores, já havia pago seu tributo de homenagem ao Salvador; era chegada a vez das gentes. «Os reis de Tharsis, estava escripto, e as ilhas lhe offerecerão dons: os reis da Arabia e de Sabá lhe trarão presentes.»

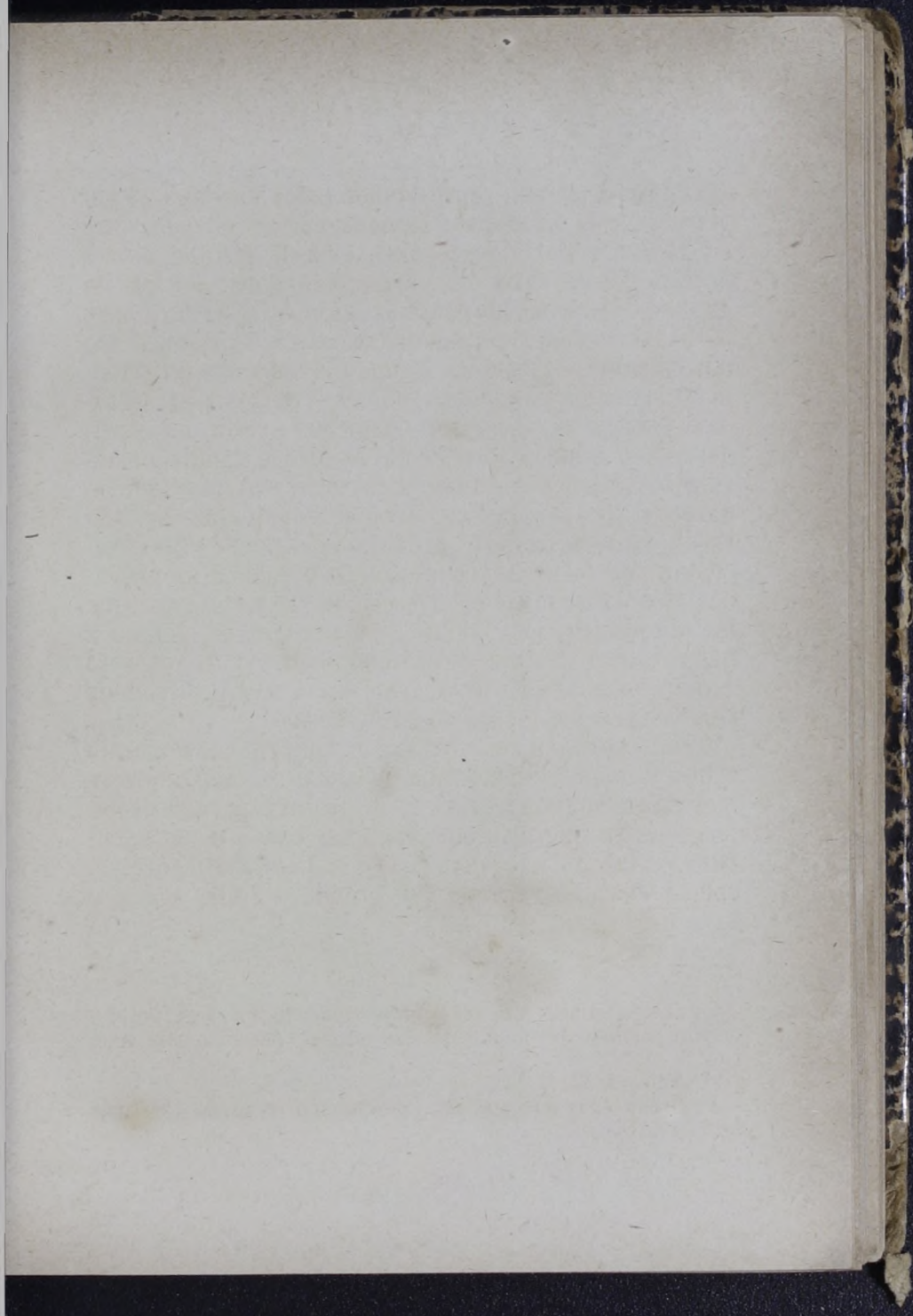
Estava Herodes em seu palacio de Sião, quando um novo terror o assaltou. Alguns personagens do oriente, designados pelo nome generico de magos, ⁽¹⁾ ligando á estrella que viram o boato que corria, ou considerando-a á luz da prophesia de Balaão, ⁽²⁾ dirigiram-se a Jerusalem para inquirir do lugar em que tinha de nascer o Rei dos Judeus. Herodes, o bajulador dos Cesares, a quem devia o throno sobre o qual assentava-se, em sua turbação, reuniu em seu palacio os principes dos sacerdotes e os escribas do povo para que lhe dissessem onde tinha de nascer esse menino a quem estava destinado o throno de David. A resposta não se fez esperar: Bethlehem era a cidade escolhida pelo Senhor para terra natal de Jesus.

Tendo ouvido o rei, com quem tambem conversaram sobre o apparecimento da estrella, os magos proseguiram em sua viagem. O astro presagioso, que occultara-se logo que pisaram em Jerusalem, e do qual fallam as taboas astronomicas dos chins, ⁽³⁾ surgira, apenas saíram da cidade. Foi grande o jubilo que sen-

(1) St.º Agostinho e S. João Chrysostomo dizem serem doze, e outros, partindo das qualidades das offertas, declaram que eram tres.

(2) Numeros 24:17.

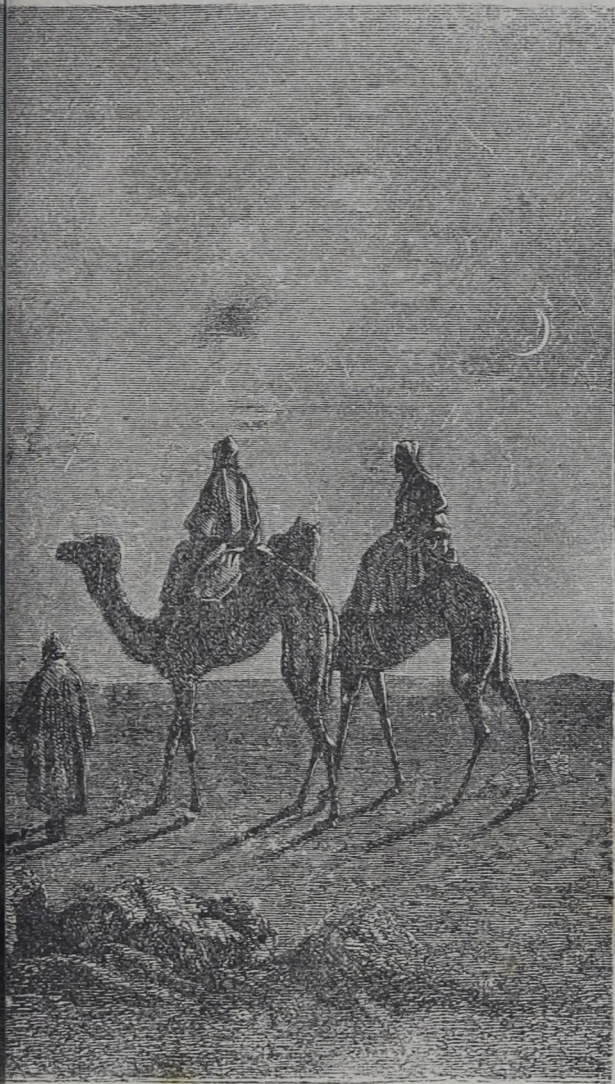
(3) Dizem ellas que por essa epocha appareceu no Ceu uma estrella nova.





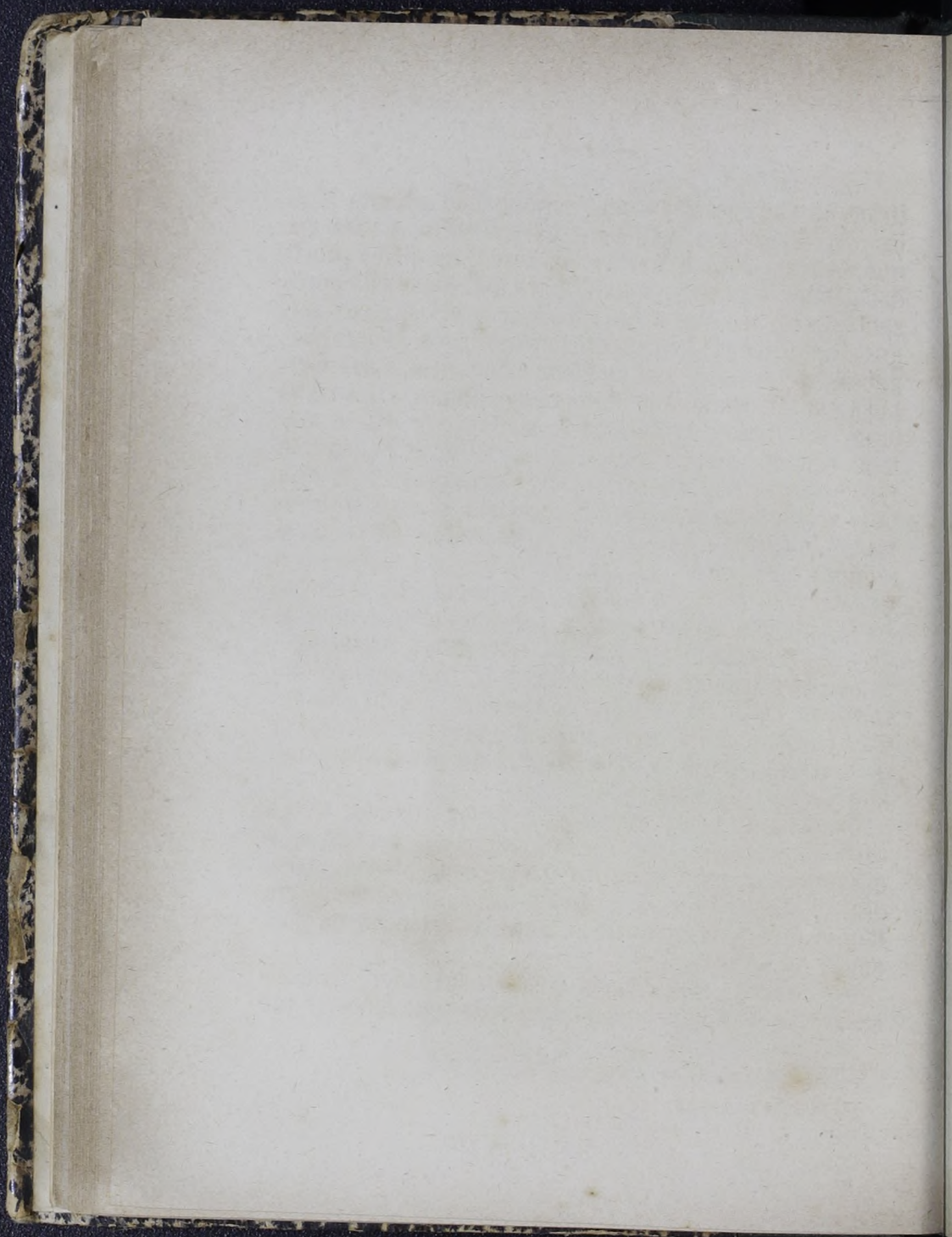
Pag. 48.

Os magos vem



menino Jesus

S. Matheus 1: 11



tiram ao ver a estrella que, caminhando adiante d'elles em direcção a Bethem, parara sobre a casa em que estavam José e Maria com Jesus, os quaes providencialmente haviam voltado para ahi, depois da apresentação do templo, a fim de esperar a visita dos magos. Que satisfação não sentiriam os magos quando chegaram ao termo da sua viagem! Como não se augmentaria sua fé, contemplando com seus olhos a Jesus! Si eram discipulos de Zoroastro, podiam ver n'esse menino «um Redemptor maior do que Sosiosh.» Com que recolhimento não adorariam elles o Salvador! E com que acatamento não lhe offereriam os seus presentes! A narrativa que nos dá S. Matheus da visita, é simples e natural. «E entrando na casa, acharam o menino com Maria sua mãe, e, prostrando-se, o adoraram e, abrindo os seus cofres, fizeram lhe suas offertas de ouro, incenso e myrrha. (1) Advertidos, no momento em que dispunham-se a regressar, passando por Jerusalem, da impia intenção de Herodes, a qual elle havia hypocritamente occultado sob o pretexto de querer ir tambem adorar a Jesus, voltaram por outro caminho para o seu paiz.

Despeitado pelos magos não terem voltado, n'essa raiva que apodera-se d'esses espiritos perversos e despoticos quando veem frustrados seus planos, Herodes, qual outro Faraó, ordenou que fossem mortos em Bethem e seus arrabaldes todas as crianças de dois annos para baixo.

No catalogo dos crimes d'esse usurpador, assassino de sua sogra, de sua mulher e de seus filhos, o que

(1) Matth. 2: 1—12.

é a morte d'esses innocentes para o historiador Josepho que vê-se embaraçado em relatar os crimes d'esse monstro pestifero?» E' verdade que Macrobius em sua Saturnal allude a esse facto e Josepho mesmo fallanos do clamor contra Herodes pelas «mães d'aquelles que foram mortos por elle.» ⁽¹⁾ E, de mais, taes omissões não são raras entre historiadores. Quem jámais duvidará do assassinato de Chryspus, por Eusebio nada d'elle dizer em sua vida de Constantino?

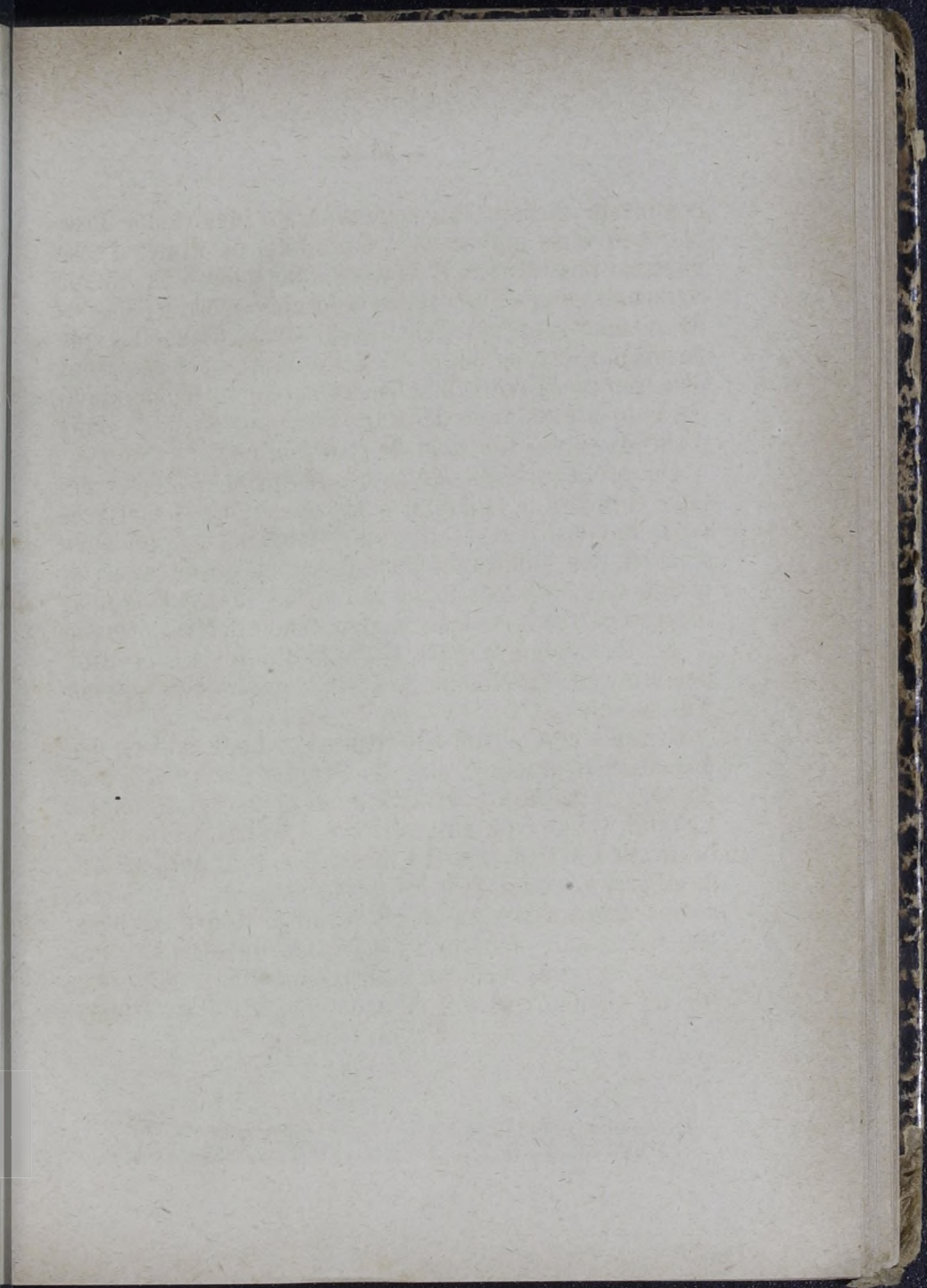
Os predecessores d'aquelles a quem o Mestre depois abraçara e abençoara, eis os primeiros martyres no Reino dos Ceus. O apostolo evangelista, applicando á morte dos innocentes uma passagem de Jeremias, illustra a dôr d'essas mãis que viram suas criancinhas morrerem traspassadas, representando Rachel, erguendo-se da sepultura para ver seus filhinhos e prorompendo inconsolavelmente em choro e grande pranto por não os achar. ⁽²⁾

Herodes não logrou o seu intento. Logo que os magos se retiraram, o anjo do Senhor advertira a José da sua intenção, e ordenara lhe que fugisse para o Egypto. Depois de ahi estar até á morte de Herodes, o mystico Israel, Jesus Christo, saiu da antiga terra dos Faraós para a terra da promissão.

Succedera a seu pai no governo da Judéa Archeláo que, para dar, na expressão ironica de Josepho, uma amostra de suas virtudes futuras, mandou degolar dentro do templo tres mil de seus compatriotas. Temen-

(1) Josepho. Ant. 149. § 4.

(2) Matth. 2: 16—18.

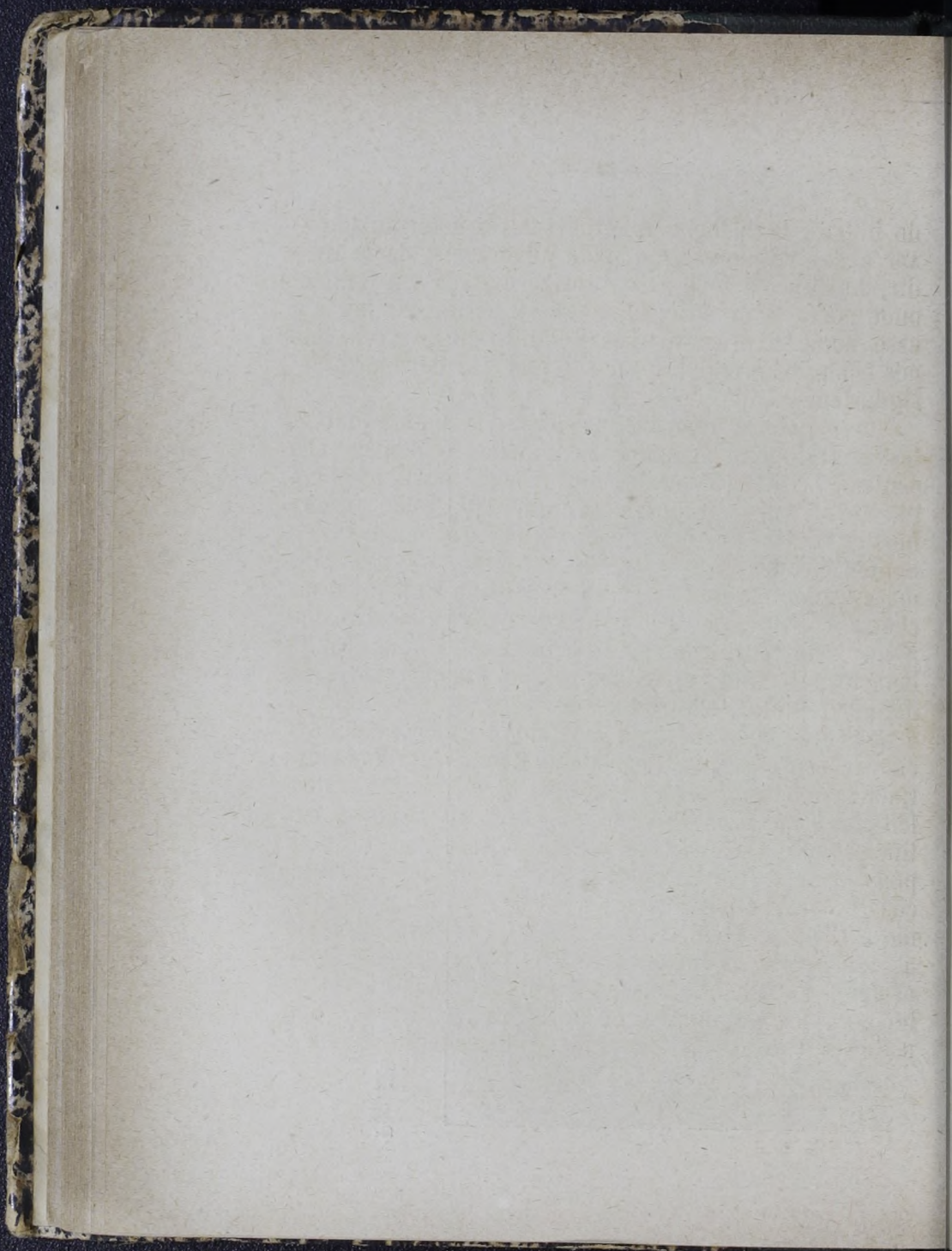






Pag. 50

A fuga para o Egypto



do ir para Bethlehem onde tinha talvez determinado fixar a sua residencia, ou onde julgara que devia residir, José recolheu-se á sua antiga morada em Galilea, onde podia viver socegradamente, e assim dar lugar a esse nome expressivo d'esse odio e desprezo de que nos fallam os prophetas, com o qual, por desdouro, designariam o Filho de Deus. (1)

Ver a Deus é uma das necessidades mais palpitantes e profundas da natureza humana. O homem não sente-se satisfeito com o saber o nome de Deus e conhecer as suas grandezas; elle quer que Deus mesmo mostre-se-lhe. No meio de prodigios sem nome que o Senhor mesmo obrava por elle, e no gozo da mais intima communhão que tem sido permittida ao homem ter com o Creador, Moysés pede a Deus para mostrar-lhe a sua face. D'essa necessidade instinctiva e natural do homem nasceram esses suspiros pela manifestação da divindade entre todos os povos e em todos os tempos, a qual divisamos em mythos de toda a especie e em exclamações repassadas de piedade. Essa necessidade instinctiva e natural do homem acha-se plenamente satisfeita na Incarnação de Jesus. Porém, como todos os instinctos religiosos, «o da crença na incarnação divina pôde gerar e tem gerado as mais estupidas superstições e as hypotheses as mais extravagantes. Assim como a fé natural em Deus tem sido a origem de todas as idolatrias, assim a disposição para incarnar Deus no homem tem feito nascer e admittir toda a sorte de imaginações estranhas e de tradições mentirosas. Mas pode-se d'ahi dizer que toda a incarnação divina e

(1) Matth. 2: 18—23

toda a tradição de encarnação divina sejam falsas? Q ver-se a realidade e a chimera, a verdade e o erro tocarem-se bem de perto, appellarem se mutuamente e mesclarem-se incessantemente é proprio da enfermidade do espirito humano. As encarnações pretendidas de Brahma ou de Budha provam tanto contra a divindade de Jesus Christo como a adoração dos idolos contra a existencia de Deus. Jesus Christo, Deus e homem, tem caracteres que pertencem-lhe só a elle. São esses caracteres que hão feito seu poder e o successo de sua obra; e poder e successo que não pertencem sinão a elle. E' Deus mesmo, e não um reformador humano que por Jesus Christo tem feito aquillo que nenhum reformador humano tem jámais feito, nem mesmo concebido: a reforma do estado moral e social do mundo, a regeneração da alma e a solução dos problemas do destino humano. E' a esses signaes, é por esses resultados que manifesta-se a divindade de Jesus Christo.

E como tem-se cumprido no homem a encarnação divina? Ahi, como na união da alma com o corpo, como na criação, estamos em face do mysterio; mas si o como nos escapa, o facto nem por isso deixa de subsistir.

Quando o facto tem tomado a fôrma do dogma, a theologia tem querido explical-o. A meu ver, ella tem feito mal; ella tem obscurecido o facto em desenvovel-o e em commental-o. E' o facto mesmo da encarnação que constitue a fé christã, e que eleva-se acima de todas as difinições, de todas as controversias theologicas.

Desconhecer este facto, negar a divindade de Jesus Christo é negar e destruir a religião christã,

que nunca seria o que é, e jámais teria feito o que tem feito, si ella não tivesse tido a Incarnação divina por principio e Jesus Christo, Deus e homem, por auctor.» (1)

(1) Guizot, Medit. sur l'essence de la religion chretienne, p. 80—82.

CAPITULO II

Infancia e mocidade de Jesus

Οδεν οφειλε κατα παντα τοις αδελφοις ομοιωθηναι (1)

EIS-NOS no periodo maior em annos da vida de Jesus, em que, no meio do silencio dos evangelistas, o pensamento perde-se em mil conjecturas, cada qual a mais bella. E n'esse silencio, que eloquencia persuasiva a favor, pelo menos, da verdade historica da vida de Jesus! «Si qualquer escriptor, diz o dr. H. Bushnell, apprehendesse, em qualquer seculo que escolhessemos, escrever, não digo uma meninice sem defeito, mas sobre humana ou celeste, seria necessario, si não tivesse o modelo ante os olhos, que elle mesmo fosse mais que humano para, descrevendo o seu vulto, não accumular fastidiosamente pinturas sobre pinturas, exagerações so-

(1) Portanto convinha que em todas as cousas se fizesse semelhante a *seus* irmãos. Hebr. 2:17.

bre exagerações, de sorte que nem no Ceu nem na terra afinal poderíamos achar semelhança d'esse retrato.» (1)

A infancia dos heroes da mythologia e as vidas que algumas pessoas não inspiradas escreveram de Jesus assás comprovam esse avançamento.

Estas e outras veridicidades teem arrancado dos espiritos prevenidos confissões d'esta ordem: «Diremos que a historia do Evangelho foi inventada á vontade? Meu amigo, não é assim que se inventa, e os factos de Socrates, dos quaes ninguem duvida, estão menos attestados que os de Jesus Christo. Ao fundo é tergiversar a difficuldade sem destruil-a; si muitos homens se combinassem para falsificar esse livro, seria mais inconcebivel do que si não houvesse um que tivesse fornecido o assumpto » (2)

Bello testemunho a favor da fidelidade dos evangelhos, e poderoso argumento contra as hypotheses de Strauss e de Renan, esse silencio, mais do que palavras, attesta que assim como foram fieis conservando-se calados durante esse periodo em que nada viram ou ouviram, assim foram fieis quando escreveram o que elles testemunharam ou chegaram a saber depois de haverem diligentemente informado de como todas ellas se passaram desde o principio.

Galilea era uma das tres divisões da Palestina do tempo de Jesus. Não gozava de bom nome e, de entre todas as cidades da Galilea, Nazareth era a mais desprezível. As vinte cidades, no circuito de Kedas—Nephali, que Salomão dera a Hirão por seus serviços na

(1) Dr. H. B. *Nature et surnature*, p. 280.

(2) J. J. Rousseau, obra citada p. 369 e 370.

construcção do templo, foi que primeiramente chamou-se Galilea. No tempo de Christo, comprehendia a Galilea as tribus de Nephtalim, Aser, Dan e Zabulon. Limitada ao Norte pelo curso do Leonte e pelo Libano, que a separa da Phenicia; a leste pelo Jordão e o mar de Galilea; ao sul pelo monte Gelboé e Carmelo, e ao oeste pelo Mediterraneo, era dividida em Galilea inferior e superior. A Galilea inferior era montanhosa e tinha boas mattas; a Galilea superior era plana e muito fertil. Segundo Strabo, um contemporaneo de Jesus, syrios, phenicios e arabes a habitavam, aos quaes, sob o testemunho de Josepho, podemos acrescentar gregos. Tiberias, Tarichœa e Sepphoris eram as suas principaes cidades: as que figuram no Evangelho são Caná, Capharnaum, Nazareth, e Naím. Comprehendida no reino de Herodes, ella tornou-se, por morte d'esse principe, a parte de seu filho, Herodes Antipas, o mesmo que mandara degolar a João Baptista e ante quem Jesus appareceu, remettido por Pilatos.

Em Nazareth de Galilea Jesus passou os dias de sua infancia e de sua mocidade.

Não podemos duvidar que a sua vida exterior fôra semelhante á dos meninos de Nazareth, que tinham a sua idade e eram da mesma condição social. Seus vagidos, suas lagrimas e seus brinquedos não foram diferentes dos dos outros meninos. Jesus foi em tudo semelhante ás criancinhas, aos meninos, aos moços e aos homens, excepto no peccado. Assim como foi necessario que Judas o distinguisse dos seus apóstolos, dando-lhe o beijo traidor, assim seria necessario para o conhecermos, de entre os meninos com os quaes brincou, que alguém nos dissesse qual era o Verbo incarnado.

N'esta epocha, mais do que em qualquer outra, se cumpriram as palavras propheticas do filho de Amós : « Vimol-o e não tinha parecença do que era, e por isso nós o estranhámos. Feito um objecto de desprezo e o ultimo dos homens, um varão de dores e experimentado nos trabalhos, e o seu rosto se achava como encoberto e parecia desprezível; por onde nenhum caso fizemos d'elle. (1)

Posto que tivesse jus a toda aquella gloria que uma natureza creada unida pessoalmente á divindade pôde receber, com tudo, em seu amor para com os homens, elle não assumiu aquillo que era devido á excellencia d'essa união, mas o que era conveniente á nossa redempção que tinha de consumir-se por sua morte sobre a cruz.

Jesus honrou o trabalho, aprendendo o officio de carpinteiro, do qual tirava a sua subsistencia. Qual Moysés apascentando os rebanhos, elle, fazendo charruas, cangas, e outros utensilios agricolas, preparara-se para a obra que o Pai lhe dera. (2) Seu desenvolvimento, como filho do homem, foi estrictamente humano. Dotado de um verdadeiro corpo e de uma alma razoavel, crescia tão realmēte em sabedoria como em estatura. (3) E' provavel que frequentasse com regularidade o serviço divino na synagoga de Nazareth.

(1) Isaias 53:2, 3.

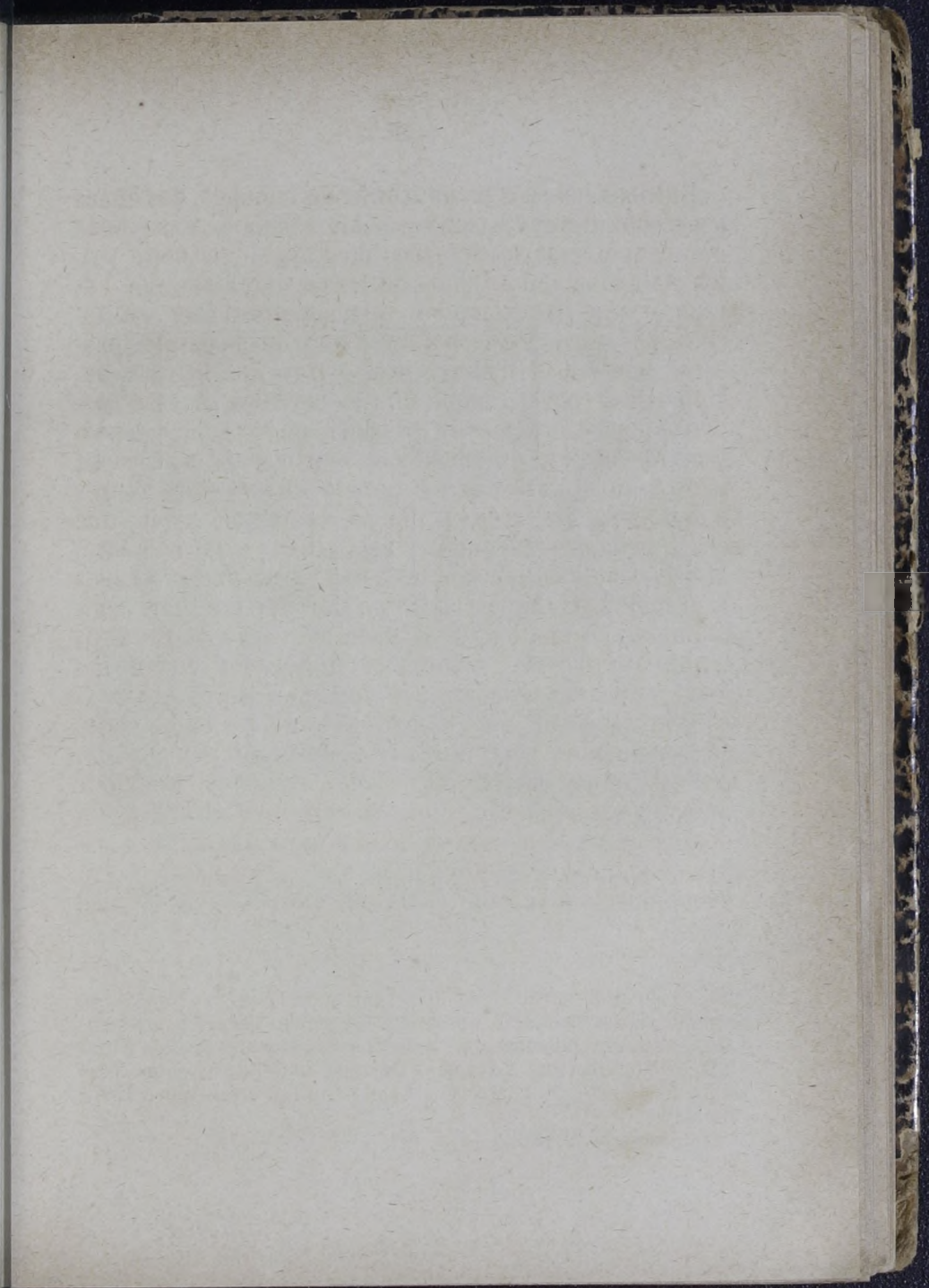
(2) Justino Martyr, Tripko, c. 28.

(3) E Jesus, diz S. Lucas, crescia em sabedoria, e em idade e em graça diante de Deus e dos homens.» Lucas 2.52. Emquanto ao seu crescimento em idade, prova que elle tinha um verdadeiro corpo, e emquanto ao seu crescimento em sabedoria, não podendo-se referir á divindade, que não é susceptivel de augmen-

Entre os hebreos havia tres festas annuaes, das quaes a paschoa figurava como a mais solemne. Essa festa era o anniversario do *exodo* do Egypto. Na noite, antes da partida dos filhos de Israel da cidade dos Faraões, o anjo exterminador, que penetrara nas habitações dos egypcios e matara todo o primogenito, passara, sem entrar n'ellas, pelas casas dos hebreos assignaladas com o sangue de um cordeiro. A esse cordeiro deu-se o nome de paschoa, que significa *passagem*. O cordeiro paschoal era morto entre as tardes; isto é, entre o declinar e o pôr do sol, ou entre as tres e seis horas da tarde do dia 14 do mez de nisan, que era o primeiro do anno ecclesiastico. O dia seguinte, que principiava das seis horas da tarde do dia 14, era a grande festa da paschoa, que durava sete dias, communmente denominados os dias dos pães asmos. A victima era morta e comida em Jerusalem; o resto da festa podia-se observar em qualquer outro lugar. O cordeiro sorteado que, em casos de necessidade, podia ser substituido por um cabrito, devia ser sem defeito e d'esse anno. As familias pequenas podiam convidar outras pessoas para comerem com ellas. Durante todos os outros dias não se comia outro pão sinão o asmo. Aquelle que negligenciasse comer a paschoa era condemnado á morte. ⁽¹⁾ Os que por força maior não

to ou de diminuição, entende-se com a alma humana que Jesus tomou. «Essas palavras, observa o bispo de Hippone, referem-se á natureza humana que Jesus Christo tomou de nós e por nós, e não á divina, a respeito da qual não julgava que fosse uma usurpação o igualar-se a Deus.» (Philip. 2:6.) Agost. Erros de Max.

(1) Numeros, 9:13.





Jesus discutindo no templo com os doutores da lei
Pag. 59

S. Lucas II: 41-5

podiam n'esse dia celebral-a, deviam fazel-o até o segundo mez do anno ecclesiastico, o decimo quarto dia do mez de jair, que corresponde a abril e maio.

Caindo a paschoa em fins de março ou principios de abril, como não seria agradavel a viagem de Nazareth a Jerusalem por essas estradas repletas de povo, através d'essas montanhas coroadas de arvores espessas e por meio de campos cobertos de ricos cereaes! Em uma d'essas festas, a que Jesus costumava ir todos os annos com seus pais, deu-se o unico facto que sabemos d'elle, antes de manifestar-se em publico. Contava então doze annos, idade em que, segundo a tradição, Moysés disse não ser filho da filha de Faraó, e Samuel foi chamado por Deus para o officio de propheta. Acabados os dias da solemnidade, José e Maria voltaram para casa; mas o menino Jesus ficou em Jerusalem, sem que seus pais o advertissem. No caminho deram por falta d'elle, mas, julgando que viesse com alguns da outra parte da caravana, não se incommodaram muito. Chegando ao pouso, e procurando o entre os parentes e conhecidos sem o acharem, affligiram-se, temendo que, já por causa do numero de pessoas estranhas que n'esse tempo se contava, e já por causa da falta de paz que havia, não lhe tivesse acontecido alguma cousa. Voltaram a Jerusalem. Depois de dois dias de anciosa procura, no terceiro acharam-n'o no templo, assentado com toda a dignidade propria de sua idade, no meio de doutores, entre os quaes podia-se ver Babha Ben, cujos olhos Herodes mandou arrancar; Annaz, seu futuro juiz; Gamaliel, o doutor angelico do seu tempo e o mestre a cujos pés S. Paulo aprendeu; o rico José de Arimathea, e Nicodemos que de noite, vinte annos depois, teve uma entrevista com Jesus. Todos os quaes

ouvindo a Jesus, que, por sua vez, infundia respeito como um menino admiravel por seu discernimento e pela sabedoria das perguntas que fazia sobre a lei e os prophetas, estavam pasmados. Seus proprios pais, ao verem-no, se admiraram. «Filho, disse-lhe sua mãe, porque usaste assim comnosco? Sabe que teu pai e eu andamos buscando te cheios de afflicção.» A esta observação de Maria, Jesus mostra-lhe uma nova ordem de relações espirituaes e salvadoras, uma ordem em que nem a Virgem Maria nem S. José não tem nem podem ter a menor intervenção. «Para que me buscaveis? respondeu Jesus. Não sabeis que importa occupar-me nas cousas que são do serviço de meu Pai?» (1)

Taes são as primeiras palavras que deslisaram-se dos labios de Jesus.

Com a mesma boa vontade e promptidão com que deixara *as glorias do Ceu para tabernacular* entre os homens, elle deixa o glorioso templo de seu Pai pela humilde casa de seus pais, e, como um filho amavel e submisso, permanece com elles, tomando parte nos seus trabalhos manuaes, e sendo o consolador e o amparo da Virgem Maria por morte de S. José, o qual, d'aqui em diante, não apparece mais na historia do Evangelho. (2)

«Assim começou a manifestar-se, na pessoa do menino Jesus Christo, esta mistura de humano e de divino, de vida natural e de vida miraculosa, que é o seu caracter proprio e sublime.»

A lingua de Jesus era o aramaico ou o dialecto syriaco, mesclado pelo hebreo, que então fallava-se na

(1) Luc. 2:41 — 50.

(2) Luc. 2:51, 52.

Palestina. É bem provavel que soubesse o grego, tão generalizado em seu tempo e que se fallava correctamente em Sepporis, Cesarea e Tiberias, e do qual se servisse para conversar com o centurião e Pilatos. Nunca citou ou alludiu a qualquer dos apocryphos. Das citações que fez do Velho Testamento inferimos que a Lei e os prophetas foram a sua constante meditação. Jesus não cultivou seu gosto com Platão ou Homero, nunca compulsou as metaphysicas de Aristoteles, já-mais se iniciou em qualquer escola, e no entanto, apenas appareceu em publico, elevou-se infinitamente acima de todos os oradores, de todos os poetas, de todos os rabbinos e de todos os philosophos. Sem sair de Nazareth, a desacreditada, onde não havia portico nem lyceo, elle comprehendera todas as necessidades e aspirações da humanidade. Do centro da esphera religiosa em que encerrou-se, derramou a luz e a vida sobre todo o mundo. O progresso da civilização moderna o que é sinão o desenvolvimento successivo das applicações incessantes do pensamento de Jesus em todas as espheras da vida?» O coração, tornado christão, tem descoberto em si mesmo uma origem inexgotavel de dedicação, uma caridade sem limites como sem orgulho; ao mesmo tempo que a arte ha entrevisto um ideal mais nobre: comprehendendo se melhor a natureza humana, tem-se melhor exprimido as dores tragicas e as aspirações mortaes.»

Que erro imperdoavel não commetteríamos se vissemos nas maximas do christianismo um ou outro arremedo dos aforismos de Hillel e de Shammai. ⁽¹⁾ E que

(1) Habbabi Hillel nasceu em Babylonia antes de Christo 112. Na idade de 40 annos emigrou para a Palestina, afim de estu-

prejuizos, que cegueira não é necessario ter-se para ousar-se comparar o filho de Sophronisco com o filho de Maria! Que distancia entre um e outro! Socrates, diz se, inventou a moral. Outros antes d'elle, a tinham posto em pratica; elle não fez mais que pôr em lições seus exemplos. Aristides tinha sido justo antes de Socrates haver dito o que era a justiça; Leonides havia morrido pelo seu paiz antes de Socrates ter feito um dever o amor da patria; Sparta era sobria antes que Socrates tivesse louvado a sobriedade; antes que elle houvesse definido a virtude, a Grecia abundava em homens virtuosos. Mas onde Jesus Christo aprendeu entre os homens de seu tempo essa moral elevada e pura da qual elle só tem dado as lições e o exemplo? Do seio do fanatismo mais furioso se fez ouvir a mais alta sabedoria; e a simplicidade das virtudes as mais heroicas honra o mais vil de todos os povos! (1)

Original e absolutamente independente, Jesus não é o reformador feito pela occasião, mas nascido para a occasião. Não veio coordenar ou aperfeiçoar; veio fazer a sua obra sobre uma base que elle trouxe do Ceu. Sua religião não é o vestido velho remendado com

dar a Lei. Da somma insignificante que ganhava pelo seu rude trabalho manual, dava metade ao porteiro da academia onde Shemaja e Abtalion, os grandes mestres d'esse tempo, expunham o *halacha* ou a lei moral. Hillel foi tão apaixonado pela Biblia como pela tradição que Jesus depois profligou.

Shammai era um outro doutor eminente da lei judaica no tempo de Herodes e juiz supremo do Sanhedrim, *ab-beth din*, durante a presidencia de Hillel contra quem foi partidario. Pouco sabe-se de sua historia e seu caracter, que era o contraste da paciencia proverbial de Hillel.

(1) J. J. Rousseau, obra citada p. 370.

panno novo, é a tunica inconsútil na qual não tocara mão humana.

Assim como ha no coração do homem principios da Lei moral que o levam a fazer naturalmente cousas que são da Lei, assim tambem ha n'elle algumas operações communs do Espirito Santo, pelas quaes o homem, muitas vezes, diz cousas que são de eterna verdade. Essas sombras de contacto entre uma ou outra passagem do Evangelho são accidentaes, e provam, quando muito, a naturalidade do Christianismo.

D'onde vem a este homem uma sabedoria tal como esta? perguntaram as multidões acostumadas a ouvirem o *halacha* e as glosas dos rabinos. E a esse povo respondia Jesus: «A minha doutrina não é minha, mas d'aquelle que enviou-me. Si alguém quizer fazer a vontade de Deus, reconhecerá si a minha doutrina vem d'elle ou si eu fallo de mim mesmo »

Aquelle conhecimento, que bastaria para o homem em seu estado de innocencia, elle o tirou da luz da natureza e das obras da creação e da providencia; e esse conhecimento salvador, de que o homem necessita em seu estado lapso, elle o aprendeu com seu Pai.

Os livros de Deus, pois, fóra d'elle, na Escriptura, na natureza e na vida, e o livro de Deus dentro d'elle, escripto sobre as taboas do seu coração, eis os thesouros da sua doutrina. «Sua oratoria foi as montanhas solitarias de Nazareth; seu proposito a salvação do homem; e a sua vontade a vontade de seu Pai.»

CAPITULO III

João Baptista

Elle será grande diante do Senhor

APPARECEU por esse tempo um homem verdadeiramente extraordinario. Não andava de cidade em cidade; vivia no deserto. A sua missão «não ficou para nós enigmatica;» temo la nos documentos irrefragaveis do Velho e do Novo Testamentos e em suas proprias palavras.

Vaticinando os dias do Messias, Isaias e Malaquias fallaram distinctamente d'elle. Devia, como arauta, preceder o Salvador para preparar-lhe o caminho, reunir os corações dos pais aos filhos e reduzir os incredulos á prudencia dos justos. ⁽¹⁾

Esse personagem era João Baptista que, por seu espirito e por sua virtude, assemelhava-se a Elias, era verdadeiramente o Elias que devia vir.

⁽¹⁾ Is. 40:3; Mal. 4:5.

Nasceu João em Jutta. Sua mãe havia sido esteril. Si nos lembrarmos que a esterilidade era então olhada como uma prova de desfavor de Deus, poderemos fazer ideia das orações fervorosas que, como outr'ora de Anna, subiram do coração de Isabel ao throno da graça. Zacharias, sem duvida, acompanhara sua esposa em suas orações.

Os annos succedem-se uns aos outros e ambos haviam chegado a uma idade avançada sem terem filhos.

Pertencia Zacharias ao curso de Abias a oitava classe sacerdotal, das vinte e quatro instituidas por David, ⁽¹⁾ as quaes tinham por dever queimar o incenso na hora do sacrificio da tarde e da manhã. ⁽²⁾

O Messias havia-se tornado a expectação das gentes e principalmente de Israel. Na oração de todo o verdadeiro israelita subia uma supplica, pedindo ao Ceu que chovesse o Justo. Lembrava Zacharias em sua oração a promessa que Deus fizera a Abrahão, Isaac e Jacob e o povo da parte de fóra orava tambem, quando appareceu-lhe, no lado direito do altar de ouro no tempo em que offerencia o incenso, um anjo do Senhor. Zacharias turbou-se. — «Não temas, Zacharias, porque foi ouvida a tua oração; e Isabel, tua mulher, te parirá um filho, e por-lhe-ás o nome de João, e te encherás de gosto, e de alegria, e muitos se alegrarão no seu nascimento. Porque elle será grande diante do Senhor; e não beberá vinho, nem outra alguma bebida que possa embriagar, e já desde o ventre de sua mãe

(1) Paral. 24: 10.

(2) Exodo, 30:7,8.

será cheio do Espirito Santo: e converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor seu Deus; e o mesmo irá adiante d'elle no espirito e virtude de Elias, para reunir os corações dos pais aos filhos, e reduzir os incredulos á prudencia dos justos, para preparar ao Senhor um povo perfeito.»

Considerando a sua idade avançada e a de sua esposa, em um espirito de incredulidade, Zacharias pergunta: «Por onde conhecerei eu a verdade d'essas cousas.» — «Eu sou Gabriel que assisto diante de Deus, responde-lhe o mensageiro, e que fui enviado para te fallar e dar-te esta boa nova, e já que não deste credito ás minhas palavras,» tu mesmo serás o signal que pedes: «Desde agora ficarás mudo e não poderás fallar até o dia em que se cumpra o que te annuncio.» ⁽¹⁾

A demora desacostumada de Zacharias no lugar santo chamara a attenção do povo que, ao vê lo mudo, julgara que houvesse tido alguma visão; o que elle por acenos confirmara.

Isabel, porém, no retiro de sua meditação bemdizia ao Senhor por haver posto fim ao seu opprobrio. Houve grande regozijo por occasião do nascimento do menino que a mãe chamava de João e que os parentes, por sympathia para com o pai, queriam que se chamasse Zacharias. Tiveram de referir o caso ao pai que, com a admiração de todos, escreveu em uma taboinha: «João é o seu nome.»

O prazo do castigo havia terminado: a falla voltara a Zacharias. Repleto do Espirito Santo, a primeira cou-

(1) Luc. 1:5—20.

sa que fez, foi entoar ao Senhor um canto repassado de expressões de louvor e de notas propheticas. — «Bem-dito seja o Senhor Deus de Israel, porque visitou, e fez a redempção do seu Povo; e porque nos suscitou um Salvador poderoso, na casa do seu servo David, segundo o que elle tinha promettido por boca dos seus santos prophetas, que viveram nos seculos passados: que nos havia de livrar de nossos inimigos, e das mãos de todos os que nos tivessem odio; para exercitar a sua misericordia a favor de nossos pais; e lembrar-se do seu santo pacto, segundo o juramento, quo elle fez a nosso pai Abrahão, de que elle nos faria esta graça; para que livres das mãos de nossos inimigos, o sirvamos sem temor, em santidade, e justiça diante d'elle, por todos os dias da nossa vida.»

«E tu, ó Menino, tu serás chamado o propheta do Altissimo; porque irás ante a face do Senhor a preparar os seus caminhos, para se dar ao seu povo o conhecimento da salvação: a fim de que elle receba o perdão de seus peccados: pelas entranhas de misericordia do nosso Deus, com que lá do alto nos visitou este Sol no oriente, para allumiar os que vivem de assento nas trevas, e na sombra da morte; para dirigir os nossos pés no caminho da paz.» ⁽¹⁾

Actuado pelo Espirito de que era cheio desde o ventre de sua mãe, retirou-se bem cedo João Baptista para as regiões desertas na visinhança do Jordão, ao norte do Mar-Morto. Seu viver era austero. Sendo nazir ⁽²⁾

(1) S. Lucas, 1:68—79.

(2) Sob a antiga lei hebraica, um homem ou uma mulher, sujeito por voto a abster-se de vinho e de toda a bebida embria-

desde a infancia, não bebia vinho nem outra alguma bebida que embriagava. Sua comida era gafanhotos e mel silvestre. ⁽¹⁾

No tempo de João Baptista contava-se, na Palestina, tres seitas : a dos phariseus; a dos sadduceus e a dos essenos. A primeira ajuntava á Palavra escripta a tradição; os sadduceus que parecem admittir sómente o Pentateuco. adheriam, como os essenos, á lei escripta. Os phariseus criam na immortalidade da alma que os seus rivaes sadduceus não admittiam; os essenos sustentavam que depois da morte havia recompensas e punições. Alguns dos homens mais grados da nação, com Herodes, pertenciam á seita dos sadduceus; os phariseus tinham do seu lado o povo. Os herodianos

gante e do fructo da vinha de qualquer fórma, a deixar crescer os cabellos e a não entrar na casa em que houvesse defuncto nem a achar-se presente nos funeraes, chamava-se nazir ou nazires. Este voto durava oito dias; ás vezes, um mez e algumas vezes toda a vida. Quando o tempo do voto expirava, a pessoa apresentava-se no templo com sacrificios e o sacerdote cortava-lhe os cabellos os quaes queimava. Num. 6. Am. 2: 11, 12.

⁽¹⁾ As Escripturas mencionam várias especies de gafanhotos que eram comidos como alimento Lev. 11 : 22. Na Africa e na Abyssinia se usam nos casos de dieta. Herodoto narra que os libanos se serviam d'elles como sustento. Melp. cap. 172. Veja-se tambem Plinio H. N. VI. 35. O sr. Pierotti em seus *Costumes e Tradições da Palestina*, diz que os gafanhotos são um sustento excellente e que elle os comia uzualmente, não por necessidade mas por gosto. Na Syria, diz o sr. Thomsom, os mais pobres os comem. Cosinham-nos vivos em sal e agua e depois de secos fregem-nos em manteiga ou reduzem-nos a pó fino que comem com leite e manteiga. O pó d'elles com o mel era sem duvida a comida de João Baptista.

de que nos fallam os evangelhos e que os phariseus odiavam, constituíam um partido politico para defender as regalias da dynastia de Herodes. Teremos occasião de ver os sadduceus unirem-se com os phariseus e estes com os herodianos para hostilizarem a Jesus Christo. Da figura que os phariseus representam na vida de Jesus, o leitor poderá fazer uma idéa do credo e do character desses homens. Os sadduceus, especie de materialistas, negando a immortalidade da alma, escancaravam a porta á iniquidade e ás paixões. Em quanto aos essenos, melhores em character do que os outros e que levavam uma vida monastica, resumiam a piedade «em uma sancta indolencia e no desprezo da sociedade.» Em tempo fallaremos dos samaritanos, um povo que originou-se de uma mistura de judeus com pagãos.

Eram dias bem calamitosos. Na alta camada campeava a impiedade, ao passo que o fermento dos phariseus infestava a massa do povo. O céu não era um dom da graça do Senhor, era uma casa, um campo que comprava-se por meia duzia de esmolos, por jejuns, por longas orações e por purificações. Proscripta a fé pela qual o justo vive, a forma havia absorvido o espirito. Para uns, Deus era um ente iracundo e não inspirava amor; outros porém o consideravam bom demais para que pudesse distinguir entre o justo e o injusto! O sentimento religioso, desgarrado e pervertido pela tradição, cevava-se de ceremonias e praticas extravagantes e estupidas.

Jerusalem, tu te assemelhavas então a uma terra immunda que não fôra regada das chuvas no dia do furor. Os teus sacerdotes desprezaram a Lei do Senhor e mancharam o Sanctuario. Em sua sordida ga-

nancia, devoravam as almas como leão que ruge e que arrebatava a sua preza. ⁽¹⁾

Os devotos infatuados pela exterioridade dos escribas e dos phariseus, que ás vezes era austera, os olhavam como entes sobrehumanos. Certos aphorismos, que então estavam em voga, muito contribuíam para esses sentimentos. «Meu filho, resa o Talmud, escuta antes as palavras dos escribas do que as da Lei». «Aquelle, diz o Mishna, que contraria as vozes dos rabbinos, pecca mais do que se contrariasse as proprias Escripturas»!

Hypocritas! quaes sepulchros branqueados, na apostrophe de Jesus, elles, por fóra, mostravam-se na verdade justos aos homens; mas, por dentro, estavam repletos de hypocrisia e de iniquidade!

O povo conhecia a vida corrupta dos seus pontifices e dos seus sacerdotes; mas como reagir si haviam abdicado a razão e a consciencia nas mãos d'elles? E, de mais, empestados pelos exemplos dos seus guias, que lhes importava os seus desmandos desde que, no desempenho de suas funcções ecclesiasticas, apparentassem crer?

João Baptista era o homem talhado para a sua epocha. N'esse mesmo lugar por onde os madianitas fugiram da espada de Gedeão, a voz do que clama no deserto se fez ouvir. Si nasceu seis mezes antes de Christo, contava então vinte e nove annos e meio. Interrompendo esse silencio de quatro seculos, lembrava ao povo os dias gloriosos de Israel, n'esse lugar

(1) Ezequiel, 22:24—26.

onde appareceu, pela derradeira vez, a figura impo-
nente de Elias, no momento em que estava para subir
ao Ceu no carro de fogo. Aquelles mesmos que não se
deixaram baptizar por elle, quizeram, por algum tem-
po, alegrar-se com a sua luz.

À sua figura expressiva, ao seu ar nobre e ao poder
de sua palavra, reunia uma vida santa que dava a seu
ensino uma auctoridade e uma força, que se impunham.
Do deserto, em que vivia, tirava as figuras de rheto-
rica com que adornava a sua predica. Prêgador consci-
cio da sua alta missão, dizia as cousas sem rodeios.
«Raça de viboras,» disse elle aos phariseus e aos sad-
duceus que, sem terem mudado de vida, foram ter
com elle para, por sua vez, serem tambem baptizados,
«quem vos ensinou a fugir da ira vindoura.» Que! por
terdes nascido no seio da geração de Abrahão, julgais
que a Gloria vos pertence? Vedes estas pedras? Pois
bem; Deus pôde fazer com que d'ellas nasçam filhos a
Abrahão. Si quereis tornar-vos dignos do nome de fi-
lhos de Abrahão, fazei as obras de Abrahão. E anima-
do pela fê, firmado sobre a Palavra de Deus, n'esse
zelo, que come tanto mais quanto maior é o desprezo
pela gloria de Deus, vestido de pelles de camello e com
uma cinta de couro em torno de seus rins, exclamava
do deserto, imagem d'esse deserto moral do seu tem-
po: Arrependei-vos! arrependei-vos. Olhae que já o
machado está posto á raiz das arvores. Toda a arvore
que não dá bom fructo, será cortada e lançada no
fogo. Eu, na verdade, vos baptizo em agua para vos
trazer ao arrependimento; porém eis ahi vem aquelle
de quem sou o arauto. Elle é mais poderoso do que eu
e é no espirito e em fogo que baptiza. Armado de sua
pá, elle alimpará muito bem a sua eira: o trigo reco-

lherá no celleiro; as palhas queimará em um fogo inextinguível.

O povo voltava-se para elle com amor e respeito. De seu clamor sabiam scintillas que, abrazando a multidão, ateavam nos corações de muitos o desejo de amarem e de servirem a Deus. Dominados pela palavra do propheta do Altissimo, muitos se confessavam publicamente peccadores e perguntavam lhe o que deviam fazer. A uns elle ensinava a caridade e a outros a equidade. «O que tem duas tunicas, dizia ás gentes, dê uma ao que a não tem, e o que tem que comer, faça o mesmo.» E nós, Mestre? perguntavam os publicanos: — «Não cobreis mais do que o que vos foi ordenado.» E aos soldados respondia: «Não trateis mal nem opprimaes com calumnias pessoa alguma e dai-vos por contentes com o vosso soldo. (1)

«Um dia, um personagem, vindo dos lados de Nazareth, o surprehendeu. O Baptista, em seu presentimento, o reconheceu. Era Jesus. Si um de nós, observou-lhe João, cheio de humildade como de admiração, tem de ser baptizado, eu sou o que deve sel-o. Jesus Christo que foi feito sujeito á Lei para reunir aquelles que estavam debaixo d'ella, respondeu-lhe: Deixa por ora: porque assim nos convem cumprir toda a justiça.» N'esse mesmo lugar, por onde, talvez, os filhos de Israel, sob a conducta de Josué, passaram a pé enxuto o Jordão, Jesus e João entraram no rio. O Ceu fechado pelo peccado do Eden, abriu-se no momento em que o segundo Adão, de dentro da agua, depositava no regaço do pai, a oração de um offercimento. E emquan-

(1) Math. 3:4 — 12; Marc. 1:1 — 8; Luc. 3:1 — 18.

to o Senhor Deus testemunhava, dizendo: Este é o meu Filho amado em quem tenho posto toda a minha complacencia,» o Espirito Sancto em forma de pomba, repousando sobre o Christo, o consagrara com a sua uncção, para prégear o Evangelho aos pobres e annunciar aos captivos redempção. (1)

Os negocios politicos assim como os religiosos eram affectos ao synhedrim, tribunal augusto da nação. Imitação do conselho dos setenta formado por Moysés, parece que essa assembléa fora instituida depois do segundo templo, no periodo em que cessou o dom de prophacia. Compunha-se de setenta senadores, exceptuando se o summo pontifice que era o presidente nato. Seus membros geralmente pertenciam á classe sacerdotal ou levitica. Para ser-se senador devia saber-se professionalmente a lei escripta e a tradição; possuir-se conhecimentos da magia, advinhação, boenedicha, physica, astrologia e linguas. As pessoas de um nascimento impuro não podiam fazer parte do concilio; nem tão pouco os eunucos, os decrepitos, os pobres e os que tivessem defeitos physicos. O recinto de suas sessões, que ficava dentro do templo era de forma rotunda; metade do qual estendia-se pela corte exterior do templo e a outra metade estava na corte interior. N'esta ultima parte os juizes assentavam-se. Sobre um throno que elevava-se na cabeceira da sala, via-se o *nasi*, presidente, tendo do seu lado direito o *ab-beth-dim*, vice-presidente e á esquerda, o *hakam*, homem sabio. Os outros membros que se denominavam *tzehanim*, senadores, assentavam-se dos lados em seus lugares respe-

(1) Math. 3:13 — 17; Marc. 1:9 — 11; Luc. 3:21 — 23.

ctivos. Foi este concilio que condemnou Jesus. Para haver *quorum* era necessario que vinte e tres senadores estivessem presentes.

O synhedrim, admirado do papel de João Baptista, que uns tinham por Elias, que outros julgavam que fosse Jeremias que resuscitara, para conduzir Israel ao encontro do Filho de David, e que havia até quem cresse que fosse o mesmo Messias, enviou uma comissão composta de sacerdotes e levitas para inquirir das pretensões do novo ensinador que tinha excitado a expectação publica. No apogeo de sua gloria, bastava uma palavra do filho de Zacharias para a multidão proclama-lo o Christo. Era pois um momento tentador para João, que serviu se d'elle para mais uma vez mostrar-se digno de sua missão gloriosa.

— Quem és tu: perguntaram-lhe os enviados.

— Eu não sou o Christo.

— Pois quem és logo? E's tu Elias?

— Não o sou.

— És tu propheta?

— Nao.

— Quem és tu logo para que possamos dar resposta aos que nos enviaram? Que dizes de ti mesmo?

— Eu sou a voz do que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor, como disse o propheta Isaias.

Os judeus, que esperavam um baptismo que Elias em pessoa devia administrar nas vespas do dia do Messias, estranhando o facto d'elle baptizar proselytos e judeus, lhe perguntam:

— Si tu não és o Christo, nem Elias, nem o Propheta; porque baptizas logo?

Sim, eu que não sou Elias no sentido em que to-

mais as palavras de Malaquias, nem o propheta Jeremias ou esse Propheta de quem fallou Moysés e muito menos o Christo, «baptizo em agua; mas no meio de vós se acha quem vós não conheceis. Esse é o que ha de vir depois de mim, que foi preferido a mim; de quem eu não sou digno de desatar a correia de suas sandalhas.» (1)

Scismava João no dia seguinte no facto da vespera e quiça absorvia-se, perguntando a si mesmo onde estaria o Senhor, quando Jesus passara por elle. Ao vê-lo, interrompe as suas meditações e exclama: «Eis aqui o cordeiro de Deus, eis aqui o que tira o peccado do mundo. Este é o mesmo de quem eu disse: Depois de mim vem um homem que me foi preferido; porque era antes de mim. E eu não no conhecia, mas por isso vim baptizar em agua para ser conhecido em Israel. Vi o Espirito que descia do Ceu em fôrma de pomba e repousou sobre elle. E eu não no conhecia; mas o que mandou-me baptizar em agua, me disse: Aquelle sobre quem tu vires descer o Espirito e repousar sobre elle, esse é o que baptiza no Espirito Santo. E eu vi e dei testemunho de que elle é o Filho de Deus.» (2)

O testemunho de João Baptista, concernente a Jesus Christo, é completo e de um valor historico incontestavel. Estudemol-o tambem de perto e compenetrar-nos-emos que o filho de Isabel vivia por Jesus e para Jesus. «Convem,» disse elle depois a seus discipulos na occasião em que participaram-lhe que a multidão pre-

(1) S. João, 1: 19 — 27.

(2) S. João, 1: 29 — 34.

feria ao d'elle o baptismo de Christo, «convem que elle cresça e que eu diminua.» E esse homem que parecia ter repudiado com as alegrias, ao saber do progresso da obra do Filho de Deus, regozijava-se com o gozo que o amigo sente quando ao lado do esposo ouve a este.

Bem cedo a perseguição visitou o Baptista. Si os phariseus e os escribas deixavam em paz essa voz que os confundia, denunciando a sua hypocrisia e perfidia, o mesmo não fez Antipas, instigado por Herodias. Esta mulher ambiciosa e corrupta desprezara seu marido para unir-se a Antipas que, por sua vez, repudiara a sua mulher, filha de Aretas, rei da Arabia. Do deserto João pronunciara-se contra essa união incestuosa ou, talvez, qual Elias, se apresentasse no palacio de Herodes para dizer-lhe: «*Não te é licito ter a mulher de teu irmão.*» Foi quanto bastou para ser encerrado na fortaleza de Machero. Herodias não ficou satisfeita em vê-lo em ferros; queria a sua morte e Herodes tel-a-hia satisfeito si não temesse o povo que reputava João como um propheta. Em cadêas continuava João a trabalhar para o reino de Deus. O proprio Antipas que o temia por sua vida justa e santa de boa vontade o escutava e aproveitava-se de seus conselhos.

Nem todos que rodeavam o filho de Zacharias criam em Jesus. As insinuações de certos zeladores que já haviam levado os discipulos do Baptista a questionar sobre a purificação, os perturbavam em sua fé no testemunho de João, a respeito de Jesus. Si Jesus era o Messias, como deixava elle o seu propheta em ferros, no carcere? Até do modo de vida dos discipulos de Jesus quizeram tirar partido. Acrescia a essas insinuações dos phariseus, a humildade de Christo, que elles

não podiam facilmente conciliar com a idéa do Messias, que então estava em voga.

As obras de Jesus chegaram á noticia de João. O Baptista aproveitou o momento para decidir com os receios d'esses seus discipulos. Ide depor a seus pés a vossa incredulidade, e, como pode ser que não queirais que ella appareça, ide em meu nome e perguntai-lhe se é elle ou não o Messias. E enviou a dois de seus discipulos, talvez os mais tardios em crer. Chegaram os enviados na hora em que Jesus curava a muitos de enfermidades, de chagas, de espiritos malignos e dava vista a muitos cegos. Voltai, disse-lhes Jesus em resposta, para referirdes a João o que tendes testemunhado com os vossos olhos; e accrescentou: « Bemaventurado aquelle que não for escandalizado em mim.»

João Baptista não sobreviveu muitos dias a este incidente de sua vida. A nova Jezabel que detestava o judaismo como a mulher de Acab as suas leis, jurava pelos seus deuses emmudecer para sempre essa voz que ousara perturbal-a em sua união com Antipas. Era uma occasião propicia que ella esperava, a qual, em breve, se lhe deparou nos annos de Herodes.

Nos limites dos dominios de Herodes e de Aretas, tinha aquelle um palacio. O castello de Machero onde se achava encerrado o Baptista, ficava-lhe pegado. (1) Por occasião do seu anniversario natalicio, deu Antipas uma festa, durante a qual dançou Salomé, a filha de Herodias do seu primeiro cazamento. Encantado, Herodes, em seu arrebatamento, prometeu á moça com

(1) Josepho. Ant. liv. 19 c. 5.

juramento, dar-lhe tudo o que ella pedisse, até metade do seu reino.

Correu Salomé para dentro e contou o juramento do rei á mãe que, sem hesitar, aconselhou a pedir em um prato a cabeça de João Baptista. O rei entristeceu-se pelo pedido, mas por causa do juramento e pelos que estavam á mesa, ordenou que degolassem a João.

Assim findou seus dias esse servo do Senhor ⁽¹⁾ Si não subiu ao Ceu no carro de fogo de Elias, ascendeu no carro triumphante do martyrio, mais precioso aos olhos do Senhor. E em quanto uma mulher desgraçada com a sua infeliz filha recreavam-se *momentaneamente*, contemplando a sua cabeça, e alguns de seus discipulos conduziam o corpo do mestre á sepultura, sua alma expandia-se gostosa na Côrte do Pae celeste, «onde Herodes não desejaria possuir a mulher de seu irmão, onde Herodias não respiraria morte contra o propheta do Altissimo e onde aquelles que, com amor e dedicação trabalham na obra da reformação, são gloriosamente recebidos e recompensados pelo Filho de Deus a quem confessaram n'este mundo.»

Deixou uma impressão tão profunda de sua innocencia que, segundo o historiador judaico, o povo attribuiu a um castigo, pela degolação de João Baptista, a derrota de Herodes na batalha contra Aretas. ⁽²⁾

João é o fibulas *Legis et Evangelii*, ou nas palavras

⁽¹⁾ João morreu no anno 32 da nossa era.

⁽²⁾ «Alguns dos judeus pensavam que a destruição do exercito de Herodes veiu de Deus: e isto mui justamente, como uma punição do que fez contra João, chamado o Baptista. Porque Herodes mandou matar o, sendo João um homem bom e que recommendava aos judeus a serem virtuosos; tanto a respeito da rectidão de uns

de Tertulliano, é um limite entre ambos, um ponto onde as cousas velhas terminam e uma nova ordem principia. Pregando ao povo : «Após de mim vem um que é mais poderoso do que eu,» elle era o ultimo propheta ; e annunciando : «Eis o cordeiro de Deus que tira os peccados do mundo,» elle abria a epocha do Evangelho. E' neste sentido que devemos tomar as palavras de Jesus : A Lei e os prophetas duraram até a vinda de João; desde este tempo é o Reino dos Ceus annunciado.

Seria desconhecer a natureza humana e não ter uma idéa do peccado se pensassemos que, para fugir do mundo, basta evitar o contacto da sociedade. «Vã esperança ! no fundo dos desertos e na mais muda solidão, achariamos sempre o mundo. Elle não está todo inteiro nos azafamas dos affazeres, nas agitações da sociedade ; está no fundo do nosso coração. Nossas paixões, eis o mundo que a solidão não extingue, ás quaes, muitas vezes, ella empresta novas forças. Todos os males e todos os trabalhos da vida não vem, para servir-mo nos da expressão de um grande philosopho, «de não saber-se ficar em sua caverna ;» vem de não podermos sair de nossa corrupção natural : esta corrupção nos acompanha até ao fundo das florestas e dos desertos, como nos segue pelas ruas e pelas praças das cidades ; ao passo que no seio dos affazeres os mais complicados e os mais espinhosos, o christão acha em seu coração uma solidão, um mundo tranquillo, um recesso mais

para com os outros como da piedade para com Deus, e para esse fim elle appareceu baptizando.» (Josepho. Antig. dos judeus, liv. 18. c. 5.º)

inaccessível do que o do seu gabinete, onde vive pela sua alma enquanto que seu corpo se entregue a mil trabalhos; onde recolhe-se em paz, enquanto que sua pessoa parece derramar-se e dissipar-se. (1)

João, vivendo no deserto, não procurava imitar ninguém, nem era actuado pelo espirito de monachismo, quer do seu tempo, quer dos tempos futuros; mas sujeitava-se a uma condição de sua missão extraordinária. Posto que cortado á vida no vigor de seus annos, com tudo sua vida foi uma vida de perfeita gloria a Deus. Os milagres, segundo alguém, são meros mythos de que todos os enviados se revestem e no entanto nenhum milagre attribue-se ao Baptista! Coube lhe a dita de indicar Jesus aos dois primeiros discipulos: André e João, que depois foram escolhidos apóstolos.

«Que saistes vós a ver no deserto? Uma cana agitada do vento? Mas que saistes a ver? Um homem vestido de roupas delicadas? Bem vedes que os que vestem roupas delicadas, são os que assistem nos palacios dos reis. Mas que saistes a ver? Um propheta? Certamente vos digo e ainda mais do que propheta. Porque este é aquelle de quem está escripto: Eis ahi envio o meu anjo ante a tua face, que apparelhará o teu caminho diante de ti. Na verdade vos digo que entre os nascidos de mulheres não se levantou outro maior que João Baptista; mas o que é menor no reino dos Ceus, é maior do que elle. E desde os dias de João Baptista até agora, o Reino dos Ceus, padece força e os que fazem violencia, são os que o arrebatam. Porque to-

(1) A. Vinet, *Le chretien dans la vie active*, p. 171.

dos os prophetas e a Lei até João prophetizaram. E si vós o quereis bem comprehender, elle mesmo é o Elias que ha-de vir.»

Em conhecimento do caminho da salvação e em ideas claras sobre a Santissima Trindade ninguem havia de entre os nascidos de mulher que fosse superior a João; mas o menor no Reino do Evangelho era maior do que elle no conhecimento da incarnação, da expiação, da doutrina do Espirito Santo e da mediação de Jesus.

Foi elle o unico a quem os labios do Verbo elogiaram. Até n'isto elle é o maior de entre os nascidos das mulheres.

CAPITULO IV

Principio dos trabalhos de Jesus

*Pingo rosas, aurum, gemmas,
viridaria silvas ; Arva, lacus, celeri sulera pingo munu. (1)*

MATH. CASIM. SARBIEVICUS, Epigram. 37.

TRAZENDO em suas azas douradas a graça e a verdade, o Sol da Rectidão eleva-se no horisonte da humanidade.

Para ensinar-nos que elle é poderoso para ajudar os que são tentados, Jesus, homem experimentado nos trabalhos, conduzido pelo Espirito, encaminhou-se para o deserto a fim de ser tentado pelo diabo, cujas obras veiu destruir.

Que contraste ! não é um jardim de delicias, como o do Edem, alcatifado de flores e onde murmura em seu

(1) Eu sou aquelle que, de um jacto, dá matiz ás flores, ao ouro brilho, esplendor ás pedras preciosas, aos bosques verdura, encanto ás mattas, belleza aos campos, aos lagos primor e ás estrelas ordem.

curso serpenteado o Fison e o Gehon que escolhe para encontrar o Golias; é um deserto arido, escabroso, verdadeira imagem da morte e por onde vagueam as feras. Acomettendo, o tentador, põe em execução esse plano, com que no Edem conseguiu seus fins. Semelhante a Moysés, como estava vaticinado, em todos os quarenta dias que Jesus esteve no deserto não comeu nada. Parece de S. Lucas que durante esse tempo, Satanaz não deixou de mais ou menos tenta-lo. A final o Salvador teve fome. Era essa uma excellente oportunidade para o diabo não a perder. Approveitando essa circumstancia que elle uma vez julgou ser por si assaz para um homem amaldiçoar Deus na cara, reúne todos os seus esforços para dar um assalto decisivo e em forma de um amigo ou transformado em um anjo de luz, Satanaz apresenta-se ao Salvador e lhe diz :

— Si és Filho de Deus, dize a esta pedra que se converta em pão.

— Está escripto: O homem não vive sómente de pão, mas de toda a palavra de Deus.

Levando-o a um alto monte e mostrando-lhe todos os reinos da terra em um momento lhe diz:

— Dar te-hei todo este poder e a gloria d'estes reinos; porque elles me foram dados e eu os dou a quem bem me parecer. Portanto, si tu na minha presença prostrado me adorares, todos elles serão teus.

— Escripto está, respondeu Jesus: Ao Senhor teu Deus adorarás e a elle só servirás.

Levou-o ainda a Jerusalem e pô-lo sobre o pinaculo do templo e disse lhe :

— Si és Filho de Deus, lança-te d'aqui abaixo; porque está escripto que Deus mandou aos seus anjos que tivessem cuidado de ti, que te guardassem e que te

sustivessem em seus braços, para não magoares talvez o teu pé em alguma pedra.

— Dito está : Não tentarás ao Senhor teu Deus. (4)

No decurso do seu ministerio, Jesus Christo appellou sempre para as Escripturas. Na occasião mesmo em que lhe offereciam oportunidade para exhibir as riquezas do thesouro inexhaurivel do seu saber, é as Escripturas que elle apresenta como a unica voz de autoridade em controversia. E no modo e na propriedade com que as cita que realce não receberam ellas ! Essas mesmas passagens por demais sabidas tornam-se novas na boca de Jesus, e ao lê-las sentimos um não sei o que que nos diz ser Jesus mesmo o auctor d'ellas. Com as Escripturas elle fecha a boca de seus adversarios e arrebatá as multidões. *Não tendes lido nas Escripturas ?* é a expressão decisiva e absoluta de Jesus. E no deserto não responde ao diabo por sentimentos ou por systemas pessoaes ; a Palavra escripta de Deus, interpretada pelo Espirito Santo, eis a arma toda poderosa com que confunde Satanaz o qual, com os seus dardos mais que inflammados em estilhaços, retira-se ao passo que os anjos rodeam a Jesus como seu Deus e Senhor e como o Redemptor triumphante da humanidade.

Enriquecido com mais um predicado que o torna capaz de sympathisar com os que passam por varias tentações, deixa o deserto e dirige-se para Bethania para o lugar em que o Baptista proseguia em sua missão. Era a primeira vez que, depois do baptismo, encontravam-se. Ao vê-lo João exclamara : «Eis aqui o cor-

(4) Math. 4:1-11 ; Marc. 4:12, 13 ; Luc. 4:1-33.

deiro de Deus, eis aqui o que tira o peccado do mundo... E eu não no conhecia, mas o que mandou-me baptizar em agua, disse-me: Aquelle sobre quem tu vires descer o Espirito Santo. E eu o vi e dei testemunho de que elle é o Filho de Deus.» (1)

Pelo testemunho do filho de Zacharias, André e João seguem a Jesus. André, o bom irmão, conduz immediatamente Simão ao Senhor que o recebe dando-lhe o sobrenome de Pedro.

As palavras do Salvador: Segue-me; Philippe, natural de Bethsaida reune-se ao pequenino rebanho. (2)

A religião de Jesus não cria sómente uma piedade individual, engendra tambem uma piedade social. Os braços da fé estreitam toda a familia de Adão. Ninguém, pertencendo ao Evangelho, pode obrar a sua salvação sem trabalhar a favor da de seu proximo. Um dos principios que Jesus bem cedo estabeleceu, foi o proselytismo. «Ninguém, dizia elle, acende uma vella para pô-la debaixo do alqueire; mas sim para collocal-a sobre a meza afin de allumiar a todos que estão na casa.» E accrescentava: «Vós sois a luz do mundo.»

Fallando perante o Evangelho em proselytismo não temos em vista esse zelo estreito, mesquinho, desleal e coercivo que nasce do espirito de seita e do orgulho espiritual; mas esse desejo ardente e prudente que tem por unico motivo a caridade, por unico fim a salvação e por unicos meios a doçura e persuasão. *Vem e vê;*

(1) João, 1:19-34.

(2) João, 1:37-43.

levou-o a Jesus; achamos aquelle de quem fallou Moysés na lei e de quem escreveram os prophetas; examinaí as Escripturas; julgai por vós mesmos: taes são as formas características em que elle é expressado no Evangelho.

No gozo da mulher que achou a drachma perdida, Philippe apenas encontrou-se com Nathanael, conhecido no collegio apostolico pelo nome de Bartholomeu, disse-lhe: «Saberás que achamos aquelle de quem fallou Moysés na Lei e de quem escreveram os prophetas, a saber: Jesus de Nazareth. Participava Nathanael dos prejuizos dos seus coetaneos e por isso ao testemunho de seu amigo oppoz:

— De Nazareth pode sair cousa que boa seja?»

— «Vem e vê:» respondeu-lhe Philippe.

— Eis aqui um verdadeiro israelita, disse Jesus ao ver Nathanael appropinquar-se d'elle, em quem não ha dolo.

Character sisudo, Nathanael era um homem religioso que desejava a verdade. «D'onde me conheces tu?» perguntou Nathanael.

Alludindo á oração que debaixo da figueira depositava no seio de Deus, Jesus respondeu-lhe: «Primeiro que Philippe te chamasse, te vi eu quando estavas debaixo da figueira.»

Depondo immediatamente toda a sua preocupação, no espirito das palavras do Psalmo segundo, Nathanael exclama: «Mestre, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel.

Confirmando a fé do seu discipulo, Jesus revela lhe o grande mysterio da incarnação, n'estas palavras em que pela primeira vez, como o typo e o chefe do homem regenerado, chama-se o Filho do homem: «Na

verdade, na verdade vos digo que vereis os ceus abertos e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do homem.» (4)

A religião de Jesus não é uma crença triste e desconfiada que condemna as legítimas aspirações da natureza humana ; ao contrario é uma religião feliz que expande o coração e recommenda os passatempos innocentes da vida. Estabelecendo em nossa vida uma perfeita e inalteravel unidade, fazendo dos dois principios de que o homem compõe-se um só ser, Jesus não destruiu uma actividade em proveito da outra ; mas deu a ambas um só fim e á vida inteira uma só significação. *Estai sempre alegres* : escreveu o apóstolo que melhor comprehendeu a catholicidade do Christianismo.

Perante o ensino de Jesus será sempre uma aberração repugnante a philosophia oriental dos dois principios, que, no terceiro seculo, infestou a igreja, á qual, por muito boa accomodação, legou o celibato, o monachismo e as mortificações temporaes.

Jesus é social e, em sua sociabilidade, amavel. Ao contemplal-o sobre a borda do poço de Jacob conversando familiarmente com a Samaritana, quem não se sentirá agradavelmente impressionado ? Martha, Maria e Lazaro são seus amigos e João é o seu discipulo amado. Parece que elle tinha prazer em chamar a seus amigos de amigos. *Como elle o amava !* dizia o povo na hora em que perante o sepulchro de Lazaro chorava. Aceitava convites para banquetes. Amava as crianci-

(4) João, 1:45-51.

nhas que tomava nos braços e abraçava. Associando-se aos entretenimentos innocentes de uma festa de familia, e dignando-se augmentar essas alegrias pelo exercicio do seu poder divino, Jesus declara não condemnar a fruição placida dos bens da vida e «que quanto elle tem horror ao peccado, tanto está longe d'essas austeridades forçadas, d'essas abstinencias de preceito que se tem muitas vezes representado como inherentes ao Evangelho.

Estamos em plena festa — nas bodas de Caná de Galilea. Demorava essa villa onze kilometros ao norte de Nazareth. O viajante, em seu lugar, verá hoje elevar-se uma villa nomeada Keferkenna que conta trezentos habitantes. Entre os convidados contava-se Maria, circumstancia que leva-nos a suppor ser esse casamento de algum membro ou parente da santa familia. Ou porque fossem pobres ou porque não contassem com Jesus e os seus discipulos, o vinho faltou. A Virgem que conservava todas as palavras em seu coração e confrontava umas com outras, como intervindo, disse: «Elles não teem vinho.» *Em tom de instrucção*, como diz o interprete Saci, *de que nas cousas da divindade não deve ter lugar algum a carne e o sangue*, Jesus respondeu-lhe: «Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora.» E, com effeito, logo que chegou a hora, elle não fez se rogar nem esperar.

Usavam os judeus antes e depois da comida de certas purificações que consistiam em lavar as mãos e os braços até os cotovelos. Para esse fim havia na sala da festa seis talhas de pedra que levava cada uma setenta e dois litros. Foram enchidas por ordem de Jesus que depois disse: «Tirai agora e levai ao arquitricli-

no.» E o que governava á meza, provando a agua, achou que era vinho excellente. ⁽¹⁾

«O milagre de Caná de Galilea, o primeiro que Jesus obrou, assignala a differença entre a economia do Evangelho e a da Lei. Moysés, o representante da Lei, marcou a entrada do seu ministerio mudando na terra da escravidão a agua em sangue: imagem do character d'essa Lei de morte, promulgada no meio de trovões, no Sinai e pela qual veiu o conhecimento do peccado; Jesus, o mensageiro da boa nova, encetou seu ministerio mudando no meio das alegrias das bodas a agua em vinho, esse sangue da uva, essa bebida vivificante e salutar que regosija o coração do homem: imagem do character placido e bemfasejo do Evangelho da graça.»

De Capharnaum para onde tinha ido depois do milagre de Caná, Jesus dirigiu-se para Jerusalem afim de celebrar a paschoa. E' a primeira em seu ministerio publico. Ao approximar-se do templo, uma scena profana desenrola se a seus olhos: a casa de seu Pai estava transformada em um covil de ladrões. Armado de um como azorrague que de cordas havia feito, lança a todos fóra do templo, tambem as ovelhas e os bois; arroja por terra o dinheiro dos cambiadores e derriba as mezas; aos que vendiam pombas diz: «Tirai d'aqui isto e não façais da casa de meu Pai, casa de negociação.» ⁽²⁾ Admirados e repletos de um santo terror em presença de uma auctoridade sobre-humana, pedem-lhe as credenciaes do seu mandato. «Des-

(1) S. João. 2:1 — 12.

(2) S. João, 2:14 — 16.

fazei este templo, responde-lhes Jesus; e eu o levantarei em tres dias.» Tomando ao pé da lettra as palavras, redarguiram-lhe: «Em se edificar este templo gastaram-se quarenta e seis annos e tu has de levanta-lo em tres dias.»

A resurreição trouxe á memoria dos discipulos as palavras do Mestre, os quaes receberam o seu sentido á luz do evento. ⁽¹⁾

A festa da paschoa tocava a seu fim. Um membro do synhedrim procurava a Jesus. Era um d'esses muitos que, por causa dos milagres que elle fizera, creram n'elle. Chamava-se Nicodemos. Algum dito ou alguma proposição que ouvira de Jesus, o incommodava: queria saber mais particularmente d'essa doutrina.

O incidente do templo havia indisposto Jesus para com os sacerdotes. Era perigoso pois ser-se visto com elle, e, portanto, o membro do synhedrim escolheu a noite para ter a entrevista. A conversação que teve lugar é importantissima pelos pontos da doutrina em que toca. N'esse dialogo o Senhor estabelece a unica condição para vêr-se o Reino de Deus. O homem, tal qual deve ser segundo Jesus, tal qual Deus o quer, é uma creatura nova: deixa de ser o descendente do primeiro Adão que foi creado em alma vivente para ser a posteridade do ultimo Adão que é um espirito vivificante. Separado do velho tronco por uma mão divina, elle é encher-tado em rebento novo. Pelo sangue e pelos laços da caridade continúa a pertencer á humanidade; mas por suas disposições, fructos d'essa infusão de vida espiri-tual na alma, elle separa-se e entra nas relações de uma

(1) S. João, 2:22.

humanidade nova. *«Na verdade, na verdade te digo, que não pode ver o reino de Deus senão aquelle que renascer.»* Essa doutrina vemo-la em notas propheticas no livro de Ezequiel; mas tão olvidada andava que o mestre em Israel a ignorava completamente. Afinal na consciencia da necessidade do novo nascimento, o senador pergunta: «Como se fará isso?» Servindo-se do vento e dos seus effeitos, Jesus illustra a obra do Espirito Santo nos corações, a qual, não obstante ser um mysterio, pode ser testemunhada por todos. «O vento assopra onde quer, e tu ouves a sua voz; mas não sabes d'onde elle vem nem para onde elle vai; assim é todo aquelle que é nascido do Espirito.» Nicodemos nada mais tem a dizer; Jesus fica com a palavra. A grandeza de seu pensamento revela-se á medida que as palavras succedem umas ás outras. Depois, abrindo os sete sellos do livro do amor do Pai, em um tom de santo entusiasmo, patentea ao mundo o plano eterno da salvação dos homens, n'estas palavras maravilhosas. *«Assim amou Deus ao mundo que lhe deu a seu Filho Unigenito para que todo o que crer n'elle não pereça, mas tenha a vida eterna.»* ⁽¹⁾

N'essa mesma cidade onde terminou a sua obra, pode-se dizer ter elle lançado os germens do Reino dos Ceus, os quaes depois tratou de arranjar e de desenvolver.

Com os seus discipulos Jesus estabeleceu-se nas margens do Jordão para onde fôra de Jerusalem. O zelo dos discipulos do Baptista que se achava em Enon, perto de Salim, os quaes estranharam a affluencia do

(1) S. João, 3:1—21.

povo que se dirigia ao Senhor para ser baptizado, forneceu a João uma optima oportunidade para dar um testemunho mais pleno e explicito de Jesus. Que zelo é esse? Não vos disse não ser eu o Messias? Porque vos admirais então de que o povo o prefira a mim que não sou digno de desatar-lhe as correas de suas alpercatas! Foi para ser conhecido que vim. Oxalá que não só esses que correm para elle; mas todo o povo de Israel cresse n'elle. Antes de apparecer entre os homens, já existia: elle veio do Ceu; mas eu sou da terra. Eu sou uma gotta e elle é a fonte de quem tenho recebido a minha gotta. Como Filho amado do Pai, possue todas as cousas; aquelle que receber o seu testemunho confirmará ser Deus verdadeiro. O Pai ama ao Filho e todas as cousas poz na sua mão. Oh! convem que elle cresça e eu diminua. Em vez, pois, de entristecer me por ver-me diminuindo ao passo que Jesus cresce, o meu gozo cumpre-se e, asseguro-vos, si vós mesmos não fordes tambem a elle, a ira de Deus permanecerá sobre vós. ⁽¹⁾

Foi o ultimo testemunho que deu a voz do deserto, prestes a ser lançado na masmorra de Machero.

Faltavam quatro mezes para a ceifa quando Jesus, deixando a Judea, á noticia da prisão do Baptista, atravessava, em caminho para a Galilea, a rica planicie de Ebal e Gerezim. Habitavam essas paragens os samaritanos que eram, para os judeus, o que um excommungado era na idade media. Provinha esse rancor de serem os samaritanos um povo mixto e por causa do seu templo rival no monte Gerezim. Tão profundo era esse

(1) S. João, 3:22-36.

odio velho que os judeus, indo da Judea para a Galilea, preferiam passar o Jordão e dar uma grande volta por Perêa do que atravessar por Samaria que era o caminho mais curto. D'esse modo, dois povos em sua origem irmãos, estavam tão separados que não podiam comer nem beber juntos. Jesus, sempre sublime, nunca partilhou d'esses prejuizos intolerantes; condemnou-os.

Tendo chegado ao lugar denominado Sichar, chamado hoje em dia Nabulus, vencido pelo cansaço, assentou-se á borda do poço de Jacob. Era, pouco mais ou menos, meio dia. Com o pote á cabeça, uma mulher da cidade approxima-se. Jesus estava só. O Senhor põe os olhos na Samaritana. Oh! ella não é uma creatura condemnada a conhecer, quando muito, o caminho de sua habitação ao poço de Jacob, a carregar em sua cabeça o pote e a fechar-se em casa; não! ella é um ser amado de Deus, que tem direito de saber das cousas do Reino dos Ceus e que, em materia de religião, deve exercer seu juizo privado. E que delicadeza e bondade de Jesus, quer em suas perguntas e respostas, quer discorrendo com ella. Não limita-se a revelar-se a essa mulher, transporta-a a uma esphera de pensamentos sublimes, em que a grandeza e a profundidade das ideas escapam no meio da simplicidade das expressões. Elevando-se acima do muro das ordenanças que dividiam a humanidade, derruindo as balizas acanhadas e supersticiosas do povo e dos doutores da lei, Jesus proclama o culto universal de Deus, sem nacionalidade e sem localidade e declara que onde se achar um coração animado de uma fê sincera, ahí existirá um templo digno da divindade. «Mulher, crê-me que é chegada a hora em que vós não adorareis o Pai nem

n'este monte nem em Jerusalem. *Deus é espirito e em espirito e verdade é que o devem adorar os que o adoram.*» (1)

«No dia em que Jesus pronunciou estas palavras... proferiu pela primeira vez as palavras que serviam de base ao edificio da religião eterna. Fundou o culto puro, sem data, sem patria; o culto que todas as almas elevadas praticarão até á consummação dos tempos. N'aquelle dia foi a sua religião, não só a boa religião da humanidade, mas a religião absoluta; e si os outros planetas tem habitantes dotados de razão e de moralidade, não pode a sua religião ser differente da que Jesus proclamou junto do poço de Jacob. Não pode o homem conter-se n'ella; porque não se attinge o ideal senão por um momento. As palavras de Jesus foram um relampago em noite escura. Foram precisos mil e oitocentos annos para que os olhos da humanidade (que digo! uma porção infinitamente pequena da humanidade) se habituasse a ella. Mas o relampago reproduzir-se-há um dia claro; e depois de haver percorrido todos os circulos de erros, voltará a humanidade aquellas palavras, como a expressão immortal da sua fé e das suas esperanças.»

Os trabalhos de Jesus entre os samaritanos foram coroados de bom exito: muitos o reconheceram como o Messias que estava para chegar, e os que no principio, haviam erido pelo testemunho da mulher, disseram a esta: «Não é já sobre o teu dito que nós cremos n'elle; mas é porque nós mesmos o ouvimos e porque sabemos ser este verdadeiramente o Salvador do mundo.»

(1) João, 4:4-42

Deixando-os, depois de dois dias memoráveis com elles, chegava a Nazareth.

Durante o cativeiro de Babylonia, os judeus, privados de seu culto no templo que havia sido destruído, reuniam-se em torno dos prophetas ou de alguns pios que lhes ensinavam a religião, lendo-lhes as Escripturas e exhortando-os á piedade. (1) Essas reuniões, no correr do tempo, localisaram-se e receberam uma ordem regular. Tal é a origem das synagogas. Edificada segundo o modelo do templo, a synagoga compunha-se de porticos e de uma côrte. A' entrada estavam os assentos, de um lado para as mulheres e de outro para os homens. N'uma das extremidades via-se o *tebhah*, ou a arca de madeira pintada, que continha a Sagrada Escriptura; o *bima* ou estrado para o prégador ou leitor, achava-se no outro lado.

Havia um corpo docente que consistia de um ministro, *resh hecneset*, que dirigia o serviço; (2) de presbyteros da synagoga, *uphenim*, que eram escolhidos de entre os mais sábios do povo; e dos que levantavam as collectas, *tsedpneh gebai* diaconos.

Logo depois da saudação do costume, o culto principiava com a doxologia a que seguia-se as duas lições; uma da Lei, chamada *parashah* e a outra dos prophetas, chamada *haphtarah*. Si não houvesse leitor de ante-mão destinado, o *resh hecneset*, convidava a alguma das pessoas presentes que podia, depois da leitura, expor seu modo de pensar sobre qualquer passagem da lição.

(1) Ez. 14:1, Neh 8 18

(2) Actos 13:15.

A leitura do *parashah* estava ultimando quando Jesus eleva-se no *bima*. O ministro entrega-lhe o rolo do propheta Isaias que continha a lição do dia. Desenrola-o, afinal, seus olhos param sobre esta passagem de Isaias, que, como em um quadro, resume em si a missão do Messias: «O Espirito do Senhor repousou sobre mim, pelo que elle me consagrou com a sua unção, enviou-me a prégar o Evangelho aos pobres, a sarar aos quebrantados do coração, a annunciar aos captivos redempção, e aos cegos vista, a pôr em liberdade aos quebrantados para seu resgate, a publicar o anno favoravel do Senhor.»

A leitura dos prophetas podia ser de tres versos a vinte e um: porém Jesus leu só um e *parte do segundo* parando no lugar: «E o dia da retribuição.» Enrolando o livro o entregou ao ministro. A sua presença captivara a attenção do auditorio. Todos fixaram n'elle os olhos. «Hoje, observou Jesus, apenas sentou-se, se cumpriu esta Escripura nos vossos ouvidos. «Admirados da graça de suas expressões, uns aos outros perguntavam: «Não é este o filho de José?» Pondo-os em presença do modo porque no futuro se haveriam com elle, Jesus respondeu lhes: «Sem duvida que vós me applicareis este proverbio: Medico, cura-te a ti mesmo: todas aquellas grandes cousas que ouvimos dizer que fizeste em Capharnaum, faze-as tambem aqui na tua patria.» E proseguiu: «Na verdade vos digo que nenhum propheta é bem acceito na sua patria.» Mostrando a soberania de Deus em dispensar as suas graças, acrescentou: «Na verdade vos digo que muitas viúvas havia em Israel nos dias de Elias, quando foi fechado o Ceu por tres annos e seis mezes, quando houve uma grande fome por toda a terra e a nenhuma d'ellas foi

mandado Elias, sinão a uma mulher viuva de Sarepta de Sidonia. E muitos leprosos havia em Israel em tempo do propheta Eliseu; mas nenhum d'elles foi limpo, sinão Naaman da Syria.»

O auditorio comprehendeu bem o alcance das palavras de Jesus. Alludindo ao procedimento de Elias para com a viuva de Sarepta de Sidonia, no mesmo tempo em que havia tantas viuvras em Israel, vaticinava a chamada dos gentios e a exclusão dos Judeus dos favores do pacto do Novo Testamento. O effeito de suas palavras foi o mesmo como si arrebetasse uma bomba no meio da assembléa. Trocando a approvação em desprezo, e a homenagem em odio, esse auditorio até ahí quieto, move-se, levanta se para precipital-o da rocha em que estava fundada a sua cidade. Elle acompanha o movimento deicida, porém de repente, olhando em torno de si, abre caminho com os seus passos por meio d'essa multidão fanatisada e silenciosa e magestosamente retira-se do meio d'elles que talvez só voltassem a si quando achava-se longe das mãos d'elles! (1)

Rejeitado d'este modo de Nazareth, fixara sua residencia em Capharnaum. Por attenção ao milagre do filho do regulo que fizera vindo da Judea para Galilea, encontrara ahí boa recepção.

No sabbado apresentou-se na synagoga. Achava-se, entre os devotos um endemoninhado, cujo espirito immundo, logo que o viu principiou a gritar: «Que tens tu comnosco, Jesus Nazareno? Vieste perder-nos? Bem

(1) Math. 4:13-16, Luc. 4:15-31.

sei quem és, que és o Santo de Deus.» Jesus ameaça-o e lhe diz: «Cala-te e sai d'esse homem.» E o povo attonito, pergunta um ao outro: «Que é isto? que nova doutrina é esta? Elle põe preceito com imperio aos espiritos immundos e obedecem-lhe!»

Saindo da synagoga, entrou em casa de Pedro cuja sogra, que estava de cama com febre, immediatamente curou. A noticia do milagre do endemoninhado toda a cidade reuniu-se á porta da casa em que achava se e lhe trouxeram todos os doentes e possessos. ⁽¹⁾

Dava-se Jesus á oração nas vespuras de um grande acontecimento ou no momento de emprehender alguma obra importante. É por isso que, na manhã do dia em que saiu para evangelizar as cidades da Galilea, o vemos entregue á oração. Solo rico e fertilissimo, a Galilea era a parte septentrional da Palestina. Por causa de sua população mixta, a Galilea inferior chama-se tambem de Galilea dos gentios. Rodeava-a grande numero de estrangeiros. Por esse paiz, verdadeira ambição da natureza, «em que seus campos são como tapetes de flores nos quaes se ostenta a mais incomparavel franqueza do colorido,» Jesus, caminhando como aurora quando levanta-se, ensinou uma boa parte do seu Evangelho que, sempre bello e novo, brilha no horizonte da humanidade como seu ideal consumado. Si não fosse em cumprimento do vaticinio do propheta Isaias, podia-se dizer ter Jesus escolhido de proposito essas regiões, verdadeiro paiz do Cantico dos Canticos, para annunciar a sua doutrina que tem o esmalte

(1) Math. 8.14-17; Marc. 1.29-34; Luc. 4.38-41.

dos prados, a candura do lyrio e a fagracia da rosa do Sharon.

Cada passo seu é assignalado com um novo prodigio. A sua fama espalha-se por toda a parte. Multidões affluem de todos os lados para colher o seu ensinõ que crescia como chuva, destillava-se como orvalho e como gottas de agua sobre a relva.

Um leproso chega-se a elle e, lançando-se com o rosto em terra, roga-lhe: «Senhor, si tu queres, bem me podes alimpar.» «Quero, sè limpo e immediatamente ficou limpo.» (1)

Regressara Jesus a Capharnaum de sua missão: Em uma casa expunha o seu evangelho. Entre os seus ouvintes, sobresaíam alguns phariseus e doutores da lei que já o espiavam. Pelo tecto da casa desceram um paralytico deitado em um leito, que não poderam, por causa da multidão introduzir pela porta. «Filho, disse-lhe Jesus, perdoados te são os teus peccados.» «Como falla assim este homem? Elle diz uma blasphemia! Quem pôde perdoar peccados sinão só Deus?» murmuram os doutores da lei para quem Jesus não passava de um mero homem. «Que consideraes lá em vossos corações? interrompeu-os Jesus, em sua murmuração. E em ar de arrazoamento, accrescentou: «Qual é mais facil dizer ao paralytico: Os teus peccados te são perdoados ou dizer: Levanta-te, toma o teu leito e anda? «Para convencer-vos pois ser eu Deus, provando-vos ter poder na terra para perdoar peccados, reparai: Paralytico, a ti te digo: «Levanta-te, toma o teu leito e vae para tua casa.» E a multidão ao tes-

(1) Math. 8.1-4; Marc. 1:40-45; Luc. 5:12-16.

temunhar esse homem carregando essa cama em que veiu carregado por quatro pessoas, em sua admiração, louvou a Deus, dizendo: «Nunca tal vimos. (1)

Achando nos em presença dos milagres, será bom dizermos alguma cousa sobre elles. Os milagres de Jesus são de tal ordem que, si não fossem verdadeiros, seria impossivel fossem cridos, quer por aquelles que os testemunharam, quer pelos que os ouviram. Seriamos bem desarrazoaveis si, por todas as religiões contarem os seus milagres, regeitassemos os do Evangelho. O criterio humano possui evidencias, e si temos, como possuímos, provas satisfatorias em prol dos milagres de Jesus, a falsidade dos outros não deve ser um argumento contra esses. O facto de haver dinheiro falso presuppõe o verdadeiro e a ninguem assiste o direito de nos fazer condemnar o verdadeiro, por nos provar o falso.

E' immensa a differença entre os milagres de Jesus e os outros milagres, mesmo em seu character essencial. Jesus nunca fez uma exhibição ostentosa do seu poder maravilhoso, nem jámais se serviu d'elle para adquirir riqueza ou influencia. As suas obras são todas dignas da magestade, da justiça e da benevolencia de quem se disse Filho de Deus. Posto que fosse perseguido pelos judeus, com tudo elle nunca recusou-se aliviar o que se chegou a elle. A bondade e a propriedade caracterisam os seus milagres.

Os milagres do budhismo e brahmanismo são pueris e absurdos. Os sequazes de Mahomet qualificam de patranhas os que se lhe attribuíram depois de sua

(1) Math. 9:2-8; Marc. 2:1-12; Luc. 5:17-26.

morte, contra a sua expressa declaração do korão. O mesmo pode se dizer das aventuras dos deuses do gentilismo, aventuras ignominiosas e absurdas, que os proprios philosophos pagãos as consideram como fabulas.

Porém, quer os milagres das outras religiões sejam futeis e absurdos, quer não, os do Evangelho repou-sam sobre evidencia historica genuina; o que não se pode avançar dos outros.

Jesus obrou sempre os seus milagres ás claras e em publico, em presença de numerosas testemunhas amigas e inimigas, entre sabios e ignorantes, em diferentes occasiões successivas e durante um lapso consideravel de tempo; e seus mais estupendos milagres, si não todos, achamos exarados em documentos e praticas publicas, que tiveram sua origem na mesma epocha dos factos.

E onde, entre todos os outros milagres fóra da Biblia, se ache um do qual se possa dizer outro tanto? A conversação de Mahomet com a lua e a sua viagem de Meca a Jerusalem em uma noite, não foram ante testemunhas e nem ha documentos e praticas publicas coetaneas que os rememorem. Depois de haver estabelecido as regras da boa critica historica, pelas quaes prova-se a realidade dos factos, escreve Alexandre Herculano: «Appliquemol-as pois, aos transmittidos nos livros biblicos; sujeitemos o Verbo de Deus aos methodos da razão humana. Sejamos severos com esses livros como si fossem obras das mãos imperfeitas dos homens. Nada mais póde exigir de nós a philosophia da incredulidade. Mas, que dirá ella si demonstrarmos que todas essas regras claras, indubitaveis, de consciencia, se reúnem para provar os factos que se contam de Moysés e de Jesus Christo? Que esta reunião se não

dá a favor dos que se attribuem aos instituidores de todas as outras religiões e que é impossivel que tal consenso de critica podesse nunca servir para fazer acreditar um embuste, fosse elle qual fosse? Curvar-se-hão por ventura os que não crem no jugo da cruz? Confessarão que erraram. Não! Insultar-nos-hão ou antes, honrar-nos-hão com o sorrizo do desprezo; porque temos a franqueza de raciocinar, não sobre os fundamentos de uma incerta e vã metaphysica, mas sobre os principios obvios e immutaveis do senso commum.»

Portanto, podemos dizer que, em geral, a evidencia para um milagre como um facto, é exactamente a mesma como para qualquer facto historico. Sob este principio, o christão, sem ter receio de ser contestado, pôde avançar estarem os milagres de Jesus mais comprovados do que qualquer melhor dos factos da historia.

Les faits de Socrate, dont personne ne doute, sont moins attestés que ceux de Jesus Christ; os factos de Socrates dos quaes ninguem duvida estão menos attestados que os de Jesus Christo.

Podia aqui entrar a questão do sobrenatural, mas em outro lugar trataremos d'ella. Antecipando, porém, o nosso pensamento, diremos como o autor do Emilio; «Esta questão de saber-se si Deus pode fazer milagres, seriamente tratada seria impia, si não fosse absurda: seria grande honra punir-se aquelle que a resolvesse negativamente, bastava encerral-o. Mas tambem, que homem jamais tem negado pder Deus fazer milagres.»

A sciencia muitas vezes é caprichosa; mas somos-lhe muito devedores: ella tem revelado a fraude de muitos factos e mostrado serem intelligiveis e naturaes

outros que hontem eram reputados milagres. Os dois casos de cura attribuidos a Vespasiano não passam, hoje em dia, de falsidades palpaveis e grosseiras: dos milagres contados de Appollonio de Tyana, que por ahi andam em completo desprezo, não precisamos dizer nada. Graças tambem á critica historica, as crianças podem rir-se, lendo a narração dos milagres obrados sobre a sepultura do Diacono de Paris.

Os milagres porém de Jesus são tão milagres hoje como então, e a sciencia, que tem surprehendido muitos factos que se deram depois do Evangelho e explicado outros, ainda não pôde dar uma razão scientificamente dos de Jesus, como explicou scientificamente a liquificação do sangue de S. Januario.

Os judeus nunca negaram os milagres de Jesus. Em seu empenho de contestal-os, uns attribuiram ao poder maligno e outros disseram terem sido obrados por virtude de *Shen Hamphorash*, um nome supposto de Deus que, dizem elles, furtara Jesus do templo.

Flavio Josepho, contemporaneo dos apostolos, em sua historia declara: Por este tempo viveu Jesus, homem sabio, si se pode chama-lo de um homem; porque elle fez obras maravilhosas.»

Juliano, o apostata, que jurava nas aras de Jupiter Stator o exterminio do christianismo, confessa ter Jesus curado paralyticos, dado vista aos cegos e expulsado os demonios.

A evidencia externa em prol da resurreição de Lazaro é tão forte que o deista Woolston, para não abjurar a sua incredulidade, viu-se forçado a desvirtuar o facto, qualificando-o de uma fraude! Ernesto Renan, em sua vida de Jesus, explica d'este modo o milagre dos pães: «Graças á extrema frugalidade, o bando pio alli

pôde viver por tres dias, incidente que foi naturalmente tomado por milagre.» Isto não se commenta e muito menos merece a nossa attenção o auctor que, em seu desembaraço inqualificavel, disse ter Jesus obrado os seus milagres por influencia magnetica.

Cousa admiravel! a critica negativa hodierna que jacta se dos seus progressos, no terreno evangelico não passa de racionalismo vulgar: em seus ataques contra o christianismo repete os argumentos de Celso, Luciano e Porphyrio. Qual moribundo, porém, que em seu leito procura algum allivio na mudança de posição, ella tenta obter algum alento, mudando de expressões sem mudar de sentido e voltando á carga, eil-a reiterando o mesmo argumento debaixo de uma forma mais arredondada. «Si os milagres não são impossiveis, elles são incriveis; porque qualquer testemunho humano e especial a favor do milagre, não pode dar uma certeza igual ao que resulta, contra todo o milagre, da experiencia que tem os homens da fixidade das leis da natureza.»

Si tem havido milagres, como de facto tem, elles não são contrarios á experiencia universal; porque o tem sido testemunhado em qualquer tempo, por algumas pessoas, faz parte da experiencia universal. Si porém, por experiencia devemos entender a experiencia individual, então, desde que não tenhamos testemunhado um facto, seja elle que facto for, segue se que nenhum testemunho o pode estabelecer; e, n'este caso, o que nos fica para crermos, nós, que devemos a maior parte do que conhecemos ao resultado do testemunho? Por tanto, pelos milagres não acontecerem em nossa experiencia, não podemos desapproval-os e muito menos dizer, nós, que conhecemos uma pequena parte da somma total da experiencia humana, que sejam con-

trarios a toda a experiencia. Quem não sabe que cremos firmemente em um grande numero de eventos que não tem analogia com o que temos testemunhado ou jamais testemunharemos? Por outro lado, para averiguarmos si elles tem-se dado ou não na experiencia total da raça humana, só pode resolver-se por meio do testemunho; e, n'este caso, em nome de que principio philosophico se rejeita o dos apostolos e de milhares de christãos que deram a sua vida pela sua palavra?

Não nos achamos, cremos, em face de uma questão de numero, mas sim em presença de factos cuja verdade não depende do numero. Todo o mundo conhece a historia do rei de Sião e do viajante hollandez. O rei que escutara com especial agrado ao hollandez em quanto narrava lhe as maravilhas da Europa, ao ouvil o dizer que, em uma epocha do anno, a agua ficava tão consistente que os homens e os animaes andavam por cima d'ella como por terra firme, não pode conter-se e cheio de indignação exclamou: «Eu não gosto de impostores! Retire se, pois, senhor!»

O procedimento do rei de Sião, que provoca o nosso riso, nada mais é do que a applicação logica do principio da critica negativa.

«A experiencia e a razão mostram pois que quando queremos julgar dos factos unicamente por sua probabilidade racional, isto é, por suas relações com nossa noção das causas, expomo-nos, muitas vezes a arguir de falsas as realidades as mais positivas. Por consequente, em these, os factos de qualquer ordem que sejam, não se julgam *á priori*; elles se verificam, não pelo arrazoamento, mas pela observação ou pelo testemunho que é a observação transmittida; o juizo *á priori*, o argumento interno, quer lhe seja favoravel quer

não, precisa sempre de ser justificado e confirmado, permanecendo hypothetico, por mais plausivel que seja, em quanto não o for. Factos innumeraveis tem levado as sciencias phisicas a assentarem isto como uma de suas maximas fundamentaes.»

A objecção que estamos notando, tem em Hume o seu defensor mais pertinaz, que chegou a escrever: «Podemos estabelecer como uma maxima que nenhum testemunho humano pode ter tal força quanto a provar um milagre e a tornar o um fundamento justo para qualquer systema de religião.» Ernesto Renan, inspirando-se nas palavras do philosopho inglez, repete o mesmo argumento, revestindo o á moda franceza. Hume porém, melhor informado, estremeceu ante as conclusões do seu avançamento e em uma nota com que carregou esse dito, declarou, em ar de retractação, que todos os milagres não são impossiveis e que alguns podem ter a seu favor provas taes que até os philosophos devem recebê-los.

E' digna de ser lida a resposta ironica de Guizot, na qual assentia de um modo muito vantajoso, os excessos repugnantes d'essa philosophia de um falso nome, em seus ataques contra o Evangelho.

Olvidam-se além d'isso os impugnadores dos milagres que diariamente somos testemunhas de consequencias de milagres os mais estupendos que podemos conceber. Uma interposição especial de Deus deve ter-se dado na creação do mundo, e tambem em cada uma das estrellas e dos planetas. E então esses que fallam de fixidade das leis da natureza, quem jámais provou que ellas não podiam ter sido outras e que não ha lugar para outras leis e outros effeitos realisados por essas leis? A sciencia tem demonstrado ter sido diffe-

rente do de hoje o estado da natureza. O apparecimento successivo de tribus de animaes, não segundo uma ordem de desenvolvimento espontaneo, mas de um modo admiravelmente adaptado, em cada epocha successiva, ás condições phisicas do nosso globo, exhibe de uma maneira peremptoria, não serem as leis naturaes eternas nem immutaveis e conseguintemente que Deus tem de tempos em tempos intervindo especialmente, ou em outros termos, obrado milagres.

Com taes factos ante os olhos, devemos, com candura admittir que si os milagres não acontecem em nossa experiencia, temos todavia experiencia de evidencia para elles.

Foi pois com justa indignação que Alexandre Herclano exclamou : «Faz lastima ver os incredulos rejeitarem os milagres do christianismo, provados pela historia, e quererem ao mesmo tempo que acreditemos outros pelo seu simples dito, sem sancção nenhuma historica, absurdos e insustentaveis. Será isto miseria intellectual ou má fé? Por ventura é uma e outra cousa.»

Redemptor da humanidade, Jesus é Deus e homem. Em quanto á sua natureza humana, não nos resta a menor duvida. E como nos convenceremos de sua divindade? Si vivendo na esphera neutral, comendo, bebendo, dormindo, chorando e soffrendo, provou ser homem; para exhibir-nos ser Deus elle devia obrar na esphera sobrenatural; isto é, fazer milagres.

Os milagres pois são de uma importancia transcendental. Jesus mesmo apellou para elles e muitos por meio d'elles, o reconheceram como o Messias prometido. *E' pelos seus milagres*, muito mais do que pela sua doutrina, que occupa uma posição jámais occupada,

Os seus prodigios estão para a sua pessoa como os nossos actos para as nossas palavras. Seus milagres, em fim, acham-se de tal sorte ligados á sua obra que não podemos tocar n'elles sem tocar n'ella.

Ah! no momento em que duvido d'elles, Jesus torna-se um enigma incomprehensivel á minha intelligencia; elle é e não é; sua pessoa empallidece á minha consideração; suas promessas tornam-se fallazes e não creio mais em suas palavras: porem, crendo nos seus milagres, o comprehendo e a sua obra: elle é incontestavelmente o Caminho, a Verdade e a Vida e minha alma, ante a gloria de sua pessoa que n'elles reverbera, gloria como do Filho Unigenito do Pai. cheio de graça e de verdade, se eleva exclamando abrazada de amor e cheia de profunda admiração: Meu Senhor e Deus meu!

CAPITULO V

Segundo anno da missão de Jesus Christo

Ὁς διήλθεν ευεργετῶν καὶ ἰουμένων πάντας τοὺς κατα δυναστευομένους
ὑπὸ τοῦ διαβόλου, ὅτι ὁ Θεὸς ἦν μετ' αὐτοῦ (1)

LEI moral, o descanso de um dia em sete é universalmente reconhecido. Hesiodo. Homero e Callimaco fallam de um dia santo, em sete. Os phenicios consagravam um dia em sete como santo. Os gregos, descansavam no setimo dia. «O setimo dia diz, Philo, é um dia festivo entre todas as nações.»

De uma obrigação eterna, como eterna é a Lei de Deus, o domingo occupa o quarto lugar no decalogo que Jehovah, no monte Sinai, entregava ao povo judeu. Sob as interpretações casuistas dos rabinos, porém, o espirito do quarto mandamento havia desaparecido. O povo no meio das glosas da synagoga não sabia o que

(1) «O qual andou fazendo bem e sarando a todos os opprimidos do diabo, porque Deus era com elle.» Act. 10:38.

era permittido nem o que não era. «Si um homem carregasse n'esse dia uma broa de pão, não quebrava o sabbado; mas si dois a carregassem entre si, o sabbado era quebrado.» «Commettia um peccado quem usasse sapatos com pregos; mas não o commettia quem usasse d'elles sem pregos.» Não só as obras de pura necessidade eram prohibidas; mas tambem as de misericordia. Assim, esse dia cuja origem perde-se no Eden, de descanso do Senhor, havia-se transformado em dia dos escribas e phariseus.

Jesus, restituindo o sabbado a seu ideal divino, expurgou-o d'essa tradição que, em todos os tempos, tem sido uma origem fecunda de adultrações. Esses actos de um reformador divino acarretaram-lhe o odio dos ritualistas. A luta iniciou se por occasião da cura do paralytico perto do poço de Bethsaida Teve de responder por esse factio ao synhedrim. Era a primeira vez que comparecia ante as auctoridades de sua nação. N'essa emergencia exigiu para si a mesma honra que dá-se a seu Pai; declarou se Deus! E de que modo? Appellando para todos os factos positivos que, por suas obras as mais puras, o declaravam Deus; appellando para o genero humano que, pelo homem o mais santo e austero, o declarara Deus; appellando para o Ceu que, pelo testemunho do proprio Deus, o declarara Deus. (1)

Essa asserção deslizará se de seus labios como deslizará se as bemaventuranças. Não ha nada n'ella de violento: Jesus a pronunciou com aquella mesma natu-

(1) S. João. 5: á — 47.

ralidade e convicção com que dizemos: Sou homem, sou livre.

Pois bem; «e é o meu ultimo argumento, não existiria Deus no Ceu si um homem podesse conceber e executar com pleno successo, o designio gigantesco de attrair para si o culto supremo, usurpando o nome de Deus. Jesus foi o unico que ousou e o unico que disse claramente e com toda a firmeza, fallando de si mesmo: Eu sou Deus; o que é muito differente d'esta affirmacção: Eu sou um Deus, ou d'esta outra: Existem deuses. A historia não menciona nenhum outro individuo que a si mesmo se tenha dado o titulo de Deus no sentido absoluto. A fabula não diz em parte alguma que Jupiter e os outros deuses se tenham a si mesmos divinizado. Da parte d'elles seria o cumulo do orgulho, uma monstruosidade, uma extravagancia absurda. Foi a posteridade, foram os herdeiros dos primeiros despotas que os endeusaram. Sendo todos os homens de uma mesma origem, Alexandre pode intitular-se filho de Jupiter, mas toda a Grecia sorriu-se d'essa fatuidade: e de mais a apotheose dos imperadores de Roma, jámais foi uma cousa séria para os romanos. Mahomet e Confucio deram-se simplesmente como agentes da divindade. A deusa Egeria de Numa, não passou de uma inspiração concebida na solidão dos bosques. Os denses Brama da India são innovações psychologicas. Como pois um judeu, cuja existencia historica é mais humilde do que todas as do tempo em que viveu — como, elle o filho de um carpinteiro, dá-se promptamente por Deus mesmo, pelo Ser por excellencia, pelo Creador de todos os seres? Arroga para si toda a sorte de adorações; edifica o seu culto com suas proprias mãos e não com pedras e sim com homens. . . A este

milagre de sua vontade, como não reconhecê-lo como o Verbo Creador do mundo? (1)

A divindade de Jesus é a demonstração de sua pessoa. Poder-se á comprehender uma Illiada sem um genio poetico, uma estatua de Venus sem um genio artistico ou uma victoria de Austerlitz sem um genio guerreiro; mas não se pode nem nunca se poderá comprehender a vida de Jesus sem a sua natureza divina. E com effeito; se Jesus não é Deus, como se explica a sua impeccabilidade? E este convite: Vinde a mim todos os que andais em trabalho e vos achais carregados e eu vos alliviarei» — o que quererá dizer? O que tambem significarão estas suas declarações solemnes: *O que ama o pai ou a mãe mais do que a mim não é digno de mim—onde se acham dois ou tres congregados em meu Nome, ali estou eu no meio d elles—tudo o que faz o Pai, o faz tambem semelhantemente o Filho—quem crê em mim tem a vida eterna; quem não crê já está condemnado—eu e o Pai somos uma mesma cousa?*

O phylosophismo não vai tão longe. Porém, oh! a que incoherencias não se reduz elle ante certos factos admittidos! Jesus Christo é, diz elle, um genio bello e admirável, é o creador da religião pura e eterna da humanidade; é o typo completo em que todas as almas em seus padecimentos meditarão para se confortarem e se consolarem. Porém, não acceitando a pessoa de Jesus tal qual se acha steriotypada no Evangelho, chega a esta conclusão: Esse homem perfeito e sublime é um visionario que de caso pensado engana se a si mes-

(1) Napoleão—Vie de Napoleon, par I. S. C. Abbott, v. 22. p. 612.

mo! esse homem de uma consciencia a mais pura é um charlatão artificioso que serve-se de certas apparencias para impôr-se!!

Tal é, em ultima analyse, o que Strauss, Parker e Renan, em sua alta critica, tem dito de Jesus!

Que triumpho glorioso a favor de Jesus n'essas contradicções horripilantes!

A questão do sabbado continúa. Depois do incidente das espigas de trigo, (1) Jesus apresentou-se, em um outro sabbado, n'uma synagoga de Galilea. Os espias do synhedrim, que o vigiavam si curava no sabbado para terem de que accusal-o, ao verem a attenção do Salvador dirigir-se para um homem com a mão direita rececada, accudiram, perguntando-lhe si era licito curar nos sabbados. «Que homem haverá por acaso entre vós, perguntou lhes Jesus, que tenha uma ovelha, e que. si esta lhe cair no sabbado em uma cova, não lhe lance a mão para d'ahi a tirar? Ora, quanto mais excellente é um homem do que uma ovelha? Logo, é licito fazer bem nos dias de sabbado.»

— Á logica do seu arrazoado emmudecem. E elles, que diziam não poder ser de Deus Jesus, por salvar no sabbado a vida aos desgraçados, formando no sabbado o designio de perpetrar o mais atroz e nefando dos crimes, reputavam-se, assim mesmo, os favoritos do Ceu! Á vista de tanta malicia e perversidade, Jesus encara os com ira, e, voltando-se depois para o homem que achava-se no meio em pé, ordena lhe: «Estende a tua mão,» e elle, estendendo-a, sentiu estar ella sã como a outra.

(1) Matth. 12:1—8; Marc. 2:23—28; Luc. 6:1—5.

Os phariseus retiraram-se então d'ahi, e fizeram causa commum com os seus inimigos herodianos contra elle, e n'esse conventiculo resolveram pôr fim aos dias de um homem que fazia bem nos dias de sabbado. (1)

Não era chegada a hora d'esse baptismo que, com tanta ancia, o Christo esperava pela sua realisação, por isso, com os seus discipulos, retirou-se para o mar de Tiberiades. Em um instante essas praias se povoaram de povo que da Galilea, da Judea, de Jerusalem, da Idumea e da comarca de Tyro e de Sidonia o foram seguindo. Entre elles contavam-se muitos enfermos que Jesus curava de um barco em que teve de entrar para não ser opprimido pelo tropel.

Contrario a todas essas manifestações ostentosas, e para evitar que o povo, em um impulso de enthusiasmo, não o quizesse arrebatam para fazel-o rei, prohibe a publicidade de seus prodigios que, elle bem sabia, em vez de convencem seus gratuitos inimigos, os exasperariam inutilmente e os excitariam a incommodal o em sua obra, da qual não queria, nem por um instante, ser distraido. (2) Esse procedimento o propheta Isaias o traçara n'estas palavras: «Eis aqui o meu Servo que eu escolhi, o meu Amado, em quem a minha alma tem posto a sua complacencia. Porei o meu espirito sobre elle, e elle anunciará ás gentes a justiça. Não cntenderá, nem clamará, nem ouvirá alguem a sua voz nas praças; e não quebrará a canna que está deprimida, nem apagará a torcida que fumega,

(1) Matth. 12:9—14; Marc. 3:1—6; Luc. 6:6—11.

(2) Matth. 12:15—21; Marc. 3:7—12.

até que saia victoriosa a sua justiça: e as gentes esperarão no seu nome. ⁽¹⁾

Distante duas horas de Tiberiades demorava o monte Haïttie. A configuração de sua summidade assemelhava se a uma sella oriental com suas duas pontas bem salientes. Celebre na historia dos zeladores e de Herodes, elle, por ter sido ahi que Jesus escolheu seus apóstolos e pronunciara o Sermão do Monte, occupa um lugar notavel na historia do christianismo.

As outras religiões foram estabelecidas por pessoas de alta classe e celebres por seu saber : a dos persas, por exemplo, foi por Zoroastro; a dos egypcios por Hermas; a dos gregos por Orpheo e a dos romanos por Numa; porém, em vez de ir a Roma escolher de entre os seus philosophos e generaes os soldados de sua cruz, ou de dirigir se á synagoga para tirar, de entre os rabinos, os propagadores de sua doutrina, Jesus escolheu seus apóstolos da classe mediocre da sociedade.

Na tarde do dia em que o deixamos no mar de Galilea, retirou se o Senhor para o monte Haïttie. A noite passara toda em oração. Era vespera de um acontecimento extraordinario. Pela manhã, quando o sol já dourava os dois pincares do monte das Bemaventuranças, antes da multidão, que se havia hospedado nas villas circumvisinhas, se reunir em torno d'elle, o Mestre chamou a seus discipulos, e de entre elles escolheu os doze apóstolos : Simão, que se chama Pedro, e André seu irmão; Thiago, filho de Zebedeo, e João seu irmão; Philippe e Bartholomeo; Thomé e Mattheus,

(1) Isa 42:1-4.

o publicano ; Thiago, filho de Alfeo, e Thaddeo, Simão Cannaneo, e Judas Iscariotes que foi o que o entregou. ⁽¹⁾

O povo affluia para escutal-o. Do pico elle desceu para a planura, sendo encontrado pela multidão cujos doentes procuravam, á porfia, tocál-o. E, então, quando o auditorio, assentado sobre a relva, esperava tranquilamente a sua palavra, Jesus, abrindo a sua boca, pronunciou esse notavel discurso que vae atravessando as gerações sob o nome de *Sermão do Monte*.

«Bemaventurados os pobres de espirito ; porque d'elles é o Reino dos Céus.

Bemaventurados os mansos ; porque elles possuirão a terra.

Bemaventurados os que choram ; porque elles serão consolados.

Bemaventurados os que teem fome e sede de justiça ; porque elles serão fartos.

Bemaventurados os misericordiosos ; porque elles alcançarão misericórdia.

Bemaventurados os limpos de coração ; porque elles verão a Deus.

Bemaventurados os pacíficos ; porque elles serão chamados filhos de Deus.

Bemaventurados os que padecem perseguição por amor da justiça ; porque d'elles é o Reino dos Céus.

Bemaventurados sois, quando vos injuriarem, e vos perseguirem, e disserem todo o mal contra vós, mentindo, por meu respeito ; folgai, e exultai, porque o vosso galardão é copioso nos Céus : pois assim tam-

⁽¹⁾ Marc. 3:13-19; Luc. 6:12-19.

bem perseguiram aos prophetas, que foram antes de vós.»

Nas bemaventuranças Jesus revela uma realza e felicidade que contrastam com as ideas correntes de sua epocha.

Elle aannuncia tambem uma nova justiça, uma justiça maior do que a dos guias espirituaes do seu tempo. «Si a vossa justiça não fôr maior e mais perfeita do que a dos escribas e a dos phariseus, não entrareis no reino dos Céus».

Em aphorismos traça um por um dos nossos deveres, e, «em parte alguma, se encontra essa serie de boas ideas, de boas maximas moraes, que se desfillam como batalhões da milicia celeste, e que produzem em nossas almas os mesmos sentimentos que se experimenta, contemplando a extensão infinita do céu, resplandecendo, em uma noite de estio, com toda a força do brilhantismo dos astros.» (1)

Condemna tanto o blasphemador ostentoso como o hypocrita insidioso. Denuncia o peccado claro como o mau desejo secreto. A santidade no coração e na vida, eis o que elle requer de todos os que esposam a sua causa. O Prégador da montanha exige a dedicação pessoal, assim como a devoção da vida inteira, á vontade e ao serviço de Deus. E que serviço! E' a bella homenagem de um coração agradecido! E' a obediencia livre e gostosa a um Senhor justo e gracioso! E' a confiança filial no regaço paterno!

Si em sua vida o homem deve ser actuado pelo

(1) Napoleão, obra citada.

amor de Deus, si a Palavra do Senhor deve ser a norma da sua conducta; o fim de suas obras, de seus pensamentos deve ser a gloria do Pai celeste. — «Assim luza a vossa luz diante dos homens, que elles, vendo as vossas obras, glorifiquem a vosso Pai que está nos Ceus.»

Hillel, o estricto Schammai e o filho de Sirach poderiam abandonar as suas cadeiras, e vir assentarem-se entre o povo para contemplarem a Lei em toda a grandeza de seu ideal divino. No Velho Testamento achava-se a Lei espiritual, mas só podia ser discernida pelos israelitas espirituaes; para os outros era como uma parabola : Jesus porém revelou a em uma linguagem intelligivel a todos, de sorte que, de ora ávante, ella é espiritual mesmo para os que não o são.

«Christo não varia, jámais hesita em suas doutrinas, e a sua menor affirmativa é assignalada com tanta simplicidade e profundeza, que captiva tanto ao sabio como ao ignorante, por pouca attenção que lhe prestem.» (1)

O universo abre-lhe as suas paginas, e da tempestade desencadiando-se, da brisa murmurando, do feno do campo, dos passarinhos cruzando nos ares, e no lirio desabrochando, tira assumpto para illustrar o seu Evangelho.

Do seio d'esta vida mortal, Jesus toca o eterno e o infinito. A religião natural, por um philosopho da Grecia, havia dito a ultima palavra, quando avançou que os

(1) Napoleão.

homens não deviam vingar um insulto para poderem ser semelhantes aos deuses; o Verbo porém foi além, e ensinou: «Amai a vossos inimigos; fazei bem aos que vos teem odio; e orai pelos que vos perseguem e calumniam, para serdes filhos de vosso Pai, que está nos Ceus, o qual faz nascer o seu sol sobre bons e maus, e vir chuva sobre justos e injustos.»

O commum é o ordinario do gentio; o extraordinario é o ordinario dos aspirantes ao Reino dos Ceus. «Si saudardes somente a vossos irmãos, que fazeis n'isso de extraordinario? não fazem tambem assim os gentios? Sede vós logo perfectos, como tambem vosso Pai celestial e perfeito.»

Em apresentar-nos a perfeição de Deus como nossa regra e como nosso ideal, deu nos a moral absoluta.

Não ha mais differença de gentio e de judeu, de barbaro e de shytha, de servo e de livre; á luz de seu ensino, os homens sentem-se irmãos, e a humanidade torna-se uma immensa familia, podendo invocar o mesmo Pai.

Pai! eis a palavra creadora do Evangelho! Jesus a torna familiar, insistindo n'ella. E' com ella nos labios que, na manhã da resurreição, apparece a seus discipulos. Tudo a esta revelação muda-se para o homem, na vida e na morte, no tempo e na eternidade. D'esse amor divino, do qual nada souberam os genios da Grecia e os grandes sonhadores de Roma, manam, como agua cristalina de uma fonte perenne, essas promessas tão ricas, esses convites tão ternos, todo esse sacrificio de um Deus incarnado que morre pelas suas creaturas. E então o homem sente que é amado e que é Deus que o ama, e sob este sentimento, fructo d'esse anno favoravel que succedeu a esse longo inverno

da religião de terror, saída o Ceu, como um cidadão dos santos e um domestico de Deus. (1)

O pasmo apodera-se do auditorio ao ouvir Jesus, e já lá vão desenove seculos e ainda hoje as intelligencias mais robustas exclamam: — «O Evangelho possui uma virtude secreta, um não sei que de efficaz, um calor que opera sobre o entendimento, e que encanta o coração. Goza-se meditando n'elle o que se goza contemplando o Ceu.»

«Que prova da divindade de Christo! Com um imperio tão absoluto, entretanto não tem senão um cuidado: o melhoramento espirital dos individuos, a pureza da consciencia, o afferro á verdade, a santidade da alma.» (2)

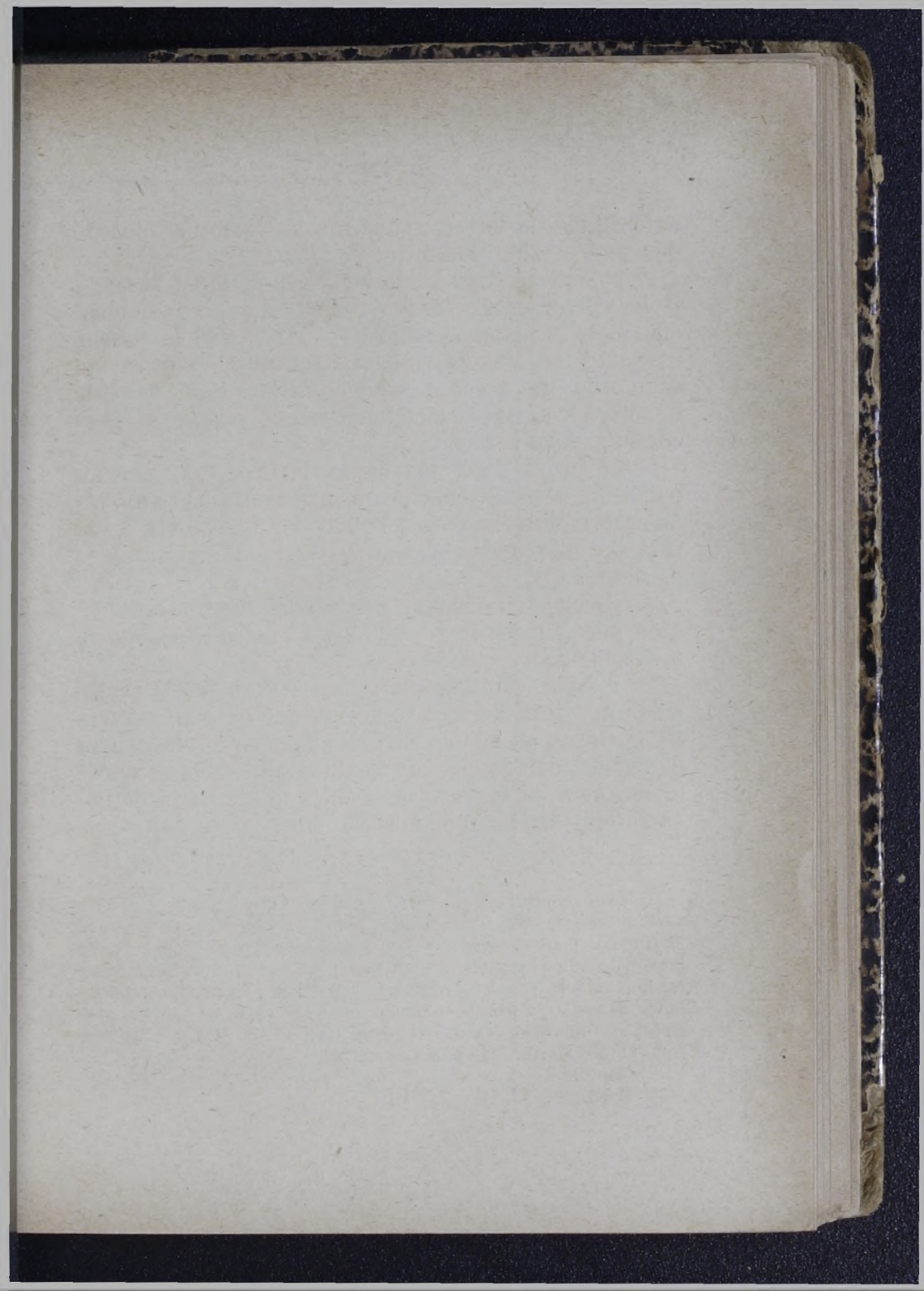
Ao Sermão do Monte succede uma serie de milagres que, realçando o ceu da vida de Jesus, exhibem a sua bondade.

Para Nain, em seguida á cura do creado do centurião, que teve lugar logo depois que desceu do monte, (3) Jesus encaminha-se. Ao avizinhar-se das portas da cidade, uma scena contristadora apresenta-se a seus olhos: uma pobre viuva a quem a morte havia de novo ferido, arrebatando-lhe seu unico filho, cujos res-

(1) Matth. capitulos 5º 6º e 7º.—O discurso de S. Lucas, 6:20-49. será o mesmo que o de S. Matheus? Talvez, si cremos que S. Matheus é mais extenso e S. Lucas resumido. Porém propendemos mais para admittir que o discurso de S. Lucas, que tem tantos pontos de contacto com o Sermão de S. Matheus, foi pronunciado em outra occasião. Jesus costumava repetir ás vezes os mesmos preceitos. Compare se Matth. 5:18 com Luc. 12:58; Matth. 6.24 com Luc. 16.13; Matth. 7:13 com Luc. 13:24.

(2) Napoleão.

(3) Matth. 8:5-13; Luc. 7:1-10.



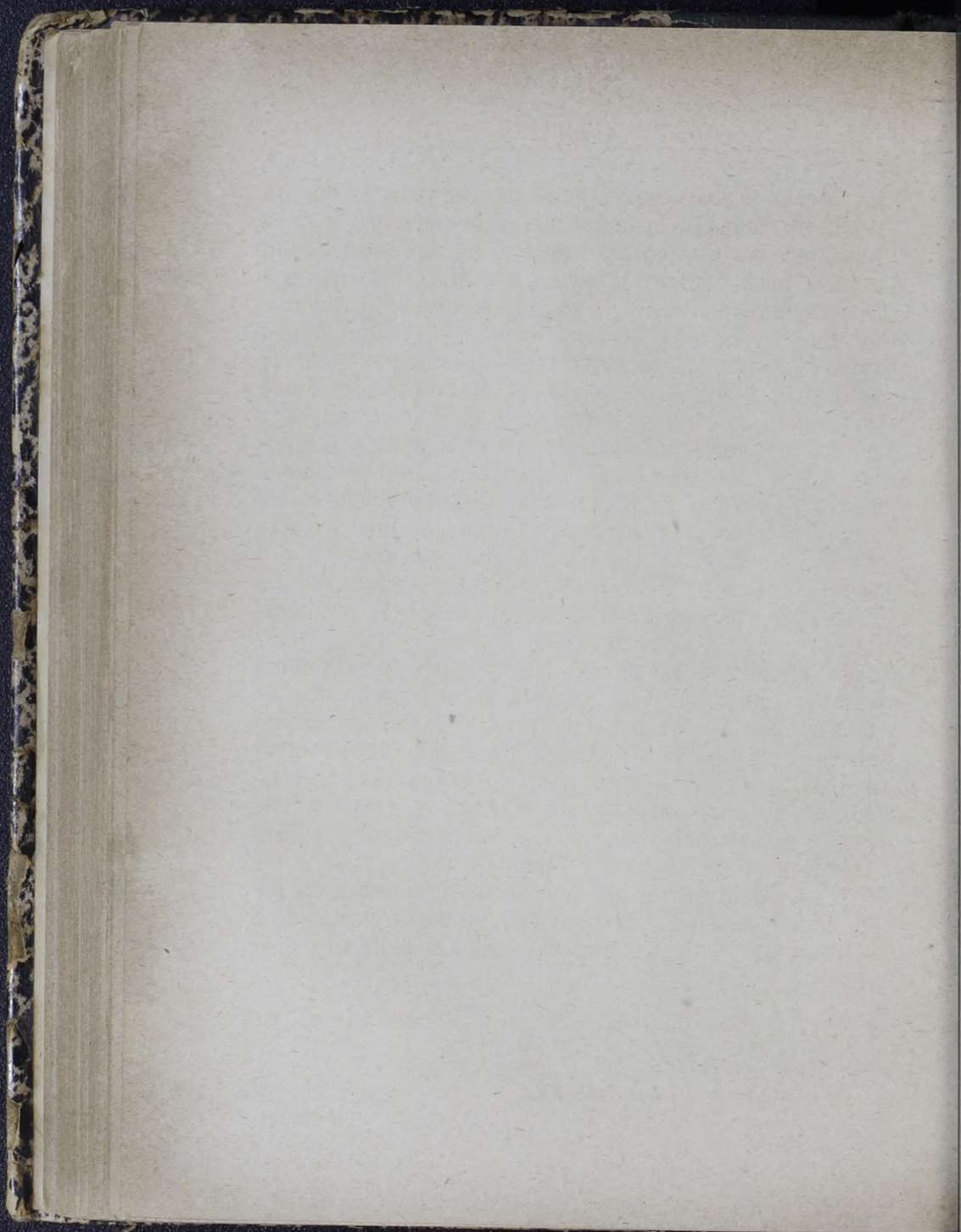




Pag. 121

O filho da viuva de Naim

S. Lucas, VII: 1 - 10



tos mortaes ella, derramando na angustia da dôr da perda lagrimas bem amargas, acompanhava para a sepultura. Jesus corre para ella e, na sua intima compaixão para com os infelizes, lhe diz: «*Não chores.*» E immediatamente dirige-se para os que carregavam o esquife, os quaes pararam, apenas elle tocou n'elle. Com essa mesma autoridade com que, ha pouco, apresentara á multidão as condições de entrada no Reino dos Ceus, exclama: «Moço, eu te mando, levanta-te.» A' voz do Verbo, o moço levanta-se e principia a falar; e á tristeza succedeu a alegria, ao luto as galas e á morte a vida. Com seu filho ao lado, a feliz viuva volta para sua casa por esse caminho no qual parecia ainda repercutir o echo de sua dôr; ao passo que o povo glorifica a Deus, exclamando em transportes da mais viva admiração: «Um grande propheta levantou-se entre nós, e Deus visitou o seu povo.» (1)

Jesus tinha plena fé em seus milagres, assim como em sua doutrina. Em resposta á mensagem de João Baptista, os apresentou como provas do seu titulo messiano. Para Corozain e Bethsaida, ás quaes coube uma boa parte d'elles, o juizo será, no ultimo dia, mais rigoroso do que para Tyro e Sidonia; e para Capharnaum, a mais privilegiada de todas as cidades, o juizo excederá ao de Sodoma e Gomorra. (2)

N'este interim, um de seus ouvintes o convidou para comer com elle. Chamava se Simão, e pertencia á seita mais rigorosa d'aquelle tempo, á seita dos pha-

(1) Luc. 7:11-17

(2) Matth. 12:2-30; Luc. 7:18-35.

riseus. Escrupulosos nas observações exteriores, esses homens faziam da piedade um mero lucro. «Grande numero de phariseus, diz o judeu Jost, serviam-se da apparencia da piedade como um pretexto para fins vergonhosos.» Julgavam-se pollutos si um peccador os tocasse, e no entanto aninhavam o peccado no peito! Simão não era um d'esses que negavam a virtude da piedade, porém era um exclusivista extremo. E com effeito. ao testemunhar a tocante scena de amor e de arrependimento da mulher peccadora aos pés de Jesus, não pode deixar de murmurar: «Si este homem fôra propheta, bem saberia quem e qual é a mulher que o toca; porque é peccadora.»

O dialogo a que deu lugar o juizo d'esse phariseu é tão repleto de novas revelações que o damos por inteiro.

— Simão tenho que te dizer uma cousa.

— Mestre, dize-a.

— Um credor tinha dois devedores: um lhe devia quinhentos dinheiros, e outro cincoenta. Porém, não tendo os taes com que pagarem, remittiu-lhes elle a ambos a divida. Qual pois o ama mais?

— Creio que aquelle a quem o credor perdoou maior quantia.

— E Jesus lhe disse: Julgaste bem. E, voltando-se para a mulher, disse a Simão: Vês esta mulher? Entrei em tua casa, não me deste agua para os pés; mas esta com as suas lagrimas regou os meus pés e os enxugou com os seus cabellos. Não me deste osculo, mas esta, desde que entrou, não cessou de me beijar os pés. Não ungieste a minha cabeça com balsamo; e esta com balsamo ungiu os meus pés. Pelo que te digo: Que perdoados lhe são seus muitos peccados, porque amou

muito. Mas ao que menos se perdoa, menos se ama. E disse-lhe a ella: Perdoados te são teus peccados.

«E os que comiam alli começaram a dizer entre si: Quem é este, que até perdoa peccados?»

«E Jesus disse para a mulher: A tua fé te salvou; vai-te em paz.» ⁽¹⁾

Um dos beneficios mais conspicuos que devemos ao christianismo é a elevação da mulher. Era geral nas monarchias orientaes a polygamia. Pela lei Voconia, a mulher não podia herdar. Aviltada por tantos ultrajes, estava tambem sujeita a ser cada instante repudiada. Hillel, o grande rabbino, teria permittido o divorcio sob o fundamento futil de não ter feito bem o jantar. O matrimonio não passava de um verdadeiro contracto de compra e venda. Ignorava se completamente, entre as gentes, a castidade christã. Na Grecia, na epocha em que a arte e a litteratura haviam attingido ao seu apogeo, o typo por excellencia da mulher era Aspasia! Em fim, ao fundo, a mulher não passava de uma escrava e de uma escrava de paixões baixas do homem. Jesus Christo deu a liberdade á mulher, e a restituiu, rodeada de merito e de dignidade, á sociedade; e ao marido, tornando-a sua *igual, objecto de seu amor e centro de seus affectos*.

Modelos precursores d'essas mulheres que no futuro seguiriam a Jesus e o serviriam com os seus bens, contribuindo para a propagação do Evangelho. Maria Magdalena, Joanna. Susana e outras muitas acompanhando o Senhor, faziam face á sua pobreza.

Os que se haviam arrogado a chave do Reino dos

(1) Luc. 7:36 50.

Ceus, em sua perversidade preconcebida, não desanimam em indispor o povo contra o Christo. Ao verem a multidão agradavelmente impressionada por causa da cura do endemoninhado cego e mudo, os phariseus, não podendo contestar o facto, tentam disvirtual-o, attribuindo-o á virtude de Beelzebú. Era uma requintada blasphemia, mas que importava a esses homens os meios, desde que chegassem a seus fins ! « Todo o reino dividido contra si mesmo, acode o Christo em resposta, será desolado: e toda a cidade ou casa dividida contra si mesma, não subsistirá. Ora se Satanaz lança fóra a Satanaz, está elle dividido contra si mesmo: como persistirá logo o seu reino? E se eu lanço fóra os demonios em virtude de Beelzebú, em virtude de quem os expellem vossos filhos? Por isso é que elles serão os vossos juizes. Se eu porém lanço fóra os demonios pela virtude do Espirito de Deus, logo é chegado a vós o reino de Deus. Ou como pode alguém entrar na casa do valente, e saquear os seus moveis, se antes não prender o valente? e então lhe saqueará a casa »

« O que não é comigo, é contra mim, e o que não ajunta comigo, desperdiça. »

« Portanto vos digo: Todo o peccado e blasphemia serão perdoados aos homens, porém a blasphemia contra o Espirito Santo não lhes será perdoada. E todo o que disser alguma palavra contra o Filho do homem, perdoar-se-lhe-á; porém o que a disser contra o Espirito Santo, não se lhe perdoará, nem n'este mundo nem no outro. »

« Ou fazei a arvore boa, e o seu fruto bom; ou fazei a arvore má, e o seu fruto mau: pois que pelo fruto é que a arvore se conhece. »

E em uma d'aquellas expressões em que reverbera uma santa indignação exclama: «Raça de viboras, como podeis fallar cousas boas sendo maus? porque a bocca falla do que está cheio o coração.»

«O homem bom do bom thesouro tira boas cousas: mas o homem mau do mau thesouro tira más cousas.»

«E digo vos que de toda a palavra ociosa, que fallarem os homens, darão conta d'ella no dia de juizo; porque pelas tuas palavras serás justificado, e pelas tuas palavras serás condemnado.» (1)

O povo, a despeito da má vontade dos escribas, cerca a Jesus, não lhe dando tempo para elle sequer comer. Jesus Christo, cuja comida era fazer a vontade de seu Pai, deleita se n'esse ardor da multidão para escutar a Palavra de Deus. Ouvir a palavra de Deus e pôl-a em pratica é, segundo Jesus, uma dita maior do que ser sua irmã, sua mãe. «Bemaventurado», disse uma mulher enthusiasmada pela graça de seu fallar e pela sua sabedoria, «bemaventurado o ventre que te trouxe e os peitos a que foste amamentado! *«Antes mais bemaventurado, disse o Christo, o que ouve a Palavra de Deus e a guarda.»* E quando em uma occasião avisaram-no achar-se sua mãe com seus irmãos da parte de fóra, desejando fallar-lhe, respondeu: «Eis aqui (estendendo suas mãos sobre seus discipulos) minha mãe e meus irmãos; porque todo aquelle que fizer a vontade de meu Pai, que está nos Céus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe.» (2)

Foi á mesa de um phariseu que o convidou a me-

(1) Matth. 12:22—37; Marc. 3:19—30; Luc. 11:14, 15, 17—23.

(2) Matth. 12:46—50; Marc. 3:31—35.

rendar com elle que deu-se o incidente que passamos a narrar. Da attitude que Jesus assumira n'essa occasião, infere-se que aquelle que o convidou tinha em vista disfrutal-o com outros sabios. O phariseu o havia contemplado arrebatado o povo, porém julgava que essa confiança faltar-lhe-ia no meio dos doutores. Seja como fôr, a intenção do seu convidante não lhe era estranha, e Jesus a fez redundar para confusão de seus inimigos.

Tinham por costume os phariseus purificarem-se, isto é, lavarem as mãos antes de comer. Era sagrada para elles essa tradição. O rabbino Aquiba, achando-se preso, e não tendo agua assaz para beber e para lavar as mãos, optou padecer sede antes do que comer com as mãos por lavar. «E' melhor», arazoou elle, «morrer com sede do que transgredir as tradições dos antepassados.» Jesus, porém, reclinou-se á mesa sem prestar homenagem a essa cerimonia tradicional. Semelhante procedimento deu logo na vista do que o convidou. Tomando por ponto de partida a admiração do phariseu, Jesus Christo, que era todo bondade para com os que no erro eram sinceros, mas vehemente para com o pharisismo, faz-se ouvir e; em phrases incisivas, confunde os circumstantes, lançando lhes em rosto a sua hypocrisia. «Agora vós outros, os phariseus, alimpais o que está por fóra do vaso e do prato; mas o vosso interior está cheio de rapina e de maldade. Nescios, quem fez tudo o que está de fóra não fez tambem o que está de dentro?»

Em quanto d'esse modo discorria, um doutor da lei, que pertencia a uma classe que julgava-se mais privilegiada, o interrompe, observando-lhe que reparasse em suas palavras, porque no que dizia os condemnava tambem. Elle não se retracta; pelo contrario, em uni

tom mais decisivo, exclama: «Ai de vós outros também, doutores da Lei, que carregais os homens de obrigações que elles não podem desempenhar, e vós nem com um dedo vosso lhes alliviais a carga.»

«Ai de vós, que edificais sepulchros aos prophetas; quando vossos pais foram os que lhes deram a morte. Por certo que bem testemunhais que consentis nas obras de vossos pais; porque elles, na verdade, os mataram, e vós edificais os seus sepulchros. Por isso também disse a sabedoria de Deus: Mandar-lhes ei prophetas e apostolos, e elles darão a morte a uns e perseguirão a outros, para que a esta nação se peça conta do sangue de todos os prophetas, o qual foi derramado desde o principio do mundo, desde o sangue de Abel até o sangue de Zacarias, que foi morto entre o altar e o templo. Sim, eu vos declaro que a esta nação se pedirá conta d'isto.»

«Ai de vós, doutores da Lei, que, depois de terdes arrogado a vós a chave da sciencia, nem vós outros entrastes, nem deixastes entrar os que vinham para entrar.»

A refeição acabou por uma discussão calorosa, em que as objecções e as perguntas insidiosas choviam de todas as partes contra Jesus; porém não conseguiram fazel o calar nem apanhar-lhe da bocca alguma palavra pela qual o pudessem accusar. (1)

O incidente á mesa do phariseu causando alguns re-
ceios no espirito timido dos discipulos, Jesus os eleva
acima das ameaças dos homens—«A vós outros, pois,
amigos meus, vos digo: Que não tenhais medo d'aquel-

(1) Luc. 11: 37—54.

les que matam o corpo, e depois d'isto não teem mais que fazer. Mas eu vos mostrarei a quem haveis de temer: Temei áquelle que, depois de matar, tem poder de lançar no Inferno; sim, eu vol-o digo, temei a este.» (1)

Inspira-lhes tambem coragem ante a desigualdade de numero. asseverando-lhes ser Deus por elles, e promette-lhes o Espirito Santo para supprir-lhes a difficiencia do saber, nas emergencias em que, por amor d'elle, fossem levados á presença dos magistrados e dos reis.

Um homem da plebe o interrompe bruscamente, pedindo lhe: «Mestre, dize a meu irmão que reparta comigo da herança.»

«Homem, replicou lhe Jesus, quem me constituiu a mim juiz ou partidador sobre vós outros?»

A resposta estabelece uma linha sagrada de demarcação entre o ecclesiastico e o civil.

Depois disse-lhes: «Guardai-vos, e acantelai-vos de toda a avareza; porque a vida de cada um não consiste na abundancia das cousas que possue!? E para impressional-os, propõe-lhes a seguinte parábola: «O campo de um homem rico tinha dado abundantes frutos; e elle revolvía dentro de si estes pensamentos, dizendo: Que farei, que não tenho onde recolher os meus frutos? E disse: Farei isto: derribarei os meus celleiros, e fal-os-hei maiores, e n'elles recolherei todas as minhas novidades, e os meus bens, e direi á minha alma: Alma minha, tu tens muitos bens em deposito para largos annos: descança, come, bebe, regala-te. Mas Deus disse a este homem: Nescio, esta noite te virão deman-

(1) Lucas, 12: 4—5

dar a tua alma; e as cousas que tu ajuntastes, para quem serão?»

«Assim é o que enthesoura para si, e não é rico para Deus.» (1)

O censo que Roma impuzera aos judeus, fizera surgir uma quarta seita, como Josepho a denomina, á testa da qual pozera-se Judas de Galilea. Não reconhecendo outro Senhor além de Deus, Judas, com as armas na mão, negou a legitimidade do imposto. A revolta foi subjugada. Alguns galileos que haviam figurado nas fileiras de Judas, julgando tudo olvidado, haviam vindo a Jerusalem para adorar. Estavam elles offerendo a sua oblação quando os soldados de Pilatos, penetrando inexperadamente na côrte do templo, os assassinaram. Esses homens, pela circumstancia de sua morte, eram, na opinião de alguns, os maiores peccadores da Galilea, Jesus, tomando em consideração esse murmurinho, condemna esse espirito sectario e rancozoso, que dobra a providencia a suas vistas de odio ou de vingança. «Vós cuidaes que aquelles galileos eram maiores peccadores que todos os outros da Galilea, por haverem padecido tão cruel sorte? Não eram eu vol-o declaro, mas si vós outros não vos arrependerdes, todos assim mesmo haveis de acabar.» (2)

A historia conta nos de homens que tiveram um fim desastroso e eram reconhecidamente bons servos de Deus. Como não nos enganariamos si medissemos a graça de Deus pelos bens da vida! A colheita do homem da parabolá ultrapassou as suas vistas e no en-

(1) Lucas, 12: 16—20.

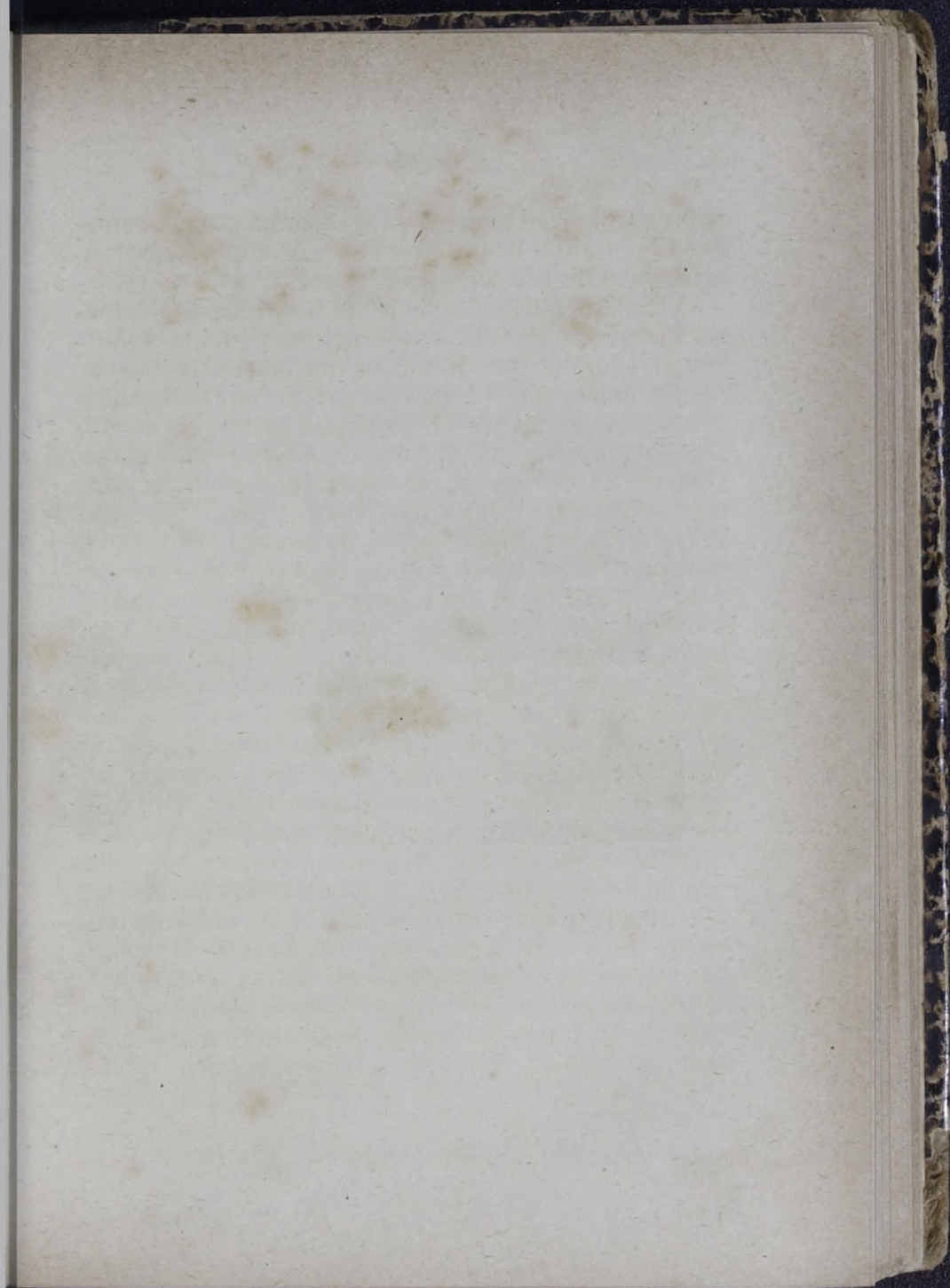
(2) Lucas, 13: 1—9.

tanto era um nescio; e Job, de um dia para o outro, ficou reduzido á mais extrema pobreza e era o varão, mais justo do seu tempo.

Cercada por todos os lados de bellos montes de forma circular e de 165 a 300 metros de altura scintillam as aguas do mar de Galilea que representa um papel tão notavel nas paginas do Evangelho. Os viajantes o assemelham ao lago Locarno, na Italia e ao de Genova, na Suissa. As cidades de Tiberiades e de Gennesareth adornavam as suas margens, d'onde lhe veiu, tambem o nome de mar de Tiberiades e de lago de Gennesareth. Tem cinco kilometros de largura e vinte e tres de comprimento. As suas aguas são excellentes para se beberem. Peixes de toda a casta vivem n'elle. O Jordão que perde-se no lago Asphaltite, passa lhe pelo meio. Rodeado por terrenos admiraveis pela sua belleza, a natureza ostenta-se ahi em toda a sua gala. O clima é temperado e proprio para todos os fructos. Entre outras arvores, se vê a nogueira que nasce em uma temperatura fria; a palmeira que requer um clima quente e as arvores, que pedem um ar benigno e doce, como a figueira e a oliveira, tambem dão-se bem ahi. Parece que a natureza, por um esforço de amor que tem a esse paiz, não só força arvores differentes a harmonizarem se; mas outrosim, conserva nas arvores os fructos por muito tempo; como as uvas e figos que podem comer-se durante dez mezes do anno. ⁽¹⁾

Costumava Jesus ensinar por meio de parabolas. Esse modo abstracto de expor a doutrina era muito apreciado no oriente. A verdade, assim apresentada, offe-

(1) Josepho, Hist. da Guerr. dos Jud. liv. 3: c. 10.





Pag. 131

A grande pesca

S João XVI: 3-11

rece-se como uma pintura viva ao nosso espirito que, á medida que deleita-se no que é familiar, inicia-se em verdades estranhas, as quaes, por esse modo, ficam mais indelevelmente gravadas na memoria.

Mestre em todas as occasiões, Jesus Christo o era tambem em todos os lugares. D'esta feita é no mar da Galilea, dentro de um barco que o contemplamos doutrinando a multidão apinhada na praia. Os campos semeados de Genesareth, os caminhos que os cortavam e os bandos de passaros esvoaçando offerecem-lhe o assumpto para a parabola do sementeiro, assim como depois os rebanhos pastando por verdes prados e apascentados por seus pastores deram-lhe o thema para a do Bom Pastor.

A' parabola do sementeiro succedem a da cizania, a do grão de mostarda, a do fermento e outras.

Os discipulos, a quem o Mestre já explanara a parabola do sementeiro, pedem-lhe o sentido da da cizania. O que semeia a boa semente é o Filho do homem. E o campo é o mundo. A boa semente porém são os filhos do reino. E a cizania são os maus filhos. E o inimigo que a semeou, é o diabo. E o tempo da ceifa é o fim do mundo. E os segadores são os anjos. De maneira que assim como é colhida a cizania e queimada no fogo, assim acontecerá no fim do mundo: enviará o Filho do homem os seus anjos e tirarão do seu Reino todos os escandalos, e os que obram a iniquidade; e larçal os-hão na fornalha de fogo. Alli será o choro e o ranger com os dentes. Então resplandecerão os justos como o Sol no Reino de seu Pai.»

«O que tem ouvidos de ouvir ouça.» (1)

(1) Math. 13:1-53; Marc. 4:1-34; Luc. 8:4-18.

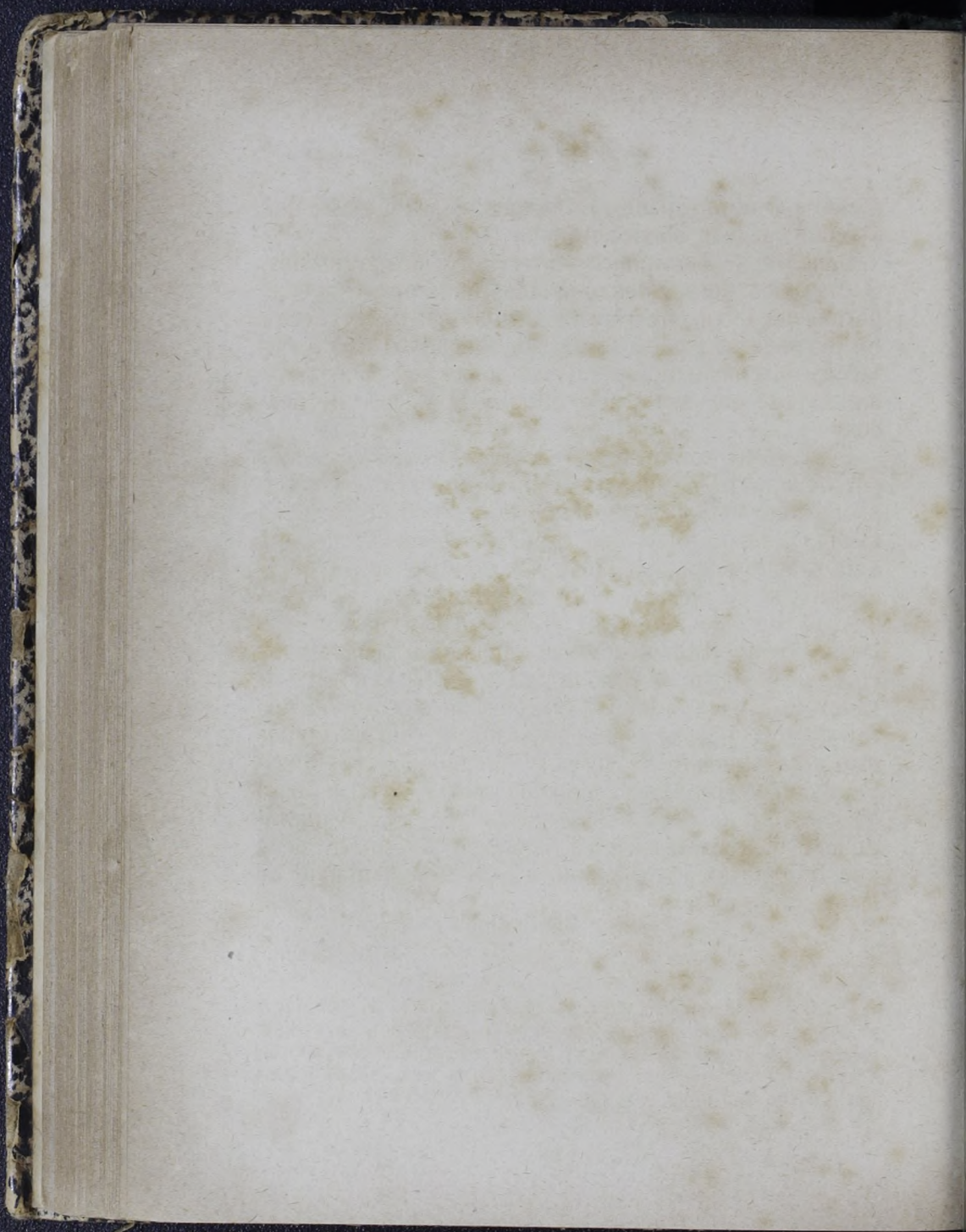
Havia o Senhor despedido o povo e estava para partir para o outro lado do lago, quando um escriba, com vistas interesseiras, declara-lhe: «Mestre, eu seguirei-te-hei para onde quer que tu fores.» Em phrases repassadas de pobreza, Jesus observa lhe: «As rapozas tem covas e as aves dos Ceus ninhos; porém o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça.» Um de seus discipulos que pensava poder, depois de metter a mão ao arado, olhar para traz e ser apto para o Reino dos Ceus, pede-lhe, por sua vez, para adiar a sua profissão para depois da morte de seu pae. «*Segue-me ordena-lhe o Christo, e deixa que os mortos sepultem os seus mortos.*» ⁽¹⁾

O barco afasta-se da praia. Tudo presagiava uma viagem de rosas. De repente, essas aguas placidas, qual leôa a quem roubaram seus cachorriinhos, se embravecem debaixo da furia de um furacão. A morte pinta-se aos olhos dos discipulos que, em seu medo, acordam Jesus, bradando: «Mestre, não se te dá que pereçamos?» O Senhor levanta-se. — «Porque temeis homens de pouca fé?» E, em acto continuo, no meio do rebombar da tempestade e ao som do bramir do mar, exclama: «Calai-vos e emmudecei.» E os elementos, reconhecendo n'essa voz a voz do seu Senhor, humilham se e a bonança immediatamente se fez. Os discipulos espantam-se. Elles sabiam ter Moysés dividido as aguas do mar vermelho e Josué as do Jordão, mas no nome de Jehovah; porém Jesus manda em seu Nome e a furia dos elementos curva-se á sua voz! E,

(1) Math. 8:19—27; Marc. 4:35 — 41; Luc. 8:22—25; 9:57 — 62.



A tempestade no Mar da Galileia



n'esse seu novo espanto, exclamam: «Quem é este que o vento e o mar obedecem-lhe!» (1)

Demorou-se bem pouco no territorio dos gerasenos. O caso dos dois endemoninhados que curara, apenas portou em terra, aterrara os habitantes d'essa região. No dia seguinte, pois, ao da sua chegada, teve de voltar ás instancias dos gerasenos cujas consciencias os accusavam por seu trafico illicito da creação de porcos.

Fôra Jesus muito bem recebido, em seu regresso, por uma multidão que na praia o esperava, e em Capharnaum, Matheus, em signal de gratidão e para, ao mesmo tempo, confessional o ante os homens, deu-lhe uma grande festa. Não é com os doutores que tem de assentar-se á mesa: é com os publicanos, ex-compañheiros do apostolo, que, offerecendo ao Senhor esse jantar, tivera tambem em vista deparar a seus antigos collegas occasião de contemplarem de perto a'seu Salvador e ouvirem de seus proprios labios o caminho da salvação. Os phariseus não poderam ver com bons olhos este procedimento de Jesus e, chegando se aos discipulos, objectaram-lhes: «Porque come e bebe o vosso Mestre com os publicanos e peccadores.» E' bem singular este interesse d'elles para com Christo! Aquelle que ha pouco tinha demonio e logo será alcunhado de samaritano, agora é santo e puro demais para comer

(1) Math. 8:28 — 34; Marc. 5:1 — 21; Luc. 8:26—40. O milagre só vai até a expulsão dos demonios, o que depois teve lugar caie n'esses decretos eternos de Deus, pelos quaes elle, muitas vezes, é servido que um terremoto destrua uma cidade e uma peste assole um povo.

com os cobradores de rendas publicas! Ah! não era a honra de Jesus que os movia era a inveja, a inveja de verem a causa do Senhor triumphar.

Como o lugar proprio do medico é no hospital, entre os doentes, Jesus, tendo vindo buscar e salvar o que estava perdido, era entre os peccadores que devia achar-se. «Os sãos não tem necessidade de medico, mas sim os enfermos.» E pondo de parte essas severas observações exteriores todas as vezes que tratasse de misericordia, aconselha-os: «*Ide, pois, e aprendei o que quer dizer: Misericordia quero e não sacrificio.*» (1)

Estava Jesus ainda á mesa, Jairo, um principe da synagoga, penetra na sala do festim e, lançando-se a seus pés, pede lhe para salvar sua filha que achava-se ás portas da morte. Jesus Christo levanta-se e acompanha ao afflicto pae. Foi n'este seu caminho que uma pobre mulher, a qual, ha doze annos, padecia um fluxo de sangue, sentiu-se curada, tocando sorrateiramente nos vestidos de Jesus. Alguns da casa de Jairo encontraram-se com este e disseram-lhe: «E' morta tua filha; porque queres dar ac mestre o trabalho de ir mais longe?» «Não tenhas medo, diz-lhe Jesus; cre' sómente.»

Era grande o reboiço em casa: choravam; soltavam grandes prantos e feriam se de pena. «Não choreis, disse-lhes o Senhor; porque a menina não está morta, mas dorme.» Os que sabiam que ella estava morta, zombaram d'elle. Acompanhado sómente de Pedro, Thiago e João e dos pais, Jesus entra no quarto em que ella achava-se e tomando a mão da defunctinha,

(1) Matb. 9:10—17; Marc. 2:15—22; Luc. 5:29:39.

falla-lhe: *Talitha, cumi*; que quer dizer, menina, eu te mando, levanta-te. E no mesmo ponto levantou-se e começou a andar; porque era já de doze annos.» (1)

De volta deu Jesus vista a dois cegos e curou a um posseso. (2)

Depois dos factos que ás pressas temos narrado, fôra Jesus a Nazareth, onde não ia desde o incidente de que já tratámos. Os animos haviam melhorado, mas a disposição intima era a mesma. A origem humana de Jesus era uma pedra de tropeço para os nazarenos. Tinham-no visto crear-se e conheciam bem a sua familia Elles, na verdade, eram os primeiros a reconhecer, com pasmo, as suas obras portentosas e a sublimidade de suas letras; porém, em sua ignorancia das Escripturas, não podendo conciliar a grandeza da missão de Jesus, que se entrevia em suas palavras e em seus feitos, com a sua pobreza e humildade; escandalizavam se n'essa condição que é uma das perolas mais preciosas do diadema messiano.

«Não ha propheta sem honra, diz-lhes Jesus, sinão em sua patria e na sua casa.»

«E, por causa da incredulidade d'elles, não fez muitos milagres, sinão foi que curou a alguns enfermos, impondo-lhes as mãos.» (3)

Em seu vivo interesse pela salvação dos homens, ei-lo, em seu novo circuito por Galilea de cidade em cidade e de aldea em aldea, curando os enfermos e prégando a todos o Evangelho. Sempre prompto a con-

(1) Math. 9: 18—26; Marc. 5: 22—43, Luc. 8: 41—56.

(2) Math 9: 27—34.

(3) Math. 13: 54—58; Marc. 6: 1—6.

doer-se, ao ver o povo que o rodeava, qual rebanho desgarrado e sem pastor, exclama: «A seara verdadeiramente é grande, mas os obreiros poucos; rogai pois ao Senhor da seara que envie obreiros á sua seara.» (1)

A missão dos apóstolos marca uma epocha na vida de Jesus. Elles partem de dois em dois. Era a primeira vez que os commissionava. Antes de despedil-os, dirige-lhes uma allocução. Não tendo ainda chegado a hora d'essas outras ovelhas serem chamadas, Jesus, cuja missão, por emquanto restringia se á casa de Israel, avisa-os para não andarem por caminhos de gentios nem entrarem nas cidades dos samaritanos. Circumscrevendo d'este modo o districto de sua acção, o qual, depois da resurreição, seria o mundo, todo o mundo, o Senhor resume n'estas palavras a missão d'elles: *Prégai, dizendo que está proximo o Reino dos Ceus*. Estabelecendo o principio de que quem trabalha no Evangelho, viva do Evangelho, condemna toda a simonia. É como ovelhas entre lobos que os envia. «Vede que eu vos mando como ovelhas entre lobos; sede logo prudentes como as serpentes e simplicies como as pombas.»

Chegando a uma cidade ou aldea, deviam informar-se de quem havia n'ella digno e então entrarem e ahi deviam ficar até retirar-se. «E ao entrardes na casa, saudai-a, dizendo: Paz seja n'esta casa. E si aquella casa na realidade o merecer, virá sobre ella a vossa paz; e si o não merecer, tornará para vós a vossa paz. Succedendo não vos querer alguém em casa, nem ouvir

(1) Math. 9: 35—38; Marc. 6: 6—13; Luc. 9: 1—6.

o que dizeis, ao sair para fóra da casa, ou da cidade, sacudi o pó de vossos pés.»

A innocencia de sua vida, a faculdade de obrarem milagres com que Jesus os tinha dotado e as novas bemvindas de que eram portadores, bem podiam induzir os apóstolos a esperarem uma boa recepção da parte de todos: em vez d'isso, porém, o Christo só assegura-lhes desprezo, odio e perseguição. — «Mas guardai-vos dos homens, porque elles vos farão comparecer nos seus juizos, e vos farão açoutar nas suas synagogas, e vós sereis levados, por meu respeito, á presença dos governadores e dos reis, para lhes servirdes a elles e aos gentios de testemunho. E quando vos levarem, não cuideis como, ou o que haveis de fallar; porque n'aquella hora vos será inspirado o que haveis de dizer; porque não sois vós os que fallais, mas o Espirito de vosso Pai é o que falla em vós. E um irmão entregará á morte a outro irmão, e o pai ao filho, e os filhos se levantarão contra os pais, e lhes darão a morte. E vós, por causa do meu nome, sereis o odio de todos; aquelle que perseverar até o fim, esse é o que será salvo.» Tendo na lembrança o modo pelo qual o mundo havia-se para com o Mestre, elles, no meio d'esse estado de coisas, não deviam de admirar-se. — «Não é o discipulo mais que o seu mestre, nem o servo mais que o seu senhor; basta ao discipulo ser como seu mestre, e ao servo como seu senhor. Si elles chamaram Beelzebú ao pai da familia, quanto mais aos seus domesticos?»

Os crimes de Sodoma e Gomorra haviam acarretado fogo e enxofre do Ceu, o peccado porém de rejeitar o seu Evangelho é mais grave. «Em verdade vos affirmo isto. Menos rigor experimentará no dia de juizo a terra

de Sodoma e Gomorra do que aquella cidade «que não quizer ouvir o que disserdes.

Não temais: é a palavra da ordem de Jesus.

Na Providencia divina que é uma das doutrinas mais proeminentes no ensino do Verbo, n'essa Providencia sabia, poderosa, constante, universal e a que nada escapa, Jesus inspira-lhes força e confiança.—«Por ventura não se vendem dois passarinhos por um asse? Pois bem, um d'elles não caie sobre a terra sem vosso Pai. E até os mesmos cabellos da vossa cabeça todos elles estão contados. Não temais, pois, que mais valeis vós que muitos passaros.

Aquelle que denodadamente o reconhecer e professar sua verdade em face da opposição e do perigo, elle, por sua vez, o confessará ante seu Pai, como seu discípulo, como seu amigo, como seu irmão; e d'aquelle que por temor ou por motivos mundanos envergonhar-se d'elle e de suas palavras, disse, elle, por sua vez, tambem se envergonhará ante seu Pai e seus anjos.

Em fim, Jesus exige que o amemoŝ sem reserva, com todo o sacrificio, com um amor supremo.—«O que ama o pai, ou a mãi mais do que a mim, não é digno de mim; e o que ama o filho ou a filha mais do que a mim não é digno de mim. E o que não toma a sua cruz, e não me segue, não é digno de mim. O que acha a sua alma, perdela-ha; e o que perder a sua alma, por mim, acha-la-ha.» (1)

Foi n'esses dias, talvez na semana antes dos doze partirem, que Herodes mandou degolar a João Baptista.

(1) Math. 10: 1—42. 11: 1.

A historia abunda em factos de homens que, nos remorsos de consciencia, fizeram confissões immensas. No meio do esplendor de sua posição e no seu retiro, Tiberio não pôdia esquivar-se das accusações de sua consciencia que o obrigava, até a confessar serem suas agonias mentaes uma punição de seus crimes. Todos conhecem os ultimos momentos de Carlos IX cujo nome atravessa as gerações. Envolto nas trevas da noite de S. Bartholomeu, Bessus, o Poeonian, sendo acrememente censurado por destruir um ninho de pardaes e matar os filhotes, respondeu que fizera assim, «porque esses passarinhos não cessavam de falsamente accusal-o como tendo matado a seu pai.» Bessus foi conduzido perante as auctoridades: era, com effeito, o assassino de seu pai!

É terrivel esse despertar da consciencia. -

Pelos trabalhos dos apostolos, as maravilhas de Jesus chegaram á noticia de Herodes. A despeito de sua crença de sadduceu, o Tetrarcha, nos remorsos de sua consciencia despertada por esses boatos, crê em espiritos e na resurreição. «*Este, disse elle a seus criados, é João Baptista; elle resurgiu de entre os mortos e por isso obram n'elle tantas maravilhas.*» (1)

Depois de dois ou tres dias de ausentes, os apostolos chegaram e entre as cousas que narram, contaram ao Senhor a morte de João, a qual Jesus já sabia pelos discipulos do Baptista.

Eram vespervas da paschoa. Os devotos pareciam preferir Jesus a Jerusalem. Os que tinham doentes aproveitaram se d'essa occasião para lh'os trazer. A af-

(1) Math. 4: 1—12; Marc. 6: 14—16: 21—29.

fluencia era muita, immensa. Ainda bem uns não se retiravam, já outros chegavam. Jesus não tinha tempo para comer e seus discipulos, que haviam chegado de sua viagem missionaria, estavam fatigados. O Senhor resolveu retirar se para lugar deserto, onde com seus discipulos pudesse descansar. Bethsaida — Julias que fica ao nordeste da costa do mar, foi o lugar escolhido. Devido ao tempo que não lhes fôra propicio, gastaram mais tempo na viagem do que deviam. Ao approximar o barco da terra, a praia estava coberta de uma multidão de povo que, presenciando-o partir, havia vindo atraz d'elle por terra. Estavam cançados e a esse espectaculo accrescia o numero de doentes que lhe tinham trazido. Jesus ante essa scena commove-se e em vez de entregar-se ao descanso, occupa-se, logo que desembarcou, a curar os enfermos e a ensinar o povo.

É tarde. O dia tem-se ido. Ao som da palavra de Jesus suas horas hão passado desapppercebidas. Logo a noite descerá sobre esse deserto em que se acha uma multidão faminta. Os discipulos principiam a impressionar-se por esse estado de cousas. «E vindo a tarde se chegaram a elle os seus discipulos, dizendo : Deserto é este lugar e a hora é já passada ; deixa ir essa gente, para que, passando ás aldeas, compre de comer» — E Jesus lhes disse : Não tem necessidade de se ir ; dai-lhes vós outros de comer» — «Responderam-lhe : Não temos aqui sinão cinco pães e dois peixes.» — Jesus lhes disse : Trazei-m'os cá.» «E tendo mandado a gente que se recostasse sobre o feno, tomando os cinco pães e os dois peixes, com os olhos no Ceu, abençoou e partiu os pães, e os deu aos discipulos, e os discipulos ao povo.

Todos comeram e todos ficaram saciados. Homens

eram cinco mil e si ajuntarmos a estes as mulheres e as crianças, poderemos calcular a multidão em dez mil. Para mostrar a seus discipulos a grandeza e a realidade do que testemunhavam e ao mesmo tempo para dar-lhes a *salutar lição de economia*, manda os para que nada se perdesse, ajuntar os sobejos que encheram doze cestos.

O milagre produziu, como era de esperar, uma impressão profunda. Não ha duvida, este, diziam elles, é verdadeiramente o propheta que devia vir ao mundo. Jesus comprehendendo o alcance do movimento de um povo que é facil de impressionar se, mas difficil de convencer-se, constrangeu seus discipulos que pareciam tomar parte n'esse enthusiasmo, a embarcarem-se e a irem para o outro lado do lago. Elle que ficara, depois de ter despedido a gente, subiu a um monte a orar. (1) N'esse santo colloquio com seu Pae, não olvidou-se de seus discipulos que, no meio do mar, luctavam contra o vento e as ondas que pareciam esforçar-se para embargar-lhe a viagem. N'essa circumstancia, bem podiam lembrar-se d'aquelle que por uma palavra fez surgir a bonança da tempestade.

Era a quarta vigilia da noite. (2) De repente a attenção de todos até ahi absorvida pela tempestade, dirige-se para uma nova scena. Um vulto approximava se

(1) Math. 14:13 — 21; Marc. 6:30 — 44; Luc. 9:10 — 17; João, 6:1—14.

(2) Os judeus no tempo de Christo, semelhante aos romanos, dividiam a noite em quatro vigillias: crepusculo, meia noite, cantar do galo e manhã. A primeira começava do lusco-fusco até as 9 horas; a segunda ia das 9 até a meia-noite; a terceira das doze até ás 3 horas; e a quarta das 3 ao raiar do dia.

do batel, caminhando, através das ondas, como si andasse por terra firme. «E' um phantasma,» diziam elles, e de medo pozeram-se a gritar. «Então uma voz agradável que nem a briza pela tarde de um dia calmoso e bem vinda que nem a bonança depois de uma forte tempestade, lhes diz: Sou eu, não temais.» «Senhor, exclama Pedro, em seu arrebatamento e entusiasmo, si és tu, manda-me ir até onde estás por cima das aguas.» «Vem» diz-lhe o Senhor e eil o caminhando muito bem sobre as aguas. Porém antes de chegar onde estava o Mestre, sente submergir-se e, em seu desespero lembra-se de Jesus de quem havia retirado a sua attenção para dá la ao abysmo que estava a seus pés e ao vento que de rijo assoprava em torno d'elle. «Senhor, põe-me a salvo:» gritou elle. No mesmo instante, Pedro sentiu a mão de alguém que o sustinha ao passo que lhe dizia: Homem de pouca fé, porque duvidaste?»

Entraram ambos no barco e o vento immediatamente cessou e o barco abordou onde queriam ir. Então, na praia debaixo d'um Ceu estrellado, em um transporte intimo, todos os discipulos se ajoelharam em torno de Jesus e o adoravam dizendo: Verdadeiramente tu és o Filho de Deus » (1)

O povo nada soube do facto da noite. Pela manhã, muito cedo elle apresenta-se no lugar do milagre dos pães, julgando achar Jesus no monte. Tendo o procurado todo o dia sem saber d'elle, uó dia seguinte entrara em uns barcos que tinham chegado alli arribados e passara-se para o outro lado em busca d'elle.

(1) Math. 14:22—36; Marc. 6:45—56; João, 6:15—21.

Não era por serem n'elle que o procuravam, não. N'esse ardor eram actuados por motivos interesseiros, inteiramente temporaes. Jesus era um rei que lhes dava, um rei que lhes dava de comer quando tinham fome. Afinal acharam-no na synagoga, em Capharnaum.

— Mestre, perguntaram elles, quando chegaste aqui?

— Em verdade, em verdade, vos digo, responde-lhes Jesus, que vós me buscais, não porque vistes os milagres, mas porque comestes dos pães e ficastes fartos. Trabalhai não pela comida que perece, mas pela que dura até á vida eterna, a qual o Filho do homem vos dará. Porque elle é aquelle em quem Deus Padre imprimiu o seu sello

— Que faremos nós para obrarmos as obras de Deus?

— A obra de Deus é esta — que creais n'aquelle que elle enviou.

Aquelles que ainda ha pouco achavam assaz sufficiente o milagre dos pães a favor da missão divina de Jesus, agora pedem-lhe um signal para crer n'elle.

— Pois que milagre fazes tu para que o vejamos e creamos em ti?

E no seu empenho de destlustrar o milagre dos pães, alludem a Moysés que, por espaço de quarenta annos, sustentara dois milhões com o «pão do Ceu.»

Moysés, replicou lhes Jesus, não foi o que deu-lhes o pão do Ceu: elle nada havia feito para obtel-o e muito menos creado, e com propriedade não se pode dizer que era do Ceu, pois vinha da região superior do ar: foi sim, Deus, meu Pai, que deu-lhes esse pão, o qual agora dá-lhes o verdadeiro pão do Ceu de que o maná era um typo; porque o pão de Deus, emphaticamente assim chamado, é o que desceu do Ceu e que dá vida ao mundo.

Muitos d'elles que amavam mais o pão e os peixes do que o Christo, tomando em um sentido material as palavras do Mestre, disseram lhe: «Senhor, dá-nos sempre d'este pão.» Jesus mais explicitamente declara-lhes que esse pão da vida é elle mesmo e preparando os para a expressão comer a sua carne e beber o seu sangue, assegura-lhes que quem crer n'elle e chegar-se a elle não terá jámais fome, nem terá jámais sede.

«Eu sou o pão da vida; o que vem a mim não terá jámais fome e o que crê em mim não terá jámais sede.»

«Eu sou o pão vivo que desci do Ceu. Si qualquer comer d'este pão, viverá eternamente; e o pão que eu darei, é a minha carne para ser a vida do mundo.»

Tomaram ao pé da letra as palavras de Jesus e por isso perguntaram entre si: «Como pode este dar-nos a comer a sua carne?» «Em verdade, em verdade vos digo, acudiu o Senhor, si não comerdes a carne do Filho do homem e beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós.»

Não havendo dois modos de ser-se salvo, segue-se, o que tambem nos dita a boa hermeneutica, que as expressões—*comer a carne do Filho do homem e beber o seu sangue*—significam *confiar, crer* em Christo. (1)

«Si na escriptura houver um texto perceptivo ou prohibindo algum crime e enormidade ou requerendo alguma cousa util e boa, esse texto não deve ser to-

(1) Crer n'elle, diz St.º Agostinho, é comer o pão vivo; crer n'elle é comer—*Credere enim in eum, hoc est manducare panem vivum; crede et manducasti.* Agost, in Joh. tract. 26.

mado figurativamente, mas se parecer requerer algum *crime* ou enormidade e prohibir o que é util e bom, então deve ser tomado *figurativamente*. *Si não comerdes a carne do Filho do homem, disse o Senhor, e beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós.* Elle parece mandar um crime e enormidade. Ha então na expressão *uma figura pela qual nos é imposto o dever de participarmos da paixão do Salvador e de conservarmos a salutar lembrança de sua carne coberta de chagas e pregada por nós a uma cruz.*» (1)

Desconhecendo esta regra de bom senso, a multidão toda escandalizada, exclamou: «Duro é este discurso e quem o pode ouvir?» — Vós achais duras as minhas palavras porque as tomais em um sentido litteral, e, na verdade, interpretadas d'esse modo são duras. E, si estando no meio de vós, são insoffríveis, que fará estando eu ausente, assentado á dextra de meu Pai! Bem vedes pois que nas minhas palavras não vos ensino que deveis comer e beber *carnal e corporalmente* o meu corpo e o meu sangue; e tanto é assim que o meu corpo nem na terra tem de ficar, mas ha de ir para o Ceu. (2)

Em sua condescendencia, Jesus, para trasladal os do sentido litteral para o espirital, dá-lhes a chave do seu discurso n'estas palavras terminantes. «*O espirito é o que vivifica, a carne para nada aproveita: as palavras que eu vos disse, são espirito e vida.*»

A explicação não bastará para obstar o escandalo.

(1) Agost. Da Doct. Christ. lib. 3. 16.

(2) Em todo este discurso tenho seguido o modo de ver de St.º Agostinho.

Essa multidão até ha pouco tão solícita, o abandonara, offendida. Os doze, porém, em sua fidelidade o rodeam. O Senhor volta-se para elles e lhes diz : «Que-reis vós outros tambem retirar-vos?»

Pergunta terna e mui significativa. A humanidade attendendo á occasião, nunca presenciou igual.

Está estabelecida a liberdade religiosa na liberdade de cada um seguir ou não seguir o Christo.

«Senhor, respondeu Simão, para quem havemos nós de ir? Tu tens palavras de vida eterna e nós temos crido e reconhecido que tu és o Christo Filho do Deus vivo. ⁽¹⁾

É na liberdade que ama-se e por isso Deus é o primeiro a proclamar-a para que os homens o adorem cordial e racionalmente, que é o unico culto que lhe agrada.

(1) João, 6: 22—71 ; 7: 1.

CAPITULO IV

Terceiro anno da missão de Jesus Christo

*Lux de luce Deus,
cæci Lux unica mundi Cor de graves tenebras
discute Luce Tua (1)*

IIAFTENIS

DS judeus, além da Palavra de Deus escripta, criam tambem na cabala, tradição. Na occasião em que Moysés esteve no Monte Sinai, Deus dava-lhe de noite as explicações da Lei que recebia de dia. A Lei o legislador hebreu escreveu, porém as explanações confiou á memoria de Arão. dos filhos d'este e dos setenta anciãos de Israel que compunham o synhedrim.

Tal é a historia como contada pelo doutissimo rabino Maimonides, a historia da origem d'essa tradição.

A narração da sua transmissão á posteridade não é menos peculiar. Josué recebendo de Moysés a cabala, a communicou a Phineas e este a Eli que transmittiu

(1) O' Deus, luz de luz, unica d'este mundo cego, dissipa, com a tua luz, as trevas espessas do coração.

a Samuel; Samuel a entrega a David e a Abias o qual, por sua vez, a passou para Elias por quem chegou a Eliseo; Joadá tendo recebido a tradição de Eliseo a transmittiu a Zacarias por intermedio de quem chegou a Oseas que por sua vez a confiou a Amós e assim por diante até Judah Hakkadosh que viveu no meado do seculo e o qual a reduziu a escripto.

A veneração e auctoridade que entre os judeus gozava a tradição transluzem dos seguintes aphorismos : «A lei moral, disse um de seus rabinos mais sabios, é o fundamento da escripta, e esta não pode ser exposta senão por aquella.» «Perde o seu tempo o que empregar-se no estudo da Biblia e nada mais.» «Ainda que a tradição vos diga que a vossa mão direita é a esquerda e vice versa, assim mesmo deveis crer n'ella :» disse o rabbino Salomão Joschi. «O peccado contra as palavras dos escribas, reza o Talmud, é mais grave do que o peccado contra as declarações da Lei.» «O texto da Biblia é como agua, mas o Mishna é que nem vinho». (1)

Uma das doutrinas mais preciosas d'essa tradição

(1) Sem templo e sem patria, os judeus, temendo perder algumas das suas tradições, escreveram-nas. A Judah H. coube essa tarefa. As tradições que pôde colleccionar deram seis livros que consistem de sessenta e seis tractados os quaes subdividem-se em numerosos capitulos. Os commentarios que os seus doutores ajuntaram-lhe chamam-se *Gemara*, Complemento; e o *Mishna* e o *Gemara* formam o Talmud. Ha porém dois Talmudes : O de Jerusalem e o de Babylonia; gozando o primeiro maior veneração do que o ultimo. Si emquanto aos *Gemaras* de Jerusalem e de Babylonia ha muita differença com tudo o *Mishna* escripto por Judah é acceito como o texto por ambos os commentadores.

era o lavar as mãos antes de comer. «Qualquer que desprezar o lavar das mãos deve ser excommungado, ficará pobre e merece ser extirpado do mundo.»

Por essa tradição, um filho podia deixar de amar e de obedecer a seus progenitores. Se um filho, por exemplo, tivesse um carneiro e seus pais levados pela necessidade lh'o pedissem, elle podia furtar-se ao dever de soccorrel-os, dizendo-lhes : O que me pedis tenho reservado para a religião.

Já vimos ser Jesus censurado por apartar-se da tradição ; d'esta vez porém os infractores são os discipulos. (1) Porque violam os teus discipulos a tradição dos antigos, pois não lavam as mãos quando comem pão.» E vós tambem respondeu-lhes Jesus, porque transgredis o mandamento de Deus pela vossa tradição ? Porque Deus disse : Honra a teu pai e a tua mãe, e : O que amaldiçoar a seu pai ou a sua mãe, morra de morte. Porém vós outros dizeis : Qualquer que disser a seu pai, ou a sua mãe : Toda a offerta que eu faço a Deus te aproveitará a ti ; pois é certo que vós tendes feito vão o mandamento de Deus pela vossa tradição »

«Hypocritas, bem prophetizou de vós outros Isaias, quando diz : Este povo honra-me com os labios ; mas o seu coração está longe de mim. Em vão pois me honram ensinando doutrinas e mandamentos que vem dos homens.»

Chamando, em seguida as turbas as precavê contra as delusões de seus guias. «Ouvi, e entendei. Não é o que entra pela boca que faz immundo o homem ; mas o

(1) Math. 15: 1—20 ; Marcos, 7: 1—23.

que sai da boca, isso é o que faz immundo o homem.»

Afeitos a serem ouvidos com mais respeito do que a Lei e os prophetas, as expressões eram positivas demais para as soffrerem com bom humor. «Sabes, disseram-lhe os discipulos, que os phariseus, depois que ouviram o que disseste, ficaram escandalizados?» — «Toda a planta que meu Pai celestial não plantou, será arrancada pela raiz.» Em quanto a elles escandalisarem-se, deixal-os; que aquelles porém que com boa fé os seguem se lembrem que assim como um cego guiando a outro cego ambos vão cahir no mesmo barranco, assim aquelles que crerem implicitamente nos escribas e nos phariseus soffrerão as mesmas consequências que estes.

Como um penhor d'essa ceifa gloriosa que o Evangelho no futuro colheria na rica Corintho, na sabia Athenas e na soberba Roma, Jesus visitara a Syria.

Habitavam essas regiões os descendentes dos filhos de Cão, dos quaes o mais celebre foi Canaam que levara seu nome a seus filhos e aos filhos de seus filhos. Os gregos deram a essa região o nome de Phenicia. Os cananitas eram verdadeiramente um povo empreendedor. Ainda os outros povos não se atreviam a perder de vista as costas do mar e já os seus marinheiros que dormiam debaixo do buxo de Cypre ornado de marfins em seus navios de pinhos de Sanir, com mastros de cedros do Libano e remos de choupos de Basan, estabeleciam colonias nas partes mais remotas da Europa.

A pessoa de Jesus era conhecida n'essa terra pagã e entre os adoradores de Baal e Ashtoreth, o Evangelho havia convencido alguns que Christo era efectiva-

mente o Messias. N'essa sua viagem saiu-lhe ao encontro uma mulher para pedir-lhe que tivesse compaixão d'ella, por que tinha uma filha a quem o diabo miseravelmente atormentava. (1) E' significativo o indifferentismo apparente do Senhor para com a Syrophenicia que seguindo-o, ia gritando : « Senhor, Filho de David, tem compaixão de mim » Tão insistente tornou-se que os discipulos, incommodados com a sua importunidade, disseram : « Despede a, porque vem gritando atraz de nós » — « Eu não fui enviado sinão ás ovelhas que pereceram da casa de Israel. » Não desiste; reveste-se de tanto mais confiança quanto é despresada : entra pela casa dentro em que Jesus se havia recolhido e lançando se a seus pés, em sua afflicção, exclama : « Senhor, valei-me. »

— Não é bom tomar o pão dos filhos e lançal-o aos cães.

— Tendes razão, Senhor, pertenco na verdade a essa classe denominada de cães ; mas por isso não podeis recusar-me a graça que vos peço. Os cachorros que estão debaixo da mesa, não se sustentam das migalhas que caiem das mãos dos filhos ? Não vos peço o pão dos filhos, peço-vos, sim, os seus sobejos que me pertencem.

Jesus, que comprimira em seu peito a sua compaixão e ternura, fazendo-se surdo ás instancias d'essa mãe, para ter occasião de patentear a sua fé e de elogial-a, depondo essa dureza exterior, exclama : « O' mulher, grande é a tua fé ; faça-se comtigo como queres. »

E a mãe, chegando á casa, achou a menina livre do demonio.

Passando pelo meio de Decapolis é para as costas do

(1) Math. 15: 21—28; Marc. 7: 24—30.

mar de Tiberiades que, em seu regresso, dirige-se. Seu poder miraculoso de novo se exhibe nos mudos, nos cegos, coxos, mancos e em outros enfermos que se arrojam a seus pés, implorando a sua compaixão. Com sete pães e alguns peixes sustenta quatro mil homens, fôra meninos e mulheres. Os fragmentos que sobejaram, encheram sete alcofas. Com esse segundo milagre de pães, despede se d'esse sitio e embarca para o lado occidental do mar. ⁽¹⁾ Os phariseus conchavados com os seus inimigos sadduceus, como antes o haviam feito com os herodianos, o esperavam na praia, em Magdala, para tental o. Rodeados de um sem numero de signaes, pedem-lhe um signal! O sceptro tinha passado de Judá; as setenta semanas de Daniel haviam expirado; o Precursor que devia vir adiante do Messias, já tinha terminado a sua missão e todos os prophetas se cumpriam em Jesus, e no entanto, elles que sabiam conhecer que cousa prognosticava o aspecto do ceu, não conheciam «os signaes dos tempos». «Esta geração perversa e adúltera, accrescentou Jesus, pede um prodigio e não se lhe dará outro prodigio si não o do propheta Jonas.» ⁽²⁾

Entrou incontinentemente com os discipulos no barco e partiu. «Vede, e guardai-vos do fermento dos phariseus e dos sadduceus». Os discipulos que haviam-se olvidado de prover-se de pão, julgaram que o Senhor referia-se a esse esquecimento e que prevenia os para não comprarem o pão dos phariseus e dos sadduceus. Conhecendo o raciocinar d'elles, Jesus os reprova pela sua pouca fé, trazendo-lhes á memoria os dois mila-

⁽¹⁾ Math. 15: 29—39; Marc. 7: 31—37; Luc. 8: 4—9.

⁽²⁾ Math. 16: 1—4; Marc. 8: 10—12.

gres dos pães. Então entenderam que não era do pão que lhes fallava; mas sim da hypocrisia, de infidelidade e das doutrinas dos phariseus e dos sadduceus. (1)

Em direcção ao nordeste onde Jesus se dirigia, 6 kilometros, pouco mais ou menos, a leste da cidade de Dan, demorava Cesarêa de Philippe, cuja localidade ficava perto da gruta espaçosa consagrada ao deus Pan, d'onde veiu-lhe o seu antigo nome de Panium. N'esse sitio Herodes erigiu em honra de Cesar Augusto, um templo que tornou-se a base de uma cidade denominada Peneas. Philippe, tetraacha de Trachonites a alargou e a embellezou e deu-lhe, em honra de Tiberio Cesar, o nome de Cesarêa, recebendo tambem o sobre nome de Philippe, para distinguil-a da outra Cesarêa. Perto d'essa cidade onde Tito, as delicias do mundo, depois da destruição de Jerusalem, obrigou os judeus captivos a luctarem uns com os outros e a matarem-se em espectaculos, Jesus, interrompendo por instantes a sua marcha, depois de ter orado, achando-se só com os seus discipulos, pergunta-lhes:

— Quem dizem os homens que é o Filho do homem? (2)

— Uns dizem que João Baptista, mas outros que Elias, e outros que Jeremias, ou algum dos prophetas.

— E vós quem dizeis que sou eu?

— Respondendo Simão Pedro, disse: Tu és o Christo, Filho de Deus vivo.

— E respondendo Jesus, lhe disse: Bemaventurado és, Simão, filho de João; porque não foi a carne e sangue quem t'o revelou, mas sim meu Pai que está nos

(1) Math. 16:5 — 12; Marc. 8:13 — 21.

(2) Math. 16:13 — 20; Marc. 8:27 — 30; Luc 9:18 — 21.

Ceus. Tambem eu te digo, que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ella. E eu te darei as chaves do Reino dos Ceus. E tudo o que ligares sobre a terra, será ligado tambem nos Ceus, e tudo o que desatares sobre a terra será desatado tambem nos Ceus. (1)

Cousa admiravel! a cruz entra n'este momento como um facto proximo no horisonte de sua vida. (2) Era a primeira vez que Jesus vaticinara a sua morte. Os discipulos, sob os prejuizos de seus coetaneos, não podiam supportar essa declaração. Confirma-os na fé da confissão de que por Pedro tinham feito e ao mesmo tempo preparal-os para a scena tragica do Calvario, fazia se, por conseguinte sentir. Seis dias depois Jesus sóbe a um dos pincaros elevados do monte Hermon, acompanhado de Pedro, João e Thiago que já vimos na casa do governador da synagoga e que mais tarde havemos de tornar a ver no Gethesemani. (3) O pensamento do melodioso Psalmista comprehendia

(1) Sendo essa uma passagem muito controvertida entre os protestantes e os romanos, para conservarmos a nossa imparcialidade damos aqui a interpretação de Santo Agostinho; «Pedra, *petra*, é a radical, e Pedro, *Petrus*, vem de pedra e não p-*tra* de *Petrus*; assim como Christo não vem de Christão, mas christão de Christo. Então disse ihe o Senhor Tu és Pedro, *Petrus*, e sobre esta pedra que tu tens confessado, sobre esta pedra que tu tens conhecido exclamando: Tu és o Christo, Filho de Deus vivo, eu edificarei a minha Igreja; em outras palavras; *Eu edificarei a minha Igreja sobre mim mesmo, que sou Filho de Deus vivo; eu a edificarei sobre mim e não sobre ti*». Agost. Sermão, 76. A mesma interpretação se acha no Sermão 270 d'esse mesmo santo padre.

(2) Math. 16:21 — 28; Marc. 8:31 — 38; Luc. 9:22 — 27.

(3) Math. 17:1 — 13; Marc. 9:3 — 13; Luc. 9:28 — 36.

tambem a transfiguração quando cantou: «O Tabor e o Hermon, em teu Nome saltarão de contentamento.» Eleva-se nas raias septentrionaes do paiz, além do Jordão e do territorio que primeiramente pertencera a Og, rei de Basan. De altura de tres mil e trescentos metros acima do nivel do mar, o Hermon perde os seus pincaros na região da neve. Emquanto em oração com seu Pai privava, Jesus elevava-se paulatinamente da terra, ao passo que seu rosto tornava-se refulgente como o sol e os seus vestidos se faziam brilhantes e brancos como a neve. Para maior brilhantismo da scena, Moysés e Elias: o primeiro o representante da Lei e o ultimo dos prophetas, appareceram para honrar aquelle que era o fim da Lei e o espirito de prophecia. Os tres apostolos, que, ou fatigados pela ascensão ou opprimidos de somno, haviam buscado no dormir o descanso, despertaram e viram Jesus de gloria amplissima coroadado, conversando com Moysés e Elias, de sua saída d'este mundo que se havia de cumprir em Jerusalem. Os dois visitantes, tendo desempenhado ao pé de Jesus sua missão de honra, tratavam de retirar-se quando Pedro, em seu gozo e ao mesmo tempo em seu pasmo, não sabendo o que dizia, exclamara: «Mestre, bom é que nós aqui estejamos e façamos tres tendas: uma para ti, outra para Moysés e outra para Elias. Neste instante uma nuvem mais gloriosa do que o *shckinah* os cobre. Grande foi o temor d'elles e a estas palavras que do seio da nuvem se fizeram ouvir: *«Este é aquelle meu querido Filho em quem tenho posto toda a minha complacencia; ouvi-o»*; Pedro, Thiago e João caíram por terra.

A revelação havia desaparecido: a grandeza e a gloria tinham-se recolhido. Os apostolos, voltando a si

ao toque de Jesus que lhes dizia: «Levantai-vos, não temais», não viram ninguém mais sinão seu Mestre de novo *transfigurado* em um varão de dores e no ultimo dos homens.

Vinte e sete annos depois, S. Pedro, consignando o facto, escreveu: «Porque não vos temos feito conhecer a virtude, e a presença de Nosso Senhor Jesus Christo, seguindo fabulas engenhosas; mas, sim, depois de nós termos sido os espectadores da sua grandeza. Porque elle recebeu de Deus Padre honra, e gloria, quando da magnifica gloria lhe foi dirigida uma voz d'esta maneira: Este é o meu Filho amado, em quem eu me comprazi; ouvi o. E nós mesmos ouvimos esta voz, que vinha do Ceu, quando estavamos com elle no monte santo.» (1)

No dia seguinte, Jesus descera do monte. Parece que em seu rosto reverberava algum vislumbre da gloria da scena da transfiguração. Seja como fôr, o povo que, esperando-o, rodeava os discipulos que havia deixado em baixo, ao vê-lo, ficava espantado e todos se encheram de terror e correndo para elle o saudavam.

O milagre que teve lugar e do qual nos fallam os synopsis, contrastado com a oração e as lagrimas do pobre pai, é sublime e tocante. (2)

Pela lei mosaica, todos os filhos machos de Israel, logo que attingissem á idade de vinte annos, eram obrigados a concorrer com duas drachmas annualmente para o serviço do santuario. (3)

(1) 2.^a Pedro, 1:16 — 18.

(2) Math. 17:14 — 21; Marc. 9:14 — 29; Luc. 9:37 — 43.

(3) Exodo, 30:11 — 16.

Atravessando o Mestre a Galilea para Capharnaum, aquelles que estavam incumbidos de cobrar esse imposto, perguntaram a Pedro si Jesus não pagava as duas drachmas. (1)

—« Paga»: respondeu o discipulo.

Em casa. Jesus, anticipando o caso, notou a Pedro que, como Filho d'aquelle a quem o templo havia sido dedicado e como Senhor elle mesmo do templo, estava eximido de pagar assim como os filhos dos reis estão isentos dos tributos.—«Mas para que os não escandalizemos, vai ao mar, e lança o anzol; e o primeiro peixe que subir, toma-o; e abrindo-lhe a boca, acharás dentro um *stater*: tira-o, e dá lh'o por mim e por ti. (2)

Lição sublime em que Jesus exhibindo-nos a profundidade de sua pobreza, ensina-nos, por seu exemplo, a evitar o escandalo. (3)

O facto de Jesus pela segunda vez se fazer acompanhar dos tres apóstolos, excitara n'elles o espirito de Diotrophes, o espirito de primazia. Este desejo, que manifestou-se primeiramente por meio de palavras, degenerara em uma discussão entre elles. Jesus não deuse por achado; proseguiu em sua viagem, mas assim que chegaram á casa, perguntou-lhes: «De que vinheis vós tratando pelo caminho.» Em grande maneira envergonhados, não responderam. O Mestre, então, em sua paciencia e condescendencia, ensinou-lhes que seria o ultimo o que quizesse ser o primeiro e que o *ca-*

(1) A drachma que é igual a um quarto de siclo, vale 250 rs.

(2) O Stater, moeda romana, que é igual a um siclo, vale 15000 rs.

(3) Math. 17:24 — 27; Marc. 9:33.

minho da honra é a humildade. E para melhor gravar no coração dos apóstolos o seu *protesto contra toda a primazia entre elles*, chamou a um menino, o poz no meio e tendo o abraçado, lhes disse: «Todo aquelle, pois, que se fizer pequeno como este menino, esse será o maior no Reino dos Ceus. E o que receber em meu Nome um menino, tal como este, a mim é que recebe; o que escandalizar, porém, a um d'estes pequeninos que crem em mim, melhor lhe fôra que se lhe pendurasse ao pescoço uma mó de atafona, e que o lançassem no fundo do mar. ⁽¹⁾

Á expressão do Mestre «em meu Nome» trouxera á memoria de João um homem que no nome de Jesus fazia milagres e ao qual, por não andar com elles, defenderam essa faculdade. «Não lh'o prohibais, disse-lhes o Senhor, porque não ha nenhum que faça milagres em meu nome, e que possa logo dizer mal de mim: porque, quem não é contra vós, é por vós.»

E reatando o fio de seu discurso, proseguiu; «Ai do mundo! por causa dos escandalos. Porque é necessario que succedam escandalos: mas ai d'aquelle homem por quem vem o escandalo. Ora, si a tua mão, ou o teu pé te escandalisa, corta o e lança o fôra de ti; melhor te é entrar na vida manco, ou aleijado, do que tendo duas mãos, ou dois pés, ser lançado no fogo eterno. E si o teu olho te escandaliza, tira o, e lança o fôra de ti, melhor te é entrar na vida com um olho de menos do que tendo dois, ser lançado no fogo do inferno.»

«Vede, não desprezeis algum d'estes pequeninos;

(1) Math. 18: 1 — 35; Marc. 9:35 — 50; Luc. 9: 46 — 50. ✓

porque eu vos declaro, que os seus anjos nos Ceus incessantemente estão vendo a face de meu Pai, que está nos Ceus. Porque o Filho do homem veio a salvar o que havia perecido. Que vos parece? si tiver alguém cem ovelhas, e si se desgarrar uma d'ellas; por ventura não deixa as noventa e nove nos montes, e vai a buscar aquella que se extraviou? E si acontecer achal-a, digo-vos, em verdade, que maior contentamento recebe elle por esta, do que pelas noventa e nove, que não se extraviaram. Assim, não é a vontade de vosso Pai, que está nos Ceus, que pereça um d'estes pequeninos.»

«Por tanto, se teu irmão peccar contra ti, vai, e corrige o entre ti, e elle só: si te ouvir, ganhado terás a teu irmão; mas si te não ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que por boca de duas ou tres testemunhas fique tudo confirmado. E si os não ouvir, dize-o à igreja; e si não ouvir a igreja, tem-no por um gentio, ou um publicano.»

«Em verdade vos digo, que tudo o que vós ligardes sobre a terra, será ligado tambem no Ceu, e tudo o que vós desatardes sobre a terra, será desatado tambem no Ceu.»

«Ainda vos digo mais, que si dois de vós se unirem entre si sobre a terra, seja qual fôr a cousa que elles pedirem, meu Pai, que está nos Ceus, lh'a fará. Porque onde se acham dois ou tres congregados em meu nome, ahí estou eu no meio d'elles.»

«Então chegando-se Pedro a elle, perguntou: Senhor, quantas vezes poderá peccar meu irmão contra mim, que eu lhes perdoe? será até sete vezes?»

«Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes; mas que até setenta vezes sete vezes.»

«Por isso o Reino dos Ceus é comparado a um homem rei, que quiz tomar contas aos seus servos. E tendo começado a tomar as contas, apresentou-se lhe um, que lhe devia dez mil talentos. ⁽¹⁾ E como não tivesse com que pagar, mandou o seu senhor que o vendessem a elle, e a sua mulher, e a seus filhos, e tudo o que tinha, para ficar pago da divida. Porém o tal servo lançando-se-lhe aos pés, lhe fazia esta supplica, dizendo: Tem paciencia comigo, que eu te pagarei tudo. Então o senhor compadecido d'aquelle servo, deixou o ir livre, e perdoou-lhe a divida. E tendo saido este servo, encontrou um de seus companheiros, que lhe devia cem dinheiros, ⁽²⁾ e lançando-lhe a mão, o afogava, dizendo: Paga me o que me debes. E o companheiro lançando se lhe aos pés, o rogava, dizendo: Tem paciencia comigo, que eu te satisfarei tudo. Porém elle não quiz; mas retirou-se, e fez que o mettessem na cadeia, até pagar a divida. Porém os outros servos seus companheiros, vendo o que se passava, sentiram-no fortemente e foram dar parte a seu senhor de tudo o que tinha acontecido. Então o fez vir seu senhor e lhe disse: Servo máu, eu perdoei-te a divida toda porque me vieste rogar para isso; não devias tu logo compadecer te igualmente do teu companheiro, assim como tambem eu me compadeci de ti? E cheio de cólera,

(1) Um talento de prata vale, pouco mais ou menos 3:010\$000 réis e, por conseguinte; os dez mil sommam trinta mil e cem contos! «Esta quantia é exactamente igual áquella com que Dario quiz comprar Alexandre o grande, para que não proseguisse em suas conquistas pela Asia.» Trench.

(2) Um dinheiro corresponde a 250 réis e, por conseguinte, a quantia toda monta a 25\$000 réis.

mandou seu senhor que o entregassem aos algozes, até pagar toda a divida.»

«Assim também vos ha de fazer meu Pai celestial, si não perdoardes do intimo de vossos corações, cada um a seu irmão.»

Avisinhava se uma das tres festas solemnes dos hebreus, a festa dos tabernaculos. Commemoração dos dias em que seus pais habitavam em tendas, a festa dos Tabernaculos era também uma solemnidade na qual protestavam o seu reconhecimento a Jehovah por sua bondade protectora durante a sua peregrinação pelo deserto da Arabia. Além de outras ceremonias prescriptas, offereciam-se sacrificios. Principiava a 25 do mez de Tisri, setembro, e durava oito dias, durante os quaes o povo era obrigado a morar em barracas de folhas de palmeiras, de galhos de salgueiros da torrente e de outras arvores. As ruas e os campos, n'esse tempo, representavam o aspecto de ricas alamedas. Agitando as palmas e ramos de arvores, grupos percorriam as ruas, cantando hosannas. No setimo dia commemoravam a tomada de Jericho, rodeando sete vezes a cidade. Acompanhado de musica e de uma immensa multidão, todos os dias o sacerdote descia a fonte de Siloé com um vaso de ouro nas mãos, o qual enchia de agua que derramava na bacia do altar, por occasião do sacrificio da manhã. O oitavo dia, denominado *hossan-rabbah*, grande hosanna, era o mais solemne d'essa festa de verdadeira alegria.

Com um semblante intrepido e resolutos, Jesus sóbe a Jerusalem. (1) Adiante de si já havia enviado os se-

(1) Luc. 9:51 — 56; João, 7:2 — 10.

tenta e dois discipulos, por todas as cidades e villas porque tinha de passar. (1) O discurso que dirigiu lhes, em seu fundo assemelha-se ao que pronunciou por occasião de commissionar os doze apóstolos. Em vez de atravessar o Jordão na ponte em Scythopolis e fazer a viagem por Perea, para de novo atravessar o rio em Jericho, Christo passa por Samaria. O bom acolhimento que outrora encontrara nos samaritanos, não o achou agora. Julgando que só no seu templo em Gerazim existia o verdadeiro culto, os samaritanos não podiam ver com bons olhos os que subiam a Jerusalem ás festas. Actuados por esse sentimento, negaram pousada a Jesus. Esse acto de uma intolerancia que muitas vezes leva os homens a crerem que fóra do seu seio não ha salvação, exasperou a João e a Thiago. «Senhor, exclamaram elles; queres tu que digamos que desça fogo do Ceu, e que os consuma?» — «Porém Jesus, voltando-se para elles, os reprehendeu, dizendo: *Vós não sabeis qual é o espirito da vossa vocação. O Filho do homem não veio a perder as almas, mas a salvá-las.* E foram para outra povoação.»

Oh! resposta sublime, em que o Filho de Deus estabelece, de novo, a liberdade de cultos e condemna, mais uma vez, toda a persiguição religiosa!

Encontrara Jesus á entrada de uma certa cidade porque tinha de passar, um grupo mixto de dez leprosos. (2) O mesmo infortunio que os tinha separado dos homens os havia unido. Doença incuravel, a lepra era consi-

(1) Luc. 10:1 — 16.

(2) Luc. 17:11 — 19.

derada como um castigo do Ceu. Ao aperceberem-no, em vez do grito monotonu e tetrico, com que avisavam os viajantes que por engano approximavam-se d'elles, saíram lhe ao encontro, gritando: «Jesus, Mestre, tem compaixão de nós.» Aproveitando-se do prescripto por Moysés tocante aos leprosos, Jesus envia-os aos sacerdotes para que examinassem a sua cura e d'esse modo tivessem occasião de ouvir mais esse testemunho em prol da sua divindade. Deram os miseros fé ás suas palavras e, quando não tinham bem chegado ao meio do caminho, eis que sentiram-se completamente limpos. Um d'elles, que era samaritano, no sentimento do seu profundo reconhecimento, voltara para agradecer-lhe. Recebendo as graças d'esse estrangeiro, Jesus disse: «Não é assim, que todos os dez foram curados? E onde estão os outros nove? Não se achou quem voltasse, e viesse dar Gloria a Deus, senão só este estrangeiro! Levanta-te, vai; que a tua fé te salvou.»

Fulminara Jesus d'este modo, a falta de correspondencia e no espirito de suas palavras comprehende se o mais eloquente elogio á gratidão, que elle eleva, dando-lhe o primeiro lugar.

Para não dar ganho de causa a seus inimigos, chegara privadamente a Jerusalem ⁽¹⁾ A festa tinha principiado. N'essa hora, o povo não se esquecera d'elle. «Onde está elle?» ouvia se de quando em quando. A ideia que formavam a seu respeito havia dividido a multidão. Alguns, partindo de sua conducta, doutrina e de seus milagres, concluiam que elle era bom; outros, pertencendo a essa classe preocupada por uma

(1) João, 7:11 — 53; 8:1.

crença que pertence-lhes como um campo que herdamos, iam alem de negar-lhe o titulo de bom; taxavam-no de enganador. O odio da aristocracia ecclesiastica havia-se feito sentir, de sorte que aquelles que eram a favor de Jesus, temendo incorrer na excommunhão, não ousavam declarar publicamente seus sentimentos.

Os primeiros dias passara particularmente; foi quando a festa tocava ao meio, que apresentou-se no templo. Em seu ensino brilha uma sabedoria que admira: «Como sabe este letras não as tendo estudado.» perguntavam aquelles que conheciam a sua educação. «A minha doutrina não é minha, responde-lhes Jesus, revelando-lhes a origem de seu saber; mas é d'aquelle que me enviou.» Para convencerem-se do que lhes dizia, não era necessario ser se dotado de uma intelligencia robusta ou de tal ou qual grão de capacidade; bastava ter se uma sincera vontade e um desejo ardente de querer-se fazer a vontade de Deus. Alguns dos habitantes da cidade, que conheciam os designios perversos do synhedrim, estranhando por deixarem-no fallar perguntavam: «Terão os senadores reconhecido ser este o Christo?» Ignorando a descendencia de Jesus de David, a sua concepção miraculosa e a sua natividade em Bethlem e julgando o pela apparencia, o rejeitaram no character de Christo. Jesus os contesta fazendo lhes ver que julgavam conhecel o e saber d'onde era e todavia elle não veiu de si mesmo; mas de Deus, a quem elles não conheciam e ao qual elle perfeita e intimamente conhecia, sendo d'elle e enviado por elle para revelal o ao mundo. Estas declarações, em que patenteava-lhes a sua origem celeste e a ignorancia d'elles do character de Deus, os exasperou de tal sorte que, si tivesse chegado a hora, o teriam prendido.

Alguns porém creram n'elle e tiveram bastante coragem para fazer a seguinte objecção: «Quando vier o Christo fará elle mais prodigios do que os que este faz?»

Levado pelos espias, este movimento chegou logo aos ouvidos dos phariseus. Immediatamente, em um dos aposentos do templo, reuniu-se o synhedrim que, no triumpho da causa de Christo, via ameaçados os seus interesses. Resolveu-se a sua prisão e para effectua-la enviaram quadrilheiros.

Era o ultimo dia da festa. Pela manhã muito cedo, o povo acudia ao templo. O sacrificio da manhã havia sido posto sobre o altar; era chegada a hora de um dos sacerdotes descer á fonte de Siloe. Os que podiam, bebiam da agua ao cantar d'estas palavras do filho de Amós: «*Todos vós os que tendes sede vinde ás aguas.*» Acompanhado de um concurso immenso de povo alegre e prasenteiro, o sacerdote conduzia em triumpho o vaso cheio de agua para o templo. Ao penetrar o sacerdote nos atrios a turba sagrada soava alegremente até chegar perto do declive do altar. A agua era, em seguida, derramada na bacia de prata que estava do lado occidental, a qual, com o vinho do sacrificio derramado na bacia oriental, corria sobre o altar ao som das palavras: «*Vós tirareis com gosto aguas das fontes do Salvador.*» (1) cantadas enthusiasticamente ao som de trombetas e tymbales. N'este momento, de um lugar conspicuo, surge a figura sympathica de Jesus e alludindo ao tirar e ao beber da agua, eleva a sua voz,

(1) Isaias, 42: 3.

e no meio d'esse gozo do tirar e do derramar da agua o qual, quem não o sentisse, não sabia o que era gozo, exclama: «Si alguém tem sede, venha a mim e beba. O que crê em mim, como diz a Escripura, do seu ventre correrão rios de agua viva.»

Os quadrilheiros chegam n'esta hora. Que scena contrastada com aquella d'onde vinham, não se apresenta a seus olhos! Que placidez, que bondade e que innocencia a d'aquelle a quem tem de lançar as mãos! Em seu fallar, elles vem uma sinceridade que nunca tinham testemunhado, em seu ensino sentem uma unção que adoça lhes a rudez do espirito e uma graça que os encanta!

Desenove seculos depois, Rousseau, perante a Biblia, dizia: «Confesso que a magestade das Escripturas me abysma e a santidade do Evangelho falla a meu coração. Oh! quanto são pequenos á vista d'este os livros dos philosophos com toda a sua pompa.»

Dominados pela palavra do Mestre esquecem-se de si mesmos e em lugar de cumprirem as ordens de seus superiores, tornam-se ouvintes e admiradores do Verbo.

Alguns do povo, convencidos pelas derradeiras palavras de Jesus, o proclamam o Propheta que devia vir; outros, em sua ignorancia de que se teriam despojado si se dessem a um exame imparcial e diligente, persistem em sua incredulidade, que justificam, allegando que, tendo Jesus nascido em Nazareth, não podia ser o Christo, o qual, alem de ser da geração de David, devia nascer em Bethlehem.

Em quanto o povo assim discorria, os quadrilheiros voltaram para os principes dos sacerdotes — «Onde está elle? Não o trouxestes? Porque o não prendestes?»

Os pobres soldados que não conheciam n'essa hora outra logica sinão a da convicção, redarguiram: «Nunca homem algum fallou como este homem.» Feridos em seu orgulho e inveja, perguntaram-lhes: «Dar se-á caso que sejais tambem dos enganados?» E como si a verdade fosse propriedade d'elles, inquiriram si sabiam ter crido n'elle algum dos governadores ou até dos phariseus, homens os mais sabios e eminentemente religiosos. E por outro lado; Quem são os que professam a sua doutrina? E' o povo, o povo ignorante e estúpido; é a raia corrompida que não é para ella o comprehender as Escripturas. Raça maldita que acrescentais a todos os vossos peccados o de arrenegar a religião santa de vossos pais, vós mereceis ser execrados de todos os homens! Nicodemos, que se achava presente, os interrompe e pergunta: «Condemna porventura a nossa Lei algum homem antes de o ouvir e antes de se informar das suas acções?» Desconcertados, em seus planos; por essa observação picante e de uma philosophia profunda, elles, que deviam saber terem vindo de Galilea, entre outros, Jonas, Aseas, Nahum e o grande Elias, deram a seguinte replica que bem mostra quanto desorientados estavam: «E's tu tambem galileu? Examina as Escripturas e verás que de Galilea não se levanta propheta.»

A sessão levantou se indo cada um para sua casa. Nicodemos havia triumphado. *A resposta branda quebrara a ira* e o Sabio podia tambem prefixar á resposta do membro do synhedrim, o proverbio: «Aquelle que profere a palavra a seu tempo, é como uns pomos de ouro em leitos de prata.»

Retira-se Jesus de tarde para o monte das Oliveiras onde passara a noite em oração. Desejando mais uma

vez estar com o povo que tratava de voltar para suas casas, pela manhã, muito cedo, apresentou-se no templo.

Na antiguidade, entre todos os povos, o adulterio era um crime capital. Os egypcios puniam o adultero com mil açoutes e á mulher arrancavam o nariz. Na Grecia os adulteros perdiam os olhos. Os romanos eram mais severos: cortavam as orelhas e os narizes dos adulteros os quaes, depois de açoutados, lançavam-nos ao mar em sacos. Os antigos saxonios queimavam a adultera e sobre suas cinzas elevavam uma forca em que penduravam o homem. O rei Edmundo equiparara o crime de adulterio ao de homicidio. Esse peccado figura no Decalogo e a lei de Moysés condemnava á morte de lapidação os adulteros.

Estava Jesus doutrinando quando o interromperam com um facto d'esses. ⁽¹⁾ Ao synhedrim, havendo dvidas, pertencia a decisão d'essas questões; porém, no caso vertente, tendo sido a culpada apanhada em flagrante, não precisava processo. Pedindo justiça elles mostravam a sua injustiça, deixando livre o homem e apresentando só a mulher! Mas para que os dois, si um chegava-lhes para os seus fins!

«Mestre, esta mulher fôra agora mesmo apanhada em adulterio. e Moyses na lei mandou-nos apedrejar a estas taes. Que dizes tu?

Esta consulta occultava um dilemma terrivel. Si Jesus ordenasse que executassem a lei de Moysés, o accusariam perante Cesar por ter assumido um poder judicial, independente da autoridade d'este; si opinasse

(1) João, 8: 2—11.

pela sua soltura, o apresentariam ao povo como inimigo da lei de Moysés e patrono do vicio; si porém os dirigisse aos poderes romanos o denunciariam á nação como um espião e como um traidor de suas regalias.

Jesus percebeu logo a malicia d'elles. Como si não os tivesse ouvido, para ensinar-lhes que deviam reportar-se á palavra escripta ou para significar-lhes, como alguns julgam, que a hypocrisia d'elles era tão miseravel que só merecia ser escripta no chão; abaixou-se e poz-se a escrever com o dedo na areia. A negação apparente de Jesus em intervir os incommodou e com mais insistencia pediram-lhe a sua opinião. Jesus, então, levantou-se e decisivamente ordenou: «O que de vós outros está sem peccado, seja o primeiro que a apedreje.» Suas palavras, qual ferro candente, queimaram lhes a consciencia que, despertando, os convenceu do peccado. Aproveitando se da oportunidade que o abaixar de Jesus lhes offerecia, retiraram-se surratamente; os mais velhos sendo os primeiros. Jesus ergueu-se; a culpada estava só.

— Mulher, onde estão os que te accusavam? Ninguém te condemnou?

— Ninguém, Senhor.

— Nem eu tão pouco te condemnarei. Vai e não peques mais.

O discurso que em seguida pronunciou é rico de revelações. Declara-se a luz do mundo. Appellando para o testemunho de seu Pai, justifica seus titulos e attributos. Excita os seus ouvintes a procurarem saber d'onde veiu, garantindo-lhes estarem completamente enganados a esse respeito. Aos que crem n'elle exhorta a permanecerem em sua palavra e promete-lhes a liberdade pelo conhecimento da verdade. Refutando a

vã confiança dos judeus, prova-lhes serem escravos do peccado e filhos do diabo. Na presença d'esse auditorio que só respira ameaças e morte, dirige lhes este repto. «*Qual de vós me arguirá de peccado?*» Responde admiravelmente ás objecções com que constantemente o interrompem e última o seu discurso com esta declaração: «*Antes que Abrahão fosse feito sou eu.*» O auditorio comprehendeu o alcance grandioso d'essas palavras que lhe suggeriram o *εγω ειμι ο εν* da sarça ardente. Indignados por Jesus servir-se d'essa phrase expressiva de um ser increado e essencial, com que Jehovah revelou-se a Moysés quando este perguntou-lhe quem era, pegaram em pedras para o lapidarem. Pelo seu poder, porém, Jesus passara pelo meio d'elles e retirara-se. ⁽¹⁾

Perto de Jerusalem, um legislador o alcançou. e tentando-o, o interrogou sobre o que devia fazer para herdar a vida eterna. ⁽²⁾ Por um moço rico lhe foi feita depois uma pergunta semelhante. Tomara o Senhor em consideração a proposição do doutor, perguntando-lhe: «*Que é o que está escripto na Lei? Como lês tu?*» — Amarás ao Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a tua alma e de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento, e ao teu proximo como a ti mesmo.»

Em sua resposta o legislador tinha se reportado a duas passagens de Moysés, que na tarde e na manhã de todos os dias eram repetidas na synagoga como contendo o resumo de toda a lei. ⁽³⁾

(1) João, 8:12 — 59.

(2) Lucas, 10:25 — 37.

(3) Deut. 6:5; Levit. 19:18.

— Respondeste bem: disse-lhe Jesus e acrescentou: Faze isso e viverás.

Querendo justificar-se o doutor objectou: «Quem é meu proximo?»

Retirada vinte milhas ao Oeste de Jerusalem demorava a cidade de Jericho, uma das cidades dos sacerdotes e dos levitas. Seu caminho penhascoso e sombrio era infestado de salteadores. Um certo homem, baixando de Jerusalem, caiu nas mãos dos ladrões que o despojaram do que tinha e o deixaram como morto. Aconteceu que um dos doze mil sacerdotes que então residiam em Jericho, passou por alli e ao ver o misero, em vez de compadecer-se d'elle passou de largo. Um levita que assistia no templo aos sacerdotes tambem passou e fez o mesmo que o precedente. Passou então um hereje, um samaritano, a quem os judeus não consideravam como proximo, o qual immediatamente aproximou-se d'elle. O seu estado o commoveu. Atou-lhe as feridas lançando azeite n'ellas; o poz sobre a sua cavalgadura e o levou a uma estalagem onde lhe prodigalisou todos os soccorros. Ao outro dia, tirou dois denarios, deu-os ao estalajadeiro, dizendo-lhe: «Tem-me cuidado d'elle e quanto gastares de mais t'ó satisfarei quando voltar.»

Então Jesus perguntou ao doutor: «Qual d'estes tres te parece o proximo d'aquelle que caiu nas mãos dos ladrões.»

— Aquelle que uzou com o tal de misericordia.

— Pois vai e faz tu o mesmo.

Que lição gloriosa n'essa parabola ou narrativa, do amor do proximo;» mas os judeus só tinham por proximo os da sua nação e os proselytos; e os escribas haviam addicionado a esse preceito: «E aborrecerás a

teu inimigo.» «Si um judeu, disse o rabbino Maimonides, vir um gentio cair no mar, não deve, por modo algum, exforçar-se por salvá-lo, pois não é com elle que deve se entender esta declaração: «Não conspirarás contra o sangue de teu proximo;» porque elle não é proximo» Inimigos e estrangeiros eram, entre as outras nações, synonymos. O amor do proximo devemos ao christianismo que nos ensina a ver em todos os homens um irmão e ser uma pessoa tanto mais nosso proximo quanto mais necessita de nós.

No meio de suas perturbações, achava Jesus um retiro na casa de Lazaro e de suas irmãs. Ficava distante de Jerusalem hora e meia de caminho. De viagem chegara o Senhor a essa casa em que pousava em seu caminho para Jerusalem e para onde costumava retirar-se de tarde, quando estava na cidade. A conversa, n'essa occasião, caiu sobre assumpto importante. Maria, em seu amor pela Palavra de Deus, assentou-se aos pés do Mestre. ⁽¹⁾ Absorvida pela sua doutrina, olvidou se de tudo. Martha, a irmã mais velha, querendo mostrar de outro modo a sua afeição e o seu respeito a seu hospede divino, entregara-se sem reserva a preparar-lhe uma boa refeição. N'essa agitação de espirito que impedia lhe colher todos os fructos da visita do Senhor, ao sentir o peso da tarefa que havia preferido, queixou se de sua irmã: «Senhor, a ti não se te dá que a minha irmã me deixasse andar servindo só? Dize lhe pois que me ajude.» Essa queixa franca e ingenua dera lugar para Jesus de novo ensinar que quem busca primeiramente o Reino de Deus e a

(1) Luc. 10:38 — 42.

sua justiça escolhe a melhor parte e que deve-se aproveitar todos os meios que se offerecem para o desenvolvimento da vida espiritual e que nos momentos consagrados ás necessidades da alma, convém pôr de parte todas as cousas. «Martha, Martha, disse-lhe elle, tu andas muito inquieta, e te embaraças com o cuidar em muitas cousas; entretanto só uma cousa é necessaria. Maria escolheu a melhor parte, que lhe não será tirada.» (1)

Dividida a respeito dos objectos de culto, a humanidade concorda na necessidade e na importancia da oração. O Rig-Veda não conhece limites á efficacia da oração. Cada manhã, «no momento em que opera se a separação do Ceu e da terra, é a sublime oração que consolida o universo que se eleva.» «A oração tem sua força; ella sustenta a terra e o Ceu.» «Os sabios, por meio da oração e das libações, engrandecem os mundos.» (2) No brahamanismo, a oração perseverante triumphava da divindade e constringe Brahma, Vichnou e Chsiva a fazerem a vontade dos homens. Os gregos e os romanos não emprehendiam cousa alguma sem primeiro invocar os deuses.

A oração ao Creador é o dever que nos dita a sã razão e que nos impõe os nossos sentimentos naturaes. Os oraculos divinos altamente a recommendam. Deus deleita-se, segundo a Biblia, em ver seus filhos ante elle, orando.

No Christianismo é proeminente o lugar da oração. Jesus manda orar sem cessar. Seu exemplo é a mais

(1) Lucas, 10:41 — 42

(2) R. V. t. 2.º p. 46, 486; t. 3.º p. 255.

eloquente recommendação d'esse exercicio pio. Oh! quando o contemplamos passando toda a noite ao relento, orando, a necessidade da oração se apresenta ao lado do privilegio de orar. Para o crente a oração é a communhão do coração com Deus por meio da assistencia do Espirito Santo e é a mesma vida de sua alma. Jesus só autorizou orar á divindade e no *nome e pela mediação d'elle*

Alem de orar só, o Senhor orava tambem na companhia de seus discipulos. Foi em uma d'essas occasiões que um d'elles pediu lhe: «Senhor, ensinã-nos a orar, assim como tambem João ensinou a seus discipulos.» (1)

No tempo de Christo o espirito da oração tinha desaparecido. Os phariseus haviam transformado a oração em um exercicio mechanico. A hora, a materia e as maneiras, tudo estava prescripto. Prolixos em sua devoção e tediosos em suas repetições, elles haviam feito um merito de orar. Os gentios, que julgam ser ouvidos pelo seu muito fallar, recorrem a uma roda a que atam as suas orações escriptas, julgando que quantas voltas ella dá, tantas são as vezes que tem sido rezada. Os prophetas de Baal costumavam invocal o rezando: Baal ouve nos; Baal ouve nos; Baal ouve nos. Em um psalterio romano pronuncia se quinze vezes o nome de Jesus e juntamente outras tantas vezes *um tem misericordia de nós*. O romanismo com os seus rosarios, que o povo reza sem significação e, ás vezes, sem devoção, tem caído no vicio do paganismo.

Jesus pronunciou-se contra esse modo de orar. «E

(1) Lucas, 11:1 -- 13.

quando orardes, disse elle, não falleis muito como os gentios, pois cuidam que pelo seu muito fallar serão ouvidos. Não queirais, portanto, parecer-vos com elles, porque vosso Pai sabe o que é necessario, primeiro que vós lh'o peçais.»

Correspondendo ao desejo do seu discipulo, o Mestre apresenta-lhe, como modelo, a oração do Padre Nosso, que já lhes havia ensinado no Sermão do Monte. Além da doxologia final, ha alguma variação material entre o Padre Nosso de S. Matheus e o de S. Lucas, o que nos leva a crer que é a substancia que prescreve e não as palavras.

E' bella, quão repleta de sentido cada expressão, cada palavra d'essa oração! Conta já dezenove seculos e a humanidade não conhece nada que se possa comparar com o Padre Nosso. Debaixo d'esse Ceu que Jesus revela a alma e no zenith do qual brilha em todo o fulgor a paternidade de Deus, o Christão pode, sobre esta nova terra onde desabrocham, ao sopro do Verbo, as flores da fé, da esperanza e da caridade, ajoelhar-se e dizer: *Pai nosso que estás nos Ceus.*

Em addição a essa fôrma comprehensiva de oração, Jesus para animar a pedir e tornar-nos perseverantes, acrescenta: «Si qualquer de vós tiver um amigo, e for ter com elle á meia noite, e lhe disser: Amigo, empresta-me tres pães; porque um amigo meu acaba de chegar a minha casa de uma jornada, e não tenho que lhe pôr diante. E elle respondendo lá de dentro lhe disser: Não me sejas importuno, já está fechada a porta, e os meus criados estão tambem como eu na cama, não me posso levantar a dar-t'os; e si o outro perseverar em bater: digo-vos que no caso que elle se não levantar a dar-lh'os, por ser seu amigo, certamente pela

sua importunação se levantará, e lhe dará quantos pães houver mister.»

«Por tanto eu vos digo: Pedi, e dar se-vos-á; buscai e achareis; batei e abrir-se-vos-ha; porque todo aquelle que pede, recebe; e o que busca acha; e ao que bate, se lhe abrirá.»

«E si algum de vós outros pedir pão a seu pai, acaso dar-lhe-á elle uma pedra? Ou si lhe pedir um peixe, dar-lhe-á elle, por ventura, em lugar de peixe, uma serpente? Ou si lhe pedir um ovo, por ventura dar-lhe-á um escorpião? Pois si vós outros, sendo maus, sabeis dar boas dadas a vossos filhos; quanto mais o vosso Pai celestial dará espirito bom aos que lh'o pedirem? (1)

Os setenta discipulos chegaram e muito contentes. (2) «Senhor,» disseram elles em sua alegria, «até os mesmos demonios se nos submeteram em virtude do teu nome.» — «Eu via cair do Ceu a Satanaz como um relampago.

Eis ahi vos dei eu o poder de pizardes as serpentes e os escorpiões e toda a força do inimigo e nada vos fará damno.»

Porém havia um privilegio, uma dita muito maior do que a de expulsarem espiritos: terem seus nomes escriptos no Ceu. — «E, comtudo, o sujeitarem se-vos os espiritos, não é o do que vós vos deveis alegrar, mas

(1) Lucas 11: 1—13.

(2) Lucas 10: 17—24.

sim deveis alegrar-vos de que os vossos nomes estão escriptos nos Céus.» (1)

Voltara Jesus a Jerusalem. A cura de um cego de nascença, effectuada por elle, dera lugar a uma contestação entre os conhecidos do cego, a qual acabou por conduzirem este aos phariseus. (2) A excommunição, n'esses tempos, já era o gladio favorito d'esses homens que não concebem possibilidade de salvação fóra do modo de pensar d'elles. Aterrados por ella, os pais do cego, que foram chamados para depor a respeito da cegueira de seu filho, representaram um papel triste. O cego portou se como um heroe. N'esse amor pela verdade, contra o qual nada podem os sophismas e as ameaças dos homens, defendeu com todo o louvor a Jesus. Ironico, elle mostra-se um profundo theologo. Não podendo oppor argumento a argumento, os phariseus, em seu desapontamento, desceram corridos para o terreno do insulto. Não o desconcertaram. Conservando a sua attitude nobre, o cego, com ardor, os acommette com uma argumentação cerrada. «Si este homem, disse elle em conclusão, não fosse de Deus, não poderia elle obrar cousa alguma.»

Pagou bem caro o querer elle, um pobre cego e peccador desde o ventre de sua mãe, ensinar a homens

(1) A phrase cair do Ceu, que acha-se nos escriptores sagrados e profanos, significa ser despojado de seus dominios. Da queda do rei de Babilonia, o propheta Isaias escreveu: «Como caiste do Ceu, ó Lucifer, tu que ao ponto do dia parecias tão brilhante? Como caiste por terra, tu, que ferias as Nações?» (Is. 14: 12). E Cicero fallando do collega de Antonio disse: «Tu o tens derrubado do Ceu.»

(2) S. João, 9: 1—41.

reconhecidamente religiosos e que haviam queimado as pestanas estudando a lei. Si não poderam convence-lo, poderam excomungal-o, e effectivamente o mimosearam com a maior.

O cego, obedecendo aos dictames de sua consciencia, estava tranquillo, e si seus pais o abandonaram n'esse momento critico, Deus o tinha acolhido.

O facto espalhou-se por toda a cidade. Ao saber que o tinham lançado fóra, Jesus, o Bom Pastor que dá a sua vida pelas suas ovelhas, o procurou. — «Tu crês no Filho de Deus? perguntou-lhe o Senhor apenas o achou. O cego, tendo recebido a vista no tanque de Siloé, onde, por mandado de Jesus, fôra lavar-se, não o conhecia e por isso respondeu: «Quem é elle, Senhor, para eu crer n'elle?»

— Até já o viste e é aquelle mesmo que falla contigo.

— Eu creio, Senhor, e prostrando se o adorou.

Por esta occasião Jesus pronunciou a parabola do Bom Pastor. (1)

As perseguições e as abominações de Antiocho Epiphanió deram origem á festa da dedicação, denominada tambem das luzes, por haver durante oito dias luzes em todas as casas. Não era tão solemne como a da Paschoa, porém mesmo assim muitos por occasião d'ella, affluíam a Jerusalem. Aproveitando a reunião do povo, Jesus que, depois do facto supra exarado, havia deixado Jerusalem, apresentou-se no alpendre de Salomão. Os governadores que ainda tinham na memoria as asseverações de seus ultimos discursos em que cha-

(1) S. João, 10: 1—21.

mou-se a luz do mundo, o Bom Pastor e a Porta das ovelhas, o cercaram e pediram-lhe para tira-los da perplexidade em que estavam declarando-lhes si era ou não o Messias. (1)

Em sua preocupação, era difficil serem em Jesus cujo ideal não correspondia áquelle que tinham bebido com o leite. Os revezes porque tinham passado e a miseria a que estavam reduzidos, os haviam mais do que nunca levado a anhelar a vinda do Christo; porém era um Messias conquistador que queriam. O brilhantismo do sol no pino do meio dia, mal podia dar uma ideia da gloria que devia rodeal-o em sua manifestação. Vingador de Israel, elle, por sua vez, tornaria todos os povos tributarios á casa de David. Era em seus dias que todo o mundo se tornaria em uma só nação, cujo throno seria sobre Sião, seu monte Santo. Para conseguir essa conquista gloriosa, a espada e não a persuasão, seria a sua arma. Imbuídos n'essas ideias em que nos revezes da vida buscavam animação e consolação, como podiam aceitar Jesus, sem exercitos e sem espada; Jesus, pobre, manso e humilde; Jesus que prégava o renascimento para ver se a Deus e que promettia o Reino dos Ceus aos pobres, aos pacíficos e aos puros de coração? Nos livros de seus prophetas que todos os sabbados se liam nas synagogas, tinham em cores vivas stereothypado o ideal do Messias, mas levados pela lettra que mata, transformavam toda a sua gloria espiritual em gloria material e as passagens em que vinham delineadas a pobreza e humildade e os padecimentos de Christo, liam nas com o espirito d'esta

(1) João, 10: 1 — 21.

expressão : Deus tal não permita, Senhor; não succederá isto comtigo.

Em resposta á exigencia dos phariseus, Jesus invoca as obras que em Nome de seu Pai fazia; porém si não se rendiam ante ellas, como poderiam crer n'elle sob sua palavra? Reportando-se ao discurso precedente, confirma suas asserções. A esta sua declaração sollemne: «Eu e o Pai somos uma mesma cousa,» pegaram em pedras para lhe atirar. Cheio de bondade como de condescendencia, pergunta-lhes: «Eu tenho vos mostrado muitas boas obras que fiz em virtude de meu Pai; por qual d'estas obras me quereis vós apedrejar?» — «Não é por causa de alguma boa obra que nós te apedrejamos; mas sim porque dizes blasphemias e porque, sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo.»

— «Replicou-lhes Jesus: Não é assim que está escripto na vossa Lei: Eu disse, vós sois deuses? Si ella chama deuses, áquelles, a quem a palavra de Deus foi dirigida e a Escriptura não póde falhar; a mim, a quem o Pai santificou e enviou ao mundo, porque dizeis vós: Tu blasphemias, por eu ter dito que sou Filho de Deus? Si eu não faço as obras de meu Pai, não me creais. Porém si eu as faço; e quando não queirais crer em mim, crede as minhas obras, para que conheçais, e creais que o Pai está em mim, e eu no Pai.» (1)

Escapando mais uma vez d'elles, retirou se para Perea alem do Jordão, onde João, a principio, baptisara. A lembrança de João vivia na memoria dos habitantes

(1) João, 10: 34—38.

d'esse sitio e mesmo depois de morto elle trabalhava no Reino dos Ceus, servindo se Deus de suas palavras para conduzir muitos d'elles aos pés de Jesus.

Foi ahi que recebeu a noticia da doença de Lazaro. Demorou se ainda dois dias n'esse lugar e depois partiu para Bethania. S. João é o unico que nos tem transmittido esse facto, a simplicidade da narrativa do qual é um dos mais bellos florões de sua verdade. Depois de um pedaço de preambulo, refere S. João d'este modo o caso: «Chegou em fim Jesus e achou que Lazaro estava na sepultura havia já quatro dias.»

«Martha, pois, tanto que ouviu que vinha Jesus, sahio a recebe-lo; e Maria ficou em casa. Disse então Martha a Jesus: Senhor, si tu houveras estado aqui, não morrera meu irmão; mas tambem sei agora, que tudo o que pedires a Deus, Deus t'o concederá.»

«Respondeu lhe Jesus: Teu irmão ha de resurgir.»

«Disse-lhe Martha: Eu sei que elle ha de resurgir na ressurreição, que haverá no ultimo dia.»

«Disse-lhe Jesus: eu sou a ressurreição e a vida; o que crê em mim, ainda que esteja morto viverá; e todo o que vive, e crê em mim, não morrerá eternamente. Crês isto?»

«Ella lhe disse: Sim Senhor, eu já estou na crença de que tu és o Christo Filho de Deus vivo, que vieste a este mundo.»

«E dito isto, retirou-se Martha, e foi chamar em segredo a sua irmã Maria a quem disse: É chegado o Mestre, e elle te chama. Ella como ouviu isto, levantou-se logo, e foi buscal o; porque ainda Jesus não tinha entrado na aldeia; mas estava ainda n'aquelle mesmo lugar, onde Martha sahira a recebê-lo.»

«Então os judeus, que estavam com ella em casa e

a consolavam, como viram que Maria se havia levantado tão depressa, e tinha sahido, foram nas suas costas, dizendo: Ella vai chorar ao sepulchro.»

«Maria porém depois de chegar onde Jesus estava, tanto que o viu, lançou-se aos seus pés, e disse lhe: Senhor, si tu houveras estado aqui, não morrera meu irmão.»

«Jesus porém tanto que viu chorar a ella, e chorar os judeus, que tinham vindo com ella, bramiu em seu espirito e turbou-se a si mesmo, e perguntou: Onde o pozestes vós?»

«Responderam-lhe elles: Senhor, vem e vê.»

«Então chorou Jesus. O que foi causa de dizerem os judeus: Vejam como elle o amava. Mas alguns d'entre elles disseram: Este, que abriu os olhos ao que era cego de nascença, não podia fazer que est'outro não moresse?»

«Jesus pois tornando a bramir em si mesmo, veiu ao sepulchro: e era este uma gruta, e em cima d'ella se havia posto uma campa. Disse Jesus: Tirai a campa.»

«Respondeu lhe Martha, irmã do defuncto: Senhor, elle já cheira mal, porque é já de quatro dias.»

«Disse lhe Jesus: Não te disse eu que si tu creres, verás a gloria de Deus?»

«Tiraram pois a campa e Jesus, levantando os olhos ao Ceu, disse: Pai, eu te dou graças; porque me tens ouvido: eu pois bem sabia que tu sempre me ouves, mas fallei assim por attender a este povo, que está a roda de mim; para que elles creiam que tu me enviaste.»

«Tendo dito estas palavras, bradou em alta voz: Lazaro, sai para fóra. E no mesmo instante saiu o que estivera morto, ligados os pés, e mãos com as atadu-

ras, e o seu rosto estava envolto n'um lenço. Disse Jesus aos circumstantes: Desatai o e deixai o ir.» (1)

A attenção que este milagre tem captado, o ha tornado um dos mais conspicuos entre os de Jesus. Spinosa lançaria às chamas todo o seu systema si lhe provassem a verdade d'elle, e no entanto, até ao presente, ninguem pode provar que fosse falso! Aquelles que armados com o escalpello da alta critica, o hão analysado, na futilidade das armas e na pobreza dos argumentos, muito tem contribuido para realçar a sua veracidade. Renan que não se lembrou que o genero humano tinha de optar entre elle e testemunhas oculares que sellaram o seu depoimento com o sangue, inventou uma historia para explicar a sua idéa preconcebida.

A resurreição de Lazaro é uma bigorna que tem esboroadado muitos martellos formidaveis. Ah! mas as leis fixas da natureza! As leis fixas da natureza? Que tem ellas? Como em um lago com as suas aguas agitadas seria impossivel perceber se os circulos produzidos pela queda de uma pedra; assim, em um mundo sem ordem, ser-nos ia impossivel descobrir a acção soberana de Deus. Essa ordem, por tanto, de leis fixas, em vez de tornar o milagre impossivel, o demonstra. Por outro lado, ninguem jámais tem provado ser necessaria a ordem existente da natureza e impossivel qualquer acção sobrenatural do Creador no mundo. A razão, pelo contrario, declara nos que as leis da natureza podiam ter sido outras e a sciencia afirma haverem muitas que não foram o que são.

(1) João, 11: 17—44.

Lyell, em um discurso perante a *Sociedade de Geologia Britannica* de que foi presidente, disse: «Podemos provar ter o homem um principio e que todas as especies agora contemporaneas com o homem e muitas outras que procederam, tiveram tambem um principio; por conseguinte, o estado presente do mundo organico não é eterno como alguns philosophos mantem.»

Cuvier que demonstrou ter sido a terra presente formada debaixo da agua, em sua theoria da terra, escreveu que dos differentes *stractus* de conchas, areias... «é evidente que a bacia do mar soffrera, pelo menos, uma mudança na extensão ou na situação: tal é o resultado de toda a primeira pesquisa e de uma examinação superficial.»

A criação da ordem actual da natureza e de suas leis é um facto tão certo como essa ordem. E o que é a criação sinão um facto sobrenatural, o acto de um poder superior ás leis actuaes da natureza e que as pode modificar como as tem podido estabelecer? Pois bem; essa lei primitiva e anterior a toda a lei, não poderá mais obrar, não poderá fazer de novo sair a luz das trevas e a vida da morte? E, n'este caso, em que por exemplo, um milagre é contrario ás leis da natureza? em que as distroe? A lei da morte, fazendo cessar a vida, não se exerce livremente? E porque então negaremos á lei da vida a faculdade de exercer-se, fazendo apparecer a vida onde não existia? O que fazemos quando, á primeira ordem de nossa vontade, atiramos uma pedra para o ar? Suspendemos temporariamente a lei da gravidade ou, si quizerem, a submettemos á lei superior da nossa vontade livre; mas não a annullamos, não a quebramos. E si o homem pode agir exteriormente sobre a natureza e dominal-a,

muito mais Deus. Deus, o autor independente das leis da natureza é que lhe tem dado o poder de agir.»

Um milagre, em seu sentido philosophico, é uma obra effectuada de um modo desusual ou differente do methodo commum e regular da providencia, pelo poder de Deus, mesmo, em prova de algum mensageiro particular ou a favor da autoridade de algum divino mensageiro particular.

Nós, christãos, cremos no milagre, porque cremos no Deus que Jesus revelou. O Deus do Evangelho é um Ser Creador que possue a liberdade absoluta assim como o poder infinito. Contestar-se-lhe o poder de obrar milagres é declarar-se que as leis da natureza são outras tantas cadeias que o maniatam em sua acção e, por consequinte, *é negar-se a liberdade e o poder de Deus!* E um Deus sem liberdade e sem poder, o que é?

Vós, que negais o milagre, podeis crer em um ser longiquo, insensivel e indifferente a tudo o que se passa n'este mundo, em um ser morto e a quem os homens não podem temer nem amar; mas não credes no Deus vivo e verdadeiro. que se interessa por tudo o que concerne ás suas creaturas, a quem podemos amar e com o qual podemos fallar, como um filho a seu pai e como um amigo a seu amigo.

A resurreição de Lazaro produziu dois effeitos bem differentes sobre aquelles que o testemunharam. Muitos d'entre os judeus que tinham vindo visitar a Maria e a Martha e que tinham presenciado o que Jesus fizera, creram n'elle. Porém alguns d'elles, evidentemente com um fim hostile, foram ter com os phariseus e mal-sinaram lhe o que Jesus tinha feito. «Por cuja causa se reuniram os pontifices e os phariseus em conselho.»

Em seu conventiculo, os inimigos figadaes de Christo, que procuravam todo o pretexto para saciar a sua sede de sangue, mais conscienciosos do que muitos criticos hodiernos, não contestaram o milagre; antes o admitiram como evidente e certo. A conclusão logica agora a tirar da parte d'elles era reconhecerem em Jesus o Filho de Deus e declararem-se seus discipulos; mas a esta conclusão tão natural, e que impõe-se, não chegaram os pontifices. Não sómente não o reconheceram mas tambem seu rancor, em vez de suavisar-se, foi levado ao ultimo grão. Depois de uma curta deliberação em que foram invocadas razões politicas, pelo conselho do pontifice d'aquelle anno, Caifás, determinaram mata-lo.

O dia declina para a tarde. O occaso de sua vida se tem tornado sombrio e ameaçador. Para preencher o tempo que falta lhe para a hora pela qual veiu ao mundo, retira se para uma terra visinha do Deserto para uma cidade chamada Efrem. ⁽¹⁾ As multidões ainda o seguem, mas Jesus não anda em publico entre os judeus. ⁽²⁾ Não se ouve sinão ameaças. Alguns dos phariseus que como Herodes estavam incommodados com a sua presença em Perea, fazendo suas as palavras do rei, lhe dizem: «Sai e vai te d'aqui; porque Herodes te quer matar.» «Ide e dizei a esse rapozo: Que bem se vê que eu lanço fóra demonios e faço perfeitas curas hoje e amanhã e que ao terceiro dia vou a ser consummado.» E, então, tendo vaticinado a sua morte em Jerusalem, elle, esquecendo-se das ingratições de

⁽¹⁾ João, 11:54.

⁽²⁾ Math. 19: 1, 2; Marc. 10. 1; Luc 13: 10.

seus habitantes e pondo de parte os seus soffrimentos, lamenta a obstinação d'esse povo, exclamando: «Jerusalem, Jerusalem, que matas os prophetas e apedregas os que a ti são enviados, quantas vezes quiz eu ajuntar os teus filhos, bem como uma ave recolhe os do seu ninho debaixo das azas e tu não quizeste? Eis ahi vos será deixada deserta a vossa casa. E digo-vos que não me vereis até que venha o tempo em que digais: Bemdito o que vem em Nome do Senhor.» (1)

À meza de um dos principaes dos phariseus, a questão sobre o sabbado, por occasião da cura do hydroptico, volta á tela da discussão. Incansavel até aqui, Jesus parece querer dilatar os poucos dias que restam-lhe da vida, dobrando de actividade. De tudo que o rodeia tira um thema para expor o seu Evangelho. Prê-gara hospitalidade aos pobres, ante a abundancia da meza. O desembaraço com que os convidados procuravam os primeiros lugares á meza de jantar, offerece-lhe ensejo para inculcar a humildade. As suas palavras arrancam de um dos convidados esta exclamação: Bemaventurado o que comer o pão no Reino dos Ceus.» Elle immediatamente responde pronunciando a parabola da grande ceia. (2) Por similes propõe a seus discipulos a necessidade de renunciamento e de abnegação. Os publicanos, attraídos pela sua liberalidade, o rodeiam. Jesus os recebe e come com elles, o que os phariseus levam muito a mal. Para combater esse exclusivismo, filho do orgulho, pronuncia a parabola da

(1) Luc 13: 22—35.

(2) Luc. 14. 1—24.

ovelha extraviada, a da drachma perdida e a do filho prodigo, ás quaes segue a do feitor iniquo. (1)

Si entre as parabolas de Christo ha uma mais bella do que outra, a do prodigo é a mais bella de todas. Quão simples e todavia quão profunda é toda a narrativa! Uma das phases da nossa vida, ella é repleta de mysterios como uma revelação dos mysterios do Reino dos Ceus. Se n'esse filho abandonando a casa paterna e dissipando em um paiz distante todos os seus bens, o peccador vê se como em um espelho sem inimigos, ao ler a promptidão e o gozo com que o pai recebe o prodigo, elle instinctamente exclama: Esse Pai é o Pai dos Ceus!

Só um Deus podia, d'esse modo, revelar ao homem o amor de Deus para com os peccadores.

N'esta phase de sua vida, o ensino de Christo toma um caracter prospectivo. Quatro centos annos antes do nascimento de Christo, Platão havia annunciado ás nações pagãs a immortalidade da alma; porém seus argumentos eram tão metaphysicos que não estavam ao alcance de todos. Entre os judeus, essa crença jazia, nos primeiros tempos, debaixo de symbolos e de allegorias obscuras, apparecendo mais distinctamente nas vespersas da manifestação do Messias. Foi Jesus quem trouxe «a vida e a immortalidade á luz pelo Evangelho.» Em seu ensino, a outra vida mostra se em todo o brilhantismo e ao alcance de todas as intelligencias. Como é elegante na parabola do Rico e de Lazaro. (2) Aos pés de Christo, as solemnidades da eternidade

(1) Lucas, 15: 1—32; 16 1—13.

(2) Lucas, 16: 14—31.

apparecem sem nuvens nem rugas e nós parecemos fruir já as riquezas da bemaventurança.

No declinar do dia de sua vida surge tambem o da sua segunda vinda para julgar o mundo. Qual relampago que fuzilando na região inferior do Ceu, faz clarão desde uma até outra parte, assim será o Filho do homem n'esse dia. Do estado da sociedade n'esse tempo, nos dá uma idéa, referindo-se ao mundo na epocha de Noé. (1)

Mais uma vez demora-se sobre a oração. Para persuadir que convem orar sempre e não cessar de fazel-o, de seus labios deslisa-se a parabola da viuva e do juiz que não temia a Deus nem respeitava os homens. Na parabola do phariseu e do publicano inculca a humildade na oração e desabona toda a presumpção. (2)

Entre as questões do dia, a do divorcio occupava um dos primeiros lugares. As duas grandes escolas: a de Hillel e a de Schamai, estavam sobre este ponto profundamente divididas. Partindo de uma passagem em Deuteronomio, Hillel mantinha poder o homem, desde que não amasse mais a sua mulher ou desde que amasse a uma outra, divorciar se e até tambem sob o protexto de não ter ella feito bem o jantar. Schamai, por outro lado, só permittia o divorcio em casos de infidelidade. Querendo comprometter a Jesus, os phariseus apresentaram-lhe esse ponto controvertido sobre o qual no Sermão do Monte já tinha externado

(1) Lucas, 17: 20—37

(2) Lucas, 18: 1—14.

o seu modo de pensar. (1) «É por ventura licito a um repudiar a sua mulher por qualquer causa?» Reportando se á instituição do matrimonio por Deus no Eden, Jesus responde: «Não tendes lido quem creou o homem desde o principio, fel os macho e femea e disse: Por isto deixará o homem pai e mãe e ajuntar-se á a sua mulher, e serão dois n'uma só carne. Assim que já não são dois, mas uma só carne. Não separe logo o homem o que Deus ajuntou.»

— Pois porque mandou Moysés dar o homem a sua mulher carta de desquite e repudia la?

— Moysés, por causa da dureza de vossos corações, permittiu-vos repudiar as vossas mulheres; mas ao principio não foi assim. E, pondo a questão em seu verdadeiro terreno, ajuntou Jesus: Eu pois vos declaro que todo aquelle que repudiar sua mulher, sinão é por causa de fornicção, e casar com outra, commette adulterio; e o que se casar com a que outro repudiou, commette adulterio. (2)

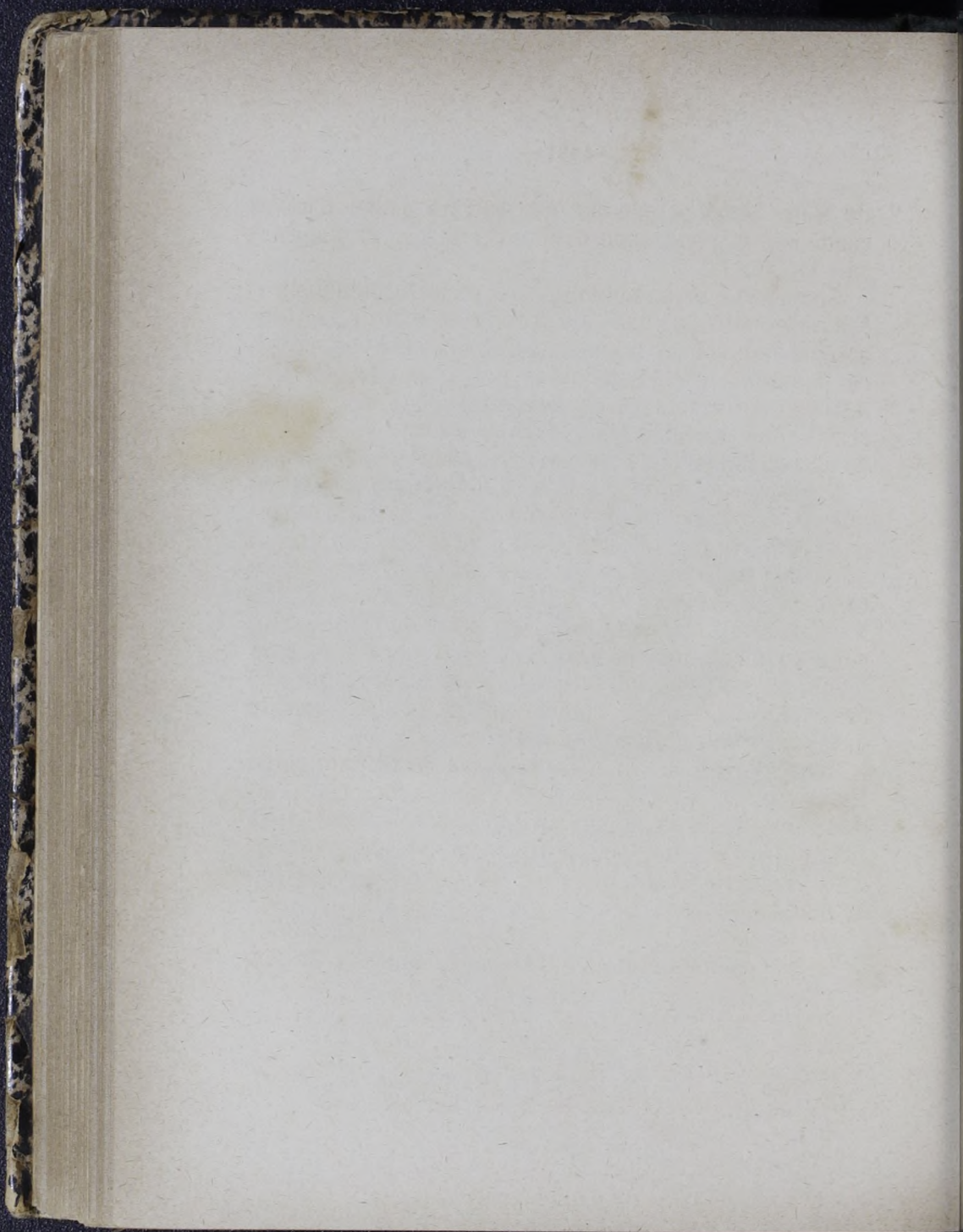
Era o momento da vez das criancinhas se chegarem a elle. Não vem tenta-lo, nem lhe querem fazer perguntas; querem a sua bençam. Ignorando ainda a latitude das promessas do pacto e pensando, tambem, que uma criancinha dava mais incommodo a Jesus do que bem recebia, os discipulos quizeram perturbar essa festa. Jesus levou muito a mal o procedimento d'elles e disse: «Deixai vir a mim os pequeninos e não os embarceis; porque dos taes é o Reino dos Ceus. Em verdade vos digo que todo o que não receber o reino

(1) Math. 19: 3—12; Marc. 10: 2—12.

(2) Math. 19: 9.



Jesus abençoando os meninos
Pag. 190 S. Matheus XIX: 13-51



de Deus como pequenino, não entrará n'elle. E abraçando os, e pondo sobre elles as mãos, os abençoava. (1)

Epopea do matrimonio, por esse facto pathetico, o Filho de Deus, ao lado do throno da mãe de familia, assenta tambem as criancinhas. Abençoando-as, declara poderem receber todas as graças dos lugares celestiaes; proclamando-as herdeiras do Ceu, affiança serem objectos de sua paixão e morte, e abraçando-as recommenda-as ao amor e a todos os affectos.

Estava Jesus para pôr-se a caminho para Jerusalem quando um governador o alcançou. (2) Era moço e sympathico. Com o joelho em terra, lhe faz esta supplica: «Bom Mestre, que devo eu fazer para alcançar a vida eterna? Não tendo a Jesus em conta de Deus e sendo a bondade absoluta um attributo de divindade, Jesus, para chamar tambem a sua attenção para o coração d'elle, observa lhe, em outras tantas palavras, que não passando elle, em sua opinião, de um doutor, como lhe dava um titulo pertencente a Deus!

Sentindo se são elle não precisava de Christo como Medico e por isso Jesus, para inspirar-lhe a necessidade de um Redemptor, dirigiu o para a guarda da Lei que é por onde vem o conhecimento do peccado.

— Si queres entrar na vida, disse-lhe Jesus, guarda os mandamentos.

— Quaes?

— Não commetterás homicidio; não adulterarás; não

(1) Math. 19: 13—15; Marc. 10. 13—16, Luc 18: 15—17.

(2) Math. 19: 16—30; Marc. 10: 17—31; Luc. 18: 18—30.

commetterás furto ; não dirás falso testemunho ; honra a teu pai e a tua mãe e amarás ao teu proximo como a ti mesmo.

Em sua ignorancia da espiritualidade da Lei, elle julgava-se impeccavel em referencia a esses mandamentos.

— Mestre, todos esses mandamentos tenho observado desde a minha mocidade.

Para convencel-o da sua illusão Jesus passa dos principios aos factos. Pondo n'elle os olhos, mostrou lhe agrado e disse-lhe :

— Uma cousa só te falta : vai e vende quanto tens e dá o aos pobres e terás um thesouro no Ceu e vem e segue-me.

O moço não respondeu. Jesus havia posto a mão sobre a ferida d'elle. Suas riquezas eram os idolos do seu coração. Oh ! entrar no Ceu abraçado com as suas riquezas . . . mas separado d'ellas, elle não pode ! E por esse caminho por onde tinha vindo alegre, voltava triste para casa.

Nos muros com que as cidades eram cercadas, alem das portas principaes, havia outras latteraes. Tinham a forma do fundo de uma agulha e d'ahi o seu nome de fundo de agulha. Os camellos passavam por ellas ; mas com muita difficuldade e depois de terem sido descarregados. Esse facto tinha-se tornado em um anexim de sorte que quem quizesse exprimir uma difficuldade, bastava dizer : «É mais facil um camello passar pelo fundo de uma agulha.» Jesus, para dar-nos a entender a impossibilidade de salvação em que se acham os que confiam nas riquezas, serviu-se d'elle n'essa occasião. «Filhinhos, quão difficil cousa é entrarem no reino de Deus os que confiam nas riquezas ! Mais facil

é passar um camello pelo fundo de uma agulha do que entrar no reino de Deus um rico.» Assombrado de suas palavras, os discipulos perguntaram uns para os outros: «Quem pode salvar-se?»

Não podendo o homem por si mudar o seu coração nem os homens mudarem o coração de um homem, «cousa é esta que não pode ser;» mas Deus pode mudar em carne o coração de pedra do mais ferrenho avaro; logo, para com Deus todas as cousas são possíveis.

Avisinhava se a celebração do *exodo* do Egypto, a paschoa. Já pelas estradas se viam bandos de adoradores, subindo para Jerusalem. Jesus, á testa de seus discipulos, tambem sobe. Os discipulos conhecendo os designios perversos dos phariseus contra a vida de seu Mestre, o seguem com temor. Para capacital-os que melhor do que elles sabia todas as cousas que o aguardavam, os toma á parte e suspendendo o véo que occultava o Calvario, pela terceira vez, vaticina a sua morte. «Eis aqui está que nós subimos a Jerusalem, e o Filho do homem será entregue aos principes dos sacerdotes, e aos escribas e aos anciãos e sentenciarão á morte e o entregarão aos gentios; e o escarnecerão e lhe cuspirão no rosto, e o açoitarão, e lhe tirarão a vida, e ao terceiro dia resurgirá.»

Os animos de novo se achavam dominados por uma nova expectação do Reino messiano. Salomé parece ser do numero dos impressionados. Oh! e como ella não seria feliz se visse a seus dois filhos occuparem n'esse Reino os primeiros lugares! Os thronos de que Jesus, não havia muito, fallara por occasião de uma pergunta de Pedro, muito excitaram n'ella esse desejo. Esforçada por sua ambição, com seus dois filhos João e Thia-

go, prostra-se aos pés do Senhor em attitude supplicante.

— Que quereis que vos faça ? perguntou-lhe Jesus.

— Dize, respondeu ella, que estes meus dois filhos se assentem no teu reino ; um á tua direita e outro á tua esquerda.

Tão gentil quão bondosamente, o Mestre lhe responde :

— «Não sabeis o que pedis.» E referindo-se a seu martyrio, pergunta lhes : «Podeis vós beber o calix que eu estou para beber ?»

— Podemos.

Sim, é verdade, vós tendes parte e sorte no meu calix e haveis de beber o meu calix de perseguições que por amor de mim tendes de soffrer; mas pelo que toca a terdes assento á minha direita ou á minha esquerda, não me pertence a mim o conceder-vos lo; porem essa honra é para aquelles para quem está aparelhada.

Os outros dez, em suas pretenções, indignaram se contra Thiago e João. «Todos os reinos do mundo. acudirá o Mestre, tem principes que governam sobre seus subditos; mas entre vós não deve nem pode ser assim, e aquelle que, actuado por um espirito de primazia, quizer ser o primeiro, combata esse espirito, humilhando-se.

— Afinal o Senhor chegou a Jericho. ⁽¹⁾ Cidade de fragancia, de palmas, de flores e de balsamo, era a segunda da Judea. Demorava vinte e oito kilometros ao nordeste de Jerusalem. Ás suas entradas estavam dois

(1) Math. 20: 29—34; Marc. 10: 46—52; Luc. 18: 35—19: 4.

cegos assentados, um dos quaes, Bartiméo, pelo papel notavel que representou na occasião, teve o privilegio de ver seu nome ligado á historia da vida de Christo. O que será Que significa isso? perguntaram os miseros ao ouvir o tropel que de momento para momento augmentava.

— É Jesus.

— Jesus? Esse Jesus de quem temos ouvido narrar-se tantas maravilhas?

— Sim, Jesus que passa.

E immediatamente pozeram se a gritar: Jesus, Filho de David tem misericordia de nós. O povo, que precedia ao Senhor, os ameaça, intimidando os que se calassem. Elles porém cada vez gritavam mais: Filho de David, tem misericordia de nós. Houve um momento de ancioso silencio. Jesus havia parado e os tinha mandado chamar. Bartiméo levanta se; lança fóra a capa e saltando como uma criança aproxima se.

— Que quereis que vos faça?

— Que se nos abram. Senhor, os olhos.

Jesus, compadecido d'elles, toca lhes os olhos e no mesmo instante a vista succedeu á cegueira. E todo o povo, unindo a sua voz á dos cegos, deu louvor a Deus. (1)

Notavel pelo numero de sacerdotes que n'ella residiam, Jericho o era tambem pelos publicanos que se contavam em seu seio. Zaqueo, entre elles, era um dos

(1) São Matheus diz que os cegos eram dois, S. Marcos e S. Lucas fallam só de um. Onde ha dois como Le Clerc diz, ali ha um. Si os dois Synopsys nos noticiam só um, é porque esse, como no caso dos endemoninhados de Gerasem pelo papel que represen-

principaes. Um desejo ardente de ver a Jesus o acompanhava desde ha muito. Havia chegado a hora de satisfazer esse seu desejo. Ao saber da chegada de Christo, elle, supprindo a baixeza da sua estatura, sóbe a um sycomóro que elevava-se em um dos lugares por onde Jesus tinha de passar. Ah! como o seu coração não pulsaria ao apontar a multidão que rodeava o Mestre! Mas eis que uma idea triste lhe atravessa o pensamento: Quem lhe dirá quem é de entre essa chusma que desfila ante elle! N'isto Zaqueo dá com os olhos de alguém que o distingue, dizendo-lhe: «Zaqueo, desce depressa, porque importa que eu fique hoje em tua casa.» Era o proprio Jesus. Oh! vê-lo já era uma grande felicidade; ouvil-o era muito exigir; mas ter a honra de hospedar-o era uma dita em que nunca pensou.

Zaqueo desceu incontinenti, e gostoso o recebeu em sua casa. Foi um dia de verdadeira felicidade para esse publicano. Todos levaram a mal o ter o Senhor

tou na occasião chamou mais a attenção dos evangelistas do que o outro. S. Matheus e S. Marcos declaram que a cura teve lugar quando Jesus deixava a cidade e S. Lucas parece dizer que fôra na hora em que o Senhor entrava. Greswell é de opinião que os milagres foram distinctos: um tendo lugar quando Jesus entrava e o outro quando saia. De Wette e outros explicam essa discrepância apparente traduzindo e com muito boa razão o lugar de S. Lucas assim: Como elle de Jericho se avisinhasse de Jerusalem. Nós porém seguimos aquelles que expõe d'este modo o caso: Um dos cegos que achava-se á entrada da cidade, não sendo curado, foi postar-se na saída para de novo encontrar se com Jesus. Ahí deparou com um outro cego talvez seu conhecido com quem uniu-se para juntos recorrerem ao Filho de David, o que effectivamente fizeram sendo então attendidos.

preferido a casa de um publicano para hospedar-se. Mas enquanto na rua campeava a murmuração, Zaqueo, na presença de Jesus, declarava: Senhor, eu estou para dar aos pobres a metade dos meus bens: e n'aquillo em que eu tiver defraudado a alguém, pagar-lh'o-hei quadruplicado.

Zaqueo havia crido, estava salvo.

Hoje, asseverou Jesus, entrou a salvação n'esta casa: porque este tambem é filho de Abrahão. Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o que tinha peccado. (1)

(1) Lucas 19: 9—10.

CAPITULO VII

(Continuação do capitulo precedente)

Ultima semana da missão de Jesus Christo

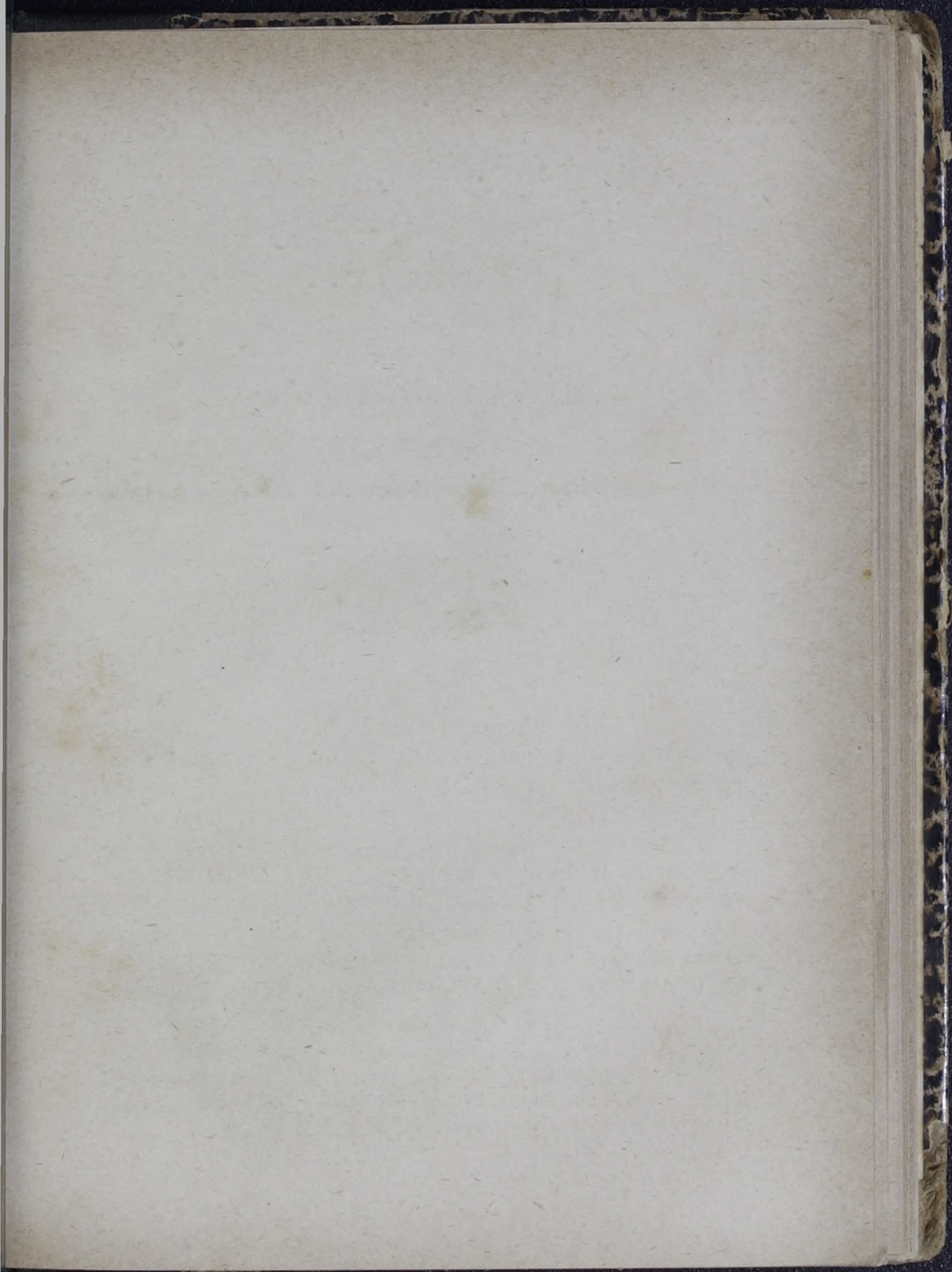
Κενως εκοπίασα, εις ματαιον και εις ουδεν
εδωκα την ισχυν μου. δια τουτο η κρισις μου παρα κυριω
και ο πονος μου εναντιον του βου μου. (1)

DE Jericho chegara Jesus á casa de Lazaro. (2)
No seio d'essa familia amavel passara o ultimo sabba-
do de sua vida mortal.

No dia seguinte, domingo 10 de nisan, 4 de abril,
com os seus discipulos foi a Jerusalem. Ao approxi-
mar-se de Bethphage que ficava entre Bethania e Je-
rusalem, ordena a dois d'elles: Ide a essa aldeia que
está fronteira; entrando n'ella, achareis um jumentinho
atado em que nunca montou pessoa alguma: despren-
dei-o e trazei-o. E si alguém vos perguntar: Porque o

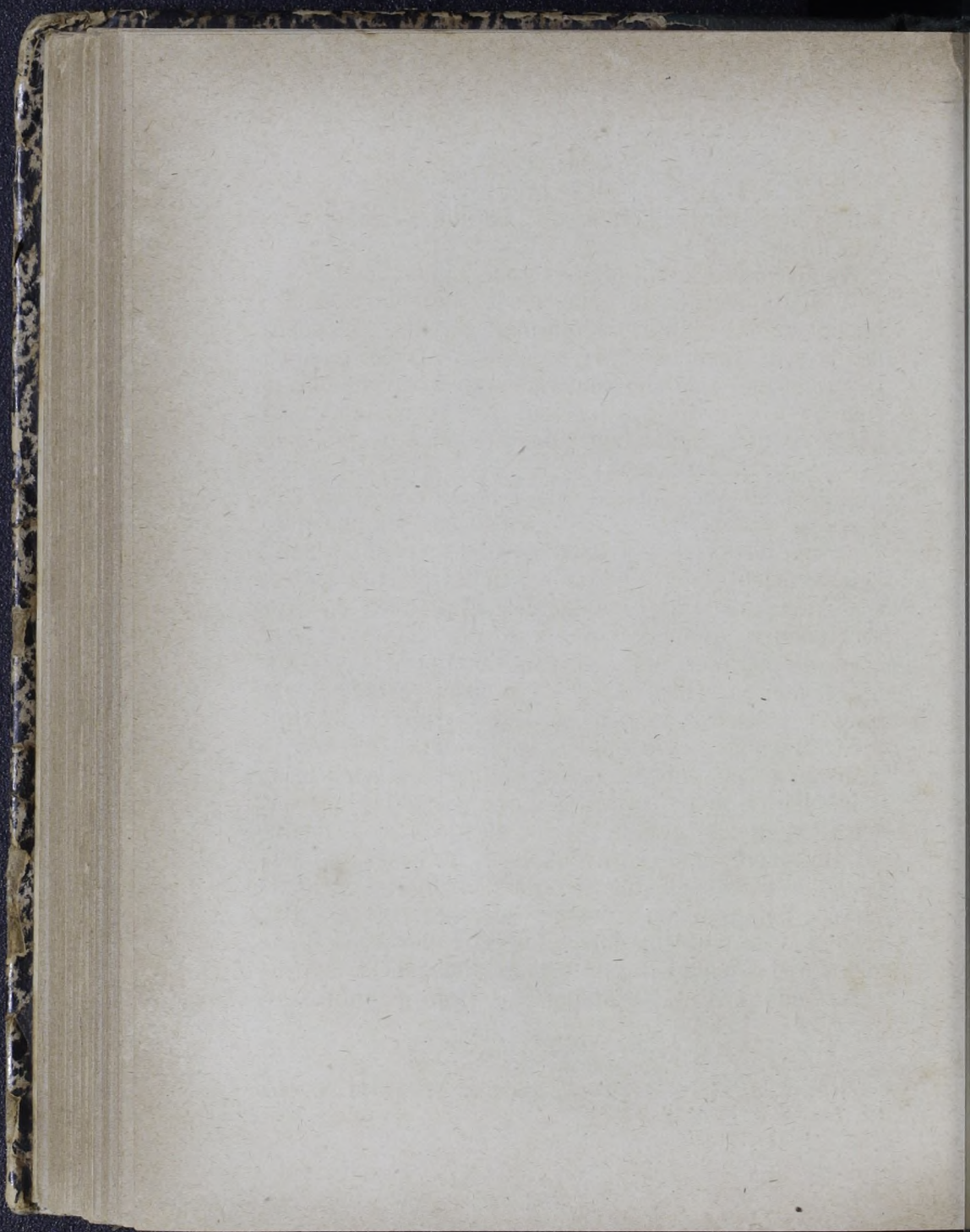
(1) Tenho trabalhado em vão, inutilmente tenho consumido
minha força e em vão; não obstante meu juizo é com o Senhor
e minha obra com o meu Deus. Is 49: 4

(2) S. João, 12: 1,9—16.









soltais vós? dir-lhe-heis assim: Porque o Senhor precisa d'elle». (1)

Os discipulos foram e trouxeram o jumentinho.

A visita espalha se pela cidade. Em um instante, uma immensa multidão admiradora o rodea. Estendendo os seus vestidos sobre o animal, o fazem montar. Uns juncam o caminho com ramos de arvores e outros com os seus vestidos o tapetam. Não se ouviã sinão hosannas que augmentam á medida que o triumpho se avisinhava de Jerusalem.

Edificada sobre dois montes, a filha de Sião assemelhava-se a uma esposa elevando-se em seu thalamo. Tres muralhas, como grinaldas, a adornavam. A mais antiga, celebre por sua solidez, tinha sessenta torres; a segunda quatorze, e a terceira, admiravel por sua architectura, contava noventa torres. Muitas d'ellas eram de marmore branco e com tanta pericia estavam feitas, que pareciam uma peça inteiriça cortada de um immenso monte de marmore. Entre, ellas, as de Hippico, Marianna e Presphino sobresaíam. Herodes as dedicou a seu amigo, a sua mulher e a seu irmão, dando-lhes o nome d'elles. A torre Presphino que assemelhava se ao grande pharol de Alexandria, media de altura cincoenta e seis metros. Ao nascer do sol, podia se d'ella contemplar os extremos limites occidentaes do paiz e deixar a vista perder-se na Arabia. Para o lado do norte da cidade superior elevava-se o palacio real, ostentando uma belleza e elegancia admiraveis. Seus pillares e seus porticos eram magnificos; e

(1) S. Math. 21: 4—11, 14—17; S. Luc. 11: 4—11; S. Marc. 11: 29—44; S. João, 12: 12—19.

as alamedas, os jardins, as fontes e os aqueductos que o cercavam, offereciam um panorama encantador. Porém, acima de tudo isso estava o templo. Quarenta e seis annos se tinham gasto em construi lo. Sua riqueza, grandeza e elegancia são inenarraveis. Excedia em expiendor a todos os outros edificios da cidade e era de uma magnificencia sem rival no mundo. As suas paredes eram de pedra de marmore, algumas das quaes mediam quarenta e cinco cubitos de comprimento, cinco de altura e seis de largura. Reposteiros de cores variadas, cujos tecidos representavam flores purpurinas e columnas em cujos capiteis serpenteava videiras de ouro com seus cachos pendentes, guarneciam as aberturas e as architravas: era uma maravilha de riqueza e de arte vêr-se, como declara Josepho, tanto trabalho sobre materia tão preciosa. Aquellas partes do edificio que laminas de ouro não cobriam, eram tão brancas e resplandecentes que vistas a uma certa distancia, pareciam pillares de neve e montanhas de marmore. Quando o sol no oriente erguia-se tão forte e deslumbrante tornava-se o seu fulgor que o expectador desviava a sua vista para o lado. ⁽¹⁾

Da descida do monte das Oliveiras, no caminho por onde Jesus passava, discortinava-se toda a cidade. Como não seria arrebatadora a sua vista! Pois bem; n'esse lugar, ao ver a cidade, Jesus chorou! e chorou n'essa hora de regosijo e n'esse momento em que o mundo parecia reconhece lo como o Filho de Deus! Os que caminhavam junto d'elle poderam ouvi-lo pronun-

(1) Josepho, Hist. dos Jud., liv. 2º, p. 335; Guerr. dos Jud. liv. 5º, c. 4; Antig. 15: 11

ciar este ai intimo e fatidico: «Ah! si ao menos n'este dia, que agora te foi dado, conheceras ainda tu o que te pode trazer a paz; mas por ora tudo isto está encoberto aos teus olhos. Porque virá um tempo funesto para ti, no qual os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te sitiarão, e te porão em aperto de todas as partes; e te derribarão por terra a ti, e a teus filhos, que estavam dentro de ti, e não deixarão em ti pedra sobre pedra por quanto não conheceste o tempo de tua visitação. (1)

E a marcha triumphal avança. Os valles retinem de louvores; a terra parece exultar e as collinas saltar de gozo, tomando parte no jubilo do povo. Hosannas nas alturas! cantavam os que caminhavam na frente; hosannas! repeliam os que vinham atraz. Bemdito o Rei que vem em Nome do Senhor! bradavam todos; paz no Ceu! hosannas nas alturas!

«Salta de extremo prazer, ó filha de Sião; enche-te de jubilo, ó filha de Jerusalem. Eis ahi o teu Rei, justo e salvador; elle é pobre e vem montado sobre o jumentinho».

A cidade se alvoroça; «Quem é este?» perguntaram uns aos outros. «É Jesus, dizia a multidão, o propheta de Nazareth de Galilea.

Cumprimento de uma prophecia, essa entrada gloriosa de Christo era tambem como o ultimo toque da graça divina, no dia da longanimidade do Senhor, a um povo incredulo e rebelde.

No templo onde directamente entrou, deu vista aos cegos e curou os coxos. A scena era de mais sublime

(1) Luc. 19: 42—44.

para os seus inimigos occultarem a sua inveja que subiu de ponto ao ouvirem os meninos do coro bendizerem a Jesus. «Ouves, lhe dizem indignados os principes dos sacerdotes e os escribas, o que dizem estes?» — «Sim; nunca lestes que da boca dos meninos e dos que mamam tiraste o perfeito louvor?»

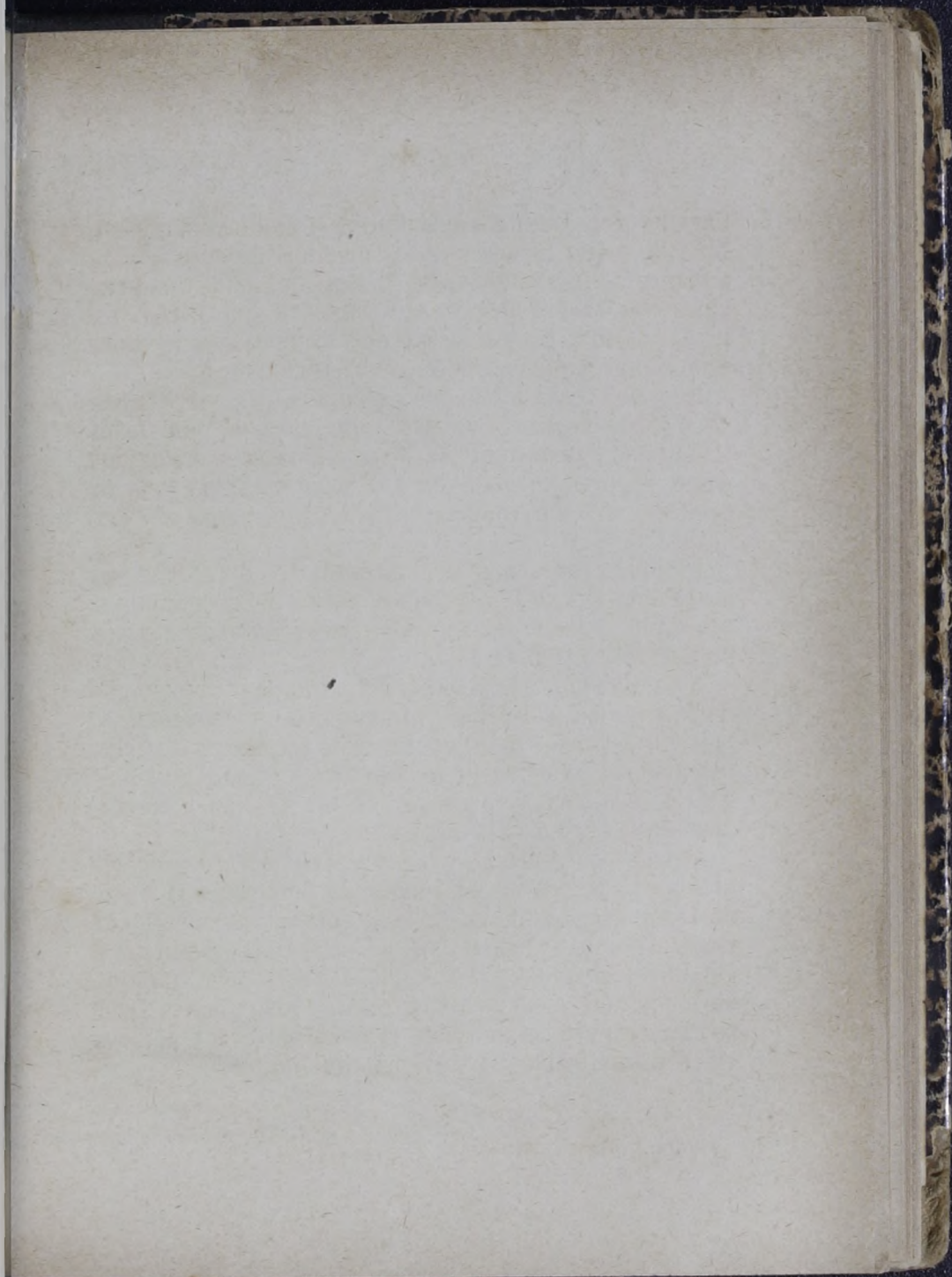
Narrando esse facto, uma idea sombria nos atravessa o pensamento: Por esse caminho pelo qual Jesus triumphantemente entrou, logo elle passará maniatado como se fôra um malfeitor! O desprezo, pois, tem de succeder ás bem vindas e o insulto e a morte aos louvores!

Assim se passou o dia. A multidão, depois de sua oração de vespera, retirou-se. Jesus deixara tambem o templo e acompanhado dos doze voltara para o seu amado retiro. em Bethania.

Na segunda-feira, pela manhã, ei-lo de novo caminho de Jerusalem. Saira tão cedo que não tomara nada. Ao lado da estrada, uma figueira, sem ser tempo de figos, ostentava-se vestida de folhas. Tendo fome, Jesus chegara se a ella; porém não achou figos. «Nunca jamais, disse lhe elle, nasce fructo de ti». ⁽¹⁾

Aquelle que servia-se dos passarinhos e das debeis plantas para gravar na mente do povo a providencia de Deus, dá nos, por esse facto, uma lição solemne da vindicativa justiça divina. Typo de Israel, essa figueira amaldiçoada symbolisa a rejeição d'esse povo que, coberto de todos os meios exteriores pelos quaes Deus nos communica as bençãos do pacto da graça, não havia dado os fructos do arrependimento.

(1) Math. 21: 18,—19; Marc. 11: 12—14.



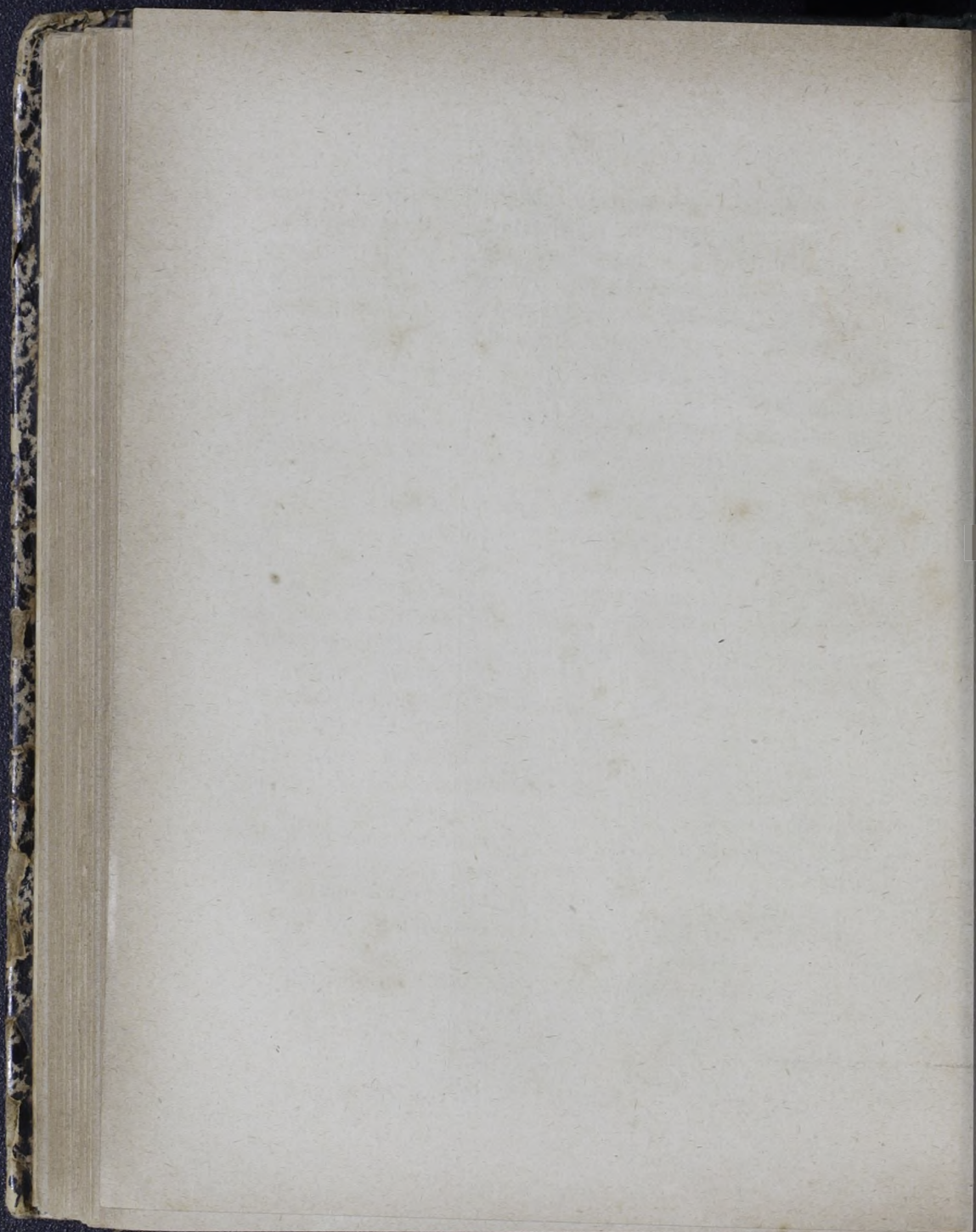




Pag. 202

A figueira infructifera

S. Lucas XIII : 6-9



A' festa da paschoa não só affluíam os que moravam na Judea, mas também os parthos, medos, elamitas, os que habitavam a Mesopotamia, a Asia e muitos de Roma. Era difficil, sinão impossivel, a cada um trazer o que tinha de offerecer na occasião e os estrangeiros precisavam trocar seu dinheiro pelo que corria em Jerusalem. Algumas pessoas viram logo n'essa circumstancia uma occasião de especulação, que a sordida ganancia dos sacerdotes favoreceu os quaes transformaram as cortes do templo em mercado de grande escala.

O cordeiro paschoal era selecto no dia dez de nisan e d'esse dia até o quatorze não eram as vozes da oração que se ouviam no templo do Senhor: mas sim mugidos dos bois, balares de ovelhas, berros de cabritos, vozes de cambiadores e o tenir das moedas. Tal foi a scena que apresentou-se a Jesus, ao entrar no templo. Em seu santo zelo expurga de novo a casa de Deus, lançando fóra a todos os que vendiam e compravam e pondo por terra as mezas dos banqueiros e as cadeiras dos que vendiam pombos. «Está escripto, dizia elle ensinando: A minha casa será chamada casa de oração: mas vós a tendes feito covil de ladrões». (1)

Foi profunda a sensação produzida por esse acto de Jesus e se não lhe lançaram as mãos, foi devido á boa vontade com que o povo, arrebatado, o ouvia.

O resto do dia, Jesus passou ensinando. A' tarde, Bethania o tornou a receber.

Na manhã de terça-feira, em seu caminho para a

(1) Math. 21. 12—13; Marc. 11: 15—19; Luc. 19: 45—48.

cidade. os discipulos, com grande pasmo viram que a figueira estava secca até ás raizes.

Olha, Mestre, exclama S. Pedro, como seccou-se a figueira que tu amaldiçoaste. «A observação do apostolo offereceu lhe occasião para, sobre a metaphora, de arrancar arvores e precipitar montes nas profundidades do mar, ensinar-lhe que, com a fê de Deus, poderiam vencer todas as difficuldades insuperaveis da vida.

—«Na verdade vos digo que, se tiverdes fê, e não duvidardes, não só fareis o que eu acabo de fazer á figueira; mas ainda si disserdes a este monte: Tra te e lança te no mar, assim se fará. E todas as cousas que pedirdes fazendo oração com fê, haveis de conseguir. Mas quando vos pozerdes em oração, si tendes alguma cousa contra alguém, perdoai lh'a, para que tambem vosso Pai, que está nos Ceus, vos perdoe os vossos peccados. Porque si vós não perdoardes, tambem vosso Pai, que está nos Ceus, vos não ha-de perdoar os vossos peccados. (1)

No templo os principaes dos sacerdotes e os escribas rodearam no para pedirem-lhe as credenciaes do seu mandato. Jesus prometteu lhes responder si elles lhe respondessem a esta pergunta: «O baptismo de João era do Ceu ou dos homens.» Depois de terem feito consigo mesmo este juizo: Si nós dissermos que era do Ceu, dir nos-á elle: Porque razão logo não crestes n'elle? Si dissermos que dos homens, temos medo do povo: porque todos tinham a João em conta de um propheta —responderam: «Não sabemos.»

¹ Math. 21: 20—22; Marc. 11: 20—26.

— «Pois nem eu tão pouco, redarguiu lhes Jesus, vos direi com que autoridade faço estas cousas.» (1)

Tendo-os, d'este modo, desapontado, para exhibir-lhes que elles que haviam promettido a João arrepende-se, não o tinham feito e que os publicanos e peccadores que no principio não fizeram conta da pregação de João, depois arrepende-se, propoz-lhes a seguinte parabola: «Um homem tinha dois filhos, e chegando-se ao primeiro, lhe disse: Filho, vai hoje trabalhar na minha vinha. E respondendo elle, lhe disse: Não quero. Mas, depois, tocado de arrependimento, foi. E chegando se ao outro, lhe disse do mesmo modo. E respondendo elle, disse: Eu vou, Senhor, e não foi.»

— Qual dos dois fez a vontade do Pai?

— Responderam elles: o primeiro.

— Na verdade vos digo que os publicanos e as me-retrizes vos levarão a dianteira para o reino de Deus. (2)

A esta parabola succederam as do pai de familia que plantou uma vinha e a do rei que fez as bodas a seu filho. A primeira é a sentença de morte lançada sobre a theocracia judaica. O filho do Senhor da vinha vai morrer; mas a vinha será arrendada a outros lavradores. (3)

Os phariseus perceberam que a elles as parabolas se referiam; retiram-se pois do templo e reuniram-se para tramarem contra elle. Concordaram em, de novo, fazer causa commum com os herodianos. Disfarçados, estes homens desconhecidos chegaram-se a Jesus e

¹ Math. 21: 23—27; Marc 11: 27—33; Luc. 20: 1—8.

² Math. 21: 28—34;

³ Math 21: 33—46; Math. 22: 1—14; Marc 12: 1—12.

actuados pelo mesmo espirito dos esbirros de santo officio, perguntaram-lhe: «Mestre, nós sabemos que és verdadeiro, e q' e ensinas o caminho do Deus pela verdade. e não se tá dá de ninguem; porque não fazes excepção de pessoas; dize-nos pois, qual é o teu sentimento: É licito dar o tributo a Cesar ou não?» (1)

Si Jesus respondesse ser licito, o denunciariam como um inimigo solemne do povo de Israel, se opinasse que não era licito, o accusariam ás autoridades romanas como inimigo das regalias de Cesar.

— Porque me tentais, hypocritas?» perguntou lhes Jesus apenas elles acabaram de propor o caso. Mostrei-me cá a moeda do censo.

E elles lhe apresentaram um dinheiro.

— De quem é esta imagem e inscripção?

— Responderam-lhe: De Cesar.

— Pois dai a Cesar o que é de Cesar; e a Deus o que é de Deus. (2)

Só um Deus podia em tal occasião responder assim. Os seus mesmos inimigos ficaram admirados ante a sabedoria d'essa resposta.

Estão defnuidas as relações da sua Igreja para com o estado: ambos de instituição divina, a igreja e o estado tem objectos differentes e, em todos os respeitos, independentes um do outro.

Os sadduceus, que não quizeram ficar atraz, apresentaram-se tambem com a sua objecção. Tinham visto Jesus responder sabia e promptamente aos phari-

(1) Math. 25: 15—17; Marc. 12: 13—17; Luc. 20: 20—22.

(2) Math. 22: 18—22; Marc. 12: 15—17; Luc. 20: 23—26.

seus ; mas pensavam que outro tanto não se daria com a sua objecção que era para elles o que o *Tu és Pedro* tem-se tornado para os ultramontanos. Um homem casou com uma mulher. Passado algum tempo morreu e não tendo filhos, deixou, segundo Moyses, a sua mulher a seu irmão ; este tambem morreu sem filhos e o terceiro irmão teve de casar-se com a mulher e assim por diante até o septimo irmão. E ultimamente depois de todos falleceu tambem a mulher. Ora, havendo resurreição, todos tem de resuscitar e n'este caso a qual dos sete pertencerá a mulher ?

Tal era a objecção. A resposta de Jesus, tão prompta quão sabia, comprehende tambem em si a razão das objecções que em todos os tempos tem-se formulado contra o christianismo : a ignorancia das Escripturas e do poder de Deus.

— «Errais, respondeu lhes Jesus, não sabendo as Escripturas nem o poder de Deus. Porque depois da resurreição, nem as mulheres terão maridos, nem os maridos mulheres ; mas serão como os anjos de Deus no Ceu. E sobre a resurreição dos mortos, vós não tendes lido o que Deus disse, fallando comvosco : Eu sou o Deus de Abrahão, e o Deus de Isaac, e o Deus de Jacob ? Ora, Deus não o é de mortos, mas de vivos. ⁽¹⁾

Os phariseus de novo se reuniram para mais uma vez voltarem á carga. Assentaram em enviar contra Jesus um dos doutores da lei.

⁽¹⁾ Math. 22: 23—33; Marc. 1 : 18—27; Luc. 20: 27—40.

— «Mestre, perguntou-lhe o doutor, qual é o grande mandamento da Lei?»

— «Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. Este é o maximo, e o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu proximo como a ti mesmo. D'estes dois mandamentos dependem toda a lei e os prophetas. (1)

Parece que o doutor era sincero em sua opposição; seja como fôr; as palavras de Jesus tocaram-lhe o coração e mais christão do que phariseu, respondeu:

— Mestre, na verdade disseste bem, que Deus é um só, e que não ha outro fóra elle. E que amal-o cada um de todo o seu coração, e de todo o seu entendimento e de toda a sua alma, e de todas as suas forças, e o amar ao proximo como a si mesmo, é uma cousa que excede todos os holocaustos e sacrificios.

— E vendo Jesus que o escriba tinha respondido sabiamente, lhe disse: Não estás longe do reino de Deus. (2)

Os phariseus, por esta sortida, haviam perdido um; não se atreveram pois a fazer-lhe mais perguntas.

O Senhor, que até ahi tinha-se conservado na defensiva, toma agora a offensiva. Não longe do lugar em que estava, via se um grupo de phariseus espiadores. A elles inexperadamente se dirige d'este modo: Que vos parece a vós do Christo? de quem é elle filho?»

— De David: responderam elles.

(1) Math. 22: 34—40; Marc. 12: 22—31.

(2) Marc. 12: 32—34.

— Pois como lhe chama David, em espirito, Senhor, dizendo: Disse o Senhor ao meu Senhor: Senta te á minha mão direita, até que eu reduza os teus inimigos a servirem de escabello de teus pès? Si pois David o chama seu Senhor, como é elle seu Filho »

A resposta era: Por seu nascimento humano, o Messias é Filho de David; mas, como Filho de Deus, procedendo do Pai, elle é o Senhor de David e dos anjos. Não sabendo distinguir essas duas naturezas na pessoa do Christo, os phariseus não poderam responder. (1)

Então, como um brado derradeiro, Jesus pronuncia esse discurso solemne, profundo, immenso, no qual, em phrases incisivas, apresenta aos phariseus e escribas a sua hypocrisia e perversidade pelas suas obras, exhibindo ao povo o character de seus guias espirituales.

«Então fallou Jesus ás turbas, e aos seus discipulos, dizendo: Sobre a cadeira de Moysés se assentaram os escribas e os phariseus. Observai, pois, e fazei tudo quanto elles vos disserem; porém não obreis segundo a pratica de suas acções: porque dizem e não fazem. Porque atam cargas pe-adas, e incomportaveis, e as põem sobre os hombros dos homens: mas nem com o seu dedo as querem mover. E fazem todas as suas obras, para serem vistos dos homens; por isso trazem as suas largas tiras de pergaminho e grandes franjas. (2)

(1) Math. 22: 41—46; Marc. 12: 35—37; Luc. 20: 41—44.

(2) As largas tiras de pergaminho ou phylacterias, continham textos das Escripturas e particularmente da lei, que os devotos

E gostam de ter nos banquetes os primeiros lugares, e nas synagogas as primeiras cadeiras, e que os saudem na praça, e que os homens os chamem Mestres. Mas vós não queiraes ser chamados Mestres; porque um só é o vosso Mestre, e vós todos sois irmãos. E a ninguem chameis pai vosso sobre a terra; porque um só é o vosso Pai; que está nos Ceus. Nem vos intituleis Mestre; porque um só é o vosso Mestre, o Christo.»

«O que de entre vós é o maior, será vosso servo. Porque aquelle que se exaltar, será humilhado; e o que se humilhar, será exaltado.»

«Mas ai de vós escribas e phariseus hypocritas que fechais o Reino dos Ceus diante dos homens; pois nem vós entraes, nem aos que entrariam, deixais entrar.»

Ai de vós escribas, e phariseus hypocritas; porque rodeais o mar, e a terra, por fazerdes um proselyto e depois de o terdes feito, o fazeis em dobro mais digno do inferno do que vós.»

«Ai de vós conductores cegos, que dizeis; todo o que jurar pelo templo, isso não é nada; mas o que jurar pelo ouro do templo, fica obrigado ao que jurou. Estultos e cegos, pois qual é mais, o ouro, ou o templo que santifica o ouro? E todo o que jurar pelo altar, is-

traziam sobre a fronte ou ao peito ou ao pescoço como signal de sua religiosidade.

As franjas, que Jesus nota, estavam sobre a barra dos vestidos, segundo o prescripto em Numeros, 15: 38 e 39. Os phariseus, em seu orgulho religioso e em sua hypocrisia, para ostentarem o seu escrapulo pela lei, exageravam nas para darem bem na vista do povo. S. Jeronymo refere que n'essas franjas extravagantemente longas, espetavam espinhos para que as picadas nas pernas lhes trouxessem a lei á memoria.

so não é nada ; mas qualquer que jurar pela offrenda que está sobre elle, está obrigado ao que jurou Cegos, pois qual é mais, a offerenda, ou o altar que santifica a offrenda? Aquelle pois que jura pelo altar, jura por elle e por tudo quanto sobre elle está, e todo o que jurar pelo templo, jura por elle e pelo que habita n'elle, e o que jurar pelo Ceu, jura pelo Throno de Deus e por aquelle que está sentado n'elle.»

«Ai de vós escribas, e phariseus hypocritas, que dizimais a hortelã e o endro e o cominho, e haveis deixado as cousas que são mais importantes da Lei: a justiça, e a misericórdia, e a fé; estas cousas eram as que vós devieis praticar, sem que entretanto omitissem aquell'outras. Conductores cegos que coais um mosquito e engulis um camello.»

«Ai de vós escribas e phariseus hypocritas, porque sois semelhantes aos sepulchros branqueados que parecem por fóra formosos aos homens, e por dentro estão cheios de ossos de mortos, e de toda a asquerosidade; assim tambem vós outros por fóra vos mostrais na verdade justos aos homens; mas por dentro estais cheios de hypocrisia e iniquidade.»

«Ai de vós escribas e phariseus hypocritas, que edificaes os sepulchros dos prophetas, e adornais os monumentos dos justos, e dizeis: Si nós houveramos vivido nos dias dos nossos pais, não teriamos sido seus companheiros no sangue dos prophetas; e assim dais testemunho contra vós mesmos, de que sois filhos d'aquelles que mataram aos prophetas. Acabai vós pois de encher a medida de vossos pais.»

«Serpentes, raça de viboras, como escapareis vós de serdes condemnados ao inferno? Por isso eis aqui estou eu que vos envio prophetas, e sabios e escribas,

e d'elles matareis, e crucificareis a uns, e d'elles açoutareis a outros nas vossas synagogas e os perseguireis de cidade em cidade; para que venha sobre vós todo o sangue dos justos, que se tem derramado sobre a terra, desde o sangue do justo Abel, até o sangue de Zacharias, filho de Baraquias, a quem vós destes a morte entre o templo e o altar. Em verdade vos digo que todas estas cousas virão a cair sobre esta geração.»

«Jerusalem, Jerusalem, que matas os prophetas e apedrejas os que a ti são enviados, quantas vezes quiz eu ajantar teus filhos, do modo que uma gallinha recolhe debaixo das azas os seus pintos, e tu o não quizeste! Eis ahi vos ficará deserta a vossa casa. Porque eu vos declaro, que desd'agora não me tornareis a ver até que digais: Bemdito seja o que vem em nome do Senhor.» ⁽¹⁾

Depois d'essa apostrophe eterna em que Jesus stigmatizara o pharisaeismo de todos os seculos, nos phariseus e nos escribas de seu tempo, passara se para o atrio onde as mulheres lançavam o seu obulo. Fatigado, Jesus assentara se, ficando lhe o gazophilaceo de frente. Á medida que uns retiravam-se, outros approximavam-se, lançando o seu dinheiro. Os que eram ricos deitavam com mão larga. Afinal chegara uma pobre viuva que lançou duas pequenas moedas que importavam um real. ⁽²⁾ O procedimento d'esta pobre mulher tocara o coração de Jesus que convocando a seus dis-

⁽¹⁾ Math. 23.

⁽²⁾ Um real ou dois mits, que valiam 9 réis, pouco mais ou menos.

cipulos, observou-lhes : « Na verdade vos digo que esta pobre viuva lançou mais que todos os outros. Porque todos esses fizeram a Deus offertas d'aquillo, que tinham em abundancia; mas ella deu da sua mesma indigencia tudo o que lhe restava para o seu sustento. (1) N'este interim alguns gregos da porta, aos quaes lhe era vedada a entrada no atrio das mulheres, pedem, por intermedio de André e de Philippe, para o verem. Ah! o desejo d'esses homens era para Jesus mais uma prova de estar perto a hora em que elle tinha de ser glorificado. Na côrte dos gentios onde Jesus foi receber esses gregos, primicias do fructo do trabalho de sua alma no vasto mundo pagão, o Senhor, por meio de um simile apropriado, tirado do ensino da natureza, annuncia a sua paixão e morte. Seu espirito conservou-se sereno ante a perspectiva da cruz exterior, mas, ao lembrar-se de sua cruz intima, da ira de Deus contra o peccado que elle estava para soffrer, sua alma, como depois aconteceu-lhe no Gethsemani, turbou-se. Desprezando porém a ignominia pelo gozo que lhe estava proposto, exclama: « Pai, glorifica o teu Nome » E a voz do Pai, pela terceira vez, se fez ouvir do Ceu: Eu não só tenho já glorificado, mas segunda vez o glorificarei.» Uns, ouvindo a voz, mas não a entendendo, tomaram n'a por um trovão; outros porém julgaram que um anjo lhe fallara. — Esta voz observou-lhes Jesus, não veio por amor de mim, mas veio por amor de vós outros. Agora é o juizo do mundo; agora será lançado fóra o principe das trevas.» Elle tem de ser levantado da terra, como Moysés no deserto levantou

1) Marc. 12:—41—44; Luc. 21: 1—4.

a serpente; porém, como o grão de trigo morre para viver, elle depois de ser glorificado, attrairá todas as cousas para si. (1)

Está concluída a sua missão. Os habitantes de Jerusalem não tem excusa. A um sem numero de milagres que em presença d'elles obrou, Jesus ajuntou a sua palavra pela qual serão julgados. (2) E quando no momento em que o hão de julgar, perguntarem-lhe pela sua doutrina, poderá responder: Eu fallei publicamente ao mundo: eu sempre ensinei na synagoga e no templo, onde concorrem todos os judeus e nada disse em secreto.

Ao retirar-se do templo onde não voltará mais, seus discipulos admirados da solidez do edificio, dizem-lhe: «Olha, Mestre, que pedra e que fabricas.»

«—Vêdes tudo isto? Na verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada.» E proseguiu para Bethania.

Que recordação e que pensamentos não dominariam n'essa hora a sua alma! Chegando ao alto do monte das Oliveiras, assentara-se para contemplar a capital de sua patria, que elle amava com todo o patriotismo. O monte de Moriah coroado com o templo, trouxera as suas ultimas palavras á memoria de Pedro, Thiago e João que, á puridade, perguntaram-lhe: «Quando succederão essas cousas? e que signal haverá da tua vinda e da consummação do seculo? (3)

(1) João, 12: 20—36.

(2) João, 12: 4^o.

(3) Os apóstolos fizeram tres perguntas, mas tendo em vista um só periodo. Para elles, Jerusalem era a cidade eterna e por isso pensavam que só quando o mundo acabasse é que ella se-

—«Vêde, não sejais enganados ; porque muitos hão de vir debaixo de meu nome, dizendo : Eu sou. E este tempo está proximo. Mas guardai-vos de ir apòs elles. E quando ouvirdes fallar de guerras, e de tumultos, não vos assusteis ; estas cousas sim devem succeder primeiro, mas não será logo o fim. Levantar-se á nação e reino contra reino. E haverá grandes terremotos por varias partes, epidemias. e fomes apparecerão cousas espantosas, e grandes signaes do Ceu.»

«Quando porém vós virdes estar a abominação da desolação onde não deve estar, (o que lê entenda) então os que estiverem em Judéa, fujam para os montes, e o que estiver sobre o telhado, não desça á casa, nem entre para levar d'ella cousa alguma ; e o que se achar no campo, não volte atraz a buscar o seu vestido.»

«Mas ai das que n'aquelle tempo estiverem pejudas, e criarem.»

«Rogai, pois, que não succedam estas cousas no inverno. Porque n'aquelles dias haverá tribulações taes, quaes não houve desde o principio das creaturas que Deus fez até agora, nem haverá.» (1)

ria destruida. Era tendo em vista esse tempo que fizeram as perguntas. Jesus respondeu em geral ás tres perguntas, tendo em vista dois tempos : a destruição de Jerusalem e o fim do mundo. Este, ás vezes, acha-se incluído na propheta tocante a Jerusalem. de sorte que, para bem penetrarmos no pensamento das palavras do Senhor, temos de ver em alguns dos factos que se deram na destruição de Jerusalem, circumstancias que hão de ter logar por occasião do fim do mundo, não esquecendo-nos porém de dar a estas um sentido tanto mais grandioso quanto o fim do mundo é mais solemne do que a destruição de Jerusalem.

(1) Math. 24: 1—42; Marc. 13: 1—37; Luc. 21: 5—36.

Trinta e sete annos depois a abominação da desolação campeava no lugar santo. Das fomes, da peste, dos terremotos, das guerras e dos rumores de guerra nos fallam Josepho e Tacito. Emquanto aos falsos prophetas, a historia nos tem transmittido o nome de alguns, a quem promptamente acoitou-se esse povo que não recebeu a Christo.

Assim, diz Josepho a quem cedemos de bom grado a palavra, o miseravel povo deixava-se persuadir por esses enganadores nos quaes cria como si fossem o proprio Deus. E, por outro lado, não attendia nem dava credito aos signaes mais evidentes que claramente prognosticavam sua destruição futura. Porém semelhantes a homens infatuados, tinham olhos e não viam e tinham espirito e não consideravam as denuncias que Deus lhes fazia. Assim viu-se, semelhante a uma espada uma estrella pendente sobre a cidade e um cometa que continuou por um anno.

Tambem antes da rebellião dos judeus e d'aquellas commoções que precederam a guerra, no dia oitavo do mez de xanthius, nisan, quando o povo vinha em grande numero para a festa dos asmos, testemunhou se uma luz resplandecente ás nove horas da noite, em torno do altar e pela cidade, que brilhou por meia hora, de tal sorte que parecia dia clarissimo. Alguns dias depois d'esta festa, a 24 do mez artemesuis ao jyar, appareceu tambem um prodigio e um phenomeno, cuja narração seria incrível, si não fosse relatado por pessoas que o viram. Antes do pôr do sol, viram se carroças e tropas de soldados armados, correndo no ar entre as nuvens e cercarem a cidade. Mais ainda: na festa que chamamos de pentecostes, na occasião em que os sacerdotes iam para a côrte interior do templo, co-

mo era de costume, afim de exercerem seu ministerio sagrado, elles contam, que, primeiramente, sentiram, um tremor e depois um som como de uma grande multidão, dizendo: Saíamos d'aqui.

Porém um facto até mais terrivel, é o seguinte: Quatro annos antes da guerra principiar e em um tempo em que a cidade gozava de grande paz e prosperidade, um homem chamado Jesus, filho de Anamus, plebeo e casado, que tinha vindo á festa em que é nosso costume fazer cada um tabernaculos a Deus no templo, principiou de repente a gritar alto: *Uma voz do este; uma voz do poente; uma voz dos quatro ventos, uma voz contra Jerusalem e a santa casa: uma voz contra os esposos e as esposas; uma voz contra todo este povo.* Este seu grito repetia de dia e de noite, percorrendo todos os cantos da cidade. Certos dos mais iminentes entre a populaça, não podendo soffrer esses gritos agarraram-no e deram-lhe um grande numero de açoutes severos. Elle, todavia, nada disse a respeito de si, nem alguma cousa particular dos que o castigaram; e, apenas o deixaram, começou de novo a gritar. Nossos governadores suppondo que estava possuido de alguma furia divina, o levaram ao procurador romano, onde foi açoutado até seus ossos ficarem descarnados. Debaixo d'esse castigo, não pediu misericordia, nem derramou uma só lagrima; mas com uma voz a mais lamentavel possivel, a cada pancada do açoute, exclamava: *Ai, ai de Jerusalem!* E quando Albino (que então era nosso procurador) perguntou-lhe quem era, d'onde veio e porque gritava, elle não respondeu nada e só gritava como de costume. Todos os dias batiam n'elle, mas elle não dizia nada e aos que lhe davam de comer não agradecia; porém não cessava de gritar: *Ai, ai de Je-*

rusalem! Nos dias de festa esse seu grito era mais estrondoso do que nos outros dias. Esta sua missão durou sete annos e cinco mezes e nunca enrouqueceu ou se mostrou cançado. Afinal elle viu em toda a realidade o seu prognostico e na occasião em que andava pela muralha gritando com toda a força: Ai, ai! mais uma vez da cidade, do templo e do povo; no momento em que acabou de dizer: Ai, ai de mim tambem! Veiu uma pedra das maquinas, que o derrubou e matou instantaneamente. (1)

O general romano, Tito, que já via a victoria coroando todos os seus sacrificios, no momento em que conduzia o seu exercito ás portas do templo determinou, em um conselho de guerra, poupar esse edificio. Não muito depois estava elle descansando de um combate, quando vieram participar-lhe que o templo ardia; uma mão mysteriosa segurando no braço de um soldado romano, impellira este a atirar inconscientemente, como elle depois confessou, para dentro do templo um facho que tinha na mão. Tito acudiu a grã pressa, envidou todos os esforços para apagar o fogo ou atalha-lo, mas em vão, e n'esse momento, até mesmo os seus proprios soldados, aos quaes fez todos os signaes para chama los á ordem, o desconhecera. O fogo continuando a sua obra devastadora, em breve reduziu a cinzas essa maravilha que Cesar, em seus conselhos, havia resolvido conservar como uma memoria de suas façanhas, mas cuja ruina total o Senhor vaticinara e as palavras de

(1) Joseph. pp. 143 e 144.

Christo: «Não ficará pedra sobre pedra que não seja derrubada,» se cumpriram ao pé da letra. (1)

Foi pelo tempo da paschoa n'esses mesmos dias em que ante o pretorio a multidão gritou: *O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos*, que o exercito romano acampou em torno de Jerusalem.

Em uma occasião, foi tal o numero de judeus que foram crucificados que *faltara lugar para as cruzes e cruzes para os corpos*. O sangue havia caido em cheio sobre a cabeça dos pais e dos filhos. N'essa catastrophe horrivel, á guerra ajuntou-se a peste e a fome com todos os seus horrores.

Pereceram na destruição de Jerusalem 1 000:000 de homens, além dos 97:000 que foram levados captivos, muitos dos quaes serviram de alimento ás feras!

Melhor do que palavras, talvez o seguinte facto de Josepho nos dará uma idéa mais eloquente da miseria d'essa occasião. Uma senhora, eminente por sua familia e por seus teres, fugira no tempo em que o exercito romano invadia as provincias, para Jerusalem. onde ficou sitiada. Chamava se Maria e era filha de Eleasar. No desespero da miseria, a que n'um momento para outro ficou reduzida, determinou saciar sua fome comendo seu filhinho. Na hora em que o amamentava, ella o suspende e prorompe n'estas palavras: Ó tu. miseravel infante! porque motivo te hei de conservar d'esta guerra, n'esta fome e n'esta sedição? Quanto á guerra com os romanos, si nos poupassem nossas vi-

(1) Logo depois da tomada da cidade, os soldados, julgando acharem algum thesouro debaixo do fundamento do templo, revolveram aquelle e d'esse modo, satisfazendo a sua cubiça, contribuiam para o cumprimento da prophacia.

das, seremos seus escravos; a fome, oh! essa talvez nos mate antes d'essa escravidão chegar. Mas ah! peor do que tudo isso, são esses sediciosos vagabundos! Portanto torna te em meu sustento; sê uma furia a esses malvados sediciosos e um adagio para o mundo, que é tudo o que falta para completar a nossa calamidade.» Apenas concluiu, matou a seu filhinho e tendo o açado, comeu a metade e guardou a outra. Percebendo o cheiro, immediatamente os sediciosos entraram pela casa a dentro, ameaçando a esquarteja-la si não apresentasse sem demora a comida que tinha guardado. Ella replicou que tinha guardado um bom pedaço para ella e, levantando uma toalha, mostrou lhes a metade da criancinha. Ficaram passados de horror e de espanto e em quanto assim pasmos pelo que viam, ella disse-lhes: «E' meu proprio filho e o que vedes fui eu mesmo quem fez. Vinde, comi d'este manjar; eu mesmo tenho comido d'elle. Não pretendais ser mais delicados do que uma mulher ou mais compassivos do que uma mãe. Porém si tendes escrupulos e abominais este meu sacrificio, ide e eu comerei tambem esta metade!» Os sediciosos fugiram horrorisados.

Representando em expressões a afflicção da sua nação, Josepho escreveu: «Si as calamidades de todos os povos desde a creação do mundo fossem comparadas com as que os judeus soffreram, achar-se-ia que essas nada seriam á vista das destes.» Fiel paraphrase das palavras propheticas de Jesus: «Porque será então a afflicção tão grande, que desde que ha mundo até agora não houve nem haverá outra semelhante?»

O proprio general romano. reconheceu, como Josepho por mais de uma vez tambem reconheceu, ser a destruição de Jerusalem um castigo do Ceu. E quando,

depois da batalha, o quizeram coroar, recusou essa honra, declarando que não era elle o auctor da victoria ; mas que a ira de Deus contra os judeus foi o que poz a victoria em suas mãos. (1)

E' um dictame da consciencia que Deus ha-de dar a cada um segundo as suas obras, e quem ao testemunhar um grande crime ou ao ouvir fallar de uma acção perversa, não sinta em si um quer que seja dizendo-lhe ser necessario que o criminoso receba uma pena condigna ? Ora, é um facto que os criminosos nem sempre soffrem n'este mundo, segundo as suas obras; logo, ha um juizo futurc. Partindo d'este principio natural, Salamão annunciou um juizo futuro e ultimamente Rousseau escreveu: «Si não tivesse outra prova a favor da immortalidade da alma sinão o triumpho dos maus e a oppressão dos justos n'este mundo, esta só prevenir-me-ia de duvidar d'ella. Uma dissonancia tão revoltante na harmonia universal me faz resolve-la. Eu digo, a mim mesmo: Tudo não acaba com este mundo, tudo entra em ordem na minha morte.» Sobre este ponto, porém, não somos deixados aos simples dictames da razão. No ensino de Jesus, o dia de juizo occupa um dos lugares mais proeminentes. Ao lado

(1) Flavio Josepho, historiador judeu, nasceu 27 annos depois de Christo. Era natural de Jerusalem. Depois da tomada da cidade de Iotapha que elle defendeu com toda a coragem, acharam-no n'uma caverna em que se tinha escondido. O general romano estava para envial-o a Nero, quando elle, segundo dizem, predisse a Vespaziano, pai de Tito, que um dia seria imperador romano. Por este vaticinio obteve a sua liberdade e o favor de Vespaziano. Acompanhando d'ahi em diante a Tito, Josepho assistiu, desde o principio até ao fim, á destruição de Jerusalem. Os factos que temos narrado são de sua *Historia da Guerra dos Judeus*, que elle depois escreveu. Jos. B. I. V. 6—VI. 10.

da prophacia sobre a destruição de Jerusalem, brilha, na grandeza da phrase e da metaphora, a doutrina d'esse dia. Por meio das parabolâs das dez virgens e dos talentos e pelo discurso contido na ultima parte do capitulo XXV de S. Matheus, nos approxima tão perto das solemnidades do juizo ultimo que julgamos ouvir a tuba do anjo, ver as sepulturas abrirem-se e contemplar os vivos e os mortos na presença do Filho do homem, rodeado dos anjos de sua virtude e assentado sobre o throno de sua magestade.

Com o discurso da scena do juizo final ultimou Jesus o seu ensino de terça feira.

Quarta feira não fo a Jerusalem; passara-a em Bethania, onde, em casa de Simão o leproso, deram-lhe uma cêa. Entre os que com elle reclinavam se á meza, via se Lazaro a quem resuscitara: Martha era quem servia. Maria, como si presentisse a morte proxima de seu Senhor, entrou depois na sala, trazendo em um vaso uma libra de balsamo feito de nardo puro. Ajoelhando se ungiu com o perfume os pés de Jesus, os quaes enxugou com os seus cabellos. Judas não pôde ver com bons olhos esse facto que taxou de desperdicio e indignado disse: «Porque se não vendeu este balsamo por trezentos dinheiros e se deu aos pobres?» S. João, commentando o procedimento do Iscariotes, escreveu: «E disse isto não porque elle tivesse cuidado dos pobres; mas porque era ladrão e sendo o que tinha a bolsa trazia, o que se lançava n'ella.» — Deixai a, disse porém Christo; porque a molestais? Ella fez me uma boa obra, porque vós sempre tendes convosco os pobres, para que quando lhes queirais fazer bem, lh'o possais fazer: porém a mim não me tendes sempre. Ella fez o que cabia nas suas forças: foi isto

embalsamar-me anticipadamente o corpo para a sepultura. Em verdade vos digo: Onde quer que fôr prêgado este Evangelho, que será em todo o mundo, será também contado para sua memoria o que esta obrou.» (1)

Os principes dos sacerdotes com os magistrados, em quanto isto se passava em Bethania, reuniram se em casa de Caiphás para, uma vez por todas, decidirem da sorte do Senhor. O parecer do summo pontifice fôra de novo acceito. Receiando porém algum motim da parte do povo, n'esses dias de uma concorrência mixta na cidade, adiaram a execução do seu plano para depois da festa. (2)

Judas, em seguida ao facto supra narrado, fôra a Jerusalem. Parece que os principes dos sacerdotes ainda estavam reunidos e, talvez, discutissem o engano com que prenderiam a Christo, quando o traidor, com a face descaida, apresentou se no meio d'elles e lhes disse: «Que me quereis vós dar e eu vol-o entregarei?» «Trinta moedas de prata:» assignaram lhe elles. (3) Judas accitou e para não dar nos olhos dos discipulos, voltara immediatamente para Bethania.

Na manhã do dia seguinte, 15 de nisan, os discipulos, julgando como certo que Jesus celebraria a paschoa, perguntaram-lhe onde queria que a cerimonia tivesse lugar. Chamando a Pedro e a João, ordenou lhes: «Ide á cidade, e lá vos sahirá ao encontro um homem, que levará uma bilha de agua; ide atraz d'elle: e onde

(1) Math. 26: 6—13;—Marc. 14: 3—9; João, 12: 1—8.

(2) Math. 26: 3—5, Marc. 14: 1—2; Luc. 22: 1—2.

(3) Math. 26; 14—16; Marc. 14: 10—11; Luc. 22:3—6.—As trinta moedas de prata equivalem a 29\$000.

quer que elle entrar, dizei ao dono da casa, que o Mestre diz: Aonde é o aposento. em que eu poderei comer a paschoa com meus discipulos? E elle vos mostrará um quarto alto, todo mobilado: preparai-nos lá o que é necessario » (1)

A paschoa principiava no dia 14 de nisan. Esse dia era tambem o primeiro da festa dos pães asmos. De tarde, o chefe da casa punha fóra, com todo o escrupulo, todo o fermento e tudo aquillo que estivese levedado. Os sete dias seguintes eram os dos asmos. A paschoa principiava ao som das trombetas no templo. A esse som, cada um conduzia ao templo o seu cordeiro. Assim que o povo enchia as cortes do templo, as suas portas se fechavam. Tres sons de trombetas annunciavam o principio da degolação.

A victima era primeiramente examinada e então morta e preparada para ser açada nos anti porticos do templo. Afóra o exame, que competia aos sacerdotes, tudo se fazia pelos chefes de cada familia ou por pessoas para isso encarregadas. A confusão n'essa hora é indiscriptivel. Houve paschoa em que se mataram 256:000 cordeiros! Era entre as tardes que esse processo tinha lugar: isto é, do sol posto do dia 14 até as estrellas apparecerem. Podia se tambem preparar os cordeiros nas tres ultimas horas do dia. Os sacerdotes, ordenados em fileiras entre as victimas e o altar aparavam o sangue em taças de ouro ou de prata, as quaes passando de mão em mão até o altar, as derramavam sobre este. Apenas corria a ultima gotta de sangue, o dono do cordeiro tomava-o e dependurava o

(1) Math. 26: 17—19; Marc. 24: 12—16; Luc. 22: 7—13.

em um gancho na parede ou nos pilares. O processo de preparamo seguia-se immediatamente. A cauda e a lã se entregavam ao sacerdote mais proximo que os passava para outro e assim por diante até chegarem ao altar onde queimavam. Arranjado tudo, o pai de familia conduzia o cordeiro, embrulhado no couro, para casa.

Não menos do que dez, nem mais do que vinte pessoas podiam comer d'elle. As mulheres não eram requeridas a comer a paschoa, porém podiam associar-se á sua familia. Os estrangeiros e os escravos que estivessem circumcidados podiam come-la. O tempo de comer a paschoa, era entre as tres da tarde e nove ou doze da noite. A lei prohibia terminantemente quebrar d'elle algum osso e o que sobejava devia-se queimar.

Accendiam-se as alampadas. A familia tendo-se reunido, cada membro tomava o seu respectivo lugar, reclinando se em leitos sobre o lado esquerdo. O chefe da familia dava graças, depois das quaes todos presentes participavam do primeiro copo de vinho. Tinha então lugar o lavar das mãos, em seguida ao qual punham na meza hervas amargas, pão asmo, o cordeiro açado e o molho. Depois d'isto um molhava no molho algumas das hervas de que todos comiam. Removiam, em seguida, a meza para dar logar a que o filho mais moço ou o mais moço da meza perguntasse pela razão d'aquella cerimonia, a que o chefe de familia depois de se ter enchido o segundo copo, respondia, narando a historia do Egypto. Cantavam se depois a primeira parte das halleluias, que consistia dos psalms 112 e 113. Bebia se então o copo, depois das graças do estylo, ao qual seguia-se a benção pelo lavar das

mãos e um segundo lavar. Immediatamente o cabeça da casa tomava dois pães e partia um d'elles. Tendo-se dado graças, distribuia-se o pão com estas palavras: *Este é o pão da afflicção que nossos pais comeram no Egypto.* Todos comiam do pão que molhavam no molho. De novo dava se graças, e em seguida comia-se o cordeiro paschoal. Um terceiro copo, depois de se ter dado graças, era servido que chamava-se o copo da benção. Tendo se dado graças geraes, enchia-se o ultimo copo. A festa arrematava com os psalms 114, 115, 116 e 117 que eram a ultima parte das halleluias, e com uma oração.

Era hora de comer a paschoa. Os dois discipulos haviam preparado tudo. Jesus tomara a cabeceira do triclinio central. Os discipulos o imitaram. João occupava o primeiro lugar ao lado direito de Jesus, o que lhe facilitava poder reclinar-se no seio do Senhor. O lugar, que cada um n'essa hora tomara, excitou entre elles a questão sobre qual devia ser reputado o chefe. Jesus mais uma vez interveiu e condemnou toda a primazia entre elles, mesmo aquelles reis denominados bemfeitores. — «Os reis dos gentios dominam sobre elles e os que tem sobre elles auctoridade, chamam-se bemfeitores. Não ha de ser porém assim entre vós outros; mas o que entre vós é o maior, faça-se como o mais pequeno e o que governa, seja como o que serve.» ⁽¹⁾

Exemplo pathetico de humildade, o lavar Jesus os pés a seus discipulos que teve lugar logo depois d'es-

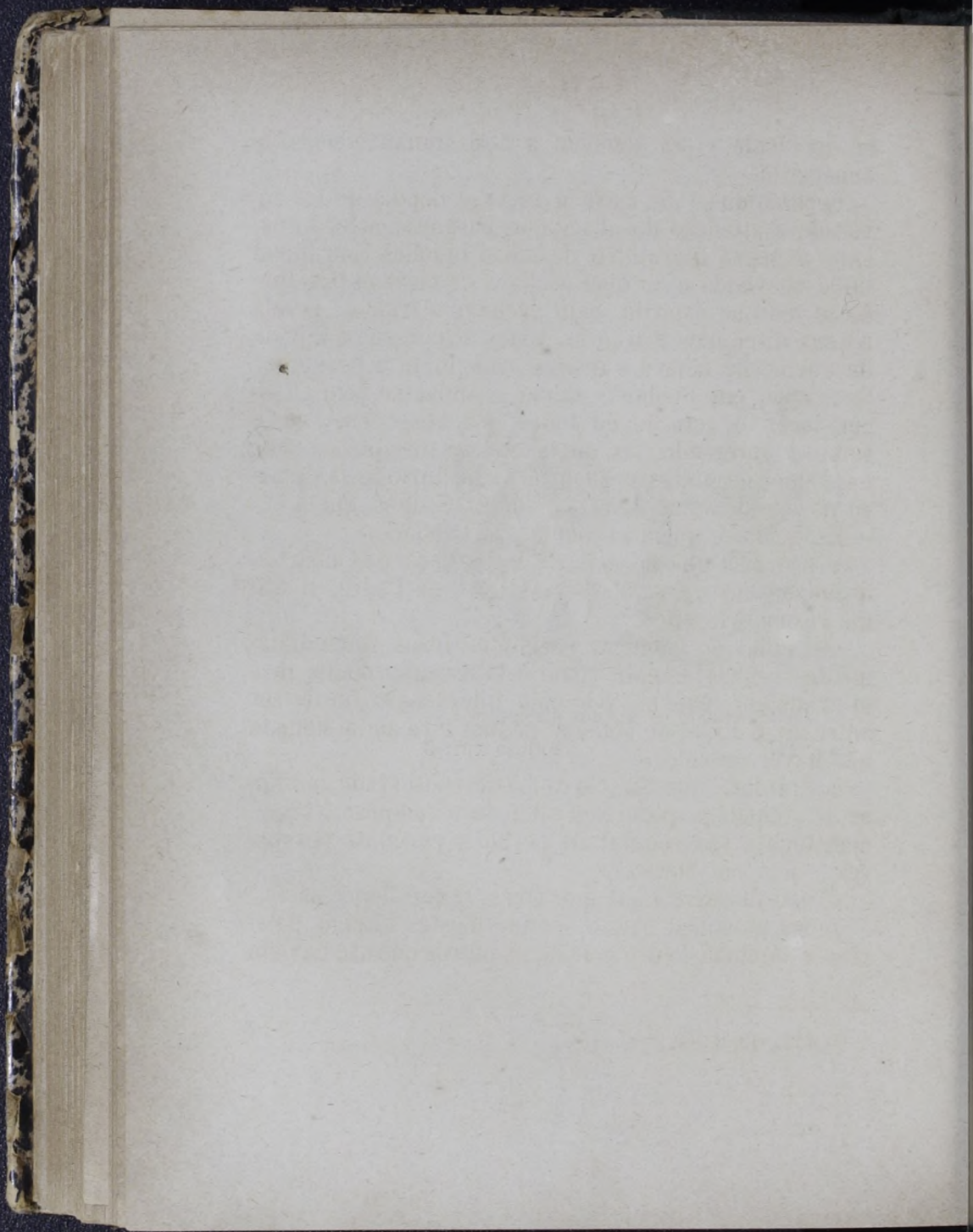
(1) Math. 26: 20; Marc. 14: 17; Lnc. 22: 14—18, 24—30.



Jesus lavando os pés aos discípulos

Pag. 227

S. João XIII: 5



se incidente, será também a lição immorredoura de abnegação. (1)

Reclinando-se de novo à meza e depois de ter invocado a atenção dos discipulos para esse acto, Jesus, ante a negra ingratidão de um d'aquelles com quem tinha convivido e ao qual acabava de lavar os pés, turba-se todo no espirito. Sem declinar o traidor, revela a seus discipulos a traição. Estes acham-se na duvida de quem elle fallava e depois principiam a perguntar lhe: «Sou eu, Senhor?» Como se quizesse com silencio tocar o coração de Judas, não respodeu. Pedro, sempre apressado, faz um signal ao discipulo amado para que perguntasse quem era. Reclinando-se de novo no seio de Jesus, João segredou: «Senhor, quem é?» —É aquelle a quem eu der o pão molhado.»

É provavel que no acto de Jesus dar o pão molhado a Judas, João respondesse ao signal de Pedro, si não lhe respondeu antes.

«O Filho do homem, exclamou Jesus immediatamente, vai certamente como está escripto d'elle; mas ai d'aquelle homem, por cuja intervenção ha de ser entregue o Filho do homem: melhor fôra ao tal homem não haver nascido.»

O traidor, que até ahi tinha-se conservado indifferente, temendo que o seu silencio o compromettesse, com toda a sua requintada perfidia, pergunta por sua vez: «Sou eu, Mestre?»

«Tu o disseste.» «O que fazes, faze-o depressa.»

Judas entendeu bem o sentido d'estas ultimas palavras e também Pedro e João; os outros que não haviam

(1) João, 13; 1—20.

ouvido as primeiras, julgaram, como Judas tinha a bolsa, que tratava-se de comprar as cousas misteres para a festa ou de dar alguma cousa aos pobres. (1)

Judas saíra e fôra ter com os phariseus e os sacerdotes para n'aquella mesma noite lh'o entregar.

Eram preciosos os momentos do Senhor. D'ahi a algumas horas, será maniatado. Em seu vivo interesse pela sua Igreja, elle apressa-se a confiar-lhe seu monumento de amor que attestará ao mundo, até elle voltar, sua paixão e morte. Tomando um dos pães, dá graças, parte-o e o distribue entre os apóstolos, com estas palavras quasi exactamente semelhantes ás que momentos antes tinham ouvido: «*Tomai e comei; este é o meu corpo que será entregue por amor de vós: fazei isto em memoria de mim*» Tomando em seguida o copo lh'o dá, dizendo: «*Bebei d'elle todos porque este é o sangue do Novo Testamento que será derramado por muitos para remissão de peccados. Fazei isto em memoria de mim.*» (2)

Está instituida a Sagrada Communhão. Laço visível de união da nova irmandade, será um memorial eloquente da nossa dependencia dos meritos do sacrificio de Christo para nossa salvação e da necessidade imperiosa de nossa intima communhão espirital com elle como nosso pão da vida. A participação em irmandade d'esses symbolos, que representam seu corpo quebrado e seu sangue vertido, distinguirá, d'ahi em diante, a reunião dos discipulos da sociedade do mundo.

(1) Math. 26: 21—25; Marc. 14: 18 21; Luc. 22: 21—23; João, 13: 21—35.

(2) Math. 26: 26—29; Marc. 14: 22—25; Luc. 22: 19—20.

O resto do tempo Jesus passa discorrendo com elles. A antiguidade, o mundo moderno, não tem visto nada que se possa comparar com esse seu ultimo discurso. Respirando um saber magestoso como o sol, bello como o ceu e verdadeiro quão divino, n'elle achamos a profunda affeição do pai, o zelo do irmão e a sympathia dedicada do amigo. É por este nome—filhinhos—tão doce quão sympathico que chama a seus discipulos.

Os discipulos de Pythagoras distinguem-se pela reverencia d'elles para com os numeros quatro e sete; os de Platão, pelas suas idéas phantasticas sobre a concavidade da lua e os de Zenon, por seus sonhos de apathia e de fado; porém o caracteristico que tem de distinguir os discipulos de Jesus é o amor de uns para com outros.—«Eu dou-vos um novo mandamento: Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei, para que vós tambem mutuamente vos ameis. N'isto conhecerão todos que sois meus discipulos, si vos amardes uns aos outros.»

Respondendo a Thomé, revela-se como o *caminho, a vida e a verdade por quem só se póde chegar a Deus.*

De seus labios desprendem-se as mais ricas promessas que são mais outras tantas provas de sua divindade. Garante a seus discipulos receberem tudo o que pedissem a seu Pai em seu Nome ou tudo o que lhe pedissem em seu proprio Nome. Para consolal-os da sua ausencia corporal, promette-lhes o Espirito Santo.

Falla lhes, d'est'arte, dos trabalhos que os esperavam. Si o mundo vos aborrece, sabeis que primeiro do que a vós, me aborreceu elle a mim. Si vós fosseis do mundo, amaria o mundo o que era seu; mas porque vós não sois do mundo, antes eu vos escolhi do mun-

do, por isso é que o mundo vos aborrece. Lembrai-vos da minha palavra, que eu vos disse: Não é o servo maior do que seu Senhor. Si elles me perseguiram a mim, tambem vos hão de perseguir a vós; si elles guardaram a minha palavra, tambem hão de guardar a vossa. Eu disse-vos estas cousas para que vós vos não escandaliseis. Elles vos lançarão fóra das synagogas; e está a chegar o tempo, em que todo o que vos matar, julgará que n'isso faz serviço a Deus. Elles vos tratarão assim, porque não conhecem o Pai, nem a mim. Em verdade em verdade vos digo, que vós haveis de chorar, e gemer, e que o mundo se ha de alegrar, e que vós haveis de estar tristes; mas que a vossa tristeza, se ha de converter em gozo. Quando uma mulher pare, está em tristeza, porque é chegada a sua hora: mas depois que ella pariu um menino, já se não lembra do aperto, pelo gozo que tem, por haver nascido ao mundo um homem. Assim tambem vós outros, sem duvida, estais agora tristes, mas eu hei de ver-vos de novo e o vosso coração ficará cheio de gozo, e o vosso gozo ninguem vol-o tirará.»

Pobre, não tendo nem sequer onde reclinar a cabeça, não dispõe de fortuna nem de honras para legar-lhes; mas deixa lhes uma paz que nem as riquezas nem as honras podem dar.—«A paz vos deixo, a minha paz vos dou; eu não vo-la dou como dá o mundo.»

Oh! que palavras de animação, de conselho, de exhortação, de promessa e de consolação as suas em torno da meza paschoal, transformada em meza sacramental.

De todos os seus discipulos elle requer o amor.—«Aquelle que tem os meus mandamentos e que os guarda, esse é o que me ama. E aquelle que me ama

será amado de meu Pai e eu o amarei também e me manifestarei a elle. Si guardardes os meus preceitos, permanecereis no meu amor, assim como também eu guardei os preceitos de meu Pai, e permaneço no seu amor. Ninguém tem maior amor do que este, de dar a propria vida por seus amigos. Como meu Pai me amou, assim vos amei eu. Permanecei no meu amor.»

E depois, esse Filho do homem segregado dos peccadores, o unico que atravessou este valle de lagrimas sem o peccado roçar-lhe a barra de suas vestiduras, immaculadas, eleva seus olhos santos e puros para o Ceu e deposita no regaço do Pai uma oração fervorosa. Modelo de sua intercessão nos Ceus, essa oração comprehende não só os discipulos presentes, mas aquelles que em todos os tempos, pela pregação do Evangelho cressem n'elle.—«E eu não rogo sómente por elles, mas rogo também por aquelles que hão de crer em mim por meio da sua palavra: para que elles sejam todos um, como tu Pai o és em mim, e eu em ti, para que também elles sejam um em nós: e creia o mundo que tu me enviaste.» (1)

Em seguida, tendo com os discipulos cantado um hymno, levanta-se da meza e aos raios placidos da lua oriental caminha para o horto. (2)

(1) João, 14: 1—31; 15: 1—27; 16: 1—33; 17: 1—26.

(2) Math. 26: 30; Marc. 14: 26; Luc. 22: 39.

CAPITULO VIII

A Paixão

*The pain of body is but as the body of pain
The anguish of soul is as the soul of anguish (1)*

ADEUS horas da montanha! Adeus lago da Galilea com as tuas bellas margens cobertas pela multidão. E vós, momentos placidos na casa de Bethania, adeus!

Chegara a hora prevista por David, o momento vaticinado por Isaias, o momento solemne do supremo sacrificio.

Em um jardim principiou o peccado e em um jardim começara a scena do sacrificio. Toda a vida de Jesus, na verdade, foi uma expiação; porém sendo seus sofrimentos mais intensos nos ultimos momentos, estes são chamados, por excellencia, a hora do sacrificio.

(1) A pena do corpo não é sinão como o corpo da pena. A angustia da alma é como a alma da angustia. Hall.

Retirado kilometro e meio de Jerusalem, no declive do monte das oliveiras, havia um jardim. Chamava-se Gethsemani que significa prensa de oleo. Ahi murmurava a brisa e a luz da lua brincava por entre os ramos frondosos das oliveiras. Para esse lugar o Filho de Deus costumava retirar-se para orar.

N'esse sitio perfumado deu-se a scena do Gethsemani, introito da do Calvario.

Era meia noite, pouco mais ou menos, quando Jesus chegou ao jardim. Á entrada ordenara a Pedro, Thiago e João para o acompanharem; os outros deixara-os ahi. (1)

Que scena contrastada com a do Hermon a do Gethsemani!

Silencioso como silenciosamente as trevas pairavam sobre a terra, o Filho de Deus caminhava para dentro. Afinal, dando expansão á dôr que comprimia, quebrara o seu santo silencio, exclamando: «A minha alma está n'uma tristeza mortal, demorai-vos aqui em quanto eu vou acolá e faço oração.» Tendo andado o espaço de um tiro de pedra, prostrou se com o rosto em terra e orou: «Pai meu. si é possivel, passe de mim este calix: todavia não se faça n'isto a minha vontade, mas sim a tua.» Dando tempo á resposta voltar, procurara os tres apóstolos afim de ver se n'elles achava um toque de sympathy humana: elles dormiam. As suas ultimas palavras os entristeceram e no somno procuravam um allivio. Até Pedro que em sua dedicação entusiastica, promettera não abandona-lo, ainda mesmo com risco de vida, dormia. «Simão, dormes? Não po-

(1) Math. 26: 30; Marc. 14: 26; Luc. 22: 39; João, 18:—1.

deste vigiar uma hora?» E dirigindo-se a todos, diz-lhes: «Vigiai e orai para que não entreis em tentação.»

Deixa-os e no mesmo lugar reiterara a sua oração. Na pausa de sua emoção voltara a ter com Pedro, Thiago e João que de novo se haviam lançado nos braços do somno. Pela terceira vez afastara-se d'elles e com mais instancia exclamara: «Pai meu, si é possível passe de mim este calix; todavia não se faça n'isto a minha vontade, mas sim a tua.»

Era immensa a sua agonia. Seu corpo se cobriu de um suor de sangue que corria pela terra. Jesus fôra ouvido. Um anjo lhe appareceu para confortal-o. A agonia moral desapparecera, substituida por uma paz augusta que não o abandonara sinão no momento, em que sua alma esgotara sobre a cruz esse calix.

«Dormi agora e descançai. Basta; é chegada a hora: eis-ahi vem chegando quem me ha-de entregar.» (1)

Ouviu-se então um som confuso e estranho; os principes dos sacerdotes, os magistrados do templo, os soldados do forte Antonia e o capitão da guarda do templo acompanhado de alguns subalternos ao serviço de Annás, com lanternas e armados de espadas e varapáos, haviam invadido esse retiro de dolorosa recordação.

Calmo e tranquillo, Jesus os encontra e lhes pergunta:

- A quem buscais?
- A Jesus Nazareno.
- Eu sou.

A esta resposta, todos recuaram para traz e caíram

(1) Mat. 26: 36—46; Marc. 14: 32—42; Luc. 22: 40—46.

por terra. Ouviu-se de novo o mesmo reboliço: a tropa de gente havia voltado a si e se tinha levantado. Jesus se adianta e pergunta-lhes:

— A quem buscais?

— A Jesus Nazareno.

— «Já vos disse que eu sou.» E para cumprir-se a palavra que elle dissera: Dos que me deste não perdi nenhum d'elles, accrescentou: Si a mim pois é que buscais, deixai ir estes.»

Pasmos e em seu receio, nenhum d'elles, atreveu-se a lançar-lhe as mãos, até que Judas, no desempenho de seu execrando papel, se excede e o sauda, imprimindo-lhe o beijo traidor. Immediatamente a cohorte, o tribuno e os quadrilheiros o prenderam e o manietaram. Pedro horrorisado acode e puxando pela espada, acommette a Malco a quem corta a orelha direita. Jesus ordena-lhe: «Mette a tua espada no seu lugar; porque todos os que tomarem espada, morrerão á espada. Acaso cuidas tu que eu não posso rogar a meu Pai e que elle me não poria aqui logo promptas mais de doze legiões de anjos.» E para exhibir-lhes que ainda eram potentes essas mãos que se deixavam manietar, cura a orelha do servo do pontifice, tocando n'ella. Volta-se depois para a escolta á qual dest'arte dirige-se: «Viestes armados de espadas e de vara-páos para me prenderdes, como si eu fora um ladrão! Havendo estado cada dia convosco no templo, nunca estendes as mãos contra mim; porém esta é a vossa hora e o poder das trevas.»

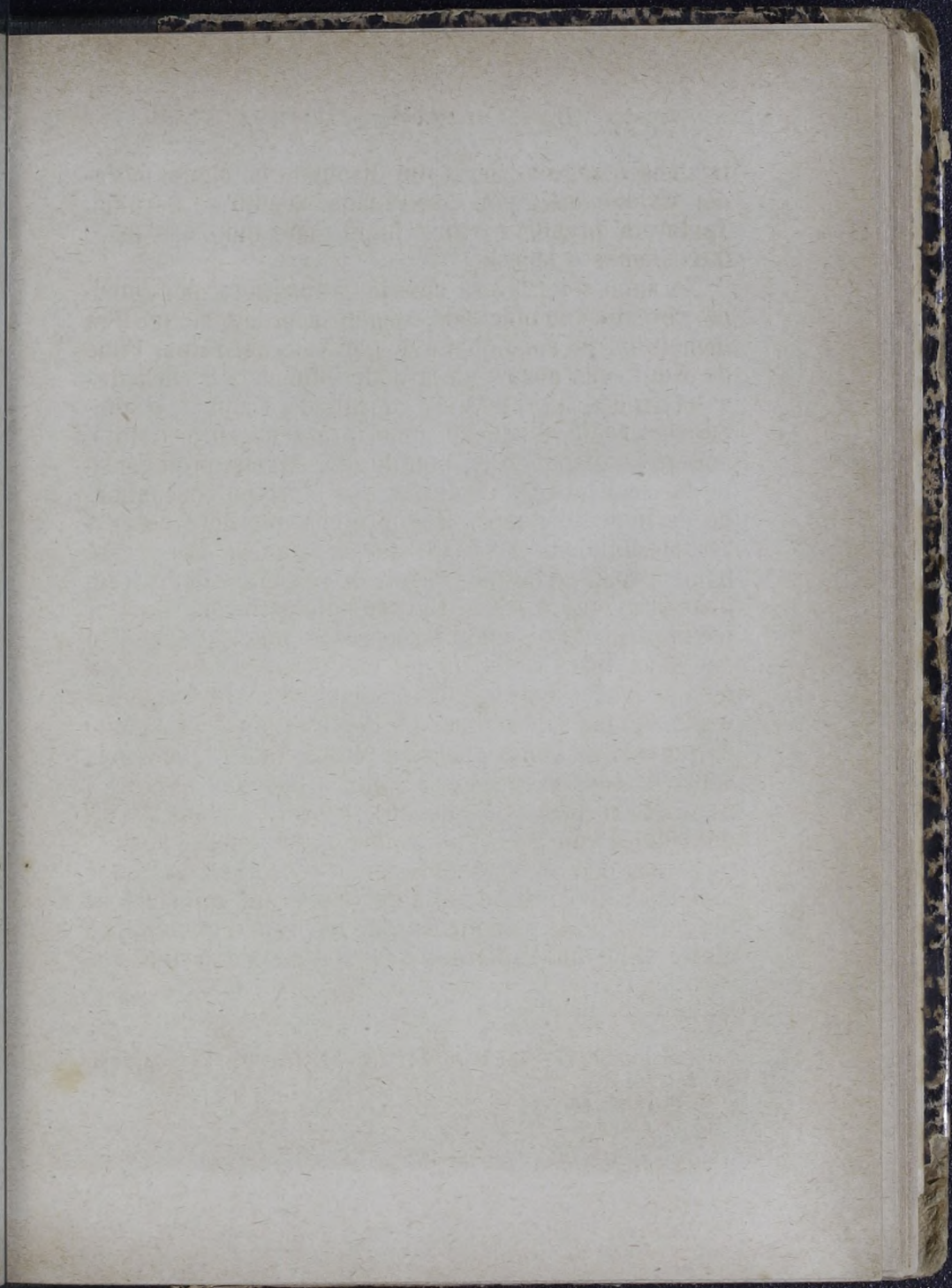
Todos os discipulos, segundo a sua palavra á meza, o abandonaram e fugiram, Pedro e João, porém, recobrando o animo, voltaram e o seguiram até a residencia de Annás. Um mancebo, coberto com um lençol,

tambem o seguia. Seria um discipulo ou algum morador visinho que, por curiosidade, acudiu ao barulho. Tentaram prendel-o, mas fugiu, deixando nas mãos dos agentes o lençol. (1)

No anno sete da era christã, Annás fôra, por Quirino, revestido do officio de summo sacerdote de que fôra demettido, no anno quatorze, por Valerio Gratus. Filho de Seth, elle gozava de grande influencia e em todas as occasiões supremas era consultado. Caiphás, o summo sacerdote d'aquelle anno, era seu genro. Astuto, poderoso, dispondo do pontificado, Annás, protogonista da condemnação de Jesus, era um typo consummado de inquisidor mór. E' sobre elle que deve pezar a responsabilidade dos actos que se seguem. Foi a esse homem que, como uma prova de respeito, conduziram primeiramente a Jesus. Em seu odio para com Christo, havia olvidado o somno pelo prazer que sentia tendo-o em suas mãos. «Os impios não dormem, sem terem feito o mal; e foge d'elles o somno si não tiverem armado alguma sancadilha.» (2) Devia estabelecer o ponto de partida da condemnação de Jesus; interrogou-o pois sobre os seus discipulos e sobre a doutrina que ensinara. A resposta do Senhor é frisante e cheia de dignidade — «Eu fallei publicamente, eu sempre ensinei na synagoga, e no templo, onde concorrem todos os judeus; e nada disse em secreto. Porque me fazes tu perguntas? Faze-as áquelles que ouviram o que eu lhes disse: ei-los ahi estão que sabem o que eu ensinei.» O

(1) Math. 26: 47—56; Marc. 14: 43—52; Luc. 22. 47—53; João 18: 2—12.

(2) Prov. 4: 16.



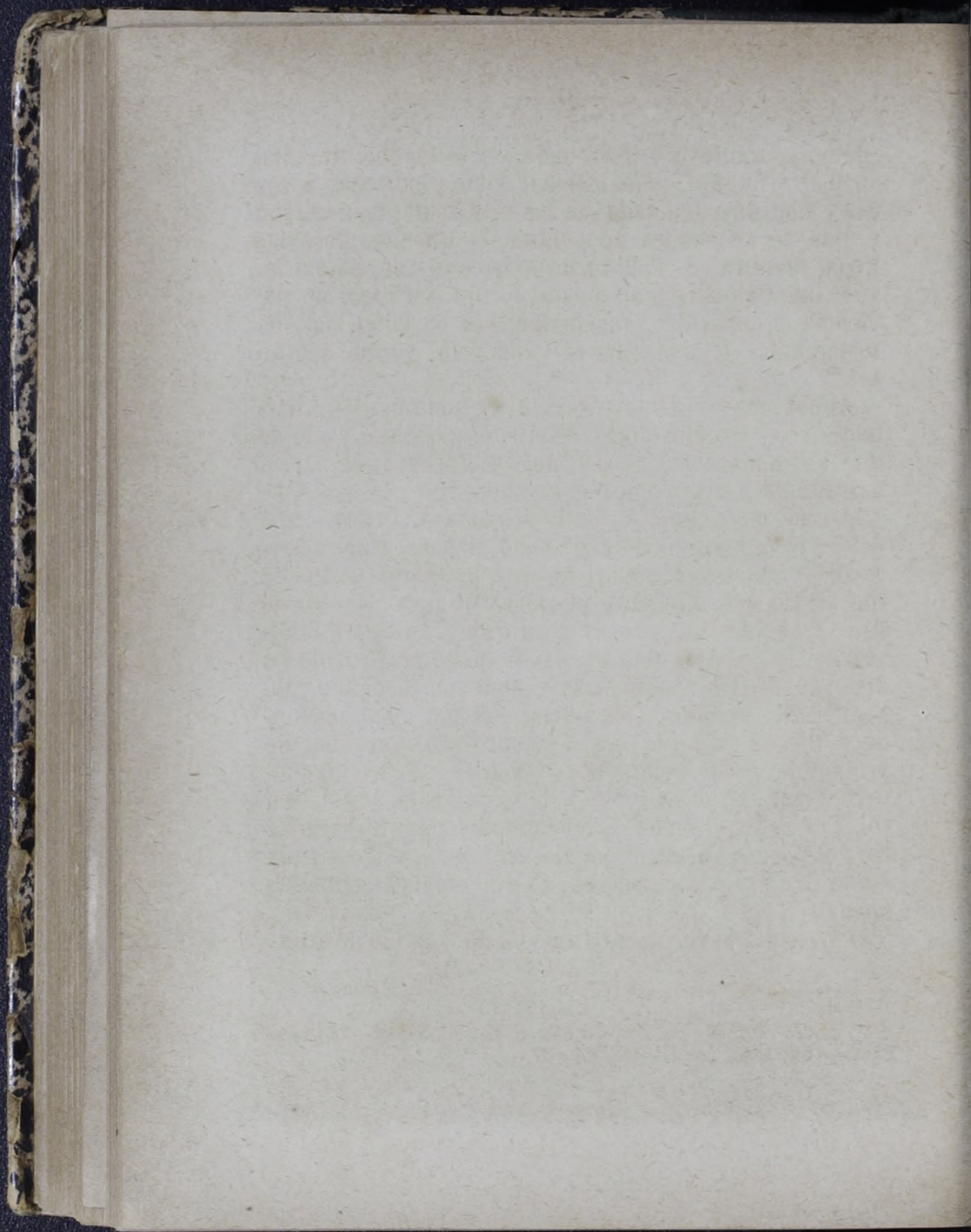




Pag. 236

S. Pedro negando a Jesus

S. Matteus xxvi: 69-75



summo-pontifice não teve nada a objectar-lhe; um quadrilheiro, porém, para ostentar a sua dedicação a seu amo, deu uma bofetada em Jesus, dizendo lhe: «Assim é que tu respondes ao pontifice?» Em uma ocasião quasi identica, S. Paulo não pode conter-se; porém Jesus, infinitamente mais insultado, no seu ideal de paciencia e mansidão, respondeu: «Si eu fallei mal, dá testemunho do mal, mas si fallei bem, porque me feres?»

Annás não reprovou esse acto de uma injustiça barbara e os circumstantes, excitados por esse exemplo que a complacencia do pontifice acoroçoava, cercaram a Jesus para o ferirem e o insultarem.

Ao mesmo tempo que isto se passava, Pedro, como o Senhor á meza havia vaticinado, negava, com imprecações, tres vezes a Christo. Era mais uma gotta de ingratição e de injustiça que Jesus tragava. Da sala de Annás conduziram a Jesus para a de Caiphás. Foi talvez n'esta occasião que o Senhor que tinha ouvido os dialogos de Pedro, ao passar pelo seu discipulo, puzera n'elle os olhos. Que olhar! Foi um olhar profundo e terno, exprobação e de compaixão, um olhar de sympathia e de recordações amargas. Pedro o comprehendeu. Ao darem seus olhos com os de Jesus, seu coração se confrangeu. Saiu immediatamente para fóra; recolheu-se a um lugar deserto onde, dando saida á sua dôr profunda e acerba, chorou amargamente sua queda. ⁽¹⁾

O synhedrim, verdadeiro modelo do concilio de Cons-

⁽¹⁾ Math. 26: 57, 58, 69—75; Marc. 14: 53, 54, 66—72; Luc. 22: 54—62; João, 18: 13—18, 25—27.

tança, se reune, Caiphás, o sanguinario Caiphás, vestido com as vestes pontificaes o preside. Para dar um ar de regularidade a esse assassinato judiciario, citaram testemunhas adrede preparadas. Jesus as contestou com a magestade do seu silencio. O principe, impaciente com o seu silencio, levanta-se e pergunta lhe: — «Não respondes alguma cousa ao que estes attestam contra ti?» Jesus o olhou, mas seus labios não se abriram. Irritado, Caiphás se transforma em accusador. Empregando a formula de juramento usada entre os judeus, formula que era pronunciada pelo juiz e á qual o accusado respondia sem repetil-a, diz lhe: «Eu te conjuro pelo Deus vivo que nos digas si tu és o Christo Filho de Deus.» — «*Eu o sou:*» respondeu promptamente Jesus. E para confirmar pela gloria futura a declaração presente, acrescentou: «E vós vereis d'aqui a pouco ao Filho do homem assentado á direita do poder de Deus e vir sobre as nuvens do Ceu.» Qual outro Torquemada, (1) Caiphás, para dar uma apparencia de

(1) Fernando e Isabel estavam resolvidos a aceitar as propostas que os judeus fizeram-lhes para não serem expulsos da Hespanha. «O inquisidor mór Torquemada, julgou porém opportuno interpor o seu voto. Apresentando se perante os reis de Castella e Aragão com um crucifixo nas mãos, o fanatico e brutal dominicano teve a insolencia de lhes dizer» que Judas vendera seu Mestre por trinta dinheiros e que elles o queriam vender segunda vez por trinta mil ducados; que por isso lh'o trazia alli para que com toda a brevidade podessem concluir a negociação. «Em vez de punirem o inquisidor mór, os dois principes dobraram a cerviz diante de tanta audacia.» A. Herculano, *Da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal*, liv. I p. 77 e 78. Durante o d-curso de 16 annos queimou oito mil e oito centas pessoas, alem das dezenas de milhar que baniu.

zelo religioso á comedia de sua indignação hypocrita, rasga os vestidos, bradando: «Blasphemou! Que vos parece?»—«E' réo de morte:» (1) vociferam os circumstantes. Então, essa sala que devia ser um recinto de justiça e de humanidade, depois de ser uma sala em que a impiedade se assentava no lugar da justiça, transformou-se em pelourinho de affrontas e de violencias. Uns cuspiam lhe no rosto e o feriam a punhadas; outros, vedando-lhe os olhos, davam-lhe bofetadas, dizendo: «Advinha-nos, Christo, quem é o que te deu?»

O synhedrim que interrompera a sua sessão, tomara de novo assento. Como se pretendesse verificar a declaração de Jesus, cada um por sua vez pergunta-lhe:

— Si tu és o Christo, dize-nos claramente.

— Si vol-o disser não me haveis de dar credito e tambem si vos fizer qualquer pergunta, não me haveis de responder nem deixar ir. Mas depois d'isto estará sentado o Filho do homem á mão direita do poder de Deus.

— Logo, tu és o Filho de Deus?

— Vós o dizeis que eu o sou; isto é, sou, sim.

— Que mais testemunho nos é necessario quando nós mesmos o ouvimos de sua boca?

— E' réo de morte, é réo de morte: retumbou pela sala.

A luz d'esse dia memoravel já tinge o horizonte. Jesus está condemnado, mas a elles não lhes é permittido matar alguem. Si se contentassem com a lapidação, podiam, como no caso de S. Estevão, improvisar um

(1) Math. 26: 59—68; Marc. 14: 63—65; Luc. 22: 63—71; João, 18: 19—24.

motim e apedreja-lo. Mas é uma morte da cruz. Tinham pois de conduzi-lo ao procurador romano para rectificar a sentença do synhedrim. Não havia tempo a perder. Jesus devia no mesmo dia ser executado; o dia seguinte, sendo sabbado, elles nada poderiam fazer.

Era então governador da Judea Poncio Pilatos. Por causa de suas crueldades e opressões havia-se tornado impopular. Os judeus o odiavam decididamente. Amarraram a Jesus que tinham desatado para comparecer perante o tribunal judaico, e o conduziram a Pilatos. (1) Fazia ainda manhã quando chegaram ao Pretorio, antigo palacio de Herodes, que estava junto á torre Antonia. Julgando fazer pressão com a sua presença no animo de Poncio, os pontifices e os sacerdotes acompanharam o prezo. Em seus escrupulos ritualistas não entraram no Pretorio. Hypocritas miseraveis! que temiam contaminar-se penetrando os umbraes da residencia de um incircumdado e não trepidavam em accusar e condemnar á morte o Filho de Deus! Na frente do Pretorio, ao ar livre, havia um lugar elevado, calçado de pedras, no qual estava o *bima* ou a cadeira do juiz. Avisado do prezo, Pilatos assoma ao *bima* e pergunta lhes:

—Que accusação trazeis vós contra este homem?

Pergunta inesperada, devida, pode bem ser, ao todo innocente de Jesus.

Feridos em seu orgulho, em um tom um tanto impertinente, replicaram-lhe:

(1) Math. 27: 1, 2; Marc. 15: 1—5; Luc 23: 1—5; João, 18. 28—38.

—Si este homem não fora malfeitor não t'o entregariamos nós.

—Tomai-o lá vós outros e julgai-o segundo a vossa lei.

—A nós não nos é permittido matar ninguém.

O synhedrim o havia condemnado por blasphemia, mas que tinha com isso Pilatos que não sympathisava com a crença dos judeus? Era necessario um outro crime. Engendraram então um politico. Depois de uma breve consulta entre elles, começaram a accusal-o n'estes termos:

—A este temos achado pervertendo a nossa nação e vedando dar tributo a Cesar e dizendo que elle é o Christo.

O governador entrou e fechando se com Jesus no Pretorio, perguntou-lhe:

—Tu és o Rei dos Judeus?

As leis romanas não obrigando o prezo a accusar-se, Christo podia deixar de responder; porém elle respondeu:

—«Tu o dizes;» isto é, é como o dizes. «Mas tu dizes isto de ti mesmo ou foram outros que t'o disseram de mim?»

— Por ventura, replicou Pilatos em um tom de altivez romana, sou eu judeu? A tua nação e os pontifices são os que te entregaram nas minhas mãos. Que fizeste tu?

Illucidando a sua realeza, Jesus declara-lhe:

—O meu Reino não é d'este mundo; si o meu Reino fosse d'este mundo, certo que os meus ministros haviam de pelear para que eu não fosse entregue aos judeus; mas agora não é d'aqui o meu Reino.

—Logo, tu és Rei?

—Tu o dizes que eu sou Rei. Eu para isso nasci e ao que vim ao mundo, foi para dar testemunho da verdade. Todo aquelle que ouve a verdade, ouve a minha voz. ⁽¹⁾

—Que cousa é a verdade?

Seria uma pergunta filha da ignorancia ou a pergunta de um espirito sceptico? O governador, sem dar lugar a Jesus responder-lhe, saiu para haver-se com o principe dos sacerdotes e com o povo.

—«Eu não acho n'este homem crime algum.

Receando escapar-lhes a victima de seus odios, os sacerdotes redobraram de energia. «Elle, gritaram todos, subleva o povo com a doutrina que pré-ga por toda a Judea, desde Galilea onde começou até aqui». ⁽²⁾

Foi um achado para Poncio o nome de Galilea. Era governador d'essa região Herodes que achava-se tambem na cidade. Sendo outrosim judeu, quem melhor do que elle podia julgar n'essa pendencia? O procurador pois que, desde o principio, mostrara o seu desgosto por ter de decidir esse negocio, remetteu sem detença Jesus a Herodes.

Herodes Antipas desde ha muito desejava encontrar se com Jesus, para ver-lhe fazer algum d'esses milagres que chegaram á sua noticia. Folgou pois muito ao recebê-lo. Jesus não o satisfez em sua curiosidade, nem até respondeu ás suas perguntas. O rei da Galilea o reputou por um louco e achou melhor ridicularisal-lo do que julgal-o seriamente. Pilatos que pensava escapar de condemnar a Jesus, enviando-o a

(1) João, 18: 33—37.

(2) Math. 27: 11—14.

Herodes, nada lucrou com o expediente, sinão reconciliar-se com Herodes. O Antipas, depois de ter com os seus homens de guerra escarnecido de Jesus, vestido de um manto branco o enviou ao procurador romano. (1)

Poncio convocara os principes dos sacerdotes, os magistrados e o povo, para garantir-lhes que Jesus era innocente e apellara tambem para o proprio Herodes. Prometteu lhes, não obstante, castigal o antes de soltal o. N'isto accudiu-lhe uma idéa. Era costume por occasião da festa da paschoa, soltar um dos presos que o povo pedisse. Havia n'essa occasião um preso chamado Barrabás, homem desordeiro e culpado de homicidio. Entre Jesus e Barrabás, quem vacillaria? Resolveu pois salvar a Jesus, fazendo o aproveitar a graça d'esse costume.

— «Qual quereis vós que eu vos solte: Barrabás ou Jesus que se chama Christo?» perguntou-lhes Pilatos.

N'este momento de luta intima, um enviado da parte de sua mulher Claudia Procula desejava-lhe fallar. Pilatos teve de interromper-se. Sua mulher dizia-lhe que de noite em sonhos muito padecera por causa do preso que achava se á barra do seu tribunal e pedia-lhe para não se embaraçar com a causa d'esse justo.

Os sacerdotes n'esse entretanto percorreram os grupos para concital os a preferirem Barrabás.

O governador apparecera. Mais impressionado do que nunca propoz lhes de novo a questão:

— «Qual dos dois» pois, «quereis que eu solte?»

(1) Luc. 23: 6—12.

—Barrabás.

Contrariadissimo, perguntou-lhes:

—Pois que hei de fazer de Jesus que se chama o Christo ?

—Seja crucificado.

—Pois que mal tem elle feito ?

—Crucifica-o.

Pilatos principiara mal. Prevenido contra os judeos, contemporisava com elles de um modo repugnante e injusto, já mandando punir um innocente, já fazendo depender de uma graça a liberdade que pertencia lhe de rigorosa justiça. Juiz lacho, o procurador era tambem um juiz venal que calcula entre o dever e o interesse. Si estava, como estava, convencido da innocencia de Christo e si sabia que fôra por inveja que os sacerdotes lh'o tinham entregado, devia, desde o principio, tomar a peito a defeza de Christo, custasse o que custasse.

Então, como sempre, havia um partido que julgava-se limpo, não atirando com os outros pedras. O programma de sua bandeira resume-se n'estas palavras: E' mau, mas eu não me embaraço com isso; não me quero comprometter. Politica egoista e perversa, tu és a aberração d'este principio de eterna justiça: Quem sabe fazer o bem e não o faz, pecca.»

Poncio pertencia a esse partido de uma prudencia commoda. Sua coragem dava para confessar a Jesus, dava mesmo para desejar salva lo; mas fenecia logo que julgava comprometter-se.

Cançado, vendo que nada conseguia, mandou vir agua e lavando as mãos exclamou:

—Eu sou innocente do sangue d'este justo; vós lá vos avindes.

—O seu sangue, exclamaram todos, caia sobre nós e sobre nossos filhos. (1)

Terrível praga! Deus muitas vezes satisfaz os ímpios em suas maldições. E eis há dezenove séculos, esse povo perseguido, proverbio do género humano, gemendo, de geração em geração, sob essa blasphemia de sua imprecação!

Os condemnados á morte eram primeiramente açoutados. Amarravam o doente a uma columna e, depois, com um azorrague de corréas de couro com pedaços de chumbo e de ossos nas pontas, flagelavam-no nas costas nuas. Muitas vezes, o infeliz fallecia debaixo d'esse castigo que lhe descarnava os ossos.

Entregando Barrabás ao povo, Pilatos mandou açoutar a Jesus. A esse castigo que só o lembrar d'elle faz-nos estremecer, seguiu-se uma scena horripilante, Toda a cohorte o rodea. Despem-no de seus vestidos enopados de sangue e lançam-lhe sobre os hombros um manto carmezim. Tecendo de espinhos uma corôa, põem-lha sobre a cabeça; nas mãos collocam-lhe uma cana verde. Quanto escarneo! Uns ajoelhando-se ante elle, o saudam: «Deus te salve, Rei dos judeus; outros cospem-lhe no rosto e lhe dão com a cana na cabeça. (2)

O açoutamento era o preludio da crucificação. O governador porém em vez de lhes entregar Jesus, experimentara um novo esforço. Seriam a paciencia e a bondade com que Jesus soffreu tudo, que a isso o obri-

(1) Math. 27: 15—26; Marc. 15: 6—15; Luc. 23: 13—25; João, 18; 39, 40.

(2) Math. 27: 26—30; Marc. 15: 15—19; João, 19: 1—3.

gara ou acreditara elle que, ao verem-no com as carnes dilaceradas, se contentariam? Seja como fôr, Pilatos appareceu no *bima* para apresentar á multidão Jesus ensanguentado, vestido com o manto de escarlata e tendo ainda na cabeça a corôa de espinhos.

—«Eis o homem.»

Vã tentativa! Era fundo o odio nos sacerdotes que não sabiam o que era misericordia ou compaixão. D'esta vez foram elles os primeiros que gritaram:

—Crucifica-o, crucifica o!

—Tomai-o vós, disse o procurador de um modo rude e enfadonho, e crucificai-o; porque eu não acho n'elle crime algum.

—Nós temos uma lei, e elle deve morrer segundo a lei, pois se fez filho de Deus.

As derradeiras palavras fizeram estremecer de medo a Pilatos. Fechando-se de novo com Jesus no Pretorio, pergunta-lhe:

—D'onde és tu?

Jesus não lhe respondeu.

—Tu não me fallas? Não sabes que tenho poder para te crucificar e que tenho poder para te soltar?

—Tu não terias sobre mim poder algum, si elle não te fôra dado lá de cima. Por isso o que me entregou a ti, tem maior peccado. (1)

Os sacerdotes haviam percebido o lado fraco do governador. Ferteis em manejos, o apertaram n'este dilemma;—Tu, si livras a este, não és amigo de Cesar, porque todo o que se faz rei, contradiz ao Cesar.

Golpe certo que forçara Pilatos a decidir-se. Sol-

(1) João, 19: 11.

tar a Jesus pobre e perseguido, com risco de incorrer no odio de Cesar rico e poderoso, era demais para elle que não tinha fe. (1)

Era quasi a hora terça. (2) O procurador com Jesus assume pela ultima vez em seu tribunal. Disfarçando a impressão das derradeiras palavras, dirige-se d'esta fórma aos judeos :

— Eis aqui o vosso Rei.

Qual mar agitado que não pode acalmar-se e cujas ondas como o proprio rolo vem a quebrar na praia e fazer lodo, o povo, espumando de sede de sangue, no mar de seu rancor, bradou : Tira-o, tira-o, crucifica-o.

— Pois eu hei de crucificar o vosso rei ?

— Responderam os principes dos sacerdotes : Nós não temos outro rei senão o Cesar.

Em fim ordenou Pilatos que se executasse o que elles pediam. (3)

(1) O que Poncio temia, aconteceu-lhe. No anno de 36, sendo demittido por Vitellius, procurador da Syria, foi enviado a Roma para dar conta da administração ao imperador Caligula que o desterrou para Vinnna, na Galia, onde no desespero de sua miseria, Pilatos suicidou se.

(2) Os judeus dividem em tres secções o dia : hora terceira, sexta e nona : a primeira corresponde á nossa 9 horas ; a segunda, ao meio dia e a hora nona, á nossa 3 horas.—S. Marcos falla em hora terceira e S. João tem a hora sexta. Esta variante comprehender se ha si levarmos em linha de conta que as lettras 3 e 6 são, no original tão parecidas que não era difficil um erro no manuscrito. Porém o parenthesis, em S. João, teva-nos a crêr que elle refere-se ao *tempo da preparação*. «Porque na preparação do sabbado n'esta paschoa, o dia era (ou principiava) quasi á hora sexta. Veja-se Jacobus, *Notes on the Gospels*. John. p. 317.

(3) João, 19: 4—16.

Judas recuara de negro horror. A sua consciencia despertara cruel e inexoravel. O desgraçado engodado pela avareza, cego por Satanaz, não prevera as consequencias de seu acto, as quaes agora se elevam ante elle em sua nudez. Os principes dos sacerdotes e os anciãos do povo o veem de novo em sua presença. Acoçado pela consciencia que lhe queimava que nem fogo, penetrava violentamente no templo onde achavam-se. Foi entregar-lhes o dinheiro—«Pequei, exclama elle, entregando o sangue innocente.»

Que testemunho aproveitavel a favor do character de Christo n'essas palavras! Judas convivera com Jesus; conhecera-o em sua vida particular e publica. Oh! como não seria feliz si n'essa hora amarga, como absinthio, achasse um senão contra o character de Jesus para consolar-se! Porém, n'esse momento, em que tentava fugir á sua consciencia, confessa-se criminoso, proclamando a innocencia de Christo.

Os pontifices foram crueis para com essa alma que batia-se nas vascas dos remorsos.— «A nós que se nos dá? Viras tu lá o que fazias.»

O filho da perdição, então, pegara n'essas moedas que lhe deram um momento de prazer e que agora o accusavam e as lançou com horror no templo. Retirando-se em seguida, em vez de lembrar-se da misericordia, procura no suicidio o lenitivo dos seus remorsos.

Os principes dos sacerdotes que haviam procedido impiamente para com o Filho de Deus, mostraram-se escrupulosos sobre um ponto da lei ceremonial. Tomando o dinheiro, disseram: «Não é licito deital o na arca das esmolas, porque é preço de sangue.» Que refinados tartufos! Deliberaram pois comprar com elle o campo

de um oleiro para servir de cemiterio aos forasteiros. D'este modo, em seu odio, cumpriram mais uma propheta concernente ao Messias. (1)

É hora de Jesus seguir. (2) Tomando sobre os hombros a cruz, caminha para o calvario. Dois malfetores que já tinham sido condemnados, são tambem conduzidos. Exhausto pelos soffrimentos, Jesus caira debaixo do peso do madeiro. Vindo do campo, passava n'esse momento por alli Simão de Cyrenne. Os soldados romanos a quem a execução pertencia, não podendo levar o madeiro infame, obrigaram o pai de Alexandre e Ruffus a carregal o.

N'essa hora nem todos os corações eram de pedra. Algumas mulheres da cidade o seguiam, chorando, lamentando e batendo no peito. Seriam essas lagrimas effeitos de suas naturezas ternas e impressionaveis? Somos mais propensos a crer que fossem lagrimas de fé. As lamentações d'ellas forneceram a Jesus uma nova occasião para patentear a sua compaixão para com esse povo cujas miserias futuras o preocupavam mais do que os seus soffrimentos. E nada o podia distrahir d'esse sentimento. No dia de sua entrada triumphante em Jerusalem, elle olvidara se das ovações para chorar as desgraças d'esse povo que tinha de preferir Barrabás a elle. Debaixo dos ultrajes do pretorio é n'esse assumpto que pensava. E agora, esquecendo se da cruz, percorre com os seus olhos propheticos a ca-

(1) Math 27: 3—10.

(2) A *via dolorosa* que deu logar a uma serie de estações nas igrejas romanas, inventadas pelos franciscanos, e a qual só fallase d'ella 14 seculos depois dos apóstolos — é de *origem apócrypha*.

deia de calamidades, que esse povo tem provocado, exclamando enternecido: «Filhas de Jerusalem, não choreis sobre mim, mas chorai sobre vós mesmas, e sobre vossos filhos. Porque sabeis que virá tempo, em que se dirá: Ditosas as que são estereis, e ditosos os ventres que não geraram, e ditosos os peitos que não deram de mamar. Então começarão os homens a dizer aos montes: Cai sobre nós, e aos outeiros: Cobri-nos. Porque se isto se faz no lenho verde, que se fará no secco? (1)

Todo o supplicio inflingido por um crime é infame, porém si a execução é publica, a infamia sobe de ponto e maior se torna si á publicidade accresce a morosidade. Na Lei de Moysés está escripto: «Maldito o que for pendurado no madeiro » O juizo das outras nações a respeito da morte de cruz o temos n'estas palavras de Cicero: «*Facinus est vincire romanum civem; scelus est verbera; prope parricidium necare, quid dicam in cruce tollere? Verbo quidem satis digno tam nefaria res appellari nullo modo potest.*» (2)

Supplicio romano. a cruz era reservada para os escravos, ladrões e traidores. E que morte tão publica jámais houve como a da cruz?

Sendo o mais infame supplicio, a morte da cruz era tambem uma das mais dolorosas. Chegado ao lugar da execução, despiam o paciente e estendiam-no sobre o le-

(1) Math. 27: 31—34; Marc. 15: 20—23; Luc. 23: 26—33; João, 19: 16, 17.

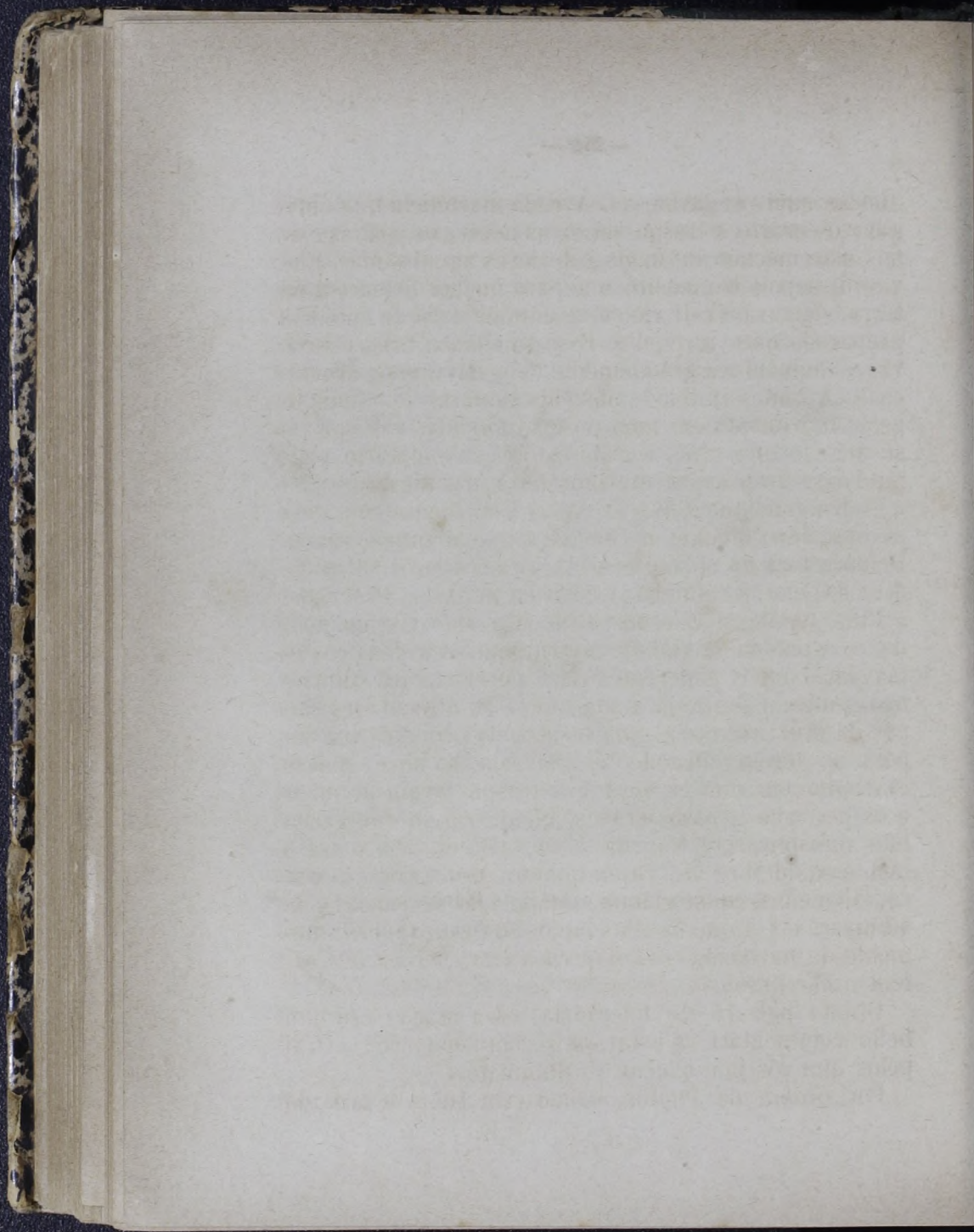
(2) É um crime amarrar um cidadão romano; uma maldade o açoitá-lo; quasi um parricidio matá-lo; que direi o crucifical-o? Nenhuma palavra pode ser bem empregada para nomear cousa tão nefanda.



Jesus crucificado entre dois ladrões

Pag. 251

S. Matheus xviii: 20-50



nho ao qual pregavam-no. A cada martelada que obrigava os cravos a trespassarem as mãos e os pés. as carnes estremeciam de medo sob dores agudissimas. Elevavam depois o madeiro que para melhor firmarem na terra, deixavam cair violentamente na cova de antemão preparada para recebê-lo. Esse solabanco brusco revivia e augmentava grandemente os martyrios do crucificado. A impossibilidade absoluta de fazer-se o mais ligeiro movimento em uma posição forçada, valia por si só uma tortura cruel a cada esforço involuntario para mudar-se de posição, era uma nova crucificação.

Achamo-nos no calvario. Á sua semelhança com uma caveira deve o nome de Golgotha, que significa craneo. Demora fora da cidade e proximo aos muros. E' meio dia. Já pelo ar retumba o echo do martelo. Pregaram o Filho de Deus! Elle possui toda a sua conscienciosidade. A bebida de vinho e myrrha que os judeus costumavam dar aos padecentes para narcotizal-os, afim de não sentirem em toda a sua nudez as atrocidades duras da cruz, recusara. Sua boca, pela primeira vez depois de terem chegado ao Calvario, se abre. N'esse momento em que os verdugos traspasavam as mãos e os pés com grossos cravos, quem não se queixaria, não murmuraria? Na sua alma, porém, não paira o menor vislumbre de resentimento; e uma oração pura, immensa, que a humanidade não se cansará de admirar, eis o que de seus labios se desliza n'esse momento de martyrio. — *«Pai, perdoa lhes; porque não sabem o que fazem.»*

Ultima palavra de tolerancia, essa oração era um bello commentario d'esta sua recommendação! *«Orai pelos que vos perseguem e caluniam.»*

Por ordem de Pilatos, collocaram sobre a cruz de

Christo, segundo o costume, a causa de sua condemnação. Resava assim: «Jesus Nazareno, Rei dos Judeus.» Estava escripta em latim, grego e hebraico. A redacção não agradou aos pontifices que reclamaram. — «Em lugar de Rei dos Judeus, escreve que elle se disse: Eu sou Rei dos Judeus.» Pilatos mostrou uma energia que até ahi lhe havia faltado. — «O que escrevi, escrevi:» respondeu elle.

Os dois malfatores foram tambem crucificados: um á direita e outro á esquerda de Jesus. Inconscientemente cumpriram d'esse modo o vaticinio: «E foi contado entre os malfatores.» Estava outrosim escripto: «Repartiram meus vestidos entre si e lançaram sortes sobre a minha vestidura.» Os soldados tem erguido as cruces. Seus olhos cubiçosos dirigem-se para os vestidos de Jesus, que lhes pertencem. A principio quizeram rasgar a tunica para raparti la, como fizeram com os vestidos: mas afinal, segundo a prophecia, assentaram em tira-la por sorte.

Era para esperar que n'essa hora os inimigos do Senhor, pelo menos, se calassem ante essa scena de humilhação e de soffrimento; porém não aconteceu assim. As torturas physicas, ajuntaram as torturas moraes dos ultrajes e do ludibrio. Os transeuntes passavam movendo as cabeças e dizendo: «Olá, tu, que destroes o templo de Deus e que o reedificas em tres dias, livra-te a ti mesmo, descendo da cruz.» Os principes dos sacerdotes e os escribas não ficaram atraz — «Si é o Christo, Rei de Israel, desça agora da cruz para que o vejamos e creamos n'elle.» Os soldados, excitados por esse exemplo, unem as suas vozes mofadoras ás dos sacerdotes. E' um coro de blasphemias que rodea a cruz do Filho de Deus. Até os dois mal-

feitores o escarnecem. Jesus afinal tem uma voz por si: a de um d'esses ladrões que se arrependera. Quem o diria? Reprehendendo o seu companheiro, observe: «Nem tu temes a Deus, estando no mesmo supplicio. E nós outros, o estamos, na verdade, justamente, porque recebemos o castigo que merecem as nossas obras; mas este nenhum mal fez.» E depois, fixando os olhos do corpo n'aquelle que os olhos da fé reconhecera como Salvador do mundo, exclama: «Senhor, lembra-te de mim quando entrares no teu Reino.» Como não seria bemvinda aos ouvidos de Jesus, repletos de affrontas, essa oração!—«Em verdade te digo, respondeu lhe incontinentemente Jesus, que hoje serás comigo no Paraizo.»

Si Jesus, por mais de uma vez protestou contra a mariolatria hodierna, elle sempre foi um prototypo de amor e de obediencia filiaes. Temos no Golgotha um exemplo d'esse amor. Entre outras estavam junto á cruz, sua mãe, Maria Cleophas, Maria Magdalena, Joanna mulher de Chuza, Salomé e João. Pois bem; no meio dos martyrios da cruz, esquece-se de si para cuidar do futuro d'aquelle que deixava como só e pobre n'este mundo — «Ao ver a sua chorosa mãe e ao discipulo amado diz áquella — Mulher, eis ahí teu filho. Em seguida, diz ao discipulo: Eis ahí tua mãe.» Explicando o pensamento das palavras do Redemptor, o proprio S. João escreveu: «E d'esta hora por diante a tomou o discipulo para sua casa.» (1)

São quasi tres horas da tarde. A terra desde o meio

(1) Math. 27: 39—44; Marc. 15: 29—32; Luc. 23: 35—37, 39—43; João, 19: 25—27.

dia cobriu-se de trevas. Nós temos visto Christo abandonado por todos os homens e até por seus discipulos: só lhe restava ser desamparado por seu Pai. Seu corpo tem soffrido todas as torturas que a imaginação pôde idear; mas sua alma ainda não foi pregada á cruz. Essa hora chegara. Esse calix cuja lembrança o prostrará no Gethsemani, vai ser tragado. Foi n'esse momento que aquelle que até ahí se tinha portado como ovelha que é levada ao matadouro e que não abre a sua boca ante o que a tosquia, ao sentir-se ferido e abandonado por seu Pai, não pode deixar de bradar: «Meu Deus, meu Deus, porque me dasamparaste?»

Ao darmos credito a Suidas, n'esta occasião, Dionisio o Areopagito, ao contemplar as trevas das tres horas, disse: «Ou o mundo está para acabar-se ou o Deus da natureza soffre.» (1)

As trevas declinam e com ellas as trevas Moraes que arrancavam da alma do Filho de Deus esse grito insostenivel, esse brado intimo de agonia indizivel brado de expiação! A face de seu Pai que o ferira por causa da maldade de seu povo, de novo apparece-lhe A' luz d'esse rosto, Jesus lança uma vista retrospectiva sobre a Lei e os prophetas. Nos psalmos acha uma propheta que lhe diz respeito. O golpe que a espada divina descarregara sobre a sua alma, tinha-lhe feito olvidar a sede que ardentemente agora sente. Pela sexta vez, Jesus abre seus labios: «Tenho sede:» disse elle. No chão via-se um vaso contendo a *posca*, bebida ordinaria dos soldados romanos. Uma esponja tapava o va-

(1) Phlegon, um astronomo romano, anno de 140, fallando desse tempo, testifica d'essas trevas.

so. Um soldado ou alguém, levado por um sentimento de humanidade, lhe chega á boca a esponja ensopada na *posca*.

Elevando seus olhos para cima, Jesus vê as portas do Ceu de par em par abertas. Do alto do madeiro, em que nos seus braços estendidos parece estreitar o mundo, contempla desfillar do pé de sua cruz um exercito de milhares de milhares de todas as nações e povos, que tem remido com o seu sangue. Em um gozo ineffavel. pelo qual soffreu a cruz, desprezando a ignominia, emquanto ao longe apagava-se o echo d'esta nota do psalmista: *E na minha sede propinaram me vinagre*, Jesus exclama: «*Consummatus est.*»

A açucena dos valles desinha em sua haste! Saudando o Ceu em que vai entrar d'este mundo do qual se tem despedido, dizendo: «Tudo está cumprido,» Jesus pela septima vez exclama: «Meu Pai, nas tuas mãos entrego o meu espirito.»

A roza do Sharon tocada pelo frio da morte caira!
Expirou Jesus! (1)

A natureza havia contemplado o mundo desaparecer pelas aguas do diluvio e tinha presenciado o fogo e o enxofre do Ceu consummirem Sodoma e Gomorra, porém ella nunca assistira a uma scena como a do Calvario. E é por isso que a natureza, a qual até ali parecia ter sido impassiva ante tantos eventos, estremeceera horrorisada por occasião da morte de Christo. O sol ao ver o Filho de Deus pregado na cruz, occultara a sua face, cobrindo se de trevas; e agora ao morrer Jesus, a terra estremece, as rochas partem-se,

(1) Math. 27: 51—56; Marc. 15: 38—41; Luc. 23: 45,47—49.

e as sepulturas abrem-se. Ao passo que isto se dava na natureza, as mulheres retiram-se batendo nos peitos; o Centurião que se achava bem defronte, exclama: «Verdadeiramente este homem era o Filho de Deus.»

Que morte jámais houve como a de Jesus! «A morte de Socrates, philosophando desgraçadamente com os seus amigos, é amais doce que se pôde desejar: mas a de Jesus Christo, expirando nos tormentos, injuriado, mofado e amaldiçoado por todo o povo, é a morte a mais horrorosa que se pode temer. Socrates, tomando a taça envenenada, bemdiz ao que lh'a dá e chora; Jesus, no meio de um supplicio tormentoso, roga pelos seus desalmados algozes. *Sim, si a vida e a morte de Socrates são de um sabio, a vida e a morte de Jesus são de um Deus.*» (1)

O tempo em que Jesus morreu era a hora do sacrificio da tarde. No santuario o sacerdote offerencia o insenso. O povo orava fôra. Contiguo ao lugar santo estava o santo dos santos. Um veu occultava dos olhos de todos esse lugar, onde só o pontifice entrava uma vez por anno. Ao Jesus render o espirito, esse veu, por mão mysteriosa rasgara-se de cima para baixo. O lugar santissimo, até ahí invisivel a todos, ficou assim devassado. Era um factu extraordinario! O santo dos santos symbolisava o Ceu e a rotura do seu véu, n'essa hora em que o pontifice estava para suspendel-o afim de entrar no lugar santissimo, proclamava ao mundó ter Jesus, pelo seu sacrificio, franqueado o Ceu e que um caminho novo e accessivel a todos para chegar-se a Deus estava aberto.

(1) J. J. Rousseau, obra e p. citadas.

Uma observação a proposito.

Parece ser do plano da sabedoria divina sujeitar todas as creaturas, por algum tempo, a uma prova moral, para depois confirma-las na santidade. A impossibilidade de não peccar-se não é inherente á natureza angelica nem aos bemaventurados; é uma accrescentada graça confirmada de Deus. Elle cria suas creaturas santas, mas capazes de cairem. N'este estado, ellas são deixadas á liberdade de sua propria vontade, no qual Deus faz seu destino e character permanente dependerem de suas proprias acções. Si ellas se conservam fieis, seu character moral é confirmado e tornado impeccavel e são introduzidas em um estado de benção inalienavel; si ellas caiem, são judicialmente e eternamente mortas. (Hodge)

A revelação nos colloca n'um mundo repleto de maravilhas no meio das quaes vemos o Creador, depois de haver considerado todas as cousas, declarar ser tudo bom. Santo e feliz, o homem, a coroa radiante da criação, foi posto em um jardim plantado pelas mãos do Senhor. No gozo da mais intima communhão com Deus, tudo em torno d'elle offerecia-lhe mil motivos de ventura. Como uma prova de sua dependencia, só uma restricção foi-lhe imposta a qual fazia lembrar-lhe que, não obstante ser senhor de tudo, existia, todavia, infinitamente acima d'elle, um ser a quem devia uma submissão plena de amor e de reconhecimento. Qual astro brilhante que despenhando-se das alturas de sua gloria, submerge no espaço infinito, deixando após si um rasto pallido de sua grandeza, o homem, no dia de sua prova, caiu do estado em que foi creado, peccando contra Deus. Essa queda immensa e completa dá ao Senhor occasião de exhibir as riquezas inexhauri-

veis da sua sabedoria; e assim da malicia de Satanaz e da condemnação do homem surgiu uma manifestação nova e mais gloriosa do amor divino.

Apenas o homem peccou, o Senhor annunciou ao mundo o Libertador unico e eterno. Guardada na arca do povo, ao qual o Creador confiara os seus Oraculos, essa promessa augmenta de claridade á medida que apropinqua-se o dia do seu cumprimento, e se espalha pela terra como a Expectação de todos os povos.

Com a conscienciosidade do peccado, elevou se na alma do homem o sentimento da expiação. O homem, ente moral, sente-se responsavel pelos seus actos. Si elle pratica o mal que devia evitar ou deixa de fazer o bem, reconhece-se peccador e arrepende-se. Porém entre todos os povos e em todos os lugares testemunha-se, ao lado do arrependimento, a necessidade da expiação. *É que o arrependimento não basta para satisfazer a falta: é que para reparar-se deve se soffrer.* Verdade consignada em todos os codigos, nós a vemos escripta, tambem, com sangue na historia da humanidade. Esses sentimentos naturaes e positivos se elevam, se esclarecem á luz da crença de Deus, de um Deus justo e santo. É então que a creatura sob a conscienciosidade do seu peccado e o sentimento d'esse Deus que dá a cada um segundo as suas obras, na necessidade de se reconciliar com o Ser supremo a quem tem offendido em seu desespero, exclama: «Que offerecerei eu ao Senhor que seja digno d'elle? Encurvarei o joelho ante o Deus excelso? Offerecer-lhe-hei, por ventura, holocaustos ou novilhos de um anno? Pode-se acaso aplacar o Senhor, sacrificando-lhe mil carneiros ou muitos milhares de bodes gordos?

Por ventura sacrificar lhe-hei pela minha maldade meu filho primogenito, o fructo do meu ventre pelo peccado de minha alma? D'ahi esses ritos, essas penitencias, esses sacrificios que nos fazem estremecer, recuar horrorisados; mas atravez dos quaes o crente encherça a necessidade intima e imperiosa do sacrificio do Calvario.

Deus tem provido a victima para o sacrificio da humanidade — seu Filho Unigenito.

Jesus Christo tem effectuado essa expiação para o mundo — offerecendo-se em sacrificio pelo peccado.

Quem n'elle crê tem a vida eterna.

CAPITULO IX

A Resurreição, os quarenta dias e a Ascensão

«*Surrexit*»

POR causa do estatuido em deuteronomio, os judeus, no mesmo dia, desciam da cruz o suppliciado. Si acontecia, o que não era singular, não morrer no dia da crucificação, os executores appressavam-lhe a morte, suffocando o com a fumaça de um fogo que acendiam debaixo da cruz ou quebrando-lhe as pernas com um malho. No caso vertente, acrescia que o dia seguinte era sabbado e um sabbado particularmente solemne. Os judeus pois deram os passos necessarios para que, antes da chegada do sabbado que principiava ás seis horas da tarde de sexta feira, os corpos fossem descidos da cruz. Em quanto a Jesus, havia morrido na hora em que chegaram com a permissão de Pilatos para acabar de matal-os, caso não tivessem expirado; por conseguinte não foi necessario quebrar-lhe as pernas, como fizeram aos dois ladrões. «So-

mente um d'elles para destruir a menor incerteza acerca do fallecimento real e para acabar si acaso lhe restasse algum alento, cravou-lhe a lança no lado.» (1) Da lançada que atravessou a pericordia, correu immediatamente sangue e agua.

A morte do Senhor ficou, por esse modo, tão comprovada que S. João, testemunha occular, comprehendendo o alcance d'esse facto, o frisou com esta observação: «Aquelle porém que o viu, deu testemunho d'isso e o seu testemunho é verdadeiro, e elle sabe que diz a verdade, para que tambem vós o creais.» (2)

Si Jesus fosse romano, seu corpo ficaria sobre a cruz para presa das aves de rapina; os judeus porém não podiam deixar ninguem na cruz até o outro dia e por isso desciam os corpos e os lançavam no lugar infame, reservado para sepultura dos crucificados. O enterro regular de um suppliciado só pedindo-se o corpo se fazia e muitas vezes essa graça só se obtinha por occasião do dia natalicio do imperador. Tendo Jesus padecido sob o poder de Pilatos a este pertencia dar o corpo. Mas quem o pedirá? João, Pedro ou Thiago? Homens desconhecidos e sem influencia talvez não fossem attendidos, si lhes sobejasse coragem para pedir-mo.

O sabbado se avisinhava. Os momentos instavam. José de Arimathéa e Nicodemos, eis os unicos discipulos de influencia que Jesus contava. Não eram discipulos ostensivos. O medo da excommunhão os obrigava a seguirem-no occultamente. Nicodemos, não ha

(1) Renan, V. de Jesus, cap. 25

(2) João, 19: 35.

duvida, não fôra propositalmente convidado para assistir á reunião do synhedrim. Sua opinião concernente ao character de Christo era um tanto conhecida e podia, mais uma vez, fazer abortar o plano preconcebido do concilio. Duvidamos si José de Arimathéa estivera presente á sessão. Quer estivesse quer não, sabemos por um dos synopsis, que não consentira na determinação dos seus collegas nem com o que elles fizeram tocante a Jesus.

Varão bom e justo, José era um illustre senador. Natural de Arimathéa, pequena villa, na tribu de Benjamin, d'onde tambem foi natural Samuel, pertencia a esse pequeno grupo que esperava o Reino de Deus. Macknight é de opinião que José era tambem um dos membros do conselho secreto de Pilatos. Homem de posição e amigo intimo do governador, quem, melhor do que elle estava nos casos de pedir o corpo de Jesus? Mas terá elle coragem? A scena da morte de Christo, que impressionára de um modo tão vivo o animo do Centurião, o fizera sair como debaixo do alqueire. Depondo, pois, a sua timidez que elle parecia ser agora o primeiro a condemnar, *«com toda a resolução foi a casa de Pilatos e pediu-lhe o corpo.»* O governador não se admirou tanto do pedido, como da morte de Jesus. Para saber ao certo si tinha ou não morrido, o governador mandou chamar o Centurião que confirmou a noticia do illustre senador e, por sua vez, narrou-lhe todas as circumstancias dos ultimos momentos de Christo. Jesus, não restava mais duvida a Pilatos, morrera no momento em que se dissiparam essas trevas medonhas as quaes foram succedidas pelo partir das rochas e pelo tremor de terra que se sentira tão visivelmente na cidade. Poncio prompta-

mente entregou o corpo a José de Arimathêa. José deu os passos que o tempo lhe permittia para o enterro. Nicodemos não ficou atraz n'esta emergencia: apresentou-se trazendo uma mistura de myrrha e de aloes de cerca de cem libras. João se achava ainda perto da cruz. Descendo o corpo, o amortalhou no lençol de linho e o ligaram com tiras da mesma fazenda, depois de o terem embalsamado com os aromas. (1)

O calvario achava se deserto. As vozerias blasphemadoras succedera um silencio affectuoso e reverente. Talvez que as mulheres não se tivessem ainda retirado; pelo menos, Maria Magdalena e a outra Maria testemunharam as ultimas homenagens pagas a Jesus. Perto do lugar da execução havia, em um jardim, um sepulchro novo, aberto n'uma rocha, no qual nunca se tinha depositado ninguem. Pertencia a José de Arimathêa que sentiu-se feliz cedendo o a Jesus. Aquelle que fôra contado entre os malfeitos, teve d'esse modo a sua sepultura entre os ricos. Si além dos tres discipulos nenhum outro se achava presente, podemos suppor que José de Arimathêa segurava nas pernas, Nicodemos no meio do corpo e a cabeça descansava no peito d'aquelle que reclinára a sua no seio de quem agora via morto. A distancia sendo pequena, facil lhes teria sido conduzirem o corpo ao sepulchro. E quem, n'esse momento, não desejaria contemplar, pela derradeira vez, esse rosto, o mais bello entre mil? Depois, com todo o amor, derramando lagrimas intimas e saudosas, depositaram-no na sepultura cuja entrada taparam com uma grande pedra.

(1) Math. 27: 57, 59; Marc. 15: 42—45; Luc. 23: 50—53.

Apenas haviam deixado o jardim, uma guarda de sessenta soldados romanos, que havia tomado parte na prisão e na execução, se postara ao pé da sepultura. Os pontífices a haviam requisitado por causa de um vaticínio de Jesus, como se infere do que elles representaram a Pilatos. — «Senhor, lembramo-nos de que aquelle embusteiro, vivendo ainda, disse: Eu hei de resurgir depois de tres dias. Dá logo ordem, que se guarde o sepulchro até ao terceiro dia, para não succeder que venham seus discipulos, e o furtem e digam á plebe: Resurgiu dos mortos: e d'esta sorte virá o ultimo embuste a ser peor do que o primeiro.» — «Pilatos lhes respondeu: Vós ahí tendes guardas; ide, guardai-o como entendeis.» — «Elles porêm retirando-se, trabalhavam por ficar seguro o sepulchro, sellando a campa, e pondo-lhe guardas.» (1)

Deus, em sua providencia, tem feito, em todos os tempos, redundar o odio dos inimigos do christianismo para maior gloria e evidencia do Evangelho. Que de duvidas e objecções hostis essas precauções dos pontífices e dos phariseus não preveniram!

A resurreição de Christo perde-se na noite dos tempos. «Porque não deixarás a minha alma no inferno, lê-se no psalmo XV, nem permittirás que o teu Santo veja a corrupção.» Jesus por mais de uma vez a prophetizou. É envolto em uma metaphora que ella a principio apparece. — «Respondeu-lhes Jesus e disse: Desfazei este templo e eu o levantarei em tres dias» A' medida que Jesus se avizinha da sepultura, ella toma vulto. — «Desde então começou Jesus a declarar

(1) Math. 27: 62—66

a seus discipulos, que convinha ir elle a Jerusalem, e padecer muitas cousas dos anciãos, e dos escribas, e dos principes dos sacerdotes, e ser morto, e resuscitar ao terceiro dia.» (1).

Os sacerdotes e os phariseus, como vimos, conheciam esses vaticinios. Os discipulos tambem os ouviram, mas, em seus prejuizos não os entenderam. Não se póde pois negar ter o Salvador predicto a sua resurreição, o que só por si é uma forte probabilidade em prol d'esse facto. E com effeito, que juizo deveriamos fazer de sua pessoa, de sua doutrina e de sua obra, si, em uma questão semelhante, elle nos tivesse enganado? O character moral de Jesus nos impõe, então, o dever de concluirmos que, desde que elle previu e predisse em termos formaes a sua resurreição, ella devia cumprir-se.

Chegara o terceiro dia, esse dia em que Jesus prometteu reassumir essa vida que elle mesmo dera. Fazia ainda escuro. Algumas mulheres tristes, Maria Magdalena, Maria mãe de Thiago e Salomé se avistavam por esse caminho solitario do jardim. Dirigiam-se ao sepulchro alim de embalsamar, por sua vez, o corpo do Senhor, «Quem», iam ellas dizendo entre si. «nos removerá a pedra?» N'esta hora o mais estupendo dos factos se testemunhara no sepulchro: houve um grande terremoto, e um anjo do Senhor que descera do Ceu e o qual tinha o aspecto como um relampago e a sua vestidura como a neve, revoltara a grande pedra e assentara se sobre ella. Os guardas de temor d'elle se assombraram e ficaram como mortos.

(1) Math. 16: 21; João, 2:19.

Jesus Christo havia resuscitado!

A critica negativa, a respeito da resurreição de Christo, escreve: «A predisposição dos apóstolos para verem Jesus resuscitado e o seu descontentamento em considera lo morto, o fizeram resuscitar subjectivamente.» Nada mais injusto do que esse avançamento e, no entanto, eis a pedra angular sobre que descança o ultimo reducto de philosophismo.

As mulheres, um tanto assustadas pelo tremor de terra, se acham em face do sepulchro. O embaraço que no caminho lhes tinha vindo á idea, havia desaparecido. Sabemos como. Mas, eis que uma outra idea se apoderou d'ellas. O que seria? Creram ter Jesus resuscitado? Não. Olhando para o sepulchro e não achando o corpo, essas mulheres *que já o haviam dado como resuscitado em seu espirito*, exclamaram: *Furtaram o corpo!*

«A primeira idea da resurreição, «segundo Peyrat, «veiu de Maria Magdalena.» Maria Magdalena, dizem os documentos, deixando as suas companheiras, «correu e fôra ter com Simão Pedro, e com o outro discipulo, a quem Jesus amava, e disse lhes: «Levaram o Senhor do sepulchro e não sabemos onde o pozeram.»

(¹) A primeira idea, pois, de Magdalena é que furtaram o corpo do Senhor.

Maria e Salomé entraram no sepulchro. Aquelles que foram os primeiros a annunciar ao mundo o nascimento de Jesus, são tambem os arautas da resurreição. O mensageiro celico que, tendo removido a pedra entrou no sepulchro para ahi esperar a visita das mulhe-

(¹) João, 20: 2

res annuncia-lhes d'este modo a resurreição: «Não tenhais pavor; vós buscais a Jesus Nazareno, que foi crucificado: elle resurgiu, já não está aqui. eis o lugar onde o depositaram. Mas ide, dizei a seus discipulos, e a Pedro, que elle vai adiante de vós esperar-vos em Galilea; lá o vereis como elle vos disse.»¹

Sobresaltadas e cheias de pavor as mulheres fugiram do sepulchro.

Joanna com as suas companheiras apparece. Não vendo o corpo, a mesma ideia que as outras tiveram lhes veio ao espirito. Ao anjo que as ultimas mulheres viram, um outro anjo se reuniu o qual se assentara á esquerda.—Porque buscais lhes dizem elles, entre os mortos ao que vive? Elle não está aqui, mas resuscitou; lembrai vos do que elle vos declarou, quando ainda estava em Galilea, dizendo: «Importa que o Filho do homem seja entregue nas mãos de homens peccadores, e que seja crucificado e que resuscite ao terceiro dia.»—Então se lembraram ellas das suas palavras. E tendo voltado do sepulchro, contaram todas estas cousas aos onze, e a todos os mais.⁽²⁾

Pedro e João chegaram. João que correndo mais do que Pedro chegara primeiro, olhou para dentro da sepultura, mas não entrou; Simão porém foi chegando e entrando. Os lençoes lá estavam e tambem o lenço que estivera sobre e cabeça de Jesus; o lenço achava-se dobrado em um lugar á parte. João entrou então no sepulchro e depois de ver *creu*. Dos lençoes e do lenço elle chegou a esta conclusão: Si o corpo tivesse sido

(1) Mar. 16: 6, 7.

(2) Luc. 24: 6-9.

furtado, os ladrões ou teriam deixado o corpo, levando os lençoes e o lenço ou teriam conduzido o corpo com tudo. Em apoio d'esse seu raciocínio, vinha a ordem que se notava dentro do sepulchro. Ao discipulo amado, pois, coube o privilegio de ser o primeiro a crer na resurreição de Jesus.

Maria Magdalena chegára de novo ao sepulchro. Essa *allucinada* pensa em tudo, menos *em dar ao mundo um Deus resuscitado*. Os dois anjos a interrogam — «Mulher, porque choras.» — Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puzeram.»

O corpo de Jesus, convem não esquecer, era um corpo resuscitado. Postoque o mesmo corpo, comtudo, a incorruptibilidade e a gloria da resurreição o animavam e brilhavam n'elle. Não é pois para admirar que Magdalena, vendo o seu Mestre vestido com vestimentas novas e pela primeira vez, o estranhasse. Depois da resposta que deu aos anjos, ella olha para traz e vê a Jesus em pé, sem saber comtudo que era Jesus. ⁽¹⁾ E como podia ella, com os seus olhos arrazados de lagrimas e que nunca em *sua forte imaginação* pensou em tornar a ver vivo a seu Mestre conhecel-o immediatamente?

— Mulher, lhe perguntou o Senhor, porque choras? a quem buscas?

Julgando que fosse o hortelão, lhe diz:

— Senhor, si tu o tiraste, dize me onde o puzeste e eu o levarei.

Jesus lhe responde declarando o nome d'ella — «Maria.»

(1) João 20: 13, 14

O sotaque d'essa voz lhe era mais eloquente do que palavras. A luz se fez para ella. É seu mestre que contempla. Corre para elle, mas no momento em que a seus pés o ia abraçar, Jesus a contraria. — «Não me toques, porque ainda não subi a meu Pai; mas vai a meus irmãos e dize-lhes: Que vou para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus. (1)

Immediatamente a esta apparição, o Resuscitado manifestou-se a Maria e a Salomé. S. Matheus nos narra assim esse segundo apparecimento: «E eis que lhes saiu Jesus ao encontro, dizendo: Deus vos salve. E ellas se chegaram a elle, e se abraçaram com os seus pés e o adoraram. Então lhes disse Jesus: Não temais; ide; dai as novas a meus irmãos para que vão a Galilea que lá me verão.» (2)

«O ideal, diz Renan, não quer ser tocado... *Noli mi tangere* é o mote de todos os grandes amores.» Mas, como reconciliará elle a sua theoria ante o facto de Maria e Joanna terem se abraçado com Jesus?

N'esse segundo apparecimento de Christo temos tambem uma apparição independente e contemporanea da de Maria Magdalena. Ora, si na opinião de Renan, Magdalena tem «imposta a todos a visão santa de sua alma apaixonada,» onde está essa acção n'esse facto?

Apparecemo-nos para ver o que os synopsis nos relatam sobre o modo porque os discipulos receberam o testemunho de Maria Magdalena e das outras mulheres. — «Mas o que as mulheres lhes diziam, pareceu-lhes como desvario e não lhes derão credito.»

(1) João, 20: 17.

(2) Math. 28: 9, 10.

Foi assim que a rainha e patrona dos idealistas impoz a todos a visão santa da sua alma apaixonada?!

No mesmo tempo que isso se dava, alguns guardas correram á cidade para contar aos que lhes haviam confiado o sepulchro, todo o acontecido. O synhedrim tendo-se reunido, deliberou dar uma grande somma de dinheiro aos soldados, intimando lhes esta ordem: «Dizei que vieram de noite os seus discipulos, e o levaram furtado em quanto vós estaveis dormindo. E si chegar isto aos ouvidos do governador, nós lh'o faremos crer, e attenderemos á vossa segurança. Elles porém, depois de receberem o dinheiro, o fizeram conforme as instrucções que tinham. E esta voz, que se divulga entre os judeus, dura até ao dia de hoje. (1)

Os apóstolos nunca pensaram que Christo havia de resuscitar. Jesus por mais de uma vez, é verdade, prophetizou a sua resurreição; mas elles não entenderam as suas palavras. A idéa que formavam do Messias, era que nunca morreria. Numa occasião, em que Jesus revelou-lhes a morte, Pedro o interrompeu, asseverando-lhe que Deus nunca tal havia de permittir. Si não entendiam a morte do Messias como podiam crer que elle havia de resuscitar? Um Messias que caminharia de triumpho em triumpho, eis o que elles esperavam. Tal era tambem a opinião prevaescente em seus dias, como vê-se da resposta do povo a Jesus quando lhe fallou em sua morte. — «Nós temos ouvido da Lei que o Christo permanece para sempre como dizes tu logo :

(1) Math. 28. 13—15.

Importa que o Filho do homem seja levantado.» (1)

Si «o próprio estado da alma em que nasce o extasis e as aparições, é de ser contagioso,» nunca houve homens tão indispostos ao extasis e ás aparições como os discipulos. As primeiras testemunhas da resurreição foram infelizes: ninguém creu n'ellas. Cada um quer, por si, ver e tocar. Mesmo vendo o, elles não criam; era necessario que Jesus, condescendendo com a cegueira d'elles, desse provas á queimadura. Em fim, foi com bem custo que venceu a incredulidade dos discipulos. Quem, porém, não vê n'essa incredulidade o dedo da providencia? Si a idéa da resurreição de Christo tivesse atravessado o espirito dos apóstolos, não possuiríamos essa somma de provas que Jesus lhes deu, nas quaes temos argumentos promptos e cabaes contra as objecções que a incredulidade tem, em todos os tempos, levantado contra a resurreição.

A incredulidade, pois, dos discipulos tornou a nossa fé justificavel.

Não tendo os apóstolos a menor idéa subjectiva da resurreição de Christo, como poderiam elles planejar o projecto de furtar o corpo? E, no caso de conceber esse plano, poderiam executal-o? Homens sem coragem e resolução, os apóstolos eram medrosos e pussillanimes. No Gethsemani abandonaram Jesus logo que os soldados lhe lançaram as mãos. Que! essa coragem que

(1) Os judeus não podiam reconciliar a idea d'um Messias martyrisado com a de um glorioso e por isso inventaram a theoria de dois Messias: um que devia soffrer e morrer na batalha de Gog e Magog e outro que devia reinar e libertar Israel.

não possuiram na presença do Mestre para defende-rem sua pessoa viva, te-la-ão para furtar um cadaver que não lhes aproveitaria de nada?

Foi, disseram, em quanto os guardas dormiam que os discipulos executaram o seu plano! Era o terceiro dia e, no entanto, n'esse dia em que deveriam redobrar de esforços, uma guarda de algumas dezenas de homens deitaram-se ao mesmo tempo a dormir. E que somno o d'esses veteranos! Não só deram tempo a meia duzia de homens medrosos apoderarem-se do corpo; mas tambem nem o barulho do rolar da pedra a que alguns deveriam estar encostados, foi capaz de acorda-los!

Não precisamos insistir sobre este ponto em que a mentira se trai a si mesma. E com effeito ou os guardas na verdade dormiam ou não dormiam: *si dormiam como disse Santo Agostinho, como viram os discipulos furtarem o corpo? si não dormiam porque não o impediram!*

O apparecimento de Jesus a Pedro teve lugar agora e ao qual seguiu-se o dos discipulos de Emmaüs. Esta ultima manifestação é uma das mais interessantes. Nada mais lhes restando em Jerusalem, Cleophas e o seu companheiro voltaram para suas casas. Nos seus affazeres manuaes iam procurar a olvidação de suas esperanças frustradas. Medeava Emmaüs de Jerusalem 60 estadios. Mergulhados na tristeza de seu coração. que tinha-lhes assomado ao rosto, é do acontecimento de sexta-feira que, viajando, se preocupavam. Um desconhecido os alcançara, que os interrompe, perguntando-lhes de um modo sympathico:

— Que é isso, que vós ides praticando e conferindo um com outro e porque estais tristes?

Admirado da pergunta, Cleophas lhe redargue :

— Tu só és forasteiro em Jerusalem e não sabes o que alli se tem passado estes dias ?

— Que ?

— Sobre Jesus Nazareno, que foi um varão propheta, poderoso em obras, e em palavras diante de Deus, e de todo o povo; e de que maneira os summos sacerdotes, e os nossos magistrados o entregaram a ser condemnado á morte, e o crucificaram. Ora, nós esperavamos que elle fosse o que resgatasse a Israel; e agora sobre tudo isto, é já hoje o terceiro dia depois que succederam estas cousas.

— O' estultos e tardos de coração para crer tudo o que annunciaram os prophetas: exclamara o desconhecido. Por ventura não importava que o Christo soffresse estas cousas, e que assim entrasse na sua gloria? E começando por Moysés, e discorrendo por todos os outros prophetas, lhes explicava o que d'elle se achava dito em todas as Escripturas.» (1)

Assim entretidos, o resto do caminho pareceu-lhes curto. Chegaram a Emmaús. O viajante mysterioso parece querer ir adiante. Os dois discipulos não tem animo de se separar de uma companhia tão boa. «Fica em nossa companhia, lhe pedem elles; porque é já tarde e está o dia na sua declinação.» O viajante incognito rende-se ás instancias d'elles. A meza foi posta. O desconhecido tomou o pão e tendo dado graças o partiu e lh'o deu. O todo d'esse facto trouxera mil lembranças á memoria de Cleophas e ao outro discipulo que encararam o seu hospede com outro senti-

(1) Luc 24: 19—27.

mento. Não ha duvida, era Jesus que estava com elles. Mas eis que immediatamente desapareceu-lhes. Os seus corações o haviam como advinhado, mas seus olhos não poderam, á primeira vista, conhece lo em seu corpo immortal e incorruptivel. A alegria que sentiram era demais para que ficassem socegados. Na mesma hora pois voltaram para Jerusalem onde encontraram os apóstolos reunidos com os outros discipulos, que tratavam do apparecimento de Jesus a Pedro. Foi em muito boa hora que os dois discipulos chegaram. Cleophas e o seu companheiro tomando a palavra, narravam, por sua vez, o que tinham acabado de testemunhar. O seu testemunho porém, como o de Pedro, não pode dissipar a incredulidade dos presentes.

Jesus apresenta se então no meio d'elles. Não esperando o, não é para extranhar-se que ao ve-lo no meio d'elles, com vestidos novos e sem as portas abrirem-se, ficassem perturbados e espantados, e cuidassem que viam um espirito antes do que uma pessoa resuscitada. Jesus os tranquilliza, saudando-os: «Paz seja comvosco.» Não lhes perdoa a incredulidade e a dureza do coração d'elles por não terem dado credito aos que o viram resuscitado. E acrescentou: «Porque estais vós turbados, e que pensamentos são esses, que vos sobem aos corações? Olhai para as minhas mãos e pés, porque sou eu mesmo; apalpai, e vede: que um espirito não tem carne, nem ossos, como vós vedes que eu tenho. E, dizendo isto, mostrou-lhes as mãos e os pés. Era uma demonstração convincente e palpavel de sua resurreição objectiva e real. O gozo porém do que viam, entretendo-os na admiração, não os deixava crer. Para dissipar-lhes de uma vez para sempre toda a duvida, pergunta lhes: «Tendes aqui alguma

cousa que se coma? E elles lhe pozeram diante uma posta de peixe assado e um favo de mel. E tendo comido Jesus á vista d'elles, tomando os sobejos lh'os deu.»

Tomando de novo a palavra, lhes diz: «Paz seja com-vosco. Assim como o Pai me enviou a mim, tambem eu vos envio a vós. Tendo dito estas palavras, asso-prou sobre elles e disse-lhes: recebei ao Espirito Santo; aos que vós perdoardes os peccados, ser-lhes-ão elles perdoados; e aos que vós os retiverdes, ser-lhes-ão elles retidos.

Thomé, o Didimo, perdera muito não se achando presente. Que dias tristes para elle os que medearam entre essa manifestação e a seguinte! O testemunho dos dez não bastou para dissipar-lhe a incredulidade. Contrario a tudo o que Renan, depois de Straus, escreveu, Thomé, para crer, quer ver com os seus olhos e tocar com as suas mãos. «Eu si não vir nas suas mãos, respondeu elle aos discipulos, a abertura dos cravos, e si não metter o meu dedo, no lugar dos cravos e si não metter a minha mão no seu lado, não hei de crer.»

Oito dias haviam decorrido. Os discipulos se achavam reunidos. De medo tinham fechado as portas. Thomé, d'esta vez, achava se presente. O doce *schalon* se ouvira na sala. Olharam e reconheceram Jesus que d'este modo se dirigira ao discipulo incredulo: «Mette aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos, chega tambem a tua mão, e mette-a no meu lado: e não sejas incredulo, mas fiel.»

Que condescendencia e que graça! O que não sentiria Thomé n'esse momento? Si para crer precisava metter o seu dedo no lugar dos cravos, podia pô lo. Convencido, o apostolo rende-se cheio de submissão,

de affeição e de confiança n'esse amor condescendente. — «Senhor meu e Deus meu.» — «Tu creste, Thomé, porque me viste; bemaventurados os que não viram e creram.» ⁽¹⁾

Depois d'isto os onze, segundo a mensagem que Jesus por meio das mulheres lhes mandara, foram para Galilea afim de encontrar-se com elle. Emquanto o esperaram. procuravam alguma occupação. «Estando juntos Simão Pedro, Thomé chamado o Didimo, Nathanael, os filhos de Zebedeu e outros dois de seus discipulos, disse Pedro: Eu vou pescar. Responderam lhe os outros: Tambem nós outros vamos contigo. Sairam pois e entraram n'uma barca. N'aquella noite nada apanharam.» De manhã Jesus apresenta-se na praia. O nevoeiro matutino não lhe permittia reconhecerem-no. «O' moços, lhe diz o vulto, de terra, tendes alguma cousa que se coma?» — «Nada:» responderam elles. — «Lança a rede para a parte direita da embarcação e achareis.» — «Lançaram elles pois a rede, mas já a não podiam trazer acima, que tão grande era a carga de peixes.» A vista da pescaria, João reconhece que o personagem que estava na praia era o Senhor e o annuncia a Pedro. Pedro não espera o barco chegar á terra; no mesmo instante atira-se ao mar e nada para Jesus. Os outros, trazendo as redes e os peixes, vieram no barco. «E tanto que saltaram em terra, viram umas brasas postas e um peixe em cima d'ellas e pão, Dai cá, disse lhes Jesus. dos peixes que agora apanhastes.» Simão Pedro subiu ao barco e depois de ter tirado a rede para a terra cheia de cento e cincoenta

(1) João, 20: 25—29.

peixes, trouxe alguns d'elles.— «Vinde e jantai;» disse lhes Jesus. Tomando o pão Jesus deu-lh'o e assim mesmo do peixe.

Tendo jantado, o Christo perguntara a Pedro :

— Simão, filho de João, tu amas-me mais do que estes ?

— Elle respondeu : Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo.

— Apascenta os meus cordeiros.

— Simão, filho de João, tu amas-me ? perguntou lhe do novo o Santo interlocutor.

— Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo.

— Apascenta os meus cordeiros.

— Simão, filho de João, tu amas-me ?

Que eloquencia n'essas tres perguntas ! Pedro, comprehendendo-as, lembrou se das tres vezes que debaixo de juramento negara a Jesus. Pedro se entristecera.

— Senhor, tu conheces tudo; sabes que eu te amo: respondeu elle confiando mais na graça do Senhor do que em seu ardor.

— Apascenta, disse-lhe Jesus, as minhas ovelhas.

Pedro fôra perdoado. No lugar em que Jesus o tinha chamado, n'esse mesmo lugar foi restituído ao apostolado de que se havia virtualmente excommungado, negando a seu Senhor.

«Em verdade, em verdade te digo, acrescentou solemnemente Jesus, quando tu eras mais moço, tu te cingias, e ias por onde te dava na vontade; mas quando já fores velho, estenderás as tuas mãos, e outro será o que te cinja, e que te leve para onde tu não queiras.»

O destino de Pedro está traçado : d'ahi em diante

seguirá a seu Salvador que lhe tem dado graça para, com o sacrificio de sua vida, confessa-lo.

Pedro que durante a conversação tinha-se adiantado, aproximando-se de Jesus, olha para traz e vendo o discipulo amado, pergunta: «Senhor e este que?» «Eu quero que elle fique assim, até que eu venha, que tens tu com isso? Segue me tu.»

A resposta é intencionalmente vaga. Os discipulos que não a entenderam, pensaram que João não morreria até elle vir. Em seu evangelho o apostolo evangelista corrigiu o engano, citando as proprias palavras de Christo. «E não lhe disse Jesus: Não morre; sinão: Eu quero que elle fique assim até que eu venha; que tens tu com isso?» (1)

A outra manifestação teve lugar em um monte. Seria o Tabor ou o monte das Bemaventuranças? Ignoramos; sabemos porém que foi no monte designado por Jesus. É a esse apparecimento que S. Paulo, vinte annos depois, se referiu n'estas palavras: «Depois foi visto por mais de quinhentos irmãos, estando juntos; dos quaes ainda hoje em dia vivem muitos e alguns são já mortos.» (2) S. Matheus nos transmittira a seguinte circumstancia d'esse apparecimento: «E vendo-o o adoraram; ainda que alguns tiveram sua duvida.» (3) Que franqueza! que sinceridade n'essa declaração! Assim como os apóstolos ao verem no pela primeira vez duvidaram, assim tambem alguns dos quinhentos irmãos que pela primeira vez o viram, em sua impre disposição, foram tentados a duvidar.

(1) João, 21: 1—23.

(2) 1.^a Cor. 15: 6.

(3) Math. 28: 17--20.

Si o divino Mestre, escolhendo os seus discipulos, tivesse em vista rodear-se de homens de uma natureza pia e indisposta a visões ou a milagres subjectivos, elle não poderia achar homens tão proprios como esses.

A essa reunião numerosa, Jesus declarara : « Tem-se-me dado todo o poder no Ceu e na terra. Ide, pois, e ensinai todas as gentes; baptizando as em nome do Padre e do filho e do Espirito Santo; ensinando as a observar todas as cousas que vos tenho mandado: e estai certos de que eu estou comvosco até a consummação dos seculos.»

Verdades sublimes, essas palavras contem em si uma missão que nunca teria vindo ao pensamento dos apóstolos. É com todos os discipulos e não só com os onze, que Jesus promete estar até a consummação dos seculos; assim como o dever de fazer discipulos para Jesus não pertence exclusivamente áquelles que se consagram ao ministerio, mas a todos os discipulos: homens e mulheres.

Quarenta dias tem decorrido desde a crucificação. Durante todo esse lapso de tempo Jesus tem fornecido provas indubitaveis da sua resurreição objectiva e real. De nove aparições nos fallam os escriptores inspirados; alem de outras que sem duvida tiveram lugar, mas que não nos foram transmitidas. Os discipulos o viram com seus olhos: o tocaram: fallaram com elle: conversaram com elle; comeram com elle: testemunharam um milagre; obedeceram ás suas ordens e ouviram no prégar. Não foi em um lugar e a um tempo que Jesus se manifestou, mas em diversos lugares e em differentes tempos, ora a um, ora a dois, ora a onze e assim por diante até quinhentos.

Chegamos á ultima manifestação. Jesus acha-se em Jerusalem com os seus discipulos. N'essa cidade elles tem de permanecer até receberem a promessa do Pai que lhe tinham ouvido. ⁽¹⁾ As suas derradeiras horas, o Mestre passa fallando-lhes sobre as cousas pertencentes ao «Reino de Deus.» Os discipulos sob a ideia ainda de um reino temporal, perguntam-lhe: «Senhor, dar-se-á caso que restituas n'este tempo o reino a Israel?»

— Não é da vossa conta saber os tempos nem os momentos que o Padre reservou ao seu poder; mas recebereis a virtude do Espirito Santo, que descera sobre vós, e me sereis testemunhas em Jerusalem, e em toda a Judea, e Samaria, e até as extremidades da terra.» ⁽²⁾

O Creador tem tambem seus segredos. Ha porém muitas cousas que elle faz hoje e as quaes nós não entendemos, que saberemos depois. A alma aprende, estuda mesmo depois da morte. Que prazer quando no Ceu conhecermos os factos que na terra ignoramos!

Tendo preparado os discipulos para a separação, Jesus á frente d'elles caminha para o monte das Oliveiras. Perto de Bethania elle pára. Os discipulos o rodeam. Olhando os com sympathia e amor, Jesus estende sobre elles os braços e os abençoa. De repente os discipulos o vem elevando-se paulatinamente da terra. Esta perdera força de o reter por mais tempo, e os Ceus, desde ha muito em expectação, o reclamavam. Jesus ascende gloriosamente com seus olhos pregados

⁽¹⁾ Luc. 24: 49; Actos 1: 4.

⁽²⁾ Actos, 1: 7, 8.

no pequeno rebanho que elle deixa, com seus braços estendidos sobre elle em signal de protecção e amparo. Os ultimos acentos de sua voz, que se perde de momento para momento no espaço, repetem-lhes sua benção. Confundidos ante essa scena, os discipulos o seguem com a vista. Em fim a nuvem que o rodeava, o occulta inteiramente a seus olhos. Jesus desaparecera no profundo azul do firmamento.

Os discipulos, abstraídos, não deram fê de dois vultos que agora attraíam-lhes a attenção. Eram anjos, os mesmos, talvez, que guardaram o sepulchro vasio, e que haviam ficado para os animar com palavras de esperança. — «Varões gallileus, lhes dizem elles, que estais olhando para o Ceu? Este Jesus, que separando-se de vós, foi assumpto ao Ceu, assim virá do mesmo modo que o haveis visto ir ao Ceu.» (1)

Os discipulos voltaram jubilosos para Jerusalem. Mas n'esse momento, o que não se passaria entre os habitantes das regiões celestes?! Si nos seis dias da criação, em que do seio do cahos saiu a ordem admiravel do mundo, o côro inteiro dos anjos entoou um hymno sublime e celebrou em doces transportes de alegria a criação do mundo e a sua belleza; si na natividade, acima das planicies de Bethlehem a milicia celeste entoou um cantigo de gozo — que louvores, que hymnos, que festas gostosas e jubilosas na hora em que o Filho de Deus, o Salvador da humanidade, entrou na Gloria e assentou-se á dextra de seu Pai, sobre todo o principado, potestade, virtude e dominação

(1) Actos, 1: 11.

e sobre todo o nome que se nomea não só n'este seculo, mas no futuro! (1)

Não foi definitivamente que Jesus deixou este mundo que vem salvar. A terra, mais uma vez ha de ver aquelle, que subindo, desapparecera a seus olhos. Será do mesmo modo que ascendeu, sobre as nuvens do Ceu e com grande gloria e poder que voltará.

Terra, tu, grão de area nas costas do universo de Deus; tu, Bethelem, entre as principaes cidades dos Ceus, tu és e serás a amada entre milhares de soes e de mundos, a escolhida de Deus! A ti elle de novo voltará e então tu lhe prepararás um throno como lhe déste uma estrebaria. Em sua gloria radiante tu te regosijarás, assim como tu uma vez bebeste seu sangue e suas lagrimas e choraste em sua morte. Em ti tem o Senhor uma grande obra que elle se apressa a effectuar para de novo vir.

A essa espectativa devem os discipulos o terem voltado para Jerusalem, alegres em vez de tristes. A dôr da separação fôra absorvida pela esperança de sua volta proxima. Entre os primeiros christãos, tão viva se tornou a especção d'essa segunda vinda que os apóstolos tiveram de reprimir os movimentos impacientes. Seus corações ardendo de sede de o ver, antecipavam com exageração esse futuro.

Que differença entre nós e elles! Essa fé, esse ardor que era necessario moderar n'elles; como tem necessidade de serem despertados e estimulados em nós! Lembremo-nos que os Ceus que o tem recebido não o devem reter enternamente. Não foi com tenção de nun-

(1) Ef. 1: 21.

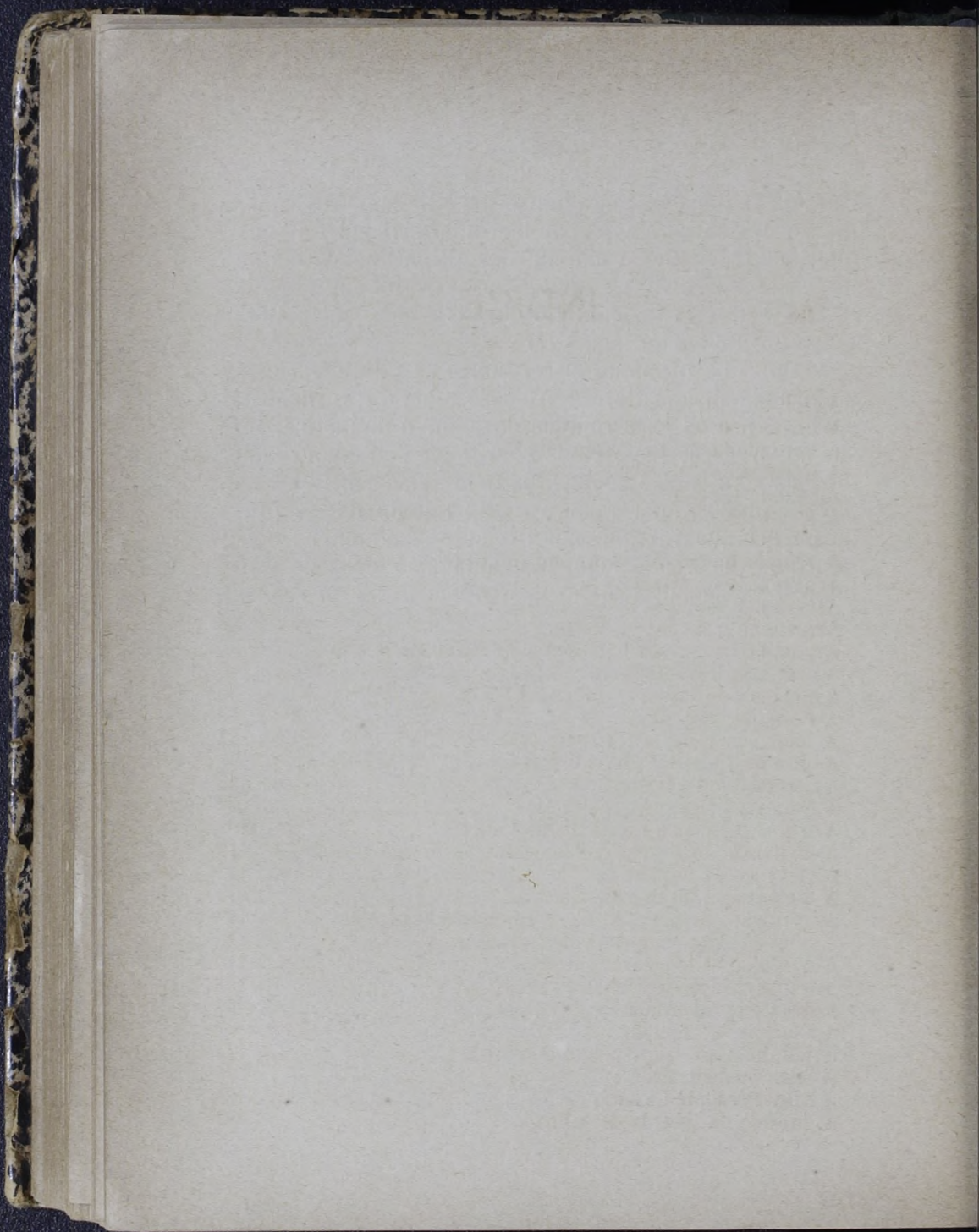
ca mais visitar esta terra que Jesus a deixou. Nós, pois, que o temos contemplado, lançando a benção a seus queridos discipulos, escutemos as ultimas palavras que na visão apocalyptica dirigira á assembléa dos remidos: «O que dá testemunho d'estas cousas, diz: Certamente que venho logo.» (1)

Assim que o panno descer sobre as ultimas scenas do grande drama de que o nosso mundo é o theatro, então, sobre as azas rapidas do amor e da justiça, Jesus apparecerá. Esperemos com fé em seu amor: suspiremos por esses momentos bemditos; em todas as nossas orações peçamos o cumprimento d'essa promessa e á sua voz que nos diz hoje como então: Certamente que venho logo, respondamos cheios de vivo interesse pela salvação dos nossos irmãos: *Vem Senhor Jesus*: (2)

FIM

(1) Apocalynse, 22; 20.

(2) Dr. W. Hanna, Les quarante jours, etc., cap. x.



INDICE

	Pag.
As quatro testemunhas.....	10 e 44
A linguagem do primeiro evangelho.....	43
A Verdadeira prova é a de facto.....	44
A Epistola de Polycarpo.....	19 e 20
Apello de Clemente de Alexandria.....	25
A fé no sobrenatural sustentada pelas intelligencias mais robustas.....	34
A religião de que o genero humano precisa.....	33 e 34
A saudação de Maria.....	38 e 39
As setenta semanas de Daniel.....	40
Arrolamento de José e Maria.....	41 e 42
Argumento contra as hypotheses de Straus e Renan.....	55
A provincia de Galilea.....	55 a 56
A meninice de Jesus.....	57
A Festa da Paschoa.....	58 e 59
A lingua de Jesus era a aramaica.....	60 e 61
A obra de Jesus tem base divina.....	62 e 63
As tentações de Jesus.....	83 e 84
A festa de Caná.....	89
A critica mystica é racionalismo vulgar.....	104
A divindade de Jesus é a demonstração da sua pessoa.....	112
A elevação da mulher no Christianismo.....	123
A tempestade no mar de Galiléa.....	132
A gravidade do peccado de se rejeitar o evangelho.....	137
A multidão não comprehende o discurso.....	145
A multidão abandonara a Jesus.....	146
A transfiguração de Jesus.....	155
A festa dos tabernaculos.....	161
A adúltera no templo.....	168 e 169
A parábola do samaritano e o levita.....	171
A festa da dedicação.....	178
A resurreição de Lazaro.....	183 e 185
A questão da guarda do sabbado.....	187

As crianças vem a Jesus.....	190 e	191
A Paschoa.....		193
A figueira secca.....		204
A crucificação de Jesus.....		251
A agonia de Jesus.....	254 e	255
A resurreição de Jesus.....	267 a	269
A incredulidade dos di-cipulos.....		274
Argumentos sobre a resurreição.....	274 a	276
Biographia de S. Matheus.....		7
Biographia de S. Marcos.....		8
Biographia de S. Lucas.....	8 e	9
Biographia de S. João.....		10
Canon Muratori.....		25
Canto de Simeão.....		46
Canto de Zacharias.....		67
Conversão de Nathanael.....		86
Conversa de Jesus com a Samaritana.....	93 e	94
Cura do paralytico em Capharnaum.....		99
Condemnação de Jesus.....	236 a	239
Conversão do ladrão na cruz.....		253
Depoimento de Ignacio.....	16 e	17
Depoimento de Eusebio.....		18
Depoimento de Polycarpo.....	18 e	19
Depoimento de Papias.....	20 e	21
Depoimento de Justino.....		22
Depoimento de Icméo.....	23 e	24
Descripção de Bethelcm.....		41
Deus manda annunciar o nascimento de Jesus aos hu- mildes.....		44
Dias calamitosos para Jerusalem..		69
Descripção de Galiléa.....		98
Differença entre os milagres de Jesus e outros.....	101 e	102
Dialogo entre Jesus e Simão o phariseu.....		122
Descripção da destruição de Jerusalem por Jose- pho.....	219 a	221
Descripção da Paschoa.....	224 a	226
Em que consiste a inspiração.....		11
É provavel que Jesus soubesse o grego..		61
Ensino dos rabbios.....		70
Efeito das palavras de Jesus.....		97
Herodes o grande reina em Jerusalem.....		47

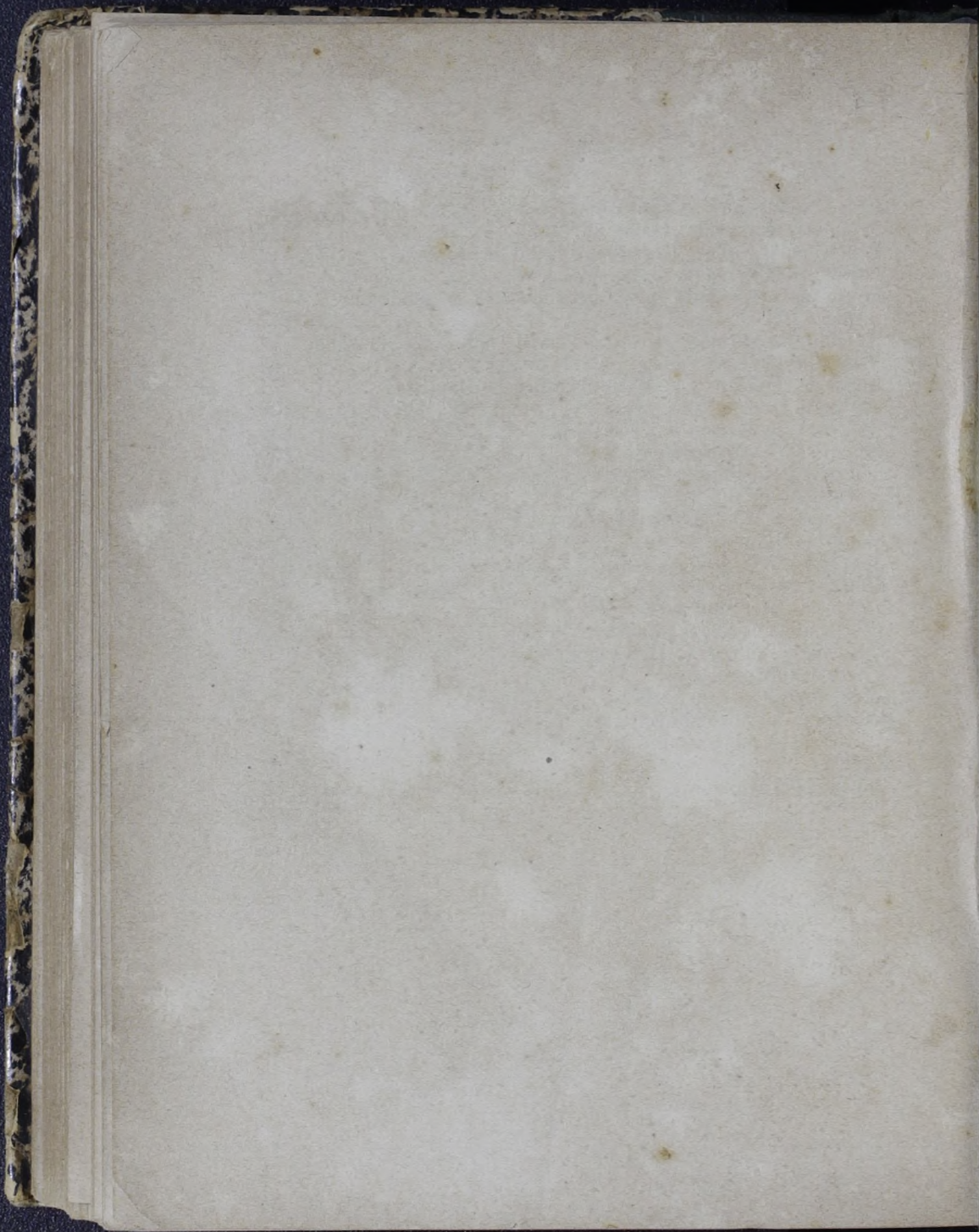
Herodes não logrou o seu intento.....	50
Herodes manda degolar o Baptista.....	138
Isabel bem diz ao Senhor.....	66
Instituição da Communhão.....	228
Incoherencias de philosophismo.....	112
Jesus recebe o nome..... 45 e	46
Jesus honrou o trabalho.....	57
José e Maria dão por falta do menino Jesus.....	59
Jesus no templo discutindo com os doutores.....	60
Jesus nunca citou os apocryphos.....	61
João Baptista..... 65 e	66
Jesus encontra o Baptista.....	72
Jesus falla do Baptista..... 80 e	81
Jesus apellou sempre para as Escripturas.....	84
Jesus estabelece o proselitismo.....	85
Jesus é social.....	87
Jesus lança fóra do templo os vendilhões.....	89
Jesus vae para Samaria.....	93
João Baptista declara não ser elle o Christo.....	92
Jesus funda o culto.....	94
Jesus desenrola uma prophecia e lê-a.....	96
Jesus é regeitado em Nazareth.....	97
Jesus vae para Capharnaum.....	97
Jesus cura um endemoninhado..... 97 e	98
Jesus cura a sogra de Pedro da febre.....	98
Jesus cura um leproso.....	99
Jesus entregue á oração.....	98
Jesus declara que é Deus.....	110
Jesus cura enfermos, do mar de Tiberiades.....	114
Jesus prohibe a publicidade dos seus prodigios.....	114
Jesus passa uma tarde em oração.....	115
Jesus escolhe doze apóstolos.....	115
Jesus ensina nos o amor do proximo.....	119
Jesus resuscita o filho d'uma viuva em Naim..... 120 e	121
Jesus verbera a cleresia judaica..... 126 e	127
Jesus inspira coragem aos discipulos.....	128
Jesus falla contra a avareza.....	128
Jesus costumava ensinar por parabolos.....	130
Jesus ensinava em todos os logares.....	131
Jesus explica a parabola da cizania.....	131
Jesus resuscita a filha de Jairo.....	134

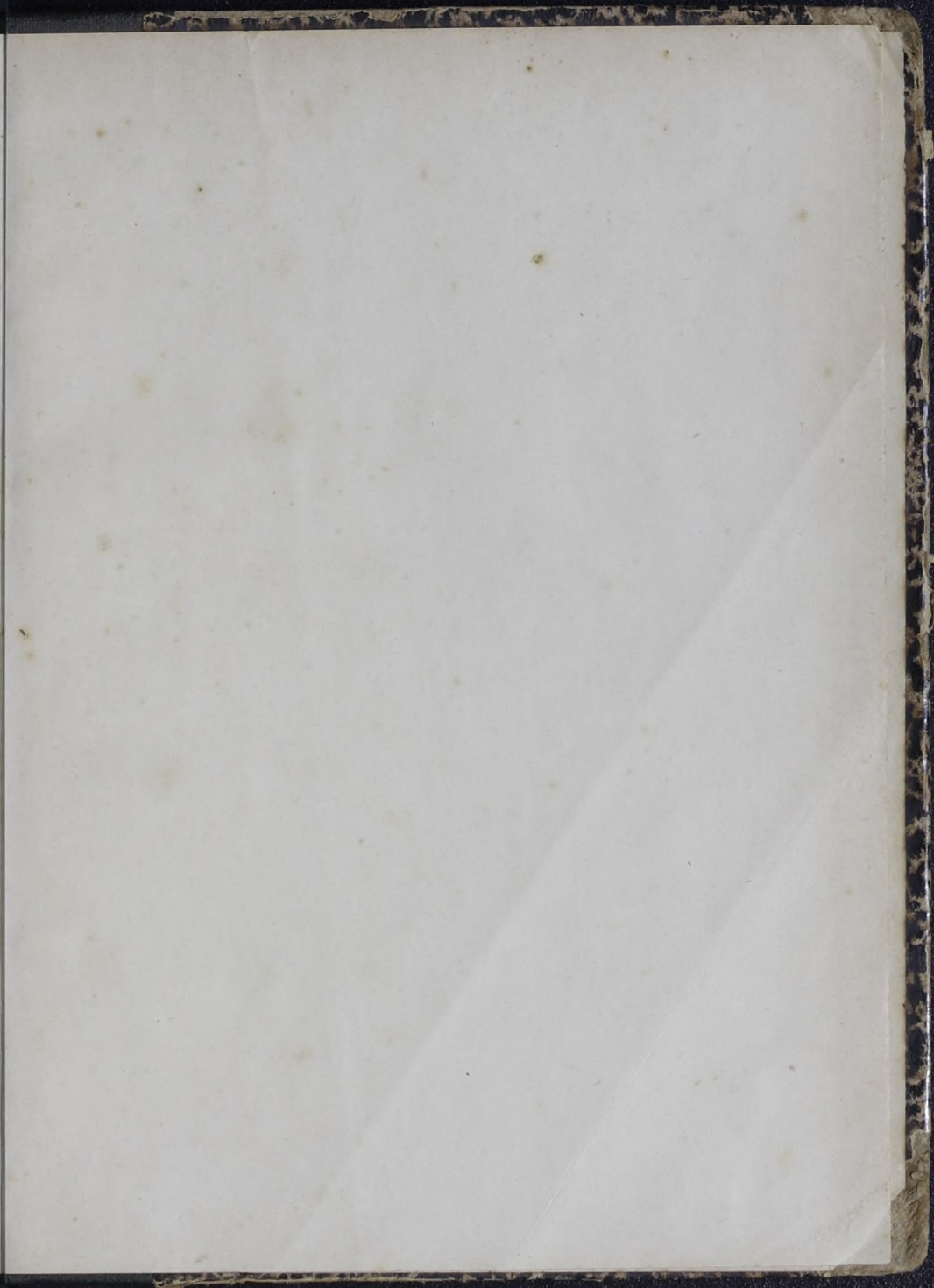
Jesus cura uma mulher d'um fluxo de sangue.....	134
Jesus volta a Nazareth.....	135
Jesus volta a Galiléa.....	135
Jesus envia os discipulos dois a dois, a prégar.....	136
Jesus diz aos discipulos que seriam perseguidos.....	137
Jesus exige que o amemos sem reserva.....	138
Jesus vae para Bethsaida.....	140
Jesus anda sobre as agoas do lago.....	142
Jesus declara ser o pão da vida.....	143 e 144
Jesus chama cegos aos phariseus.....	150
Jesus visita a Syria.....	150
Jesus admira a fé da syrophenicia.....	151
Jesus dá de comer a 4000 pessoas.....	152
Jesus manda os discipulos guardarem-se do fermento dos phariseus.....	152
Jesus vae para Cesaréa.....	153
Jesus vaticina a sua morte pela primeira vez.....	154
Jesus desce do monte.....	156
Jesus prophetisa a ruina de Jerusalem.....	215 a 218
Jesus admoesta os discipulos a estarem firmes.....	233 e 234
Judas trae a Jesus.....	235
José de Arimathéa sepulta a Jesus.....	262 e 263
Jesus apparece a Maria Magdalena.....	267
Jesus encontra os discipulos no caminho para Emaús.....	272
Jesus apresenta-se no meio dos discipulos em Jerusalem.....	274 e 275
Jesus encontra-se com os discipulos em Galiléa.....	276
Jesus apparece aos discipulos no monte do Tabor.....	278
Jesus não satisfaz a curiosidade dos discipulos ácerca da sua vinda.....	280
Jesus eleva-se ao Céu em Bethania.....	280 a 281
Jesus reprehende os judeos.....	163
Jesus revela a hypocrisia dos sacerdotes.....	171
Jesus reprehende a Martha.....	173
Jesus ensina os discipulos a orar.....	174 a 176
Jesus cura um cego de nascença.....	177 e 178
Jesus declara ser divino.....	182
Justiça propria.....	192 e 193
Jesus cura dois cegos.....	195
Jesus entra em Jerusalem montado sobre um jumento.....	199 a 201

Jesus define as relações da Igreja e do Estado	206
Jesus ataca os phariseus.....210 a	212
Modo de guardar o dia de descanso	113
Matança dos meninos em Bethelém.....	49
Laço entre a epocha apostolica e os seculos successi- vos.....	15
Lição contra a primazia apostolica..... 157 e	158
Mysterios no mundo physico.....	35
Mysterio da incarnação de Christo.....	36
Missão de Gabriel.....	37
Maria e Salomé entram no sepulchro.....	266
Morte de João Baptista.....	78
Ministerio da Synagoga.....	95
Matheus dá um banquete a Jesus.....	133
Natureza theadropica de Jesus.....37 e	38
Não ha comparação entre Christo e outros Mes- tres.....61 e	62
Nem todos os que seguiam o Baptista criam em Jesus....	77
Narração de Tacito e Josepho sobre a vinda do Mes- sias.....	40
Narração do rabbino Maimonides.....147 a	149
No meio da festa, Jesus entra no templo.....	165
Nicodemos tem uma entrevista com Jesus.....90 e	91
Nicodemos defende a Jesus.....	167
Nosso estado depois da resurreição.....	207
O evangelho de Ignacio era igual ao nosso?.....	17
O testemunho em prol da authenticidade dos evangelhos é completo.....	25
O legendario era impossivel.....	28
Os inimigos dos evangelhos respeitaram a authenticidade dos mesmos.....28 e	29
Observação de Guizot.....	29
O verdadeiro ponto da questão em materia de reli- gião.....32 e	33
O Senhor revela o mysterio da incarnação.....	39
Os pastores vão a Bethelém.....	45
O desejo de ver a Deus é natural no homem.....	51
O Dr Bushnell sobre a infancia de Jesus.....54 e	55
Oração de Zacharias.....	65
O Syhedrim.....	73
O inquerito do Syhedrim.....	74

O testemunho de João Baptista concernente a Jesus.....	74 e	75
O Baptista é perseguido.....		77
O peccado não é evitado na solidão.....		79
O Baptista não foi actuado pelo espirito de monachismo.....		80
O Baptista encontra a Jesus.....		84
Os primeiros discipulos de Jesus.....	83 e	86
O milagre do vinho.....	88 e	89
Origem das synagogas.....		95
Ordem do serviço divino das synagogas.....		95
Os milagres de Jesus não podem senão serem cridos.....		100
Os milagres de Jesus foram sempre feitos ás claras.....		101
Os milagres fóra da Biblia são feitos ás escuras.....		102
Os milagres de Jesus são tão milagres hoje como então.....		103
Os judeos não negam os milagres de Jesus.....		103
Os milagres não são contrarios á experiencia universal.....		104
O dia de descanso.....	113 e	114
Os judeos attribuem os milagres de Jesus ao poder de Beelzebú.....		124
O peccado contra o Espirito Santo.....		124
O valor de ouvir-se a palavra de Deus.....		127
O mar de Galiléa.....		130
O milagre da multiplicação dos pães e dos peixes.....		140
Os judeos criam na tradição.....		149
Os discipulos são censurados.....		140
O dever do perdão mutuo.....	160 e	161
O ultimo dia da festa.....		165
Os quadrilheiros crem.....	166 e	167
O legislador conversa com Jesus.....	170 e	171
Os judeos esperam um Messias conquistador.....		179
O divorcio.....	189 e	190
O juizo final.....	221 e	222
O novo mandamento.....		229
Oração intercessoria de Jesus.....		231
O jardim de Gethsemani.....		233
O julgamento de Jesus.....	236 a	247
Porque Jesus nasceu n'uma mangedoura.....	42 e	43
Palavras de Herculano sobre os milagres.....		107
Purificação dos judeos antes de comerem.....		126
Parabola do fazendeiro rico.....		128

Pedro anda sobre as aguas do lago.....	142
Prophecia cumprida: Isaias 53: 2, 3.....	57
Pedro declara que o Christo é o Filho de Deus.....	153
Parabolas diversas.....	205
Pedro é interrogado por Christo sobre o seu amor a elle.....	277
Quando Christo nasceu era epocha de paz.....	40 e 41
Resposta de Jesus a Maria.....	60
Resposta de Jesus aos discipulos de João Baptista.....	77
Raciocinio sobre os milagres.....	104 a 108
Resposta de Jesus a um escriba.....	132
Renan sobre a resurreição.....	269
Seitas na Palestina.....	68 e 69
Sermão do monte.....	116 e 120
Sublimidade do discurso de Jesus.....	120
Seita dos Galileus.....	129
Sobre os milagres.....	183 a 185
Soborno dos soldados.....	270
Terror de Herodes.....	48
Testemunho de Tertuliano.....	24
Um evangelho com quatro faces.....	12 e 13
Visita dos magos.....	48
Vida corrupta dos pontifices.....	70
Vida e ensino de João Baptista.....	71 a 73
Varios testemunhos sobre os milagres.....	103
Zaqueo.....	195 a 197
Zacharias fica mudo.....	66





ZTL

